

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM LETRAS

RAFAEL CAVALCANTI DO CARMO

***DIFFICILE EST SATURAM BENE VERTERE: OS
DESAFIOS DA TRADUÇÃO POÉTICA E UMA
VERSÃO BRASILEIRA DAS SÁTIRAS DE JUVENAL***

VITÓRIA
2018

RAFAEL CAVALCANTI DO CARMO

***DIFFICILE EST SATURAM BENE VERTERE: OS
DESAFIOS DA TRADUÇÃO POÉTICA E UMA
VERSÃO BRASILEIRA DAS SÁTIRAS DE JUVENAL***

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para a obtenção do título de doutor em Letras, área de concentração Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho.

VITÓRIA
2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

C287d Carmo, Rafael Cavalcanti do, 1988-
Difficile est saturam bene vertere : os desafios da tradução poética e uma versão brasileira das Sátiras de Juvenal / Rafael Cavalcanti do Carmo. – 2018.
291 f.

Orientador: Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho.
Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Juvenal. 2. Sátira latina. 3. Literatura latina. 4. Tradução e interpretação na literatura. I. Carvalho, Raimundo Nonato Barbosa de, 1958-. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 82

Elaborado por Perla Rodrigues Lôbo – CRB-6 ES-527/O

***DIFFICILE EST SATURAM BENE VERTERE: OS DESAFIOS DA TRADUÇÃO
POÉTICA E UMA VERSÃO BRASILEIRA DAS SÁTIRAS DE JUVENAL***

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para a obtenção do título de doutor em Letras, área de concentração Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho.

Vitória, maio de 2018

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho
Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)
Orientador

Prof. Dr. Paulo Roberto Sodré
Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)
Membro titular interno

Prof. Dr. Wilberth Clayton Ferreira Salgueiro
Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)
Membro titular interno

Prof. Dr. Guilherme Gontijo Flores
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Membro titular externo

Dr. João Paulo Matedi Alves
Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)
Membro titular externo

Prof. Dr. Nelson Martinelli Filho
Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes)
Membro suplente interno

Prof. Dr. Brunno Vinicius Gonçalves Vieira
Universidade Estadual Paulista (Unesp)
Membro suplente externo

AGRADECIMENTOS

“Estas duas pessoas são difíceis de serem encontradas no mundo. Quais duas? Aquela que é a primeira a fazer uma gentileza, e aquela que é grata e agradecida por uma gentileza que foi feita”, disse o Buda no sutra AN 2:118.

A gratidão que deixo aqui expressa é fruto de meu entendimento de ter, ao longo da vida, cruzado com algumas dessas pessoas difíceis de serem encontradas. Agradeço, pois:

sobretudo a meus pais, que fizeram muito mais que uma obrigação em terem me criado e apoiado suficientemente, do ponto de vista emocional e material, meus estudos e minha formação; a maternidade e a paternidade, afinal de contas, não são garantia de nada, e qualquer um poderia deixar um filho entregue à própria sorte;

a todos os mestres que passaram por minha formação e que foram extremamente generosos com seu tempo e seu conhecimento; se o ato de ensinar não for um gesto de generosidade, poucas coisas no mundo o serão;

em particular à professora Leni Ribeiro Leite, com quem tive a oportunidade de aprender tanto sobre a pesquisa e o estudo nas Letras Clássicas e de cuja dedicação e solicitude beneficiei-me pelos quatro anos em que estive sob sua orientação;

ao amigo e orientador (necessariamente nessa ordem) Raimundo Carvalho, que acompanhou com competência, bondade, tolerância e compreensão infinitas o desenvolvimento deste trabalho e por cujo estímulo – o primeiro de todos, quando eu nem sequer sabia o que fazia na faculdade de letras – envolvi-me com a pesquisa;

a meus irmãos e a todos os meus amigos, que me proporcionaram inúmeros momentos de lazer e felicidade, ***fundamentais*** para a saúde de um doutorando;

em especial, ao amigo Juarez Jandre Azevedo, cuja nobreza de caráter me estimula sempre a procurar ser amanhã melhor que hoje.

RESUMO

Este estudo apresenta uma tradução integral das *Sátiras* de Décimo Júnio Juvenal, poeta latino cuja obra foi escrita nos anos iniciais do século II d.C. Além de apresentar-se uma versão da obra juvenaliana para o português, propõe-se, no estudo, um panorama a respeito das ideias de alguns dos pensadores que dedicaram reflexões e comentários à tradução. Tal panorama, além de informar sobre a maneira como se entendeu a tradução em épocas distintas, cumpre a função de oferecer um conjunto de noções a partir das quais não apenas se elegeu um procedimento específico para nortear o esforço tradutório aqui levado a cabo, como também se consolidou o entendimento sobre a tradução de que o estudo é exemplar, a saber: uma que elege o estranhamento como valor estético fundamental. Objetivou-se, enfim, tecer breves comentários sobre duas traduções anteriores da obra de Juvenal: as de Francisco António Martins Bastos e António de Sousa da Silva Costa Lobo, tradutores portugueses do século XIX, bem como sobre a própria tradução em que a tese consiste, a fim de ilustrar a relevância da leitura e compreensão individuais para o resultado final a que chega uma tradução. Dessa forma, destaca-se a relação íntima que a atividade do tradutor tem com a do crítico.

Palavras-chave: Juvenal. Sátira latina. Teoria da tradução.

ABSTRACT

This study presents a translation of Decimus Junius Juvenal's complete works, a Latin poet whose work was written in the early second century A.D. Besides presenting a version of the Juvenalian work to Portuguese, the study proposes a panorama concerning the ideas of some authors who dedicated thoughts and commentaries about translation. Such panorama, besides informing about the ways in which translation has been understood in different periods, carries out the function of offering a complex of notions from which not only a specific procedure has been elected as a guide to the translating effort here attempted, but also an understanding concerning translation has been solidified – that is, one which elects unfamiliarity as a fundamental aesthetic value –, of which this study is illustrative. Furthermore, the study aimed to make brief comments about former translations of Juvenal's work: those made by Francisco António Martins Bastos and António de Sousa da Silva Costa Lobo, translator of the nineteenth century, as well as about the translation in which this very work consists, aiming to illustrate the relevancy of personal reading and interpretation to the final result of a given translation. Thus the work highlights the intimate relation that the translator's activity has with that of the critic.

Keywords: Juvenal. Latin satire. Translation Theory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 TRADUÇÃO POÉTICA: A TEORIA DA TRADUÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO TRADUTÓRIO PARA AS SATURAE DE JUVENAL.....	15
1.1 <i>Non verbum e verbo...</i> e um pouco do que se disse sobre a tradução após São Jerônimo.....	17
1.2 A autonomia da tradução como forma: diálogo entre Walter Benjamin e Schleiermacher em prol de um projeto tradutório.....	51
2. AS SÁTIRAS DE JUVENAL EM PORTUGUÊS.....	66
2.1 O Juvenal lusófono: breves comentários sobre as traduções portuguesas de Francisco António Martins Bastos e António de Sousa da Silva Costa Lobo.....	66
2.2 Apontamentos sobre uma proposta de tradução e contraponto com empreendimentos anteriores.....	86
3 TRADUÇÃO DAS SÁTIRAS DE JUVENAL.....	97
LIBER PRIMUS – Satura I.....	97
LIVRO 1 – Sátira 1.....	98
Satura II.....	105
Sátira 2.....	106
Satura III.....	113
Sátira 3.....	114
Satura IV.....	127
Sátira 4.....	128
Satura V.....	135
Sátira 5.....	136
LIBER SECUNDUS – Satura VI.....	143
LIVRO 2 – Sátira 6.....	144
LIBER TERTIUS – Satura VII.....	172
LIVRO 3 – Sátira 7.....	173
Satura VIII.....	182

Sátira 8.....	183
Satura IX.....	194
Sátira 9.....	195
LIBER QUARTUS – Satura X.....	202
LIVRO 4 – Sátira 10.....	203
Satura XI.....	218
Sátira 11.....	219
Satura XII.....	228
Sátira 12.....	229
LIBER QUINTUS – Satura XIII.....	234
LIVRO 5 – Sátira 13.....	235
Satura XIV.....	246
Sátira 14.....	247
Satura XV.....	260
Sátira 15.....	261
Satura XVI.....	268
Sátira 16.....	269
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	272
REFERÊNCIAS.....	287

INTRODUÇÃO

Há cerca de seis anos, iniciei-me no estudo da obra poética de Décimo Júnio Juvenal, o último entre os poetas latinos – cuja obra nos chegou – a cultivar a sátira como gênero poético autônomo, eminentemente romano se se der crédito ao que nos diz Quintiliano sobre o tópico (*Inst.*, XI, 93). Tais estudos redundaram em minha dissertação de mestrado (CARMO, 2014), na qual defendi a pertinência de se considerar o humor – usualmente ofuscado pelo impacto que tradicionalmente a indignação juvenaliana exerceu sobre a recepção crítica de sua obra – como elemento constitutivo, seja da sátira romana como um todo, seja especificamente de sua realização por Juvenal, muito a despeito das afirmações que o próprio poeta faz sobre a indignação como força motriz de sua criação poética (no famoso “*si natura negat, facit indignatio versum*”, de *Juv.* 1. 1, 79).

A conclusão dos estudos de mestrado, em 2014, deixou-me sugeridas para trabalhos futuros ainda duas tarefas em relação à obra juvenaliana. A primeira delas seria empreender um estudo acerca de uma questão que assumiu lugar de destaque na crítica dedicada às *Sátiras* de Juvenal: a perceptível mudança de tom do poeta, que, a partir da segunda metade de sua obra, amaina sobremaneira o humor indignado com que denunciara a corrupção moral sobretudo nas sátiras dos dois primeiros livros (os poemas 1 a 6, portanto). Mesmo não sendo meu foco analisar propriamente tal questão naquele estudo, remeti-me, na dissertação, às respostas conferidas por quatro importantes estudiosos da obra de Juvenal: respostas de natureza biográfica, em Highet (1954), e sociológica, em Bellandi (1980); bem como outras mais relacionadas a procedimentos poéticos, em Romano (1979), que chega à conclusão de que Juvenal é constante, em toda sua obra, sob certo ponto de vista – a saber, o uso da ironia como recurso de importância capital para a construção das *Sátiras* –, e em Anderson (1982), que, estudando os poemas a partir da teoria da *persona* satírica desenvolvida por Kernan (1959), lê na mudança de tom precisamente um recurso com o qual o próprio Juvenal minaria a sinceridade construída retórica e poeticamente na enunciação do satirista indignado. A multiplicidade de perspectivas a partir das quais essa questão foi abordada, associada também a um conhecimento ainda pouco profundo da totalidade da obra juvenaliana – àquela altura as primeiras sátiras eram-me mais familiares que as últimas, principalmente porque havia me dedicado à tradução de parte delas – sugeriram-me o tema como digno de estudo e investigação mais aprofundados.

A segunda tarefa sugerida foi justamente a de traduzir integral e poeticamente a obra de Juvenal, propósito fortalecido a partir da experiência que tive com a análise do *corpus* de que se compôs a dissertação – as sátiras 1, 2, 3 e 9 – experiência da qual redundou a tradução das sátiras 1, 2 e 9 na íntegra, bem como de diversos trechos da sátira 3, em versos dodecassílabos.

Tendo essas duas tarefas em vista, lancei-me aos estudos de doutorado, elaborando um projeto que originalmente se intitulou “A construção do satirista na obra de Juvenal: uma proposta de estudo e tradução integral das *Saturae*”, a partir do qual eu pretendia estudar o processo de passagem do satirista indignado para o satirista democriteano – como o chamou Bellandi (1980) –, procurando analisar como essa transição entre duas diferentes *personae* era marcada no próprio texto juvenaliano, além de apresentar a tradução integral das sátiras. Ao longo do desenvolvimento dos estudos de doutorado, no entanto, resolvi inicialmente inverter a ênfase dada a cada uma das tarefas, fazendo o propósito de traduzir poeticamente a totalidade da obra de Juvenal sobrepor-se ao de estudar o contraste entre as distintas *personae* satíricas identificáveis em sua obra, e finalmente eliminei de meus objetivos o propósito então secundário, decidido a não abordá-lo, senão tangencialmente.

Razões de natureza diversa concorreram para essa decisão: em primeiro lugar, a leitura mais atenta das sátiras finais, a qual eu não conseguira ainda realizar ao fim de minha dissertação, fez com que eu aceitasse como ainda mais relevantes as abordagens de William Anderson e Alba Romano para a questão dos dois Juvenais (ainda que eu não julgue, a partir disso, que elas esgotam a importância de se estudar esse aspecto da obra juvenaliana); em segundo, já no estudo de 2014 eu havia sofrido as limitações impostas ao desenvolvimento dos estudos pelo manejo do tempo, precisando, à época, sacrificar as traduções das sátiras que compuseram o *corpus* da dissertação – as quais a acompanhariam como apêndice –, de modo que preferi não me arriscar a novamente não ter condições de apresentar aquilo que pretendia em relação à tradução; finalmente, a própria natureza das duas distintas tarefas impeliu-me à mudança de foco, uma vez que não apenas acredito na necessidade maior de uma apresentação da obra completa de Juvenal em português brasileiro, como também aprazo-me mais dos resultados desse trabalho – que, de resto, é também inevitavelmente um trabalho de leitura crítica, como se tratará de expor neste estudo.

A crença que rege o cerne deste trabalho – a de que importa uma versão brasileira da obra completa de Juvenal – tem uma dupla origem: por um lado, deriva da leitura dos estudos

críticos sobre a obra juvenaliana, bem como de minha própria tentativa de reduzir aspectos das *Sátiras* a determinada compreensão, a partir de um ponto de vista específico, que valorizou o papel do humor naqueles textos; por outro, é oriunda da leitura da única tradução completa das sátiras de Juvenal acessível ao leitor brasileiro, feita pelo português Francisco Antônio Martins Bastos na primeira metade do século XIX. O fato de esta tradução ser bastante antiga e a única a disponibilizar na íntegra a obra do satirista latino à nossa leitura é apenas parcialmente o motivo por que creio ter sido relevante elaborar a tradução que aqui apresento. A isso soma-se o fato de que, embora seja usualmente considerada de difícil compreensão, a tradução de Martins Bastos, bastante espirituosa em vários momentos a meu ver, fortaleceu com a apresentação que nos faz de Juvenal a crença que os estudos críticos ajudaram-me a construir, ao fim do mestrado: a de que há valor na obra do poeta, sendo sua tradução talvez a forma mais indicada de o reconhecer e possivelmente, a depender dos êxitos da empreitada, o reavivar. A leitura dessa tradução, portanto, somada à impressão causada pelas primeiras compreensões, ainda rudimentares, da obra original, impeliu-me ao primeiro passo daquilo a que George Steiner (1994) denominou “movimento¹ hermenêutico”, processo que, na perspectiva do autor, rege o funcionamento da atividade tradutória e tem como ponto de partida um “ato de fé” perante o texto original, isto é, uma assunção de haver nele algo significativo para ser compreendido e expresso numa tradução (STEINER, 1994: 354).

Se, por um lado, a centralidade dada ao intuito de traduzir a obra afastou-me do objetivo de compreender a importante problemática da mudança de tom da voz satírica juvenaliana, por outro, creio que encarar o gesto tradutório a partir de determinado ponto de vista pode reconciliar-me com aquele propósito abandonado. Explico: Steiner, quando discorre sobre a natureza quadrúplice do “movimento hermenêutico”, apõe a ele o especificador: “o ato de extração e de transferência apropriativo do significado” (STEINER, 1994: 354)². Nesse aposto encerrar-se-iam duas operações importantes que comporiam o “movimento hermenêutico”, contiguamente àquele “ato de fé” em que se constituiria seu primeiro estágio: um gesto de incursão violenta à tessitura do original, do qual resultaria a captura de parte de seu sentido, e a posterior apropriação, o traslado propriamente dito, desse conteúdo apreendido da estrutura da obra original. Remetendo-se a Heidegger, Steiner nos fala a respeito de uma compreensão filosoficamente entendida como condicionante da própria

1 Tradução que dei à palavra italiana “moto” (a obra de Steiner foi lida em edição italiana), a qual poderia ser vertida também por “gesto”, o que talvez estivesse até mais próximo da palavra empregada no original por Steiner.

2 “l’atto di strazione e di trasferimento appropriativo del significato”

existência daquilo a que submetemos nosso gesto apropriativo, de modo que as coisas comecem a existir verdadeiramente a partir do momento em que são compreendidas, ou, em outras palavras, traduzidas. E como a tradução interlinguística não se esgota no ato invasivo da compreensão, mas passa deste a um estágio imediatamente posterior, que é o de assimilação por meio da reformulação, na nova língua, daquele conteúdo capturado, parece-me que traduzir é uma forma mais profunda de compreender, razão por que, se bem que todo ato de compreensão de uma obra literária seja sempre parcial, não podendo repropor sua integralidade³, acredito que a incursão às sátiras juvenalianas, bem como a tentativa de reduzi-las a uma compreensão posteriormente transformada em ato, pode dizer sobre aquela importante questão das *personae* satíricas tanto quanto uma investigação deste ponto específico nas sátiras poderia.

Ademais, embora o estudo que aqui se apresenta não aborde interpretativamente essa diferença entre os humores do satirista nas primeiras e nas últimas sátiras, creio que a tradução, na medida em que me esforcei para conservar as diferentes atitudes do satirista – de severidade, indignação, racionalidade, ironia, desdém etc. – nos momentos em que me julguei diante de cada uma delas, reproduz o contraste entre as vozes satíricas, por exemplo, das sátiras 1 e 10 (apenas para mencionar poemas que ilustram de maneira contundente o *modus operandi* de ambas as *personae* poéticas juvenalianas).

Desse movimento de ataque à obra original do qual resulta, em grande medida, a tradução, conforme Steiner, tanto original quanto tradutor saem com suas marcas: este volta de sua incursão sobrecarregado pelo que captura e, agora, tem o dever de assimilar; à obra, por outro lado, associa-se uma dimensão de perda e de ruptura de sua unidade, uma vez que é, de certa forma, reduzida àqueles elementos que o tradutor foi capaz de apreender e trasladar. Para Steiner, esse processo de compreensão gera um desequilíbrio na relação entre original e tradução, o qual o autor descreve como se segue:

O tradutor apreendeu demais – preencheu o texto de redundâncias, adornou-o, ‘leu as entrelinhas’ – ou muito pouco – pulou, escondeu, cortou as agudezas que

3 Essa reproposição integral da obra original, aliás, seria, na perspectiva de Steiner, o ideal inatingível a que objetivariam as traduções. Nas palavras do autor: “O ideal, jamais alcançado, é aquele de uma contraparte ou repetição – um pedir de novo – total que não é, todavia, uma tautologia. Um ‘duplo’ a tal ponto perfeito não existe. Mas o ideal explicita a exigência de equidade no processo hermenêutico” (STEINER, 1994: 60) – “L’ideale, mai raggiunto, è quello di una controparte o ri-petizione – un chiedere di nuovo – totale che non è tuttavia una tautologia. Un ‘doppio’ così perfetto non esiste. Ma l’ideale esplicita l’esigenza di equità nel processo ermeneutico.” Esta “exigência de equidade” de que nos fala Steiner trata-se daquilo que o autor concebe como o quarto e último passo do movimento hermenêutico, que encerra seu ciclo, a saber: um ato de restituição do equilíbrio na relação entre original e tradução, abalado, segundo o autor, pela incursão apropriativa que o tradutor faz à obra a que se aplica.

causavam dificuldade. Houve uma emissão de energia da fonte e uma imissão no receptor que alterou um e outro lado e, assim, alterou a harmonia de todo o sistema (STEINER, 1994: 360).

Esse desequilíbrio percebido por Steiner parece ser comparável àquelas operações tradutórias que Antoine Berman (2012) arrolou sob o selo de uma “sistemática da deformação” – dotado de um pessimismo algo normativo, diga-se. E, no entanto, apesar de sinalizar tal desequilíbrio e situar um último passo do movimento hermenêutico, que consistiria justamente na restituição do equilíbrio à relação entre o tradutor e a obra original (ponto, aliás, em que seu texto poderia ser mais concreto⁴), Steiner vê a “tradução autêntica” como um processo do qual a obra original sai, necessariamente, engrandecida. Nas palavras do autor:

Onde não está à altura do original, a tradução torna precisamente mais visíveis as virtudes autônomas do original (Voss é débil em certos pontos cruciais de Homero, mas a lúcida honestidade de sua momentânea insuficiência faz emergir as energias adequadas do grego). Onde supera o original, a verdadeira tradução implica que o texto-fonte possui potencialidades e recursos fundamentais que ainda não realizou (STEINER, 1994: 360).

Em minha tradução da obra juvenaliana, procurei traçar algumas estratégias para, na perspectiva de Steiner, restituir esse equilíbrio, tentando – o quanto me foi possível e me pareceu acertado – lançar luz sobre aquele ideal de uma presença integral do texto de partida na composição que o traduz. Entre as mais importantes escolhas, nesse sentido, esteve a de acomodar o texto em português às estruturas da língua latina, fazendo com que a língua estrangeira se expressasse através da materna, escolha que discutirei com mais vagar no capítulo 2 desta tese. Quanto àquela potencialização do texto original a que Steiner associa a tradução, creio que esta tradução cumpra, de alguma forma, esse papel, principalmente na medida em que, somando-se a outros empreendimentos a ela anteriores – os de Francisco António Martins Bastos e António de Sousa da Silva Costa Lobo – ilumina potencialidades que aqueles tradutores tornaram opacas, sendo o inverso igualmente verdadeiro.

Como esta tese é, essencialmente, um exercício – e um experimento, como penso que sejam, enfim, as traduções literárias em geral – de tradução, vi a incontornável necessidade de ler e refletir sobre as ideias de diversos autores que já dedicaram algum tipo de reflexão teórica

4 Steiner, ao longo de sua obra, problematiza a fundamental questão do “como”, na teoria da tradução, argumentando que ela nunca foi bem respondida, ou seja, nunca se formulou a contento um método a partir do qual uma boa tradução poderia ser alcançada. Contudo, até onde meu entendimento alcança-lhe as ideias, o próprio autor falhou em fazer muito melhor do que a tradicional teoria da tradução, uma vez que, tendo fixado um modelo ideal de relação entre um texto original e sua tradução, que necessariamente culminaria no encerramento do ciclo hermenêutico pela restituição do equilíbrio ao sistema, parece fazer uma apresentação bem pouco concreta da maneira como esse equilíbrio seria restaurado, redundando no que chamou de “um escambo sem perdas” para nenhum dos lados.

sobre a tradução. Assim, no primeiro capítulo do texto, faço um panorama acerca de algumas das principais contribuições historicamente legadas ao campo da Teoria da Tradução, sublinhando, com Steiner, o caráter às vezes tautológico e normativo de que se revestiram as ideias sobre a tradução. Além disso, em grande parte, explicito no capítulo a perspectiva a partir da qual procedo à tradução de Juvenal, no diálogo mais detalhado que empreendo com as ideias de Friedrich Schleiermacher (2010) e Walter Benjamin (2010).

No capítulo 2, além de apresentar minha tradução das *Sátiras* de Juvenal, comento criticamente algumas passagens que julgo importantes para a ilustração das tendências tradutórias perceptíveis na versão que fizeram de Juvenal os dois tradutores do oitocentos português aos quais já aludi nesta introdução. O comentário a essas traduções, longe de pretender tirar-lhes qualquer mérito, ilustra, a partir da relação que vejo da compreensão que os tradutores fizeram da obra juvenaliana e do caráter do poeta com algumas de suas escolhas procedimentais no traslado da obra, uma premissa de que parto em meu entendimento da tradução: a de que ela se trata de um ato inalienável de uma dimensão individual, por um lado, e histórica por outro. No segundo item desse mesmo capítulo, comento, com breves exemplificações, meu próprio trabalho de tradução, explicitando os princípios norteadores da maneira como enfim rerepresentei a obra de Juvenal em português.

Em relação ao texto de Juvenal, foram consultadas as edições da Loeb Classical Library, por G. G. Ramsay (1918) e Susanna Morton Braund (2004), bem como a da coleção Oxford Classical Texts, por W. V. Clausen (1959) e a de Les belles lettres (1950), por Pierre de Labriolle e François Villeneuve (vali-me das duas primeiras obras citadas também como importante material de consulta para minha própria tradução, assim como me valeu, nesse sentido, a tradução de A. S. Kline [2011]). A edição de base do texto latino foi a primeira entre as listadas, exceto em passagens esporádicas, nas quais o texto de outras edições trazia uma versão de que julguei mais apropriada para um ou outro verso. O trabalho de tradução das *Sátiras*, por vezes dificultoso, principalmente em virtude dos desafios impostos pela legibilidade dos textos, concluiu-se de maneira que julgo satisfatória, a despeito dos riscos que corri nesse campo, em virtude da coerência que procurei manter em relação àquilo que fixei como valores da tradução. O julgamento de seus méritos, no entanto, uma vez que estas *Sátiras* se tornem públicas, deixa de caber a mim. *Alea iacta est.*

1 TRADUÇÃO POÉTICA: A TEORIA DA TRADUÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO TRADUTÓRIO PARA AS *SATURAE* DE JUVENAL

Tendo como meta principal deste projeto de doutorado apresentar uma tradução da integralidade da obra poética do satirista latino Juvenal, os estudos empreendidos para o alcance de tal objetivo precisaram, invariavelmente, passar por textos que apresentassem reflexões sobre a atividade tradutória. Nesse sentido, o presente capítulo tem como objetivo promover um diálogo com alguns exemplares de uma bibliografia que integra aquilo a que se chama, sem isenção de controvérsias acadêmicas, Teoria da Tradução. Tal panorama, longe de ser exaustivo em relação ao muito que já se produziu sobre a tradução, passará por determinados autores cujo pensamento tem importância histórica para a própria constituição da tradução como campo de estudo, a fim de culminar na apresentação daqueles cujas concepções sobre o fazer tradutório têm impacto mais decisivo na maneira como proponho trasladar Juvenal para o português⁵.

Os embates de ideias que perpassam o agrupamento das diversas formas de se pensar e compreender a tradução sob o rótulo de uma Teoria são relevantes, eles mesmos, para a definição do estatuto da atividade tradutória. A título de exercício, poderíamos cogitar a existência de uma específica Teoria da Criação Literária, no interior do campo amplo que conhecemos como Teoria da Literatura, a qual tivesse por objetivo arrolar, sintetizar, categorizar, descrever e mesmo prescrever a gama de processos criativos dos quais resultam os textos artísticos. Considerar tal exercício nos ajuda a compreender, nalguma medida, as posições historicamente ocupadas pela atividade tradutória no interior da tradição de pensamento especulativo acerca da tradução, frequentemente posições de inferioridade e subserviência em relação à criação dita original. Isso porque, se pode nos parecer disparatada a pretensão de reduzir a uma categorização algo rigorosa os processos de criação literária que redundam nas obras originais, a tradução, por outro lado, ao longo de sua história, tem ensejado a produção de uma bibliografia que, muitas vezes, procura analisar, categorizar, subclassificar e prescrever operações envolvidas no ato de tradução, frequentemente emitindo,

5 O caminho percorrido na apresentação desses diversos pensadores que se dedicaram à tradução acaba por excluir muitos autores importantes do campo, por motivos de natureza distinta: seja porque as ideias de alguns deles não se alinha com o pensamento sobre a tradução a que pretendo filiar-me, seja porque a Teoria da Tradução como disciplina acaba por produzir uma quantidade considerável de redundâncias, seja ainda por obra de certo acaso, por meio do qual consegui, espero, reunir os autores aqui comentados de uma maneira fluida, apresentando-lhes o pensamento por meio de uma linha de raciocínio contínua e algo estável. Associe-se a esse acaso certa comodidade intelectual ante o desafio de, incluindo-se outros autores, colocar em risco essa relativa estabilidade.

com base em tais categorias, juízos de valor sobre traduções realizadas (ainda que os méritos da Teoria da Tradução decerto não se restrinjam a prescrições e críticas, às vezes, autoritárias e normativas). Bassnett-Mcguire, numa obra que objetiva apresentar a história e as tendências contemporâneas dos estudos da tradução, aponta para o pendor à prescrição desses estudos, ao nos dizer que:

A crítica literária não procura tanto fornecer as instruções para escrever “a” poesia ou “o” romance, quanto compreender as estruturas, internas e externas, que operam no interior e no entorno de uma obra de arte. Do mesmo modo o escopo de uma teoria da tradução é compreender os processos subjacentes ao ato da tradução e não, como usualmente mal interpreta, fornecer um conjunto de regras para efetuar a tradução perfeita: não se pode categorizar a dimensão pragmática de uma tradução, assim como não se pode definir e prescrever a “inspiração” de um texto. (MCGUIRE, 1993: 57).

A asserção sobre o valor muitas vezes limitado dado à tradução face à criação original se deixa ver ainda mais claramente na formulação daquilo que talvez tenha atingido o estatuto, ao longo da história, de principal problema teórico da disciplina: a oposição entre liberdade e fidelidade, à qual, como se verá, diversas respostas têm sido dadas, e da qual derivam outras oposições, como tradução da forma e tradução do conteúdo, tradução etnocêntrica e tradução estrangeirizante, bem como outros conceitos como aproximação e equivalência. Tais oposições, cujos termos se alternam ora como virtudes, ora como defeitos, evidenciam a concepção da tradução como atividade sempre dependente e, de certo modo, aquém da obra original. Com efeito, Steiner (1994: 331-2) sugere que as várias maneiras por meio das quais se colocou a problemática da tradução ao longo da história podem ser entendidas como reelaborações terminológicas da formulação de São Jerônimo “*non verbum e verbo, sed sensum exprimere de sensu*”⁶ (também esta nalguma medida derivada do pensamento sobre a tradução entre os romanos), isto é, prendem-se sempre, de alguma forma, à polarização entre a tradução palavra por palavra e a tradução do sentido. Segundo a análise de Steiner, as reformulações da máxima de São Jerônimo parecem ociosas na medida em que a própria natureza da formulação precisa ser problematizada, algo que, na perspectiva do autor, a Teoria da Tradução ainda não teve êxito em realizar. Nas palavras de Steiner:

[Tal fórmula] postula um significado literal atribuído às unidades verbais, consideradas geralmente como palavras singulares em um contexto puramente lexical e diferente do ‘verdadeiro sentido’ da mensagem, o qual será falsificado se o significado literal vier transferido diretamente (STEINER, 1994: 332).

6 Poderíamos repropor a máxima como algo próximo a “Não traduzir palavras a partir de palavras, mas ideias a partir de ideias”

Se é verdade que, entre as diferentes concepções do que seja o traduzir, nem todas darão primazia ao sentido em detrimento do significado literal atribuído às unidades lexicais, a própria separação desses dois elementos fundamentais ao processo de significação – a palavra e o sentido –, bem como a admissão de que a tradução das palavras isoladamente possa redundar no falseamento do “verdadeiro sentido” de um texto, parecem constituir um equívoco de princípio. Ora, a comunicação humana de maneira ampla, no que ela tem de elaboração e recepção interpretativa de mensagens, não se efetiva por meio de significados construídos anteriormente ao próprio processo de recepção de mensagens. Se podemos afirmá-lo no que diz respeito às interações verbais quotidianas – conforme o modelo dialógico de Bakhtin (2003) – poder-se-ia dizer que as mensagens de cunho literário, de forma ainda mais radical, negam a possibilidade de assumir um significado imediato e estabelecido *a priori*, não tendo, portanto, sentidos passíveis de sofrer qualquer tipo de falseamento. Se o significado, principalmente aquele veiculado por mensagens de caráter artístico, não é algo inerente à própria mensagem, mas se constrói na relação que esta trava com sujeitos historicamente situados, admitir a possibilidade de que o “verdadeiro sentido” de uma obra possa ser falseado é assumir a significação como anterior à própria apreensão do texto, retirando-lhe seu fundamental aspecto processual e dinâmico. Steiner é severo em seu juízo acerca das reais contribuições da Teoria da Tradução para a compreensão do objeto a que tal teoria se aplica. Uma noção mais exata a respeito da medida em que essa severidade é justa poderá ser construída a partir do caminho que ora se faz por alguns dos autores com os quais me deparei nos estudos empreendidos sobre a tradução.

1.1 *Non verbum e verbo...* e um pouco do que se disse sobre a tradução após São Jerônimo

De fato, como Bessnet-Mcguire (1993) demonstra, já na Antiguidade romana se havia formulado um pensamento sobre a tradução que, em grande parte, vem sendo repetidamente glosado pelos que se dedicam à atividade tradutória. A oposição tradução palavra por palavra / tradução do sentido aparece formulada já em Cícero, em um passo de seu *De optimo genere oratorum* (O melhor gênero de oradores⁷), em que o eminente orador romano relata uma experiência própria de tradução a partir do grego:

Traduzi, então, dos áticos dois discursos notáveis e contrários entre si, um de Ésquino, outro de Demóstenes, autores dos mais eloquentes. *E não os traduzi como*

⁷ Em tradução de Bruno Vinícius Gonçalves Vieira e Pedro Colombaroli Zoppi.

um tradutor, mas como um orador, usando os mesmos argumentos, tanto na sua forma quanto nas suas figuras de linguagem, em termos adequados à nossa cultura. Para tanto, não considere necessário verter palavra por palavra, mas mantive inteiro o gênero das palavras e sua força expressiva. Não julguei que fosse apropriado contabilizar as palavras para o leitor, mas como que sopesá-las (Cic. Opt. Gen. 5, 14, grifos meus)

Além da clássica oposição já formulada no trecho, chama atenção também o fato de que Cícero parece nele ressaltar a existência de *funções* diferentes para o ato tradutório, expressas na *maneira como* diz tê-lo empreendido: não como um tradutor, mas como um orador (no original, *nec ut interpretes, sed ut orator*), sublinhando, portanto, o compromisso assumido em transferir para a língua latina não o que os discursos originais dizem, mas, como propôs Meschonnic⁸, o que eles *fazem*. Em outras palavras, traduzir o discurso, na visão de Cícero, era criar um texto com as qualidades do discurso original, apto a produzir, entre o leitor romano, efeito semelhante àquele que o original produziria na audiência grega, ou seja, trata-se da elaboração de um texto *funcionalmente* semelhante ao original, produzido, pois, por alguém dotado de faculdades símeis àquelas que o orador empregou para a composição do discurso primeiro.

Embora as reflexões sobre a tradução no contexto romano fossem esporádicas, o fato é que no pequeno recorte citado de Cícero encontram-se questões fulcrais da Teoria da tradução⁹, as quais, como apontou Steiner, vêm sendo reformuladas, revestidas de outras terminologias, mas nunca efetivamente respondidas.

Bassnett-McGuire faz um apanhado histórico com algumas contribuições relevantes para o pensamento sobre a tradução, tendo os romanos como ponto de partida. Tal percurso, quando seguido e confrontado com outras reflexões e outros recortes históricos, como em Steiner (1994), deixa clara a heterogeneidade das perspectivas existentes no campo dos estudos sobre a tradução, além da recorrência de problemas semelhantes abordados pelos diferentes pensadores do traduzir. Sem pretender arrolar um conjunto de reflexões sobre a prática tradutória e simplesmente dispô-las numa enganosa escala evolutiva, referir-me-ei ao pensamento que alguns autores dedicaram à tradução, em diferentes períodos da história

8 “A boa tradução deve fazer e não somente dizer” (MESCHONNIC, 2010: XXIX).

9 Conforme Bassnett-McGuire (1993: 67-9), a tradução, para os romanos – principalmente em sua relação com a literatura e a cultura gregas –, cumpria também uma função pragmática de enriquecimento do próprio idioma face ao contato com as possibilidades expressivas do idioma estrangeiro, mais um ponto de contato entre a experiência antiga da tradução e uma marcante experiência da modernidade: a prática tradutória no contexto do Romantismo alemão, da qual também se falará algo neste capítulo. Por ora, lembremo-nos de que a literatura latina tem sua origem precisamente por meio de uma tradução: a de trechos da *Odisseia* para o latim, feita por Lívio Andronico, tradução que, respondendo a uma necessidade pragmática – a da ausência de textos escolares para a instrução das crianças – abriu caminho para o enriquecimento linguístico e cultural dos latinos (CARDOSO, 2011).

(auxiliado também pelo percurso traçado por Bassnett-McGuire) procurando evidenciar como, em suas reflexões, são tratadas importantes noções do campo, como a de fidelidade, bem como chamando a atenção para a forma como tais reflexões, a meu ver, se complementam, repetem ou contradizem.

Bassnett-McGuire destaca o papel definitivo que o surgimento do protestantismo no século XVI exerceu para o fortalecimento da atividade tradutora, por meio da luta contra o rígido controle eclesiástico da *Bíblia*. Coerentemente com o propósito de ampliação das possibilidades de experiência individual com a sagrada escritura, possibilitada pela tradução do texto latino para as línguas vernáculas europeias, a prática de tradução da *Bíblia* redundou na formulação de algumas diretrizes do traduzir, posteriormente incorporadas ao pensamento dos, assim chamados, primeiros teóricos da tradução. Nas palavras da autora:

Sem que se corra o risco de fazer uma generalização muito grosseira, diremos que o objetivo perseguido pelos tradutores [da *Bíblia*] no século XVI poderiam ser dispostos em três categorias:

1. Corrigir os erros derivados das versões precedentes, devidos a manuscritos inadequados na língua de partida, ou a incompetência linguística.
2. Produzir um estilo vernáculo acessível e satisfatório do ponto de vista estético.
3. Aclarar os dogmas e resumir, para o povo comum, a interpretação e a representação das escrituras como metatexto (BASSNETT-MCGUIRE, 1993: 73)¹⁰.

Além de sua centralidade no problema da ampliação do acesso às escrituras, lembra-nos Bassnett-McGuire, a tradução ocupou papel de destaque no desenvolvimento intelectual da Europa renascentista, estabelecendo-se como ponto chave de disputas de caráter literário e ideológico, por meio das quais se problematizava a relação entre as línguas clássicas e vernáculas, processo que parece ter fortalecido a oposição entre liberdade e fidelidade como uma questão essencial ao pensamento dedicado à atividade tradutória.

Com o aumento do número de obras traduzidas, impulsionado também pela invenção da prensa no século XV, progressivamente começaram a surgir as primeiras reflexões “teóricas” a respeito da tradução, ou, segundo me parece, ao menos certos padrões cuja observância, na perspectiva daqueles que os propunham, era condição para a composição de boas traduções. Desse esforço a que eu chamaria normatizador foi expoente o humanista francês Etienne Dolet, ao qual Bassnett-McGuire refere-se como “um dos primeiros a expor uma teoria da

¹⁰ Na edição consultada: “Senza correre il rischio di fare una generalizzazione troppo grossolana diremo che gli scopi perseguiti dai traduttori del XVI secolo si potrebero far rientrare in tre categorie:

1. Chiarire gli errori derivanti dalle versioni precedenti, dovuti a manoscritti inadeguati nella lingua di partenza, o a incompetenze linguistiche.
2. Produrre uno stile volgare accessibile e soddisfacente dal punto de vista estetico.
3. Chiarire i dogmi e ridurre l’interpretazione e la ripresentazione alla gente comune delle scritture come metatesto.

tradução” (1993: 79), no ensaio intitulado “A maneira de bem traduzir de uma língua para a outra”¹¹ (DOLET, 2004 [1540]).

No referido ensaio, Dolet postula cinco princípios básicos que deveriam ser seguidos pelos bons tradutores, os quais podem ser assim resumidos:

1. Compreender perfeitamente o sentido e o tema do autor traduzido, de modo a evitar que o texto traduzido resulte obscuro;
2. Dominar com excelência a língua da obra a ser traduzida e a língua em que pretende traduzi-la;
3. Evitar a tradução palavra por palavra;
4. Utilizar palavras e expressões comuns;
5. Esforçar-se por compor um texto em que se observe a “harmonia do discurso” (DOLET, 2004: 19), ou seja, em que as palavras sejam bem selecionadas, tanto quanto bem dispostas na sentença.

As regras propostas por Dolet versam sobre temas dotados de implicações importantes para as reflexões que, posteriormente, se produziram no campo da tradução. Ao mesmo tempo, comungam com a mentalidade dos tradutores que, a sua época, esforçavam-se na produção dos textos bíblicos em línguas vernáculas. A primeira das regras, por exemplo, por advogar pela clareza do sentido como valor a ser buscado na tradução, propõe que, uma vez que o tradutor compreenda perfeitamente o texto original, possa “torná-lo fácil e totalmente inteligível” (DOLET, 2004: 15), caso este seja obscuro, dialogando com o ideal de aclarar os dogmas bíblicos por meio da tradução, entendida como metatexto.

Como nos lembra Bassnett-McGuire, o ensaio do humanista é de um contexto em que a tradução tinha posição de destaque no debate intelectual (BASSNETT-MCGUIRE, 1993: 81), o que justifica, de alguma forma, tanto o caráter prescritivo com que Dolet enuncia seus princípios (o próprio autor vale-se da palavra *régle* para apresentar seus preceitos), quanto o tom combativo do ensaio, com que se faz menção a perspectivas concorrentes e contrastantes com aquelas prescritas para se traduzir bem de uma língua para outra. Veja-se, por exemplo, o comentário de Dolet acerca de sua terceira regra:

¹¹ Em tradução de Pierre Guisan, disponível no volume da série *Clássicos da Teoria da Tradução* (2004) dedicado aos franceses.

Se alguém assim o faz [traduz palavra por palavra], isso se deve à pobreza e à falta de engenho. Pois, se possuir as qualidades mencionadas acima (as necessárias ao bom tradutor), sem se ater à ordem das palavras, prestará atenção aos pensamentos, de modo a expressar a *intenção do autor*, preservando com esmero a propriedade de ambas as línguas. Logo, trata-se de uma crença exagerada (eu diria mesmo estupidez ou ignorância) começar a tradução pelo início do período; mas se, ao inverter a ordem das palavras, consegues expressar a *intenção do autor* que traduzes, ninguém poderá censurar-te por isso. Não quero silenciar aqui sobre a loucura de alguns tradutores, que, *em lugar de liberdade, se submetem à servidão*. De fato, são tolos os que se esforçam por restituir o texto linha por linha, ou verso por verso. Com tal erro, *deturpam frequentemente o sentido* do autor que traduzem, e não expressam nem a graça nem a perfeição de nenhuma das duas línguas (DOLET, 2004: 17, grifos meus).

Além de ilustrar o embate de ideias manifesto na oposição entre os procedimentos recomendados por Dolet e os seguidos por outros tradutores, a passagem, principalmente em seus trechos grifados, traz questões sempre presentes no que se produz acerca da tradução, capazes de apontar tanto para o pensamento sobre a tradução anterior a Dolet, quanto para o futuro do campo de estudos que seu ensaio ajudaria a consolidar. Ora, a própria regra enunciada no trecho – segundo a qual o bom tradutor não deve traduzir palavra por palavra ou verso por verso – já aparece, como vimos, em Cícero. Horácio, em sua *Arte poética*, aconselha o mesmo, num trecho em que discorre sobre o uso, no teatro, de personagens novas ou já cristalizadas pela tradição:

Matéria pública se tornará direito privado, se você não se demorar aí pela arena vulgar, aberta a toda gente, nem, *tradutor escrupuloso, se empenhar numa reprodução literal*¹², ou, imitador, não se meter numas aperturas de onde a timidez ou as exigências da obra o impeçam de arredar pé (Hor. *Ars*, 131-135, trad. Jaime Bruna).

Liberado do compromisso, estúpido para Dolet, de seguir o autor palavra por palavra ou linha por linha, o tradutor deveria, valendo-se de liberdade em relação à disposição da sentença original, empenhar-se em expressar “a intenção do autor” (*l'intention de celui que tu traduis*). Sem pretender problematizar, por ora, o que há de fugidio sob o rótulo de “intenção”, penso que a noção expressa por Dolet na passagem é novamente passível de aproximação com o trecho de Cícero e a oposição ali implicada entre traduzir como um tradutor e traduzir como um orador. Ou seja, na perspectiva de Dolet, importa igualmente a busca por um texto funcionalmente semelhante ao original; para alcançá-lo, o tradutor precisaria libertar-se da “servidão” em relação ao original (aqui entendida, em grande parte, como compromisso da tradução com a estrutura sintática do texto de partida), sob o risco de “deturpar o sentido do

12 No original, *nec verbum verbo curabis reddere*, de modo que o termo “literal” empregado na tradução de Jaime Bruna corresponde à tradução palavra por palavra, descreditada também por Horário.

autor”. Por ora, destaque-se a importância da noção de servidão da tradução ao original, posteriormente ressignificada pela compreensão benjaminiana sobre a atividade do tradutor.

Testemunho da crescente relevância da tradução para a cultura europeia do século XVI é dado ainda por Joachim du Bellay, em *Defesa e ilustração da língua francesa*¹³ (DU BELLAY, 2004 [1549]). O fato de que a defesa do francês, objetivo explícito no título da obra, passa de forma considerável por uma reflexão sobre o papel (para o autor limitado) da tradução como forma de elevar e aperfeiçoar a língua francesa indica-nos a medida em que a atividade tradutória se fazia presente na França quinhentista. No capítulo V da obra, intitulado “Que as traduções não são suficientes para tornar perfeita a língua francesa”, du Bellay questiona a eficácia da tradução para o propósito de enriquecimento da língua, por meio de um raciocínio que, a meu ver, antecipa a discussão sobre a intraduzibilidade de certos textos, principalmente os literários.

Segundo a argumentação do autor, depreende-se que o enriquecimento da língua seria indissociavelmente atrelado ao exercício e ao bom domínio das cinco partes que compõem a retórica: invenção, elocução, disposição, memória e pronúncia, empresa cujo caminho se encontraria no estudo dos mestres gregos e romanos (DU BELLAY, 2004: 25-27). Dando primazia ao tratamento das duas primeiras partes da retórica – a invenção e a elocução –, Du Bellay admite a utilidade da tradução para o aprendizado da primeira, uma vez que, em suas palavras, “os tradutores fiéis podem e muito servir e ajudar àqueles que não podem se dedicar a este meio único que é o estudo das línguas estrangeiras” (DU BELLAY, 2004: 27, grifos meus). Se, no que diz respeito à invenção, a tradução pode auxiliar aquele que quiser dedicar-se ao enriquecimento da própria língua, desempenhando o papel de intermediária entre o conhecimento greco-romano e os que não dominam tais idiomas, Du Bellay não crê que o mesmo seja plausível no tocante à elocução. Nas palavras do autor:

Mas, no que se refere à elocução, a parte com certeza mais difícil, e sem a qual todas as outras coisas se tornam inúteis e semelhantes a uma espada ainda dentro de sua bainha, a elocução (como disse) pela qual, mais do que por qualquer outra coisa, um orador é julgado superior, e uma maneira de se expressar melhor do que outra, cujo nome é eloquência, e cuja virtude está nas palavras próprias, habituais, e não alheias ao uso comum de falar, as metáforas, alegorias, comparações, símiles, energia, e tantas outras figuras e ornamentações, sem os quais todos os discursos e poemas são nus, falhos e fracos; nunca acreditei que se possa aprender bem isso dos tradutores, porque é impossível reproduzi-lo com a mesma elegância que o autor usou (DU BELLAY, 2004: 27).

13 Em tradução de Philippe Humblé, disponível no volume da série *Clássicos da Teoria da Tradução* (2004) dedicado aos franceses.

Note-se a indissociabilidade que ainda permanece entre poesia e retórica no contexto de Du Bellay, já que ambas, como parte da eloquência, compartilhariam um conjunto de virtudes que lhes garantiria o brilho e a eficácia, virtudes que a tradução, na perspectiva do autor, não seria capaz de transmitir, já que na passagem do poema ou discurso de um idioma para o outro, deduz-se, justamente elas seriam perdidas. Nesse sentido, a exposição de Du Bellay parece ser mais descrente e taxativa em relação à tradução do que a de seu contemporâneo Etienne Dolet, uma vez que o primeiro não apenas descredita simplesmente uma forma específica de traduzir – a tradução palavra por palavra, condenada por Dolet – mas sim põe em xeque a própria validade da tradução como forma de transposição dos grandes textos de uma língua a outra. Esta incapacidade reprodutora da tradução em relação à eloquência presente nos textos originais é reforçada, no pensamento de Du Bellay, por uma visão essencialista das línguas, segundo a qual “toda língua tem um não sei quê próprio, só dela, e se tenta expressar este caráter profundo numa outra língua, respeitando a lei de traduzir que é de não ultrapassar os limites do autor, seu estilo será forçado, frio e sem elegância.” (DU BELLAY, 2004: 27).

Bassnett-Mcguire chama a atenção para a influência que a teoria platônica da inspiração divina da poesia exerceu em grande parte do pensamento dedicado à tradução, bem como à sua relação com o texto original, durante os séculos XVI e XVII. De fato, na defesa que Du Bellay faz de seu idioma, além do caráter essencialista de cada língua, que o autor julga impossível de expressar-se a contento em outra, fica explícita também a concepção de poesia como produto sacro e inalterável, percebendo-se a influência platônica apontada por Bassnett-Mcguire. Essa é a razão que leva Du Bellay a condenar veementemente a tradução dos poetas, em capítulo intitulado “Dos maus tradutores e de não traduzir os poetas”. Criticando aqueles que considera mais como “traidores” do que como tradutores, por que privam o texto original de “sua glória” na apresentação que dele fazem ao público, ao mesmo tempo em que traem o próprio público, entregando-lhes algo que não é o que diz ser (Du Bellay chega mesmo a apontar judiciosamente para aqueles que traduzem de uma língua que nem sequer dominam), o autor introduz a nota de platonismo em sua compreensão da poesia, justificando a recomendação para que não se a traduza:

E para aparecer ainda mais, [os maus tradutores] escolhem os poetas, gênero de autores que eu, se soubesse ou quisesse traduzir, sem dúvida não escolheria, por causa *daquela invenção divina* que eles têm mais do que os outros, daquela grandeza de estilo, nobreza nas palavras, gravidade nas sentenças, audácia e veracidade nas figuras, e mil outras luzes de poesia: em resumo, aquela energia e não sei que espírito, que está em seus escritos, e que os latinos chamavam de *genius* (DU BELLAY, 2004: 29, grifos meus).

Na impossibilidade de que o tradutor consiga reproduzir o gênio, a inspiração, enfim, a “invenção divina” responsável pela criação da obra original repousa, em germe, a noção de intraduzibilidade da poesia, que a reflexão sobre a tradução nas sucessivas épocas fez por fortalecer, até redundar, já no século XX, no veredicto de Jakobson segundo o qual “a poesia, por definição, é intraduzível”¹⁴ (2010 [1967]: 71). Baseado nessa crença, Du Bellay recomenda àqueles que queiram construir algo digno de aplauso em sua própria língua que não traduzam, sobretudo a poesia, tarefa que vê como “trabalhosa e pouco proveitosa” e “até perniciososa para o desenvolvimento de sua língua” (DU BELLAY, 2004: 31).

Convém que se chame a atenção para uma preocupação comum aos textos de Dolet e Du Bellay, a saber, o valor dado ao uso corrente da língua, às palavras comuns e não distantes da experiência idiomática quotidiana. O uso de palavras e expressões comuns consiste, lembremo-nos, na quarta regra enunciada por Dolet para uma boa tradução, regra que estabelece um contraponto com aqueles tradutores que, recorrendo a expressões mais próximas às da língua traduzida, exercitam-se em “inventar nesciamente certas expressões por um capricho censurável” (DOLET, 2004: 19). Du Bellay, por sua vez, ainda que não aborde a questão como que enunciando uma regra, compreende o uso de palavras comuns como integrante da arte de bem dizer, daquela “maneira de se expressar melhor do que outra, cujo nome é eloquência, e cuja virtude está nas *palavras próprias, habituais, e não alheias ao uso comum de falar* (DU BELLAY, 2004: 27, grifos meus).

Tal concepção de uso corrente da língua foi não apenas incorporada à tradução da *Bíblia*, mas se fez presente em boa parte do pensamento sobre a tradução na Europa do século XVI, ultrapassando também o contexto francês ao qual pertencem Dolet e Du Bellay. Philemon Holland, em sua tradução da *História Natural*, de Plínio, o velho (publicada em 1601), fornece-nos novo exemplo das controvérsias em que estava envolta a atividade tradutória em seu tempo. Em seu “Prefácio ao leitor”, Holland diz não contar entre os felizes homens de outrora capazes de fazer coisas grandiosas que merecessem ser escritas, ou de escrever coisas grandiosas que merecessem ser lidas, razão por que, por deferência ao conhecimento produzido na Antiguidade, dedicava-se a imortalizar, por meio da tradução, a obra dos grandes autores daquela época.

14 A Jakobson, porém, falta o pessimismo de Du Bellay em relação à tradução. Para o linguista, trata-se de um problema de acurácia conceitual, ou seja, a poesia seria “intraduzível”, ao se considerar um conceito *stricto sensu* de tradução; seria, no entanto, passível de uma “transposição criativa”.

Holland, além de louvar a monumental variação temática da obra de Plínio, de alguma forma relevante para toda e qualquer camada da sociedade romana (assim como para a posteridade), cumprimenta também a simplicidade estilística que percebe no historiógrafo latino, a quem credita o uso de um latim claro e comum, “sem nenhuma frase afetada, mas bem acomodado à capacidade mesmo do mais medíocre e iletrado”¹⁵ entre os membros daquela sociedade. Tal percepção, refletindo ou não uma realidade na obra de Plínio, dialoga com o que vimos ser uma tendência tradutória da época e embasa a adoção de um inglês comum e estilisticamente simples também por parte de Holland, sem que essa decisão, contudo, deixasse de causar polêmicas entre seus contemporâneos. Sem citar nominalmente seus autores, Holland traz em seu prefácio alguns dos protestos que recebeu por parte daqueles que – comungando de alguma forma com as ideias expressas por Du Bellay – pareciam crer que a tradução de determinados textos da Antiguidade Clássica para as línguas vernáculas fosse tarefa ociosa e indesejável. Nas palavras do autor:

Por que, então, algum homem deveria ofender-se e invejar este bem para o seu país de origem, que foi primeiro feito para o mundo inteiro¹⁶? E, não obstante, existem alguns tão ignorantes ao ponto de dizer que estes e outros livros semelhantes não devem ser publicados na língua vernácula. “É uma pena (diz um) que Lívio¹⁷ fale inglês como fala; apenas latinistas deveriam conhecê-lo. É como dizer que o soldado deveria recorrer à universidade para a habilidade e o conhecimento militar; ou o intelectual brandir armas e montar um acampamento”. “Por que Plínio (diz outro) deveria ser lido em inglês, e os mistérios contidos em seus livros divulgados? Como se o agricultor, o pedreiro, o carpinteiro, o ourives, o pintor, o lapidário e o gravador, com outros artífices, tivessem de procurar grandes professores ou linguistas para obter instruções em seus variados ofícios” (HOLLAND, 1601, s/p).

Os problemas envolvidos no ato de traduzir e nas maneiras de sua execução adentram o século XVII (em cujas portas, aliás, situa-se o prefácio de Holland), tornando-se aparentemente mais complexos, o que pode ser ilustrado pelo prefácio de John Dryden às *Heroides*, de Ovídio, datado de 1680. No texto, Dryden elabora terminologia específica para a classificação de três formas distintas de tradução, já correntes à sua época, de acordo com a postura adotada pelo tradutor em relação à obra original: a metáfrase, a paráfrase e a imitação, procedimentos conceituados pelo autor nos seguintes termos:

Toda tradução, creio eu, pode ser reduzida a estas três categorias. Primeiro, a da metáfrase, ou verter um autor palavra por palavra, e linha por linha, de uma língua para a outra. Assim, ou quase assim, foi traduzida a *Arte Poética* de Horácio por Ben Johnson. O segundo modo é a paráfrase, ou tradução latitudinal, na qual o autor é mantido em vista pelo tradutor, de modo a nunca ser perdido, mas

15 "not with any affected phrase, but sorting well with the capacitie even of the meanest and most unlettered[...]"

16 Holland refere-se à obra original de Plínio (um bem para o mundo inteiro) e à sua própria tradução (um bem ao seu país de origem).

17 O mesmo Holland traduzira, anos antes, a obra historiográfica de Tito Lívio.

suas palavras não são tão estritamente seguidas quanto o seu sentido, sendo este ainda passível de ser amplificado, mas não alterado. Tal é a tradução do Sr. Waller para o quarto canto da *Eneida*, de Virgílio. O terceiro modo é a imitação, em que o tradutor (se agora ele já não tiver perdido este nome) assume a liberdade não apenas de variar em palavras e sentido, mas de esquecer a ambos quando julgar apropriado [...]. Tal é a prática do senhor Cowley ao verter duas odes de Píndaro e uma de Horácio para o inglês¹⁸ (DRYDEN, 1680: s/p).

Dessas três categorias, Dryden vê a metáfrase e a imitação como dois extremos a serem evitados, recomendando como forma mais bem acabada de tradução a paráfrase. Importante na leitura do ensaio é analisar de perto a argumentação do autor para o embasamento de seu ponto de vista sobre o assunto, particularmente no que diz respeito à vividez de algumas imagens utilizadas ao longo do texto, a fim de que se perceba a posição aparentemente dominante no pensamento da época sobre questões como servilidade e liberdade em uma tradução, bem como sobre a responsabilidade atribuída ao tradutor no exercer de seu ofício. O descrédito à tradução palavra por palavra, visto de Cícero a Du Bellay, ainda figura – coloridamente, diga-se – nas formulações de Dryden. Para o autor, ela põe o tradutor frente a diversas dificuldades com as quais não pode lidar sem que cause danos à harmonia da obra original: ele precisa seguir as palavras e os pensamentos do texto original, assim como “confinar-se no compasso dos ritmos e na escravidão da rima” (DRYDEN, 1680: s/p). Para dar uma noção mais exata de como concebe essa forma de tradução, Dryden recorre a um símile gracioso, que reproduzo:

[A tradução palavra por palavra] é muito semelhante a dançar sobre cordas tendo as pernas enfeitadas com plumas: um homem pode evitar uma queda usando de cautela, mas não se deve esperar nenhuma graça nos movimentos. E, tendo dito o melhor que há para se dizer sobre isso, trata-se de nada mais que uma empresa tola; pois nenhum homem de juízo colocar-se-ia em tal perigo pelo aplauso de escapar sem quebrar o pescoço¹⁹ (DRYDEN, 1680: s/p).

Implicada na imagem está a ideia de que o tradutor que segue tão de perto o autor do texto original chegará a um produto cujo mérito máximo terá sido a conclusão da tarefa a que se

18 No original se lê: All Translation I suppose may be reduced to these three heads.

First, that of Metaphrase, or turning an Authour word by word, and Line by Line, from one Language into another. Thus, or near this manner, was Horace his Art of Poetry translated by Ben. Johnson. The second way is that of Paraphrase, or Translation with Latitude, where the Authour is kept in view by the Translator, so as never to be lost, but his words are not so strictly follow'd as his sense, and that too is admitted to be amplyfied, but not alter'd. Such is Mr. Waller's Translation of Virgils Fourth Aeneid. The Third way is that of Imitation, where the Translator (if now he has not lost that Name) assumes the liberty not only to vary from the words and sence, but to forsake them both as he sees occasion [...]. Such is Mr. Cowley's practice in turning two Odes of Pindar, and one of Horace into English.

19 No original se lê: 'Tis much like dancing on Ropes with fetter'd Leggs: A man may shun a fall by using Caution, but the gracefulness of Motion is not to be expected: and when we have said the best of it, 'tis but a foolish Task; for no sober man would put himself into a danger for the Applause of scaping without breaking his Neck.

propôs, processo que, contudo, não apenas privaria o texto traduzido de qualquer beleza, como também sujeitaria o autor da tradução ao risco do ridículo (pois não parece circense a figura pintada por Dryden de um homem com plumas nas pernas dançando desajeitadamente em cordas bambas?). Além da comparação, em trecho anterior de seu prefácio, Dryden cita versos que John Denham teria composto em elogio a Richard Fanshew, pela tradução do *Pastor Fido* feita pelo último. O poemeto louva literariamente os méritos do tradutor e, contrapondo-o justamente àqueles que traduzem palavra por palavra, confere mais um testemunho da força e da longevidade com que se descreditou, historicamente, tal maneira de traduzir. Ei-lo:

That servile path, thou nobly do'st decline,
Of tracing word by word and Line by Line;
A new and nobler way thou do'st pursue,
To make Translations, and Translators too:
They but preserve the Ashes, thou the Flame,
True to his Sence, but truer to his Fame. (DENHAM, *apud* DRYDEN, 1680: s/p)

Tal caminho servil, altivo enjeitas
De seguir palavra por palavra, verso por verso;
Uma nova e mais nobre via persegues,
Para fazer traduções e também tradutores:
Eles preservam só as cinzas, tu a Chama,
Ao Sentido leal, bem mais à Fama.

Lembremo-nos de que a ideia de servidão com que se define a tradução palavra por palavra já figurara, em oposição à noção de liberdade, nas regras prescritas por Dolet. Os versos de Denham não só a retomam, mantendo aquela conotação, como também ilustram outra oposição com que se definem essas duas formas contrastantes de traduzir (a primazia das palavras e frases *versus* a primazia do sentido), aqui representada pelos termos “Cinzas” e “Chama”. Com tais termos, ressalta-se a qualidade que uma forma de tradução tem de matar aquilo que é vivo no texto original, ao passo que a outra mantém-lhe o viço e a beleza. Cinzas e Chama, no poema, podem corresponder, respectivamente, a *forma* e *espírito*, modo como a dicotomia é comumente representada. Subjacente ao poema está também o entendimento da concepção de fidelidade que se tinha à época: ao ressaltar a lealdade do tradutor ao sentido da obra – valor para o entendimento da tradução em todos os textos que temos visto – e ainda sobrepor-lhe a lealdade à fama da obra traduzida, Denham acusa a tradução palavra por palavra de infidelidade em relação à reputação dos textos originais com os quais se relaciona, uma vez, é claro, que lhes apaga o brilho.

No que concerne ao outro extremo, a imitação, Dryden, além de conceituar o procedimento no início de seu prefácio, confere-nos um aprofundamento adicional em seu entendimento dessa

forma de traduzir, se é que assim pode chamar-se – para aludir à ressalva que o próprio autor faz quanto à validade de rotular como tradução essa maneira específica de relacionar dois textos em duas determinadas línguas. Diz-nos o autor:

Eu tomo a imitação de um autor, no sentido em que eles [John Denham e Abraham Cowley] a praticam, como sendo um empreendimento com que um poeta mais recente escreve como um que escreveu antes dele acerca da mesma matéria: ou seja, não [se trata de] traduzir suas palavras, ou de estar confinado ao seu sentido, mas apenas de tê-lo como um modelo e de escrever como supõe que o autor teria feito, caso tivesse vivido em nossa época e em nosso país²⁰ (DRYDEN, 1680: s/p).

A noção de espírito da obra poética reaparece no prefácio, quando Dryden cita as palavras de Denham para justificar a opção de proceder à imitação, o que se explicaria por que a “Poesia tem um *espírito* tão sutil que, ao ser derramado de uma língua para a outra, vai evaporar por completo; e se um novo espírito não for adicionado na transfusão, não restará nada mais que um *Caput Mortuum*²¹.” (DENHAM, *apud* DRYDEN, 1680: s/p). Fica evidente, aqui, a comunhão entre as perspectivas de Denham e Du Bellay, no que diz respeito à impossibilidade de se reproduzir a beleza de uma obra poética por meio da tradução: o espírito sutil de que fala o primeiro corresponderia àquele não sei que de divino que o último entende como força geradora da poesia.

A despeito do argumento essencialista que Dryden cita de seu contemporâneo, o autor do prefácio parece condenar a imitação, a partir de um ponto de vista relacionado ao que poderíamos chamar de ética do traduzir. Pois, sem negar que a imitação é capaz de manter a beleza do texto de partida – podendo às vezes superá-lo em tal quesito –, Dryden não vê justiça no procedimento, uma vez que o produto por ele entregue é outro em relação à obra original. A argumentação lança mão, novamente, de uma comparação inusitada e significativa para a concepção de tradução defendida pelo autor. Concessão feita à possibilidade de que um imitador possa superar a obra original em excelência poética, Dryden traz à discussão a hipotética – mas provável entre os intelectuais da Inglaterra seiscentista – figura do leitor que, “[...] inquisitivo ao ponto de saber os pensamentos de um autor, ficará desapontado em relação à sua expectativa²²” (DRYDEN, 1680: s/p), ao deparar-se com o produto da imitação.

20 No original, se lê: I take Imitation of an Authour in their sense to be an Endeavour of a later Poet to write like one who has written before him on the same Subject: that is, not to Translate his words, or to be Confin'd to his Sense, but only to set him as a Patern, and to write, as he supposes, that Authour would have done, had he liv'd in our Age, and in our Country.

21 No original, se lê: Poetry is of so subtil a Spirit, that in pouring out of one Language into another, it will all Evaporate; and if a new Spirit be not added in the transfusion, there will remain nothing but a Caput Mortuum.

22 Yet he who is inquisitive to know an Authours thoughts will be disapointed in his expectation.

E acrescenta: “e não é sempre que um homem ficará contente de *receber um presente*, quando ele espera o *pagamento de uma dívida*” (DRYDEN, 1680: s/p, grifos meus). A dimensão ética do ato tradutório é sublinhada na comparação, pois esta pressupõe que o tradutor, uma vez que se proponha a verter uma obra estrangeira para sua língua, está em dívida com seus potenciais leitores, devendo entregar-lhes algo que corresponda à expectativa que eles podem vir a ter quanto à tradução, expectativa formada a partir do conhecimento que possuam a respeito da obra original. O produto da imitação, nesse sentido, seria considerado como o estratagema do caloteiro que, na falta dos meios para pagar o que deve, pretende distrair o credor com outros mimos. Ainda que a imagem seja também dotada de um colorido possivelmente jocoso, seu caráter moral (o mau pagador é, afinal, alvo de justificada censura) deixa antever o quão a sério se poderia levar a responsabilidade do tradutor em relação à manutenção do sentido de um texto.

Ademais, não apenas em relação à expectativa de um possível leitor criterioso põe-se em evidência a ética na tradução, mas também, e principalmente, em relação à fama ou à memória do autor de quem se traduz algo. Sobre essa questão, Dryden é categórico: “Para dizer de forma justa, a imitação de um autor é o caminho mais vantajoso para que um tradutor mostre-se, mas o pior mal que se pode fazer à memória e à reputação dos mortos²³” (DRYDEN, 1680: s/p). A partir de tal juízo, Dryden oferece-nos um entendimento sobre a tradução – coerente com o pensamento de seu tempo – que a concebe como atividade dotada de pouquíssima autonomia, justamente em virtude de seu caráter derivativo; assim, ela deveria ser determinada pela assunção de dois compromissos por parte do tradutor: um com a expectativa dos leitores da tradução, outro com a “memória e a reputação” do poeta. Tais compromissos seriam de alguma forma quebrados tanto pela tradução palavra por palavra, quanto pela imitação, razão que leva o autor à recomendação do caminho do meio (bem menos isento do que o próprio Dryden faz parecer, segundo se verá).

A fim de embasar de maneira mais sólida sua posição, Dryden faz uma refutação final daquelas duas formas de tradução vistas como extremos. Sobre a primeira, o autor pondera sinalizando o caráter idiossincrático da linguagem, de modo que duas línguas diferentes possam conceber a noção de beleza de maneiras muito distintas – sendo aquilo que é belo em uma considerado feio ou mesmo sem nenhum sentido em outra –, razão por que seguir um autor palavra por palavra não seria recomendado como maneira de cumprir aqueles deveres

23 No original, se lê: To state it fairly, Imitation of an Authour is the most advantageous way for a Translator to shew himself, but the greatest wrong which can be done to the Memory and Reputation of the dead.

que o tradutor teria para com o leitor e o autor original. Dessa forma, por meio daquilo que chamou paráfrase, ou tradução latitudinal, o tradutor teria certa liberdade, comparável a esticar uma corrente, sem, contudo, romper os seus elos, evitando uma ruptura em que a invenção e a inovação aplicadas sobre a obra original resultariam. Com isso, Dryden refuta aquele argumento essencialista com que Denham justificava seu fazer tradutório (ou imitativo), ao afirmar que:

Por este meio [a paráfrase], o espírito de um autor pode ser transfundido e, mesmo assim, não se perder. Assim, é claro que a razão alegada pelo Sr. Denham [para proceder à imitação] não tem efeito maior do que o expressivo: pois o pensamento, *se ele for traduzido verdadeiramente*, não pode perder-se em outra língua, mas as palavras que o carregam até nossa apreensão (que são a imagem e o ornamento daquele pensamento) podem ser tão mal escolhidas a ponto de fazê-lo mostrar-se em um vestido feio e de roubar seu resplendor nativo²⁴ (DRYDEN, 1680: s/p).

Com este último trecho, ressalto novamente o reinado do sentido nas reflexões feitas por Dryden sobre a tradução. De acordo com tais reflexões, é ele, o sentido, a instância principal a determinar a qualidade de uma tradução, atuando como uma espécie de mapa por meio do qual o tradutor chegaria à versão mais bem acabada de uma obra ao realizar o seu traslado de uma língua para a outra. O sentido, então, seria aquele elemento fundamental, que não poderia se perder ou danificar na travessia entre os idiomas, cabendo às palavras que o conduziriam no caminho apenas o papel de torná-lo elegante e brilhante na nova língua em que se expressa. Nas palavras de Dryden, enfim, “O sentido de um autor, de maneira geral, deve ser *sagrado e inviolável*”²⁵ (DRYDEN, 1680: s/p, grifos meus).

Na conclusão de seu posicionamento acerca da melhor maneira de se traduzir poesia, Dryden, novamente chamando atenção ao que parece tratar-se de uma ética do traduzir, pondera que um tradutor deve ter o cuidado de, a partir de sua tradução, criar uma imagem o mais fiel possível do que é o autor original. Exemplifica a assertiva a partir de Ovídio, argumentando que, se é parte do caráter do poeta ser exuberante, o tradutor não deve, acreditando que o poeta poderia beneficiar-se de um pouco mais de sobriedade estilística, podar os galhos que julgue supérfluos, sob o risco de não mostrar Ovídio (mas outra coisa) aos leitores da língua para a qual traduz.

24 No original, se lê: By this means the Spirit of an Authour may be transfus'd, and yet not lost: and thus 'tis plain that the reason alledg'd by Sir. John Denham, has no farther force than to Expression: for thought, if it be Translated truly, cannot be lost in another Language, but the words that convey it to our apprehension (which are the Image and Ornament of that thought) may be so ill chosen as to make it appear in an unhandsome dress, and rob it of its native Lustre.

25 No original, se lê: The sence of an Authour, generally speaking, is to be Sacred and inviolable.

É interessante que se pense nessa noção de fidelidade estilística proposta por Dryden, sobretudo porque a prática de fazer cortes em determinado texto para moldá-lo à sensibilidade de épocas e culturas distintas não é algo incomum em tradução²⁶. Entretanto, a imagem que o autor usa para exemplificá-la parece novamente sinalizar um conceito limitado da tradução em face ao texto original. Filiando-se à tradição clássica de pensamento, Dryden evoca, ressignificando-a, a comparação horaciana entre pintura e poesia; aproxima, no entanto, a pintura da tradução, num sentido que reforça, de alguma forma, a necessária relação de submissão que, no entendimento do autor, parece estabelecer-se entre a tradução e o texto original. A passagem, que é continuação imediata do exemplo de Ovídio acima referido, desenvolve-se como segue:

Responder-se-á que ele [Ovídio] leva vantagem nessa poda de seus galhos supérfluos, mas eu replico que um tradutor não tem esse direito. Quando um pintor copia a partir da vida, eu creio que ele não tenha o privilégio de alterar feições e contornos, supondo que sua pintura ficará mais bela: talvez o rosto que ele desenhou seria mais exato, se os olhos ou o nariz fossem modificados, mas seu trabalho é fazê-lo parecer-se com o original²⁷ (DRYDEN, 1680: s/p).

Ao comparar a atividade do tradutor com a do pintor que copia a partir da vida real, Dryden subordina a tradução a uma espécie de cópia da obra original, tendo como principal tarefa o parecer-se o mais possível com aquela. O que há de problemático e superficial nessa concepção do traduzir é o fato de que aquilo com o que determinada obra literária se parece não é um dado absoluto e constituído *a priori*, mas se relaciona fundamentalmente com a individualidade do tradutor (ou de qualquer leitor, diga-se).

Como sustenta Bessnett-Mcguire (1993: 89) essa imagem que Dryden associou ao bom tradutor – a do pintor que procura a maior semelhança possível entre o quadro e o modelo – tornou-se um conceito grandemente difundido durante o século XVIII e por meio do qual, em grande parte, se avaliavam as traduções. Na década final desse século, em 1791, Alexander Fraser Tytler publica a obra *Essay on the principles of translation* (“Ensaio sobre os princípios da tradução”), na qual, analisando o estatuto da tradução em seu tempo e concluindo que,

26 A obra do próprio Juvenal, objeto de meu esforço tradutório neste estudo, exemplifica bem essa tendência, tendo diversas partes omitidas em traduções distintas, quer para o inglês (Na tradução de G. G. Ramsay, por exemplo), quer para o português (na de Francisco António Martins Bastos). Em sua maior parte, essas supressões são feitas em nome do gosto da época (como se verá bem justificado em Tytler [1901]), retirando-se, por exemplo, passagens tidas como obscenas, nas sátiras 2, 6, 9, entre outras.

27 No original, lê-se: It will be replied that he receives advantage by this lopping of his superfluous branches, but I rejoyne that a Translator has no such Right: when a Painter Copies from the life, I suppose he has no priviledge to alter Features, and Lineaments, under pretence that his Picture will look better: perhaps the Face which he has drawn would be more Exact, if the Eyes, or Nose were alter'd, but 'tis his business to make it resemble the Original.

desde a Antiguidade romana, pouquíssimos foram os textos preocupados em sistematizar as regras e os preceitos da arte de traduzir (a despeito de terem existido inúmeros bons tradutores), o autor oferece uma definição do que seria uma boa tradução e cunha três regras para se chegar a isso.

No capítulo inicial de sua obra, Tytler passa em revista as duas principais tendências da tradução em sua época, asseverando que, em decorrência de uma delas, “tornou-se uma opinião comum a de que é dever de um tradutor observar apenas o sentido e o espírito de seu original, dominar perfeitamente as ideias de seu autor e comunicá-las com as expressões que julgar mais adequadas para veiculá-las²⁸” (TYTLER, 1907: 08). Em contraste com essas ideias, prossegue o autor, havia quem sustentasse que,

para que se constitua uma tradução perfeita, não só é requisito que as ideias e emoções do autor original sejam conservadas, mas igualmente seu estilo e modo de escrever, o que, acredita-se, não pode ser feito sem uma atenção estrita ao arranjo das frases e mesmo à sua ordem e construção²⁹ (TYTLER, 1907: 08).

De acordo com a primeira tendência, ao tradutor outorgava-se, ainda, o direito de melhorar e embelezar a obra original; conforme a segunda, seria necessário conservar mesmo os defeitos, seguindo a imagem fornecida por Dryden do tradutor como um pintor que reproduz com o máximo de exatidão possível a figura original. Tytler, enxergando ambas as tendências como dois polos opostos, propõe, semelhantemente à intenção de Dryden, no prefácio por que passamos, um caminho do meio. Para tanto, procura definir o que, a seu ver, constituiria uma boa tradução:

Como essas duas opiniões formam extremos opostos, não é improvável que o ponto de perfeição deva situar-se no meio das duas. Eu descreveria, pois, uma boa tradução como *aquela em que o mérito da obra original é tão completamente transfundido em outra língua, ao ponto de ser apreendido tão distintamente e de ser sentido tão fortemente pelo nativo do país ao qual pertence aquela língua, quanto o é por aqueles que falam a língua da obra original*³⁰ (TYTLER, 1907: 8-9, grifo no original).

28 No original, se lê: it has become a common opinion, that it is the duty of a translator to attend only to the sense and spirit of his original, to make himself perfectly master of his author's ideas, and to communicate them in those expressions which he judges to be best suited to convey them.

29 No original, se lê: in order to constitute a perfect translation, it is not only requisite that the ideas and sentiments of the original author should be conveyed, but likewise his style and manner of writing, which, it is supposed, cannot be done without a strict attention to the arrangement of his sentences, and even to their order and construction.

30 No original, se lê: As these two opinions form opposite extremes, it is not improbable that the point of perfection should be found between the two. I would therefore describe a good translation to be, *That, in which the merit of the original work is so completely transfused into another language, as to be as distinctly apprehended, and as strongly felt by a native of the country to which that language belongs, as it by those who speak the language of the original work.*

Com tal definição, Tytler parece introduzir alguma novidade ao debate acerca da tradução, imputando aos tradutores a responsabilidade de proceder a uma tentativa do que poderíamos chamar *reprodução do efeito* da obra original, caso quisessem compor uma tradução bem acabada. A obra de Tytler tem, portanto, o mérito de retirar, de alguma forma, o foco sobre a dicotomia tradução palavra por palavra *versus* tradução do sentido/espírito da obra original. No entanto, embora o autor pretenda posicionar-se no centro de dois extremos, o pensamento acerca da tradução veiculado em sua obra acaba por situá-lo mais próximo da primeira das tendências comentadas, o que vai ficando evidente nos capítulos em que analisa a aplicação das três regras que cunha para a boa tradução. Segundo o autor, conclui-se que, para que se atinja um bom resultado:

- I. A tradução deve fornecer uma reprodução completa das ideias da obra original.
- II. O estilo e o modo de escrever devem ter a mesma natureza que têm no original.
- III. A tradução deve ter toda a facilidade [isto é, a fluidez, a naturalidade] de uma composição original³¹ (TYTLER, 1907: 9).

A primeira das três regras, por exemplo, parece estar aparentada com a primazia dada ao sentido por autores como Dolet e Dryden (lembremo-nos que o último advoga pela *inviolabilidade* do sentido de uma obra), tendo em vista implicar que a boa tradução não deva perder nenhuma ideia contida na obra original, obrigando o tradutor a uma restituição integral do sentido do texto de partida. Essa necessidade de completude semântica da tradução em relação ao original – que poderia ser obtida na tradução palavra por palavra e verso a verso, sob pena de ofuscarem-se outras qualidades de um texto – parece complicar-se um pouco mais com o acréscimo das duas outras regras, uma vez que a busca por uma fidelidade estilística, procurando-se, por exemplo, reproduzir o tom, a dicção ou a concisão de determinada obra, pode constituir-se obstáculo àquele compromisso com a totalidade das ideias contidas no original. A meu ver, tais propósitos parecem embaralhar-se um pouco mais, quando a eles se acresce o objetivo de escrever a tradução como se ela fosse um texto *originalmente escrito* na língua do tradutor.

Tytler, não obstante, oferece uma boa quantidade de exemplos de traduções que julga mais ou menos exitosas em relação aos méritos dos textos originais. Merece destaque, nesse sentido, o capítulo IV da obra, em cujo título – na verdade um sumário da seção, forma como se

31 No original, se lê:

- I. That the Translation should give a complete transcript of the ideas of the original work.
- II. That the style and manner of writing should be of the same character with that of the original.
- III. That the Translation should have all the ease of original composition.

nomeiam os capítulos do ensaio – lê-se “Sobre a liberdade permitida na tradução poética. – Progresso na tradução poética na Inglaterra. – B. Jonson, Holliday, Sandys, Fanshaw, Dryden. – O *Ensaio sobre o verso em tradução*, de Roscommon. – O Homero de Pope” (TYTLER, 1907: 35, tradução minha). O capítulo interessa especialmente em virtude da análise judiciosa que Tytler faz de traduções compostas pelos autores listados no título, discutindo-se de maneira algo mais crítica, porque mais diretamente aplicada aos textos, as noções de fidelidade, servilidade e liberdade na tradução da poesia.

O fato de que o caminho do meio de Tytler acaba ficando mais próximo ao extremo do sentido/espírito da obra original, conforme sinalizei acima, fica evidente no juízo que o autor nos fornece de trechos da tradução que Ben Jonson faz da *Arte poética* de Horácio, a mesma tradução, aliás, que Dryden citara como exemplo da metáfrase. Citarei textualmente, abaixo, apenas o primeiro dos trechos comentado por Tytler, seguindo-se o texto de Horácio da tradução de Jonson:

[...] mortalia facta peribunt,
 nedum sermonem stet honos et gratia uiuax.
 Multa renascentur quae iam cecidere, cadentque 70
 quae nunc sunt in honore uocabula, si uolet usus,
 quem penes arbitrium est et ius et norma loquendi. (Hor. *Ars*, 68-72)

[...]All mortal deeds
 Shall perish; so far off it is the state
 Or grace of speech should hope a lasting date.
 Much phrase that now is dead shall be reviv'd,
 And much shall die that now is nobly liv'd,
 If custom please, at whose disposing will
 The power and rule of speaking resteth still.
 (Hor. *Ars*, 68-72, trad. B. Jonson, *apud* TYTLER, 1901: 36)

Ainda que a introdução de uma terceira língua como intermediária da comparação que se pode fazer entre os trechos tenda a complicar um pouco mais a questão, é útil que voltemos nossa atenção para o conteúdo estritamente semântico exibido pela passagem de Horácio em latim e em inglês, por meio da tradução para o português. Na trecho da *Ars poetica*, em tradução de Jaime Bruna, lê-se:

[...] as obras humanas passarão. Muito menos se há de manter de pé, vivedoura, a voga prestigiosa das expressões. Reviverão muitos termos que haviam caído, e outros, hoje em voga, cairão, se assim reclamar a utilidade, de cujo arbítrio exclusivo pende o justo e o normal numa língua (Hor. *Ars*, 68-72, trad. Jaime Bruna)

Traduzindo-se livremente a passagem de Jonson para o português, obtém-se texto próximo ao que segue: “Todos os feitos dos mortais perecerão; muito menos deve a dignidade ou a graça

do discurso esperar por vida longa. Muitas expressões que hoje estão mortas deverão reviver, e muitas que hoje vivem nobremente, deverão morrer, se assim o uso quiser, em cuja seletiva decisão ainda repousam as faculdades e as regras do falar.” O exercício de comparação entre os trechos de Horácio e Jonson em português mostra-nos a grande proximidade semântica existente entre o texto original da *Ars poetica* horaciana e a tradução feita por Jonson. Evidencia-se, pois, que o tradutor, ainda que submeta o texto de Horácio a operações propriamente poéticas da língua inglesa de seu tempo – o uso do pentâmetro jâmbico e o esquema regular de rimas, por exemplo, com os quais se torna necessário manejar o texto original para além da simples restituição do sentido –, procurou seguir de perto as palavras utilizadas por Horácio, tal como a disposição do pensamento nas sentenças.

É justamente essa preocupação em seguir as palavras e os pensamentos do autor original passo a passo que levam Tytler a condenar a tradução de Jonson, imputando-lhe o inglório mérito de – recuperando-se as palavras de John Denham, ter traduzido “somente linguagem em linguagem” e não “poesia em poesia”³². Tytler critica a tradução de Jonson apontando, ainda, que o tradutor não seguira uma das importantes lições contidas na própria obra de que se ocupava: Horácio, lembremo-nos, num trecho aliás muito referido pelos tradutores de que até aqui me ocupo, advertia que se evitasse a tradução como um *fidus interpres*, na carta aos Pisões.

Vê-se, a partir da opinião de Tytler acerca da qualidade da tradução de Jonson, que a noção de servilidade à obra original, em fins do século XVIII inglês, ainda não se descolara da realização de uma tradução muito próxima do texto de partida no que tange ao conteúdo semântico e à construção frasal. Essa concepção fica ainda mais evidente no comentário de Tytler à tradução de um trecho do “Epôdo 2” de Horácio pelo mesmo Ben Jonson. Comparando original e tradução, Tytler vê em Jonson a falta de cometer uma tradução em

32 Trata-se da passagem de Denham a respeito da sutileza do espírito da poesia, já referida também no texto de Dryden. Ei-la na íntegra: I conceive a vulgar error in translating poets, to affect being a *fidus interpres*. Let that care be with them who deal in matters of fact or matters of faith; but whosoever aims at it in poetry, as he attempts what is not required, so shall he never perform what he attempts; for it is not his business alone to translate language into language, but poesie into poesie; and poesie is of so subtle a spirit, that, in pouring out of one language into another, it will all evaporate; and if a new spirit is not added in the transfusion, there will remain nothing but a *caput mortuum* (DENHAM, *apud* TYTLER, 1901: 35) – Eu considero um erro vulgar, ao traduzir-se poetas, que se procure ser um *fidus interpres* [tradutor fiel]. Que este cuidado fique para aqueles que lidam com questões de fato ou questões de fé; mas quem quer que aspire a isso na poesia, porque busca aquilo que não lhe é requerido, nunca conseguirá fazer bem o que se propõe; pois não é seu trabalho simplesmente traduzir linguagem em linguagem, mas poesia em poesia; e a poesia tem um *espírito* tão sutil que, ao ser derramado de uma língua para a outra, vai evaporar por completo; e se um novo espírito não for adicionado na transfusão, não restará nada mais que um *Caput Mortuum*.

que, “além da mais servil aderência às palavras, até mesmo a medida do original é imitada”³³ (TYTLER, 1901: 37).

Se por um lado Tytler deixa clara sua opinião acerca dessa tentativa de fidelidade lexical e sintática de uma tradução à obra original (apontada em outros poetas tradutores além de Jonson), por outro, o autor vê com ressalvas também a liberdade excessiva em relação ao texto de partida. Dessa forma, passa a comentar alguns exemplos em que o uso da liberdade pelo tradutor é visto como um valor, em contraste com passagens em que os tradutores usam abusivamente dessa liberdade.

Para Tytler, o momento em que a liberdade poética do tradutor é mais oportunamente empregado é justamente nas ocasiões em que ele pode, de alguma forma, melhorar a obra original. Respondendo a uma máxima contida no ensaio de Roscommon sobre a tradução³⁴ (ao qual se alude no título do capítulo IV da obra em pauta), nos diz Tytler:

Eu concebo como sendo o dever de um tradutor de poesia nunca tolerar que seu original caia. Ele deve manter com este um perpétuo duelo de engenho. Ele deve acompanhá-lo em todos os seus voos e voar, se puder, além dele. E quando perceber, a qualquer momento, uma diminuição dos poderes do original, quando vir nele uma asa esmorecida, deve levantá-lo em seus próprios braços³⁵ (TYTLER, 1901: 45).

Novamente, aqui, Tytler traz ao pensamento sobre a tradução certo frescor em relação ao que outros tradutores já haviam defendido, ao sustentar como *dever* do tradutor cuidar da dignidade, por assim dizer, do autor original, não lhe permitindo que tropece. Isso porque nessa relação dúplice que parece perpassar a tradução, tornando-a um fazer simultaneamente ético e estético, outros autores já haviam demarcado – e muitos tornam a demarcar, em épocas posteriores a Tytler – um limite para a ação tradutória, o qual se encontraria exatamente nas potencialidades da obra original. Du Bellay, por exemplo, na condenação que fizera da tradução como forma de enriquecimento da língua francesa, afirma o respeito que se deve ter pelo que entende como “a lei de traduzir, que é de não ultrapassar os limites do autor”. O posicionamento de Tytler, portanto, é ousado, até certo ponto, porque é apto a levar para outro plano a noção de servidão ao autor da obra original, uma vez que parece conceber certa

33 No original, se lê: “besides the most servile adherence to the words, even the measure of the original is imitated”.

34 Que diz: Your author always will the best advise; / Fall when he falls, and when he rises, rise (“Seu autor sempre dará o melhor conselho; / cai quando ele cair, quando ele levantar, levanta”).

35 I conceive it to be the duty of a poetical translator, never to suffer his original to fall. He must maintain with him a perpetual contest of genius; he must attend him in his highest flights, and soar, if he can, beyond him: and when he perceives, at any time, a diminution of his powers, when he sees a drooping wing, he must raise him on his own pinions.

dualidade na atividade tradutória, na medida em que vê o tradutor como porta-voz e rival do autor original ao mesmo tempo. Ou seja, rompe-se com a completa deferência ao autor, uma vez que se pretende que o tradutor possa ser-lhe superior e mesmo redimi-lo das faltas em que incorreu na composição de sua obra.

Tal ponto de vista defendido no ensaio de Tytler, ainda que traga ares de certa modernidade para o pensamento sobre a tradução, tem a limitação de ser determinado não pelo gênio individual do tradutor, mas por uma instância um tanto mais pragmática e rés do chão: o bom gosto literário e a sensibilidade da época. Isso fica evidente quando se atenta para o que Tytler mostra como os principais exemplos positivos desse uso da liberdade poética do tradutor, ao citar algumas passagens das traduções de Homero por Alexander Pope. Nestas, veem-se como méritos de Pope tanto o engrandecimento das belezas já presentes nos textos de Homero, como também o enobrecimento de passagens homéricas que a sensibilidade britânica coetânea tenderia a julgar como aquém de Homero, em virtude de uma suposta vulgaridade. Um dos exemplos oferecidos na obra é certa passagem do canto VIII da *Ilíada*, em que Júpiter, reunindo os deuses em conselho, proíbe-lhes qualquer participação no conflito entre gregos e troianos e, para reforçar sua autoridade, lança uma espécie de desafio àqueles que quisessem pôr a prova a força do Tonitruante. Consistiria em, fazendo pender uma corrente dourada dos céus, que todos os deuses reunidos segurassem a ponta de baixo, Júpiter a de cima, de modo que aqueles, nem com o emprego de toda sua força, poderiam puxar para baixo o deus supremo do Olimpo; ao passo que este, tão logo quisesse, os levaria a todos para cima, juntamente com terra e mar. Tytler, de maneira condizente com o que, provavelmente, ditava o gosto literário de sua época, tal qual seu juízo crítico acerca de Homero, vê esse cabo de guerra dos deuses como expoente de um ridículo bastante censurável, que, a seu ver, a tradução de Pope tratou de tornar mais nobre.

Outro exemplo que se poderia citar é tirado, por Tytler, do canto IX da *Ilíada*. Trata-se de uma passagem em que Fênix, preceptor da infância de Aquiles, dirige-se ao herói grego nos seguintes termos (vertidos para o português a partir da tradução em prosa oferecida por Tytler): “[...] quando eu te colocava ante meus joelhos, eu te alimentava com carne e te dava vinho, que você frequentemente vomitava no meu colo e manchava minhas roupas, em sua infância bagunceira³⁶”. Novamente, Tytler atribui ao bom gosto da tradução de Pope os

36 Na tradução de Tytler, lê-se: When I placed you before my knees, I filled you full with meat, and gave you wine, which you often vomited upon my bosom, and stained my clothes, in your troublesome infancy”

méritos de subtrair a imagem possivelmente repugnante contida no trecho, redimindo Homero – segundo crê – da vulgaridade contida na obra original.

Tytler, ao propor o bom gosto, a sensibilidade e o decoro literários da sociedade na qual a tradução se inscreve como instância norteadora da liberdade poética exercida pelo tradutor para modificar – enobrecendo-o – seu original, parece alinhar-se a um entendimento comum do século XVIII inglês acerca da tradução. Com efeito, Bassnett-Mcguire aponta tal conjuntura como um momento em que os tradutores estão mais à vontade para submeter a versão do texto às leis de funcionamento de sua própria língua e cultura (BASSNETT-MCGUIRE, 1993: 88), as quais parecem atuar como elementos determinantes do grau de fidelidade ou de liberdade que o poeta tradutor fixa para a execução de sua tarefa.

Entretanto, se era justo que a sensibilidade do público e o juízo do tradutor orientassem a tomada de certas liberdades em relação a passagens da obra original, ao tradutor, por outro lado, competia ter bom senso, de maneira que deveria cuidar para não descaracterizar a obra original em sua tradução. Também dos abusos da liberdade poética do tradutor Tytler dá variados exemplos e aponta justamente a prática da paráfrase de Dryden como expoente dos mais graves entre eles. Uma passagem referida por Tytler será o suficiente, aqui, para que se tenha noção daquilo que o autor entendia como descaracterização da obra original por meio da tradução, bem como para mostrar que a prática tradutória de Dryden poderia ser um tanto quanto menos compromissada com a estrutura textual original do que seu prefácio às *Heroides* poderia levar-nos a supor. Trata-se de trecho do Canto II da *Eneida*, de Virgílio, que reproduzo, seguido da tradução de Dryden:

obsedere alii telis angusta viarum
oppositi; stat ferri acies mucrone corusco
stricta, parata neci; (Verg. A. 2. 332-334)

To several posts their parties they divide.
Some block the narrow streets, some scour the wide:
The bold they kill, th' unwary they surprise;
Who fights finds death, and death finds him who flies.

Tal como procedi anteriormente, recorro a traduções puramente semânticas de ambas as passagens para o português, a fim de que se veja com clareza a distância entre o que de fato se diz em ambas. O trecho de Virgílio pode ser traduzido aproximadamente como: “Outros opositores, com dardos, bloquearam a rua estreita; içá-se a ponta do ferro desembainhado, com gume luzente, preparada para matar.” Na versão proposta por Dryden, se passada para o português, poder-se-ia ler: “Por muitos postos eles dividem suas tropas. Alguns bloqueiam as

ruas estreitas, outros patrulham as largas: os bravos eles matam, os incautos, surpreendem; quem luta encontra a morte, e a morte encontra quem foge.”

Como não deixa de apontar o próprio Tytler, comparando-se a tradução de Dryden ao trecho original de Virgílio, é possível identificar certo parentesco apenas entre uma das ideias que compõem as passagens – o fato de que alguém bloqueia uma rua estreita. Todo o restante da solução de Dryden para o passo original é inteiramente imotivado pelo texto virgiliano. Além disso, o desfecho artificioso da passagem, assevera Tytler, “está muito abaixo da casta simplicidade de Virgílio³⁷” (TYTLER, 1901: 58).

Das três regras enunciadas por Tytler para se atingir resultado satisfatório em uma tradução, assim como das análises que o autor faz do trabalho de variados tradutores – como Ben Jonson, Alexander Pope e John Dryden, entre muitos outros – depreende-se que o ensaísta efetivamente pretendeu propor como ideal uma solução intermediária, se considerarmos a literalidade (ainda que poetizada) de Jonson e a liberdade excessiva de Dryden como dois extremos. No primeiro deles, haveria um compromisso de seguir o mais de perto possível as palavras e as estruturas do texto original; no segundo, o original era mantido no horizonte do tradutor, livre para seguir caminhos bastante diferentes daquele trilhado pelo seu autor, contanto que não se perdesse de vista – mesmo que a distância – o sentido global daquele texto. Pope, por outro lado, cujas traduções de Homero são tomadas como bom exemplo desse caminho do meio, não adere “servilmente” (para usar a palavra com as implicações que Tytler lhe atribuía) à construção propriamente textual da obra de partida, tampouco se arroga a liberdade de acrescentar-lhe qualquer coisa que o original não sugira – como que para amplificá-lo – ou que a sensibilidade literária de seu tempo não demande, a fim de não a ofender. A tradução que Tytler propõe como exemplar, portanto, parece firmar um compromisso igualmente importante com o autor do texto original, do qual pouco retira e ao qual pouco acrescenta – fazendo-o somente para melhorá-lo – e com o leitor a quem se destina o texto traduzido, a cujas expectativas quanto ao que é belo e decoroso em poesia deve procurar conformar-se.

A reflexão sobre a atividade tradutória na Alemanha do século XIX, ainda que reconhecendo a validade dessa tendência de aclimação da obra estrangeira para a sensibilidade e a cultura da nova nação em que ela se expressa via tradução, faz com que ganhe espaço outra forma de se

37 Poder-se-ia dizer mesmo que a proposta de Dryden remonta mais ao estilo de Ovídio. A construção retoricamente artificiosa do verso final de Dryden não pôde deixar de lembrar-me a caracterização que Ovídio faz do Minotauro, no seu famigerado verso “*Semibovemque virum semivirumque bovem*” (*Ars am.* 2.24).

conceber a relação entre original e tradução: uma em que, contrariando-se a preocupação de Pope de escrever “para a sua época e para a sua nação” (BASSNETT-MCGUIRE, 1993: 88), o que há de estrangeiro na obra original deixa-se ver por meio do texto traduzido, ou seja, a língua estrangeira não se absorve pela língua nativa, mas antes parece expressar-se através dela.

Uma apresentação preliminar dessa forma de se pensar a relação entre original e tradução é dada por Goethe (2010), quando o autor fala sobre a existência de três espécies de tradução, oferecendo exemplos de cada uma na língua alemã. A primeira delas seria a apresentação mais singela da obra estrangeira, desprovida de todo traço de arte poética, por meio da prosa, a qual, segundo o autor, “se presta perfeitamente para a iniciação, porquanto ela nos surpreende com a excelência desconhecida em meio à familiaridade da nossa pátria, da nossa vida comum [...]” (GOETHE, 2010: 31). Num segundo estágio da tradução, para o qual a mediação entre o familiar e o estrangeiro pela prosa não seria mais necessária, o tradutor passa a apropriar-se do estrangeiro não para representá-lo com ares de desconhecido na nova língua, mas justamente para transformar o elemento estranho em nativo, o desconhecido no conhecido. Goethe pormenoriza e exemplifica essa tendência citando a atividade tradutória dos franceses:

Os franceses se utilizam desse modo na tradução de todas as obras poéticas; centenas de exemplos podem ser encontrados na tradução realizada por Delille. Da mesma maneira como se apropria de palavras desconhecidas, o francês também procede com os sentimentos, os pensamentos, e até mesmo com os objetos; reclama para cada fruto desconhecido um substituto que tenha crescido em base e chão próprios (GOETHE, 2010: 33).

O terceiro modo de traduzir, por fim – e o mais valorizado na perspectiva de Goethe –, é aquele em que, nas palavras do autor,

se procura tornar a tradução idêntica ao original, não de modo que um deva vigorar ao invés do outro, mas no lugar do outro.
[§]Esse modo sofreu, inicialmente, a maior resistência. Pois o tradutor que se une firmemente ao seu original, abandona, de uma forma ou de outra, a originalidade de sua nação e, assim, surge um terceiro para o qual o gosto da multidão ainda deve se formar (GOETHE, 2010: 33).

A razão por que chamei preliminar à apresentação que Goethe faz dessa terceira forma de tradução se deve ao fato de serem essas todas as palavras dadas pelo autor no intuito de definir como se caracteriza esse tipo de tradução. Essa noção de identidade entre original e tradução, no entanto, pode nos parecer um pouco intangível e difícil de se conceber com

clareza. Mais ainda quando lemos a ressalva de Goethe de que tal identidade não deva pressupor que uma obra vigore ao invés da outra, mas no lugar da outra³⁸.

Essa forma de tradução a que Goethe quase que somente alude recebe tratamento bem desenvolvido por Friedrich Schleiermacher, em seu ensaio intitulado “Sobre os diferentes métodos de tradução” (SCHLEIERMACHER, 2010), texto que, embora datado do início do século XIX (1813), fornece uma das mais abrangentes e lúcidas visões acerca da tradução com as quais pude ter contato durante o tempo que dediquei ao presente estudo.

O primeiro exemplo da abrangência que atribuo ao ensaio de Schleiermacher está na expansão do conceito de tradução que o texto opera, o que fica evidente já em sua abertura, quando o autor, ainda que *en passant*, situa a tradução como fenômeno diretamente atrelado a um ato interpretativo, de maneira mais ampla, ao exemplificar a necessidade que se tem de traduzir mesmo no interior de uma só língua. Nas palavras do autor:

Pois, não apenas os dialetos dos diferentes ramos de um povo e os diferentes desenvolvimentos de uma mesma língua ou dialeto, em diferentes séculos, são já em um sentido estrito diferentes linguagens, e que não raro necessitam de uma completa interpretação entre si; até mesmo contemporâneos não separados pelo dialeto, mas de diferentes classes sociais, que estejam pouco unidos pelas relações, distanciam-se em sua formação, seguidamente apenas podem se compreender por uma semelhante mediação. Sim, não somos nós frequentemente obrigados a previamente traduzir a fala de um outro que é de nossa mesma classe, mas de sensibilidade de ânimo diferentes? A saber, quando nós sentimos que as mesmas palavras em nossa boca teriam sentido inteiramente diferente ou, ao menos, um conteúdo aqui mais forte, ali mais fraco, que na dele e que, se quiséssemos expressar do nosso jeito o mesmo que ele disse, nos serviríamos de palavras e locuções completamente diferentes. Na medida em que determinamos mais precisamente este sentimento, trazendo-o ao pensamento, parece que traduzimos. As nossas próprias palavras, às vezes, temos que traduzir após algum tempo, se quisermos assimilá-las apropriadamente outra vez (SCHLEIERMACHER, 2010: 39; 41).

Dessa forma, Schleiermacher não apenas parece anteciper o conceito de tradução intralinguística trabalhado por Jakobson nos “Aspectos linguísticos da tradução”, como também – o que é mais importante – estabelece uma relação indissociável entre a tradução e o ato interpretativo individual, o que abre o caminho, a meu ver, para uma ruptura com a maneira algo absoluta a partir da qual foram historicamente tratados os valores que deveriam nortear uma boa tradução.

38 Talvez a língua alemã empregue aqui uma oposição cujos termos sejam mais claramente delimitados do ponto de vista semântico. Em português, expressões como “ao invés de” e “no lugar de” parecem-me ter sentidos muito semelhantes, fato que dificulta a compreensão das nuances de significado que podem perpassar a diferenciação referida por Goethe. Estaria o autor propondo que, em vez de substituir o texto original na nova língua, dizendo o que ele diz àqueles que não compreendem a língua de partida, a tradução almejasse *ser* o texto original, de modo que este pudesse ser entendido igualmente como uma versão daquela?

As considerações a respeito da atividade tradutória no interior de uma mesma língua, contudo, não são o objetivo principal do ensaio de Schleiermacher, razão por que o autor passa rapidamente a considerar a complexidade das questões envolvidas na tradução de uma língua para outra. Nesse campo, define, de partida, a vigência de dois domínios distintos, aos quais chama interpretação e tradução genuína. O primeiro deles circunscrever-se-ia ao mundo dos negócios, à vida comercial; o segundo, às esferas da arte e da ciência. A fim de aprofundar a distinção feita entre esses dois campos da atividade tradutória, Schleiermacher sustenta que, no traslado de um texto,

Quanto menos o autor se sobressai no escrito original, quanto mais ele coloque-se apenas como órgão receptor do objeto e siga a ordem do tempo e do espaço, tanto mais a transposição se aproximará da mera interpretação. [...] Ao contrário, quanto mais haja prevalecido na exposição *o modo de ver e combinar próprio do autor*, quanto mais ele siga uma ordem *livremente escolhida ou determinada pela impressão*, tanto mais opera já o seu trabalho no domínio superior da arte, e também o tradutor deve então aplicar outras forças e habilidades para realizar o seu trabalho e estar familiarizado com seu escritor e sua língua num sentido diverso daquele do intérprete (SCHLEIERMACHER, 2010: 43, grifos meus).

Pela passagem acima reproduzida, percebe-se que, na perspectiva do autor, o que podemos chamar de tradução literária – ou tradução no domínio da arte, para nos mantermos próximos à terminologia dele – trata-se de uma atividade que exige a presença subjetiva do tradutor, isto é, que demanda dele, de alguma forma, uma energia criativa suficiente para, por meio de uma articulação consciente do material linguístico de que dispõe, transformar num produto o seu modo de ver, a sua impressão particular da obra. Contrário a essa perspectiva seria o trabalho do intérprete, não porque seja de menor valor, mas porque lida com um objeto que não impõe à atividade as mesmas exigências de um objeto artístico, revestindo-se o traslado de língua a língua de um caráter pouco variado, não dado à produção de dissonâncias. Dessa forma, conclui Schleiermacher: “Por isso, a tradução nesse domínio é quase um processo mecânico que qualquer um pode realizar com um conhecimento mediano de ambas as línguas, e, quando se evita abertamente o falso, ocorrem poucas diferenças entre o melhor e o pior” (SCHLEIERMACHER, 2010: 39; 45).

A tradução no domínio da arte, por outro lado, seria complicada por outros fatores, o primeiro dos quais sendo o que Schleiermacher denomina a “irracionalidade” inerente às línguas, isto é, a impossibilidade de identidade perfeita entre os elementos de duas línguas quaisquer, tanto mais agravada, segundo o autor, quanto mais distantes essas línguas estão uma da outra no que diz respeito à origem e ao tempo (SCHLEIERMACHER, 2010: 39; 47). Essa noção de irracionalidade é desenvolvida pelo autor por meio de um raciocínio hipotético que ilustra a

diferenciação entre as atividades de tradução e interpretação, aprofundando-se nas especificidades da primeira. Conforme Schleiermacher, na versão de um conteúdo de uma língua para outra:

se nas duas línguas cada palavra de uma correspondesse exatamente a uma palavra da outra, expressando os mesmos conceitos com as mesmas extensões; se suas flexões representassem as mesmas relações, e seus modos de articulação coincidissem, de tal modo que as línguas fossem diferentes apenas para o ouvido; então, também no domínio da arte e da ciência, toda tradução, na medida em que por ela deve-se comunicar o conhecimento do conteúdo de um discurso ou escrito, seria também puramente mecânica como na vida comercial; e se poderia dizer de toda tradução, com exceção dos efeitos do acento e do ritmo, que o leitor estrangeiro estaria na mesma situação frente ao autor e sua obra que o nativo (SCHLEIERMACHER, 2010: 45; 47).

Depreende-se como corolário dessa estrutura condicional em que o raciocínio se desenvolve que a tradução, no domínio da ciência e da arte, será necessariamente variável, dissonante, não dada à mecanização, precisamente porque entre duas línguas não há tal irmandade ao ponto em que as palavras de uma sejam perfeitamente substituíveis pelas da outra, preservando-se a totalidade das implicações que carregam consigo.

Deve-se salientar que o próprio autor como que relativiza sua posição ao reconhecer que essa não identidade perfeita entre os elementos de duas línguas, essa irracionalidade, manifesta-se também no domínio da vida prática, de maneira que poderia, igualmente, ser um entrave à atividade do intérprete. Entretanto, argumenta que o poder exercido por essa irracionalidade é tanto menor quanto mais próximo do texto esteja a realidade extratextual a que ele se associa. Ou seja, haveria, no domínio da interpretação, uma relação de contiguidade entre a língua e as coisas, a qual se encarregaria de dirimir o possível descompasso entre os valores das palavras de duas línguas. Cito Schleiermacher:

Todas as palavras que expressam objetos e atividades [...] são igualmente calibradas e, se uma sutileza vazia e demasiado cautelosa quisesse ainda se precaver contra uma possível desigualdade do valor das palavras, a coisa mesma igualaria tudo imediatamente. Bem diferente é a situação no domínio da arte e da ciência, e onde quer que predomine o pensamento, que se identifica com o discurso, e não a coisa, para a qual a palavra apenas é um signo arbitrário, embora talvez firmemente estabelecido. Então, quão infinitamente difícil e complicado torna-se aí o trabalho, que conhecimento específico e que domínio pressupõe de ambas as línguas! (SCHLEIERMACHER, 2010: 49)

O segundo ponto a complicar o que Schleiermacher denominou tradução genuína relaciona-se à natureza do ato de compreender, conforme o autor o concebe. Para ele, todas as vezes que o sentido de um texto não dispõe, para construir-se, do suporte do objeto ou da realidade extratextual a ele contígua, ou seja, “onde quer que predomine o pensamento [...] e não a

coisa”, ele, o sentido, será produto de uma relação de influência recíproca travada entre o falante e sua língua. A compreensão efetiva de um discurso dessa natureza passaria, segundo o autor, necessariamente pela correta apreensão dessa relação entre língua e falante. A duplicidade de tal relação, por sua vez, manifestar-se-ia na medida em que todo o universo conceitual do falante, sua forma de expressar-se, de compreender e significar sua experiência de mundo, além da própria maneira de utilizar a imaginação e a fantasia, estariam indissociavelmente determinadas por sua língua materna, sendo-lhe impossível pensar algo que extrapole os limites dessa língua. Por outro lado, embora dominado pelo poder da língua em que nasceu, o falante é também capaz de agir nessa língua, participando ativamente de sua modelagem e da expansão de seus limites.

Nesse sentido, portanto, é a força viva do indivíduo que produz novas formas na matéria maleável da língua, originalmente apenas com o propósito momentâneo de compartilhar uma consciência transitória, das quais, porém, ora mais ora menos, algumas permanecem na língua e, recolhidas por outros, disseminam seu efeito formador (SCHLEIERMACHER, 2010: 49).

A compreensão efetiva, portanto – ou a compreensão “no sentido mais forte da palavra”, como propõe o autor –, precisaria apreender com clareza essa relação entre língua e falante, concebendo o discurso a que se aplica como simultaneamente determinado pela língua e condicionado pela maneira como esta age na sensibilidade do falante, por um lado, e como produto da ação subjetiva do falante, por outro, isto é, como uma forma de manejar a língua originária de sua própria individualidade. A compreensão de que fala Schleiermacher demandaria, ainda, que se tivesse clareza sobre o quanto cada lado dessa relação dúplice – o império da língua sobre o falante e a ação do falante sobre a língua – influenciaria o discurso, seja em sua totalidade, seja em partes isoladas.

Tendo explicitado as duas dificuldades que se impõem ao trabalho do tradutor – a irracionalidade das línguas e a dificuldade de se alcançar uma compreensão efetiva dos produtos mais elevados do espírito humano –, Schleiermacher parece propor um tipo de leitor ideal (ou delinear um perfil, como que de um estudioso incansável) que estaria apto a encarar a árdua empresa da tradução. Eis o trecho que motiva a observação:

Agora, se a compreensão nesse domínio já é difícil mesmo na mesma língua, e implica uma exata e profunda penetração no espírito da língua e na singularidade do escritor: como não seria muito mais uma arte superior quando se trata das produções em uma língua estranha e distante! Com certeza, então, quem adquiriu esta arte da compreensão por meio de esforços solícitos com a língua e por meio do conhecimento rigoroso da vida histórica completa do povo, e por meio da reatualização vivíssima de cada obra e de seu autor, esse, com certeza, *e também apenas esse, pode desejar abrir ao seu povo e contemporâneos a mesma*

compreensão das obras primas da arte e da ciência (SCHLEIERMACHER, 2010: 51; 53, grifos meus).

Nesse ponto, o ensaio de Schleiermacher parece pender para uma forma absoluta de se conceber a relação entre original e tradução, propondo que a boa tradução se condicione inevitavelmente à *correta* compreensão do texto, a qual, por sua vez resultaria da *correta* apreensão dessa dupla relação entre a língua e o falante. Tem-se a impressão de que a tradução seja o passo seguinte a um processo de compreensão absoluta e integral da maneira como essa relação de determinação mútua dá origem às grandes obras artísticas e científicas, de maneira que o homem apto a empreender a tarefa parece revestir-se, de fato, de um caráter superior no que diz respeito à magnitude do alcance de seu esforço interpretativo.

Essa caracterização algo idealista da tradução e do tradutor, porém, é, de alguma forma, atenuada e relativizada por Schleiermacher ao longo do ensaio, e, à parte a aparente definição da boa tradução como resultante de esforço e dedicação quase sobre-humanos – que, de resto, posso eu imputar ao autor, por limitações de minha própria compreensão do ensaio, aliás difícil – o texto ainda me parece, no todo, bastante equilibrado quanto à descrição e à análise que faz dos diferentes métodos de traduzir, aos quais passo.

Para Schleiermacher, mesmo o homem capaz de alcançar essa compreensão (no sentido que o autor empresta à palavra) da obra estrangeira não estaria isento das dificuldades impostas pelo ato de traduzir. Em virtude disso, duas outras formas de se entrar em contato com uma obra estrangeira a fim de trasladá-la para nossa língua foram pensadas, segundo Schleiermacher, precisamente como alternativas para resolver ou evitar algumas dessas dificuldades: a paráfrase e a imitação.

A paráfrase, nos diz Schleiermacher, trata-se de uma tentativa frustrada de dominar a irracionalidade das línguas. O parafraseador reconheceria a impossibilidade de correspondência completa entre os termos de duas línguas quaisquer e trabalharia, para superá-la, como que por compensação, acrescentando aos termos da língua de chegada determinações que expandem ou delimitam significados, a fim de aproximá-los o mais possível do sentido expresso pelos termos da língua original. Para Schleiermacher, a paráfrase alcança uma relativa acuidade na restituição do conteúdo de uma obra; por outro lado, perde completamente a impressão. Vale a pena recuperarmos, aqui, a velha oposição entre tradução palavra por palavra e tradução do sentido (à segunda associando-se precisamente a paráfrase), lembrando-nos de que o procedimento de aclarar trechos em que o tradutor tenha percebido

pouca clareza na obra original foi visto com bons olhos por alguns pensadores da tradução, tais como Dollet, por exemplo, e outros para os quais o engrandecimento de um efeito já presente no original era um valor (vide a análise de Tytler sobre as traduções de Pope, por exemplo). Tal procedimento motiva Schleiermacher a desqualificar ulteriormente a paráfrase, considerando-a uma forma aquém da verdadeira tradução. Para o autor:

Se, além disso, a paráfrase pretenda indicar psicologicamente os vestígios das ligações do pensamento, ali onde elas são obscuras e deixam-se perder, através da incisão de frases: então, ela aspira ao mesmo tempo, quando se trata de composições difíceis, ocupar o lugar do comentário, e quer ainda menos se adequar ao conceito de tradução (SCHLEIERMACHER, 2010: 55)

Se a paráfrase quer superar, ainda que precariamente, a irracionalidade das línguas, a imitação, por outro lado, cede completamente a ela. O imitador, ao contrário do parafraseador, vê-se diante de uma batalha de antemão perdida e, portanto, não se propõe a lutá-la. Reconhecendo que não há possibilidade de identidade entre os elementos de ambas as línguas, o imitador, manejando o material de sua própria língua e de dentro das potencialidades expressivas que sua própria língua lhe permite, procura criar uma obra que se aproxime o mais possível do efeito da obra original. No entanto, “ao querer salvar a igualdade da impressão, perde-se a identidade da obra” (SCHLEIERMACHER, 2010: 55). No tocante à imitação, portanto, Schleiermacher aproxima-se do tratamento que a ela dedicou Dryden. Este, lembremo-nos, colocava em dúvida se o tradutor que cultivasse a imitação deveria de fato ser chamado tradutor, precisamente porque entregava a seu leitor algo muito diferente do texto original, ou seja, porque sacrificava a identidade entre as duas obras.

Se ambas as soluções não podem ser consideradas verdadeiramente traduções, isso se deve ao fato de que, por meio delas, o tradutor não proporciona ao seu leitor aquela compreensão forte de que fala Schleiermacher, uma vez que,

Para que os seus leitores compreendam, eles devem apreender o espírito da língua na qual o autor era natural, eles têm que poder intuir a sua maneira singular de pensar e de sentir; e para alcançar estas duas coisas, ele [o tradutor] não pode senão oferecer a sua própria língua, que nunca coincide adequadamente com aquela, e a si mesmo, enquanto conhece o seu escritor mais ou menos claramente, e [o] admira e aprova mais ou menos (SCHLEIERMACHER, 2010: 53)

Imitação e paráfrase, nessa perspectiva, falhariam por nem sequer tentar pôr diante do leitor o espírito³⁹ da língua estrangeira, tampouco a maneira própria do autor de pensar e sentir em meio à determinação que esse espírito lhe impõe. Tal empreitada somente ao tradutor caberia

³⁹ Mantenho “espírito” por ausência de palavra melhor, querendo com esta denotar a maneira como cada língua molda nossa forma de experienciar e representar o mundo, assim como o próprio uso da imaginação, conforme Schleiermacher sustenta, ao desenvolver aquela dupla relação entre língua e sujeito.

a tentativa de realizar, ainda que em condições bastante difíceis, como deixa claro o trecho que acima reproduzi. Ao fim deste, aliás, Schleiermacher lança a pergunta provocadora: “A tradução não aparece, assim considerada, como um empreendimento insensato?” (SCHLEIERMACHER, 2010: 53).

No entanto, a despeito da insensatez que perpassa a empresa, a prática da tradução é uma constante na história da humanidade e foi grandemente impulsionada na Alemanha contemporânea de Schleiermacher. Assim, o autor passa a abordar os dois diferentes métodos pelos quais se pode efetivamente empreender uma tradução: propiciar a aproximação entre autor original e leitor estrangeiro trazendo aquele à presença deste ou realizando o processo contrário. O primeiro dos métodos é o mais recomendado por Schleiermacher, e a maneira como o autor o desenvolve e pormenoriza tem influência marcante nas escolhas que fez ao traduzir a obra de Juvenal.

O propósito de promover essa aproximação entre autor original e leitor estrangeiro trazendo o primeiro à presença do segundo implica efetivamente escrever uma obra em que a língua da tradução esteja sujeita a determinadas formas de expressão e de arranjo sintático que lhe são estranhas e próximas àquelas que se encontram na língua da obra original, procedimento que envolve determinados riscos, considerados por Schleiermacher.

É importante que se leve em consideração o contexto histórico-literário em que Schleiermacher escreve o ensaio de que venho me ocupando, um contexto em que a Alemanha animava-se sobremaneira com a tradução, vendo na contribuição do elemento estrangeiro um fator fundamental para o engrandecimento da língua e da literatura autóctones. Tal contexto determina de modo marcante a natureza de algumas das observações feitas por Schleiermacher, principalmente no que diz respeito ao primeiro dos métodos de tradução tratados pelo autor, ou seja, a aproximação do nativo ao estrangeiro de maneira que se traga este à presença daquele.

O primeiro ponto relevante, nesse sentido, é a ressalva que Schleiermacher faz sobre a necessidade de que o tradutor dedicado a tal método tenha claro o tipo de compreensão da obra estrangeira que quer, de alguma forma, imitar. Isso porque, segundo o autor, há dois tipos de compreensão que ele deve de todo evitar, pois um deles estaria abaixo da empreitada de traduzir, enquanto o outro iria além dela. O primeiro seria um tipo de compreensão a que o autor chama escolar, ou seja, uma compreensão rudimentar em que se dá demasiada

importância à correspondência entre as línguas no que toca a cada frase particular, de modo que a visão do todo embota-se. A possibilidade de existência de uma tradução que imite esse tipo de compreensão é relacionada, por Schleiermacher, justamente a um estágio inicial na abertura de um povo às línguas estrangeiras. Pressupondo-se essa conjuntura, o tradutor deveria optar por entregar aos seus compatriotas uma tradução que refletisse o próprio nível de compreensão da obra estrangeira, correndo o risco de cair na incomunicabilidade com o público, ou uma que refletisse o nível de compreensão do público em relação àquela obra, o que resultaria num texto demasiadamente simples.

Note-se que o autor aproxima-se, aqui, ao juízo de Goethe, segundo o qual a tradução em prosa que priva o texto de todos os elementos de poética seria a opção indicada para esse estágio inicial de formação do gosto do público ao estudo e à apreciação de línguas e obras estrangeiras. Não por acaso, Schleiermacher, dissuadindo o tradutor de empreender uma tradução que se aproxime desse nível escolar de compreensão, recomenda que, nesse estágio inicial do trato de um povo com línguas estrangeiras, cultivem-se mais as imitações livres e as paráfrases das obras originais, precisamente pelo papel formador que podem exercer junto ao público.

O segundo tipo de compreensão, aquele que estaria acima dos propósitos do traduzir, seria uma compreensão característica de certo tipo de indivíduo que transita por idiomas estrangeiros como se nativos fossem. Schleiermacher fala num determinado perfil que a natureza cria aqui e ali como que para diluir as fronteiras entre as nacionalidades. Seriam indivíduos capazes de aprender tão absolutamente uma língua estrangeira, ao ponto de sua compreensão dessa língua não passar, em nenhuma instância, pela mediação da língua materna. Como possivelmente nem ao tradutor nem à maior parte de seu público seja dado travar uma relação dessa natureza com o idioma estrangeiro, imitar essa compreensão seria uma impossibilidade, na medida em que o tradutor mesmo pode não a alcançar, ou, alcançando-a, pode não conseguir transmiti-la aos leitores. Ademais, pressupondo-se um cenário ideal onde todos os homens fossem capazes de atingir esse elevado grau de compreensão de uma língua qualquer, a tradução a partir dessa língua perderia completamente sua função e seu valor.

O caminho que o tradutor deveria efetivamente seguir, portanto – como vem sendo usual entre os pensadores da tradução –, situar-se-ia novamente no meio desses dois extremos. Dessa forma, a compreensão da língua estrangeira que o tradutor deve se esforçar por reproduzir é

uma que reflita um nível satisfatório de entendimento do idioma de partida, sem que, por um lado, ele deixe de parecer estranho ao falante nativo da língua de chegada e, por outro, sem que se necessite da completa mediação da língua materna para o seu entendimento global.

Testemunho do valor que Schleiermacher vê na tradução como ação engrandecedora de uma literatura nacional dá-se novamente, quando o autor comenta sobre a dificuldade de se estabelecerem limites precisos dentro dos quais se deva efetivar esse tipo de tradução (o tipo que valoriza o elemento estrangeiro da obra original). Vejamos:

Certo é que, ainda depois de fixar estes pontos, o círculo de ação e a delimitação desta maneira de traduzir seguem nos parecendo bastante imprecisos. O único que vemos é que, assim como a inclinação a traduzir somente pode nascer quando entre a parte culta do povo se há difundido certa capacidade de trato com línguas estrangeiras, assim também a arte somente pode crescer e apontar cada vez mais alto, à medida que o interesse e o conhecimento de obras estrangeiras se estenda e se eleve entre aquela parte do povo que exercitou e educou seu ouvido sem fazer da aprendizagem de línguas seu verdadeiro ofício (SCHLEIERMACHER, 2010: 63; 65).

O autor, no entanto, ressalva que, quanto mais sensíveis sejam os leitores a este tipo de tradução, e quanto mais bem-vinda ela seja para o engrandecimento da arte em determinada nação, maiores também são as dificuldades que se lhe impõem. Essas grandes dificuldades tratadas por Schleiermacher parecem ter relação direta com o dogma da fidelidade na tradução. Ao listar a primeira delas, o autor novamente lança mão de um leitor hipotético, ainda que não implausível. Este, ao entrar em contato com uma obra em sua língua original e tendo certo conhecimento dessa língua em nível suficiente para intuir algo da maneira como aquela obra age no espírito da língua, ou seja, para apreender aquela relação de determinação mútua entre língua e falante de que fala Schleiermacher, teria nessa compreensão, nessa intuição, um importante elemento para formar sua impressão pessoal acerca da obra em questão. Reproduzir essa impressão estaria entre as responsabilidades do tradutor, mas, exemplifica Schleiermacher,

quantas vezes a uma palavra nova da língua original corresponde na nossa precisamente uma palavra velha e gasta, de modo que o tradutor, se quer mostrar também então como atua a obra original modelando a língua, teria que colocar na passagem um conteúdo estranho e, portanto, passar ao terreno da imitação! Quantas vezes, ainda que possa reproduzir o novo com o novo, resultará que a palavra mais semelhante por sua composição e procedência não é a que melhor reproduz o sentido, e terá que suscitar outras conotações, se não quer destruir a coerência imediata! Terá que se consolar pensando que em outras passagens, em que o autor usou palavras velhas e conhecidas, pode se distanciar, *alcançando assim no conjunto o que não pode conseguir em cada caso* (SCHLEIERMACHER, 2010: 68, grifos meus).

Como disse anteriormente, essas observações feitas pelo autor têm um impacto importante no pensamento sobre a tradução, sobretudo no que diz respeito à noção de fidelidade ao texto original, ideia que Schleiermacher relativiza a partir da admissão da irracionalidade inerente às línguas, de tal forma que a fidelidade não pode ser senão um efeito parcial alcançado pelo tradutor, razão por que não deve ser tomada como critério absoluto a nortear os juízos sobre a qualidade de determinada tradução. Essas dificuldades o autor situa como mais pertencentes ao campo da ciência, ainda que o brilho e o frescor de uma expressão nova, assim como seu influxo na língua de que faz parte, seja algo muito possível de sentir-se numa obra literária.

Quanto à arte especificamente, Schleiermacher traça dificuldades de natureza diversa, mas que igualmente servem ao propósito de relativizar a noção de fidelidade. Para o autor, a poesia e a prosa artística são caracterizadas, de maneira fundamental, pela presença do elemento melódico e rítmico.

Por conseguinte, o que ao leitor sensível da obra original impressiona neste aspecto como característico, intencionado e eficaz quanto ao tom e à disposição de ânimo, e como decisivo para o acompanhamento rítmico ou musical do discurso, deve também transmiti-lo o tradutor. Mas, quantas vezes – mais ainda, é já quase um milagre não ter que dizer “sempre” – a fidelidade rítmica e melódica estará em discordância irreconciliável com a fidelidade dialética e gramatical! E, quão difícil é, na vacilação acerca do que se deve sacrificar aqui ou ali, com frequência não se tome precisamente a decisão errada! Quão difícil, inclusive, é que o tradutor, quando há ocasião para isto, restitua equitativamente e de verdade o que aqui teve que tirar a cada parte e não caia, ainda que inconscientemente, em obstinada unilateralidade por inclinar-se mais seu gosto pessoal a um elemento artístico que a outro! (SCHLEIERMACHER, 2010: 67; 69)

Eis aí um dos grandes méritos que atribuo ao ensaio de Schleiermacher: o de que, tendo admitido como princípio a impossibilidade de correspondência perfeita entre duas línguas quaisquer, sujeitas que estão àquela irracionalidade, compreende que os êxitos e os fracassos de uma tradução, principalmente no campo da arte, estão intimamente ligados à subjetividade, à percepção e ao temperamento artístico, por assim dizer, do tradutor, que, contrariamente ao intérprete, efetivamente se sobressai ao texto original no transladá-lo a outra língua. Por essa razão, esses êxitos e fracassos serão sempre dissonantes, a depender não apenas do método a partir do qual se traduz, mas também de quantos tradutores empenham-se na versão de uma mesma obra a partir de um mesmo método. Resgatando novamente palavras do autor,

se nas obras de arte [o tradutor] prefere a matéria ética e seu tratamento, perceberá menos o estrago que faz ao elemento métrico e musical da forma e, em vez de pensar em repará-los, se contentará com uma translação cada vez mais cômoda e mais próxima à paráfrase. Mas, se acontece que o tradutor é músico ou metrificador, postergará o elemento lógico para se apoderar somente do musical; e, ao enredar-se mais e mais nesta unilateralidade, trabalhará cada vez mais insatisfatoriamente e, se

comparamos sua translação com a obra original em conjunto, ver-se-á que, sem se dar conta, cada vez se aproxima mais daquela insuficiência escolar que perde o todo para salvar o detalhe; (SCHLEIERMACHER, 2010: 69)

Talvez se possa protestar que essa descrição da atividade tradutória feita pelo autor pareça por demais negativa em relação aos êxitos do tradutor, condenado que estaria, por sua própria percepção e valoração dos elementos artísticos que compõem a obra original, a uma unilateralidade ilustrativa da insuficiência de seu produto em relação ao texto que traduz. No entanto, da maneira como leio o ensaio como um todo e os trechos que lidam com as dificuldades da tradução, em específico, parece-me, ao contrário, que o texto de Schleiermacher é um dos poucos nos quais se mostra uma postura verdadeiramente favorável ao tradutor. Não pretendo, com isso, dizer que o tradutor, entendendo-se as grandes dificuldades envolvidas em seu trabalho, precise ser *compreendido e perdoado por cometer* uma tradução da maneira como o faz; mas aponto para o fato de que Schleiermacher, mostrando, a meu ver, um entendimento mais maduro dos desafios envolvidos no ato de traduzir, parece não hierarquizar, com escalas valorativas um tanto questionáveis, que tipo de adesão aos valores artísticos do original produziria a melhor ou a pior tradução. Ao contrário, o autor mostra-nos que os diferentes tipos de adesão àqueles valores estão como que nivelados, e sua diversidade reflete não tanto a superioridade deste ou daquele tradutor quanto a compreensão que cada um deles retira da relação de determinação mútua estabelecida entre língua e falante, ou seja, da medida em que a língua age no pensamento do autor e o autor age nas estruturas da língua. Ao pressupor um contexto em que traduções aderentes ao método que venho comentando sejam massivamente praticadas por uma grande diversidade de tradutores, Schleiermacher deixa claro este ponto, afirmando que

poderá haver simultaneamente diferentes traduções de uma mesma obra concebidas desde pontos de vista diferentes, das quais nem sequer poderia se dizer que uma seja no conjunto superior ou menos perfeita, senão que apenas algumas partes estarão melhor realizadas em uma e outras partes na outra, e unicamente todas juntas e relacionadas entre si [...] cumprirão de todo a tarefa, pois, cada uma por si mesma nunca terá mais que um valor condicionado e subjetivo (SCHLEIERMACHER, 2010: 78).

1.2 A autonomia da tradução como forma: diálogo entre Walter Benjamin e Schleiermacher em prol de um projeto tradutório

Já na primeira metade do século XX, Walter Benjamin, em seu complicado ensaio “A tarefa do tradutor”, parte de uma premissa algo desconcertante, se comparada a certo pensamento sobre a tradução, que vigorou entre vários dos estudiosos já comentados neste trabalho. O

filósofo alemão abre seu ensaio dissociando da existência das obras de arte o propósito de comunicar algo àqueles que as apreendem. Para Benjamin, “[...] a arte pressupõe a essência corporal e espiritual do homem; *mas, em nenhuma de suas obras, pressupõe sua atenção*” (BENJAMIN, 2010: 203, grifo meu). Em outras palavras, as criações artísticas, ainda que usualmente se submetam à curiosidade, ao escrutínio e ao esforço interpretativo do homem, não seriam produzidas com o propósito de dizer-nos aquilo que delas podemos efetivamente retirar, como fruto de nossa vontade de atribuir sentido a nossas experiências. Da ideia de que uma dimensão comunicativa não é algo constitutivo da obra de arte em geral – para Benjamin, “Nenhum poema dirige-se, pois, ao leitor, nenhum quadro, ao espectador, nenhuma sinfonia, aos ouvintes.” (BENJAMIN, 2010: 203) – resulta como corolário, no pensamento do autor, que tampouco a tradução deva ter a comunicação do conteúdo da obra original como seu real objetivo. Daí a conhecida definição benjaminiana da má tradução como “uma transmissão inexata de um conteúdo inessencial” (BENJAMIN, 2010: 205), entendendo-se o essencial, por oposição, como aquilo que, numa obra, ultrapassa a comunicação, aquilo a que podemos chamar o *poético*.

A partir da perspectiva benjaminiana, a tradução é, tal qual seu original, considerada como uma forma. A sua apreensão como forma, contudo, demanda que se retorne ao seu original, tido como o lugar por excelência donde deriva a *lei* dessa forma específica que é a tradução, lei que seria apreensível no que Benjamin chama de a traduzibilidade contida na obra original. A traduzibilidade, por sua vez, é conceituada pelo filósofo como “uma propriedade essencial de certas obras — o que não quer dizer que a tradução seja essencial para elas, mas que uma determinada significação contida nos originais se exprime em sua traduzibilidade” (BENJAMIN, 2010: 207). O que a definição benjaminiana parece implicar, penso, é que uma obra literária tem sua significação ampliada pelas traduções que dela podem fazer-se; que uma obra literária, embora concluída por seu autor, tem significados essencialmente provisórios, seja porque está sujeita a mudanças ao longo de sua “pervivência”, seja porque uma parte de seu poder significativo não reside em si mesma enquanto construção de determinada língua e tempo – ou reside apenas como potência –, mas só pode expressar-se nas traduções. A tradução, enfim, transportaria a obra original a um patamar mais alto no que concerne a sua capacidade de significar.

Nesse sentido, na medida em que a traduzibilidade é uma propriedade essencial de certas obras, Benjamin enxerga original e tradução como instâncias conectadas por uma relação próxima e vital, cuja finalidade seria “expressar o mais íntimo relacionamento das línguas

entre si” (BENJAMIN, 2010: 209). Esse relacionamento íntimo, porém, não estaria imediatamente associado à proximidade entre determinadas línguas no que diz respeito a sua origem, senão ao fato de que, na perspectiva do autor, “as línguas não são estranhas umas às outras, sendo *a priori* – e abstraindo de todas as ligações históricas – afins naquilo que querem dizer.” (BENJAMIN, 2010: 209). Mas se tal afinidade não se expressaria por meio das ligações históricas entre as línguas, tampouco se pode ingenuamente crer que ela seria expressa pela correspondência exata com a forma e o sentido da obra original, a despeito da intensidade com que se a busque numa tradução (descontando-se ainda o fato de que, até onde sabia Benjamin quando escreveu – e até onde hoje nós sabemos –, a teoria da tradução ainda não pôde apontar, sem controvérsias, qual é o caminho por onde se chega a essa exatidão).

Se a semelhança entre duas obras – a original e sua tradução – não é, para Benjamin, a medida a partir da qual se evidencia aquela íntima relação entre as línguas, o autor, então, propõe qual seria o ponto revelador dessa afinidade interlinguística que, como defende, a tradução revelaria. Cito as palavras de Benjamin:

Onde se deveria buscar a afinidade entre duas línguas, abstraindo-se de um parentesco histórico? Certamente não na semelhança entre obras poéticas, nem tampouco na semelhança entre suas palavras. Toda afinidade supra-histórica entre as línguas repousa no fato de que, em cada uma delas, tomada como um todo, uma só e a mesma coisa é visada; algo que, no entanto, não pode ser alcançado por nenhuma delas, isoladamente, mas somente na totalidade de suas intenções reciprocamente complementares: a pura língua ou linguagem [Sprache]. Pois enquanto todos os elementos isolados — as palavras, frases, nexos sintáticos — das línguas estrangeiras se excluem, essas línguas se complementam em suas intenções mesmas (BENJAMIN, 2010: 213).

A partir delas, vemos que, no fim das contas, não é uma tarefa fácil compreender a maneira como Benjamin entende a revelação dessa afinidade entre as línguas, principalmente porque o resultado dessa “totalidade de suas intenções reciprocamente complementares”, ou seja, “a pura língua ou linguagem”, nos é algo bastante pouco tangível ou transparente. Assim sendo, apoiando-me novamente na validade do esforço interpretativo, sem o qual pouco ou nada se faz numa pesquisa em letras, ensaio e enuncio uma compreensão da maneira como se manifestaria tal afinidade, tentando o mais possível desvinculá-la de uma perspectiva metafísica que apenas com dificuldade parece comunicar-se.

Após o trecho a que acabo de referir-me, Benjamin prossegue estabelecendo a distinção, entre as línguas, no que diz respeito àquilo que elas visam e a seu “modo de visar”⁴⁰. O filósofo

⁴⁰ “Visar”, “visado” e “modo de visar” são as expressões usadas pela tradutora no texto publicado pela segunda edição do volume 1 da coleção Clássicos da teoria da tradução. Em tradução anterior (BENJAMIN, 2008), Susana Kampf Lages empregara “designar”, “designado” e “modo de designar”, palavras que, a despeito de eu

exemplifica essa distinção a partir das palavras “*Brot*” e “*pain*”, com as quais se diz “pão” em alemão e em francês, respectivamente, explicando que, enquanto ambas denotam o mesmo elemento visado, possuem modos de visar distintos e, na perspectiva dos falantes de cada uma dessas línguas, mutuamente excludentes. Para Benjamin, porém, essa oposição entre as palavras em seu modo de visar gera uma complementaridade entre as duas línguas. Nas palavras do autor: “De tal forma, o modo de visar nessas duas palavras se opõe, ao passo que ele se complementa nas duas línguas às quais elas pertencem. E o que se complementa nelas é o modo de visar convergindo para o que é visado.” (BENJAMIN, 2010: 213). Mas se essa complementaridade entre as línguas ocorre na medida em que distintos modos de visar convergem para um só objeto visado – com o que talvez se pudesse exemplificar a premissa benjaminiana de que todas as línguas são afins naquilo que querem dizer –, o problema da tradução não estaria, então, reduzido a uma operação de análise e seleção vocabular, de maneira que se elencassem, entre duas línguas distintas, aquelas palavras cujos modos de visar, embora diferentes, convergissem para um mesmo objeto visado? Em outras palavras, o problema da tradução não seria reduzido ao simples encontro de correspondências semânticas entre as línguas, tal como, semanticamente, as palavras “pão”, “*Brot*” e “*pain*” são correspondentes naquilo que denotam? Mas, embora esse raciocínio não me pareça disparatado na tentativa de compreender o modo como, para Benjamin, se efetiva essa complementaridade, ele vai contra a maneira como o filósofo pretende dissociar da tradução a relevância de um propósito comunicativo, ou seja, da simples correspondência entre significados. Neste ponto, parece-me ser possível e conveniente aproximar as ideias de Benjamin das de Schleiermacher, resgatando a distinção feita por este entre as atividades do intérprete e do tradutor genuíno, entre a tradução circunscrita ao mundo dos negócios e a tradução no âmbito mais elevado da ciência e da arte. Ao fazer essa distinção, lembremo-nos, Schleiermacher, delimitando a especificidade da tradução na ciência e na arte, trabalha com aquele raciocínio hipotético a respeito de uma correspondência integral entre as palavras de duas línguas quaisquer, da qual resultaria que a tradução, no domínio da arte e da ciência, seria tão mecânica quanto a tradução da esfera dos negócios⁴¹. Entretanto, a relação entre as diferentes línguas é perpassada por aquilo que Schleiermacher define como uma

não ter nada a dizer sobre a maior ou menor acuidade com que traduziriam seus termos correspondentes em alemão, pareciam-me melhores em relação ao sentido que carregam em português.

41 Recuperando as palavras do autor: “se nas duas línguas cada palavra de uma correspondesse exatamente a uma palavra da outra, expressando os mesmos conceitos com as mesmas extensões; se suas flexões representassem as mesmas relações, e seus modos de articulação coincidissem, de tal modo que as línguas fossem diferentes apenas para o ouvido; então, também no domínio da arte e da ciência, toda tradução [...] seria também puramente mecânica como na vida comercial; [...]” (SCHLEIERMACHER, 2010: 45; 47)

“irracionalidade”, ou seja, precisamente a impossibilidade dessa correspondência absoluta que, tornando-a mecânica, resolveria todos os problemas da tradução na ciência e na arte. Assim, na medida em que, entre duas línguas, cada palavra de uma *não* corresponde exatamente a uma de outra, *não* expressa os mesmos conceitos com as mesmas extensões etc., o problema da tradução na arte *não* pode ser resolvido apenas pela correspondência mais ou menos acurada entre os significados das palavras de duas línguas quaisquer.

Não se trata, portanto, de uma simples fidelidade em relação ao sentido a partir da busca pela correspondência semântica entre as palavras. Recuperando Benjamin, é assim também que o filósofo oferece-nos condições de responder aos questionamentos que fiz acima a respeito da complementaridade entre as línguas na convergência do modo de visar para aquilo que é visado. Ao abordar a antiga e tão debatida dicotomia fidelidade e liberdade na tradução, Benjamin refere-se ao fato de que a fidelidade na tradução de cada palavra isolada não é suficiente para a reprodução total do sentido da obra original, precisamente porque, “segundo sua significação literária para o original, o sentido não se esgota no visado; ele adquire essa significação precisamente pela maneira como o visado se liga, em cada palavra específica, ao modo de visar.” (BENJAMIN, 2010: 221). Isso implica que, tal como na perspectiva de Schleiermacher, a arte eleva a língua a patamares mais complexos de significação, acirrando aquela “irracionalidade” entre as línguas – ou seja, pondo em xeque a suficiência das correspondências semânticas que existe na tradução comercial –, para Benjamin igualmente a literatura desestabiliza a relação entre os objetos visados e seus modos de visar, uma vez que, nesse domínio, o que o modo de visar denota frequentemente ultrapassa o objeto visado, em virtude de as palavras carregarem consigo uma “tonalidade afetiva” (BENJAMIN, 2010: 221). Dessa forma, a complementaridade e a afinidade entre as línguas, no que diz respeito à relação de uma obra literária com sua tradução, não poderia se manifestar apenas na busca do tradutor por, com os modos de visar característicos de sua língua, referir-se aos mesmos objetos visados pelas palavras da obra original, já que essa relação entre modo de visar e objeto visado na obra original não é completamente transparente, na medida em que ela não é simplesmente comunicação. Em outras palavras, ao ter o simples estabelecimento de correspondências semânticas entre as línguas como padrão a partir do qual orienta uma tradução, o tradutor perderia, muitas vezes, justamente essa “tonalidade afetiva” das palavras, ou seja, perderia aquilo que ultrapassa, no processo de significação de uma obra, a relação entre um modo de visar e um objeto visado.

E qual haveria de ser, então, a maneira como, em uma tradução, se põe em relevo essa afinidade, se atinge essa complementaridade entre as línguas? A despeito da dificuldade que podemos ter em alcançar com o entendimento aquilo a que Benjamin efetivamente refere-se ao falar numa “pura língua”, é oportuno que olhemos para a forma como o filósofo, enfim, concebe qual deva ser “a tarefa do tradutor”: “A tarefa do tradutor é redimir na própria a pura língua, exilada na estrangeira, liberar a língua do cativo da obra por meio da recriação [*Umdichtung*]” (BENJAMIN, 2010: 225). E para que ele esteja à altura do desafio que sua tarefa lhe impõe, Benjamin entende que o tradutor deve ressignificar aquela relação entre fidelidade e liberdade que a teoria tradicional da tradução lhe ensinou, o que implicaria o abandono da necessidade de restituir, na língua da tradução, o sentido da obra original, deixando de lado, portanto, aquilo que, na obra, restringe-se à comunicação. Para alcançar essa “redenção da pura língua” na própria língua, o tradutor deveria assumir um novo tipo de fidelidade, expresso numa literalidade que, não podendo mais ser entendida como a conservação do sentido do original, procuraria seguir o mais de perto possível a sintaxe do original, procedimento com o qual, para o autor, se destruiria a dimensão comunicativa da tradução, submetendo-a ao risco da ininteligibilidade. O inspirado e conhecido símile com o qual Benjamin representa a relação a partir da qual se deve compreender essa nova forma de literalidade pode auxiliar-nos na compreensão daquilo que o filósofo pretende ao afirmar a existência de uma relação tão íntima entre as línguas, a qual competiria à tradução revelar. Vejamos:

Da mesma forma como os cacos de um vaso, para serem recompostos, devem seguir-se uns aos outros nos mínimos detalhes, mas sem serem iguais, a tradução deve, ao invés de procurar assemelhar-se ao sentido do original, conformar-se cuidadosamente, e nos mínimos detalhes, em sua própria língua, ao modo de visar do original, fazendo com que ambos sejam reconhecidos como fragmentos de uma língua maior, como cacos são fragmentos de um vaso (BENJAMIN, 2010: 221).

Mais do que a correspondência entre os objetos visados, portanto, com o que se poderia chegar a uma semelhança do sentido entre original e tradução, esta deve procurar alinhar-se ao modo de visar do original, para que ambas as línguas, afins em sua natureza mas não por isso idênticas, possam mostrar-se como parte de uma “língua maior” – a “pura língua”. Se, como se viu, Benjamin concebe as palavras de cada língua como distintas em seu modo de visar, essa conformação da língua em que se traduz ao modo de visar da língua da obra original implica sem dúvida que se procure, com a língua de chegada, lançar luz sobre as estruturas da língua de partida, em vez de obscurecê-las, naturalizando-as em nome da restituição do sentido da obra original. Aqui novamente a concepção de Benjamin sobre a

tradução aproxima-se daquela defendida por Schleiermacher, já que, para este, o mais bem acabado método de tradução deveria buscar conscientemente revelar, na estrutura mesma da língua materna do tradutor, o fato de que aquilo que nela se veicula concebeu-se a partir de uma forma de imaginação e criação que lhe é estranha⁴². Essa aproximação é ainda reforçada por duas passagens do texto de Benjamin. Na primeira delas, o filósofo, ao advogar pela abstração do sentido do original na tradução – o que constituiria aquela literalidade posta sob uma nova perspectiva –, nos diz que “o maior elogio a uma tradução, sobretudo na época de seu aparecimento, não é poder ser lida como se fosse um original em sua língua.” (BENJAMIN, 2010: 221; 223). A segunda das passagens verifica-se quando Benjamin ressignifica também a noção de liberdade cristalizada na teoria da tradução, afirmando que, ao seguir aquela literalidade em relação à sintaxe, ao procurar conformar-se ao modo de visar do original, a liberdade do tradutor é posta também sob outra perspectiva, não se tratando mais de uma liberdade em relação às palavras ou à sua forma de arranjo e disposição⁴³ no original, em nome de uma reprodução acurada de seu sentido, mas precisamente do contrário: a liberdade na tradução, para Benjamin, é a emancipação do tradutor em relação à própria tarefa de restituição do sentido. No momento, pois, em que define em tais termos a liberdade, Benjamin cita uma passagem de Rudolf Pannwitz, na qual acredita que o verdadeiro significado dessa liberdade tenha sido caracterizado. Eis como:

Nossas traduções (Übertragungen), mesmo as melhores, partem de um falso princípio. Elas querem germanizar o sânscrito, o grego, o inglês, em vez de sanscritizar, helenizar, anglicanizar o alemão. Elas têm muito [mais] respeito (Ehrfurcht) pelos usos de sua própria língua do que pelo espírito da obra estrangeira. [...] O erro fundamental do tradutor (Übertragenden) é conservar o estado contingente de sua própria língua em vez de deixá-la mover-se violentamente através da língua estrangeira. Sobretudo quando se traduz de uma língua muito distanciada, é preciso remontar até os últimos elementos da própria linguagem, até esse fundo onde palavra, imagem e som se interpenetram. É preciso ampliar e aprofundar sua própria língua graças à língua estrangeira. Ninguém sabe até que ponto isso é possível, até que ponto uma língua pode transformar-se, considerando que uma língua se distingue de outra quase como um dialeto se distingue de outro. Essa distinção, contudo, se perde quando se toma a língua de maneira leviana, e não quando se lhe toma com a devida seriedade (PANNWITZ, *apud* BENJAMIN, 2008: 64)⁴⁴

42 Isso tendo em vista aquela relação de determinação mútua da qual, para Schleiermacher, resultam as grandes obras da arte e da ciência e cuja apreensão seria necessária para compreendê-las, no sentido mais forte da palavra. Ou seja, uma relação em que a língua assenhora-se dos usos que dela faz o falante, mesmo de sua maneira de imaginar, ao passo que o falante é também capaz de agir na língua, ampliando-lhe as fronteiras.

43 E aqui é bom lembrarmos de que, como já vimos neste trabalho, tanto a tradução palavra por palavra, quanto uma tradução mais comprometida com o arranjo sintático da obra original já foram vistas, ao longo da história da tradução, como expoentes da servilidade do tradutor em relação ao original, ou seja, do não exercício daquela liberdade que se via como salutar, contanto que o sentido do autor se preservasse.

44 Suzana Kampff Lages, cuja tradução do texto de Benjamin publicada em 2010 venho seguindo, indica em nota que, “Como Stefan George, Pannwitz ignora as maiúsculas e as vírgulas, numa tentativa de aproximar o

Nota-se a convergência entre o pensamento de Pannwitz e de Benjamin precisamente no que diz respeito à afinidade entre as línguas, já que o primeiro crê que elas, tomadas “com a devida seriedade” – que poderia ser mesmo a abordagem filosófica de Benjamin –, não sejam tão diferentes umas das outras quanto o são entre si os dialetos. Destaque-se também que Pannwitz parece ver como a grande potência da tradução a possibilidade de expansão dos limites da língua materna do tradutor, uma vez que este deixe-a “mover-se violentamente atrás da língua estrangeira” (concepção de tradução igualmente próxima àquela exposta no ensaio de Schleiermacher). Quando comparamos as ideias de Pannwitz com o modo como Benjamin entende a tarefa do tradutor – “redimir na própria a pura língua, exilada na estrangeira, liberar a língua do cativo da obra por meio da recriação” –, talvez possamos nos aproximar um pouco mais de uma compreensão do que seria essa pura língua de que o filósofo nos fala. Pois, após enunciar essa tarefa, Benjamin afirma: “Em nome da pura língua, o tradutor rompe as barreiras apodrecidas da sua própria língua: Lutero, Voss, Hölderlin, George ampliaram as fronteiras do alemão.” (BENJAMIN, 2010: 225). Ora, se o alcance dessa pura língua promoveria a ruptura de barreiras da língua materna do tradutor e se Benjamin exemplifica esse processo citando precisamente alguns dos tradutores que expressaram, em suas obras, a maneira como submeteram sua própria língua ao influxo da estrangeira (tal qual propõem Pannwitz e Schleiermacher), a pura língua benjaminiana expressaria esse estado de comunhão entre todas as línguas na medida em que estas pudessem interpenetrar-se de maneira que uma já significasse por meio do modo de visar de outra. Nessa perspectiva, reitera-se, as línguas não seriam afins pela capacidade de visar, de maneiras distintas, coisas correspondentes, mas porque poderiam, ao contrário, aparentar-se de forma tão íntima no modo de visar – e é relevante aqui a redução que Pannwitz faz da distinção entre as línguas quase ao nível dialetal –, que a semelhança em relação aos objetos visados já deixasse de ser uma questão. Tratar-se-ia daquilo que Benjamin afirmou ser a medida em que duas línguas distintas conviveriam como partes de uma mesma língua, maior que ambas. É nesse sentido que Benjamin propõe, então, que a relação entre a tradução e o sentido da obra original seja comparável à que se trava entre a tangente e a circunferência:

da mesma forma como a tangente toca a circunferência de maneira fugidia e em um ponto apenas, sendo esse contato, e não o ponto, que determina a lei segundo a qual ela continua sua via reta para o infinito, a tradução toca fugazmente, e apenas no ponto infinitamente pequeno do sentido do original, para perseguir, segundo a lei da

alemão da grafia dos substantivos em outras línguas.” Em sua tradução, a autora opta por preservar essa escolha linguística de Pannwitz, o que acaba por embargar ligeiramente a inteligibilidade do trecho. Por essa razão, para esta passagem específica, vali-me da tradução de Karlheinz Barck e outros, publicada na obra *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*, de 2008.

fidelidade, sua própria via no interior da liberdade do movimento da língua (BENJAMIN, 2010: 225).

Se o esforço feito até aqui pode ter sido útil para um entendimento menos obnubilado da maneira como Benjamin concebe a afinidade entre as línguas e a forma como a tradução, tocando aquela “pura língua”, a revelaria, o procedimento a partir do qual concretamente se chegaria a tal resultado – se bem que o autor proponha a literalidade em relação à sintaxe do original como um modo – ainda nos parece algo pouco preciso.

George Steiner (1994), quando passa em revista as várias contribuições historicamente legadas ao campo da tradução, reitera uma visão que sustenta acerca do estatuto da Teoria da Tradução. Para o autor, a despeito dos diversos pensadores que descreveram e recomendaram as maneiras mais adequadas de traduzir, a Teoria da Tradução ainda não conseguiu estabelecer com rigor o método por meio do qual se alcança uma tradução ideal. Para Steiner:

O problema é: *como?* Como se realiza este ideal de mediação e, se possível, como se o transforma em método? Graças a que talento prático o tradutor consegue produzir aquele delicado equilíbrio binário no qual, para usar a fórmula de Wolfgang Schadewaldt, “o seu modo de expressar-se é já inconfundivelmente grego e, todavia, ainda autenticamente alemão?” (STEINER, 1994: 322, grifo no original)

A citação desse trecho de Steiner, aliás, vem muito a propósito à discussão que temos feito da concepção benjaminiana de tradução, principalmente porque, no exemplo de que o autor se vale para ilustrar “aquele delicado equilíbrio binário” que uma boa tradução pressuporia, ou seja, na fórmula de Schadewaldt, encontra-se uma imagem da tradução bastante aproximada daquele ideal que Benjamin parece valorizar, seja quando propõe o símile do vaso, segundo o qual as duas línguas seriam partes de um mesmo todo maior, seja quando cita Pannwitz, vendo nas ideias deste uma concepção precisa daquilo que ele, Benjamin, entenderia como a verdadeira liberdade do tradutor, a qual este exerceria em nome da pura língua, por um lado, e da renovação dos limites gastos da própria, por outro.

Terá importância comentar ainda uma última passagem de Benjamin, a despeito de eu ter consciência de que a leio provavelmente não como o filósofo a concebeu, mas de uma forma a fazê-la reforçar um entendimento pessoal de questões envolvidas na tradução (se não for isso o que tenho feito desde o início deste capítulo, se não for o que, enfim, se deve fazer face à parcialidade do alcance de nossa compreensão desses textos). Trata-se do trecho em que Benjamin propõe que,

Na tradução, o original cresce e se alça a uma atmosfera por assim dizer mais elevada e mais pura da língua, onde, é claro, não poderá viver por muito tempo, da

mesma forma como o original sequer alcança tal atmosfera com todas as partes de sua composição, mas à qual, de modo prodigiosamente insistente, ele ao menos alude, indicando o âmbito predestinado e interdito da reconciliação e plenitude das línguas. Jamais ele o alcança de uma vez por todas: mas nele está o que numa tradução ultrapassa a comunicação. Em termos mais precisos, pode-se definir esse núcleo essencial como aquilo que numa tradução não pode ser re-traduzido (BENJAMIN, 2010: 215).

Interessa-nos aqui, em primeiro lugar, a ideia de uma essência da obra original que competiria à tradução relevar, uma essência à qual o original, aliás, tem acesso não com a totalidade de sua composição, mas apenas parcialmente, com aquelas partes que correspondam talvez ao que se definiria como o *poético*. A tradução, por sua vez, seria capaz de fazer com que o original atingisse essa essência, essa esfera mais elevada e pura da língua, quando, prescindindo daquela “transmissão inexata de um conteúdo inessencial”, lançasse luz sobre uma dimensão do original que vai além da simples comunicação. Essa dimensão, enfim, seria aquilo que, numa tradução, não poderia ser retraduzido. Mas o que é, afinal de contas, que não pode ser retraduzido numa tradução? Que núcleo essencial é esse? Será que poderíamos identificá-lo, se tentássemos retraduzir uma tradução? Consciente de que a abordagem filosófica de Benjamin não deve ser afeita a esse tipo de relativismo, eu responderia que o que não pode ser retraduzido numa tradução é uma forma específica de compreensão do original, que o tradutor expressa em seu traslado daquela obra. E aqui vale resgatarmos novamente a ideia de compreensão com que trabalha Schleiermacher, ou seja, aquele entendimento da relação que se trava entre falante e língua, seja no todo da obra, seja em partes específicas dela, do qual o tradutor pretende, enfim, formular uma imagem concreta: a sua própria tradução.

Vejamos enfim a conclusão a que Benjamin chega a partir da última passagem que transcrevi. Para o autor:

A tradução transplanta, portanto, o original para um domínio — ironicamente — mais definitivo da língua, mais definitivo ao menos na medida em que não poderá mais ser transferido de lá para parte alguma por qualquer outra transposição [Übertragung]; poderá apenas ser alçado a ele, sempre de novo e em outras partes (BENJAMIN, 2010: 217).

Esse movimento de transporte do original para “um domínio mais definitivo da língua” poderia ser, na leitura que aqui proponho, precisamente a maneira específica como determinado tradutor transformou em ato aquelas insistentes alusões que a obra original faz, em determinadas partes, àquele “âmbito predestinado e interdito da reconciliação e plenitude das línguas.” Dito de outra forma, seria a maneira como um tradutor pôde seguir a lei da forma que a tradução é, lei expressa na traduzibilidade inerente à obra original. Ou ainda, para

distanciar-me da linguagem benjaminiana, seria a maneira como o tradutor cristalizou a imagem que seu esforço interpretativo pôde construir a partir da obra original. Nesse sentido, algo em uma tradução efetivamente poderia não se submeter a uma retradução, na medida em que de uma tradução se possa dizer que ela já é e não é o original ao mesmo tempo, de maneira que a uma retradução não tocara mais a relação primeira travada entre original e tradução, mas sim entre esta e sua retradução, a qual seria, no fim das contas, um texto em um grau mais elevado de derivação. Mas, se o lugar a que uma tradução transplanta o original é definitivo, Benjamin não deixa de sinalizar que o original pode ser constantemente elevado a esse lugar de novo, por outras traduções as quais, penso, o alçariam necessariamente de outra maneira, dado que seriam o resultado da cristalização, em uma forma, de outra imagem do original, decorrente de outro esforço interpretativo.

O problema na formulação de uma concepção metafísica da tradução, tal qual Benjamin a propõe, está, a meu ver, no fato de que ela parece tender à produção do apagamento de individualidades – dos tradutores, entenda-se – na tradução. Há um sentido específico em que o pensamento de Benjamin não condiz, absolutamente, com essa minha última proposição, que se trata do seguinte: quando põe em xeque a importância da dimensão comunicativa das formas artísticas como um todo, e portanto da tradução, o filósofo ressignifica aquela noção de servilidade concebida pela tradicional teoria da tradução, a de que traduzir da forma x ou y – no mais das vezes traduzir palavra por palavra ou linha por linha – seria um ato servil ao autor ou à obra original, devendo o tradutor exercer sua liberdade artística, desde que não traísse o sentido, ou o “espírito”, da obra. Benjamin repropõe essa ideia ao postular que, enquanto o tradutor tiver como objetivo a reprodução, em sua língua, do sentido da obra original, sua atividade está, de fato, posta a serviço dos leitores e, portanto, daquilo que não é o essencial quando se trata de uma obra artística. Ora, libertar o tradutor do serviço ao leitor sugere-me exatamente o contrário de apagar-lhe a individualidade no processo tradutório. Contudo, o trabalho com a noção de uma essência tende a colocar a questão da tradução em termos de verdadeiro *versus* falso e estabelecer um critério ainda mais duvidoso para o julgamento da qualidade de uma tradução. Pois, se a tradução inexata do inessencial, aquela que adere ao aspecto comunicativo da obra original, está a serviço do leitor, a tradução exata do que é essencial, ou seja, aquela que tenderia a revelar a relação íntima e vital que existe entre as línguas, estaria a serviço da noção abstrata de “pura língua”. Nessa perspectiva, embora qualquer julgamento nesse sentido não seja isento de controvérsia, não me é difícil determinar onde seria preferível fixar o critério a partir do qual uma tradução devesse ser

valorizada (ao menos os leitores são de carne e osso e habitam o mundo real). Estando, pois, a serviço da pura língua e assumindo sua tarefa de redimi-la na própria, quando é que o tradutor teria certeza de que cumpriu a missão? E quem poderia lhe dizer se a cumpriu?

Essa problematização remete-me, novamente, à pergunta que Steiner lança quando põe em questão *o como* se chegaria àquele “delicado equilíbrio binário”. A ela poder-se-iam acrescentar, ainda, as seguintes: *o que é* esse “delicado equilíbrio binário”? Será mesmo que ele reside inteiramente no próprio texto traduzido, como marca irrefutável de seu logro em estabelecer uma relação ideal com a obra original? Ou seria sua existência condicionada à valoração crítica daqueles que, em última instância, se apropriarão do texto traduzido? Em outras palavras, o sucesso de uma tradução, a medida ideal em que ela reenvia ao original, ao mesmo tempo que o reinventa, a medida ideal em que ela se funde ao original ou o eleva àquela esfera mais pura da língua, seria uma qualidade intrínseca ao texto traduzido? Ou se trataria, talvez, de algo que apenas pode construir-se na relação com o leitor? Será mesmo que, no fim das contas, a recepção pode ser abstraída da vida da obra de arte? Do fato de que esta não seja criada para comunicar algo ao receptor, ou seja, não pressuponha sua atenção, não me parece seguir, necessariamente, que ela não encontre no receptor e em sua atenção certas condições para a aferição de seu valor, assim como para sua sobrevivência. As próprias traduções de Sófocles por Hölderling, consideradas monstruosidades aos olhos do século XIX, não precisaram, elas mesmas, da leitura e apreciação crítica de Benjamin para serem consideradas por este como “protótipos de sua forma” (BENJAMIN, 2010: 227)?

O ponto que Steiner deseja estabelecer, ao problematizar a questão do “como” na teoria da tradução, é justamente o da impossibilidade de se poder falar, com o rigor característico do termo, em uma Teoria, independentemente do autor que se confronta. Isso porque, segundo Steiner, toda a reflexão empreendida acerca do ato tradutório, até nossos dias, limitou-se a destacar os produtos mais bem acabados do processo de tradução, sem se deter a contento na sistematização das operações por meio das quais se puderam alcançar tais produtos. Ao ampliar o questionamento de Steiner, quero propor que, mesmo a possibilidade de rotularmos textos como as melhores traduções desta ou daquela obra pode ser parte não apenas dos méritos das traduções em si, mas também das relações que os textos traduzidos travam com seus leitores⁴⁵.

45 É digno de nota, aqui, que, quando se levantam esses questionamentos a respeito da tradução, se a aproxima, de certa maneira, do estatuto das próprias obras originais, uma vez que, também estas, têm seu valor artístico nalguma medida ligado ao contato que travam com seus receptores, não residindo simplesmente em características que lhes sejam intrínsecas. Aproximar original e tradução é lícito, ainda, no que diz respeito à

Não obstante essa visão relativista do processo pareça entrar em choque com a abordagem metafísica benjaminiana, ensaio de alguma forma, nos procedimentos tradutórios a que submeti os poemas de Juvenal, se não um tipo de conciliação entre essas concepções, ao menos um aproveitamento frutífero dos ideais de Benjamin para a construção de uma proposta de tradução das *Sátiras* para o português (frutífero não tanto porque deram bons resultados, algo que só os leitores me diriam, mas porque me auxiliaram a alcançar *algum* resultado). Para tanto, valho-me da mediação de Haroldo de Campos entre essas visões, uma vez que esse pensador da tradução já enfrentou também o desafio de *traduzir*, por assim dizer, o pensamento metafísico de Benjamin sobre a tradução em termos mais concretos, relacionando-o à noção jakobsoniana das funções da linguagem, em texto intitulado “Tradução como reconfiguração do imaginário: o tradutor como transfigidor” (CAMPOS, 2011).

O que dessa aproximação feita por Haroldo de Campos entre Benjamin e Jakobson me importa, efetivamente, é a maneira como, por intermédio do último, o autor brasileiro reinterpreta a “tarefa do tradutor” tal como o filósofo a concebe, isto é, aquela redenção da “pura língua” operada na língua do tradutor quando este traduz uma obra estrangeira. Como já foi visto aqui, no pensamento de Benjamin, uma obra literária parece desestabilizar um tipo de relação imediata entre o “visado” e o “modo de visar” em uma determinada língua, uma vez que a significação, na palavra artística, frequentemente ultrapassa os limites do objeto visado, em virtude daquela “tonalidade afetiva” que as palavras carregariam. Jakobson, lembra-nos Haroldo de Campos, ao abordar a relação entre as funções poética e referencial da linguagem, propõe que “A supremacia da função poética sobre a função referencial não oblitera a referência, mas torna-a ambígua.” (JAKOBSON, 2010: 149). Ora, essa ambiguidade que a função poética empresta ao conteúdo referencial de uma mensagem poderia ser comparada precisamente ao modo como, para Benjamin, a literatura faz com que o modo de visar em uma língua extrapole os objetos visados pelas palavras que a ela pertencem. A referencialidade, quando sujeita à função poética, embora não deixe de existir, passa a ocupar uma posição de menor importância, já que convive com uma mensagem de

própria natureza dos processos criativos dos quais eles emergem. Pois, se é verdade que a tradução sempre se reportará de algum modo a uma entidade que lhe é anterior, ou seja, à obra original, esta também não se cria demiurgicamente, como se derivada do mundo das ideias ou resultante unicamente do gênio individual de seu autor. Sobre essa comparação entre criação e tradução, lembremo-nos, por exemplo, das seguintes palavras de Paul Valéry: "Escrever o que quer que seja, de imediato o ato de escrever exige reflexão, e não é a inscrição mecânica e sem interrupções de uma fala interior espontânea, é um trabalho de tradução perfeitamente comparável ao que opera a transmutação de um texto de uma língua a outra." (VALÉRY, 2004: 197).

outra natureza, a qual, ultrapassando a dimensão da comunicação referencial⁴⁶, poderia constituir-se justamente nas alusões que uma obra faz àquela esfera mais elevada e pura da língua a que a tradução tende a transportá-la, conforme a concepção benjaminiana.

Alhures, Haroldo de Campos destaca que, na perspectiva de Benjamin, a relação de servidão entre original e tradução é ressignificada na medida em que, segundo o primeiro, o autor alemão nos faria concluir, com seu pensamento, que na verdade a obra original é que de alguma forma está a serviço da tradução, porque a liberaria do compromisso de comunicar e, além disso, forneceria à tradução seu caminho de realização – encerrado na traduzibilidade do original – devendo o tradutor dedicar-se a “uma redação das formas significantes em convergência e tendendo à mútua complementação (CAMPOS, 2011: 23)”. Essa redação das formas significantes, a que Haroldo chama “transcrição”, é entendida pelo autor como “a operação que traduz, no poema de chegada, a *coreografia da “função poética”* jakobsoniana surpreendida e desocultada no poema de partida” (CAMPOS, 2011: 62, grifo meu).

Ora, esse processo de tradução da abordagem essencialista de Benjamin em termos mais concretos por Haroldo de Campos, ou como quis o próprio Haroldo, esse equacionamento da “metafísica” (Benjamin) com a “física” (Jakobson) da tradução, ajuda-nos a como que fazer as pazes com o pensamento benjaminiano, aproveitando-lhe o que tem de efetivamente sugestivo para a atividade tradutória, no que diz respeito ao método de se realizá-la.

Para chegar, enfim, ao objeto efetivo deste trabalho, ou seja, às *Sátiras* de Juvenal, vale uma última palavra sobre esta proposta haroldiana de tradução da “coreografia da função poética” do original, a fim de reiterar, ainda uma vez, o entendimento que aqui adoto sobre a tradução: o de que ela é resultado da leitura individual e historicamente situada de uma obra, refletindo a maneira como a obra dá-se ao entendimento do tradutor, por um lado, e à sua percepção estética, diríamos, por outro. Nesse sentido, a tradução é o transporte do original para outra língua, a partir de uma imagem *parcial* que dele faz o tradutor, seja porque é linguisticamente impossível (lembremo-nos da “irracionalidade” de que fala Schleiermacher) repropor a obra original completamente, seja porque o tradutor naturalmente, influenciado por sua própria percepção estética, iluminará certos aspectos da obra e tornará outros opacos, não obstante

46 Ilustra bem essa convivência entre *mensagens*, por assim dizer, de natureza distinta, o exemplo dado por Jakobson do *slogan* político “I like Ike”, no qual o conteúdo referencial imediatamente comunicado coexiste com um substrato paronomástico decorrente da função poética da linguagem, de modo que o referencial e o poético convergem para a intensificação do primeiro, com o uso do expediente pelo qual a realização fonográfica do nome próprio (“Ike”) contém-se por inteiro no verbo (“like”) que indica o sentimento do sujeito (“I”) em relação ao objeto (o mesmo “Ike”).

faça os mais hercúleos esforços para realizar a totalidade das potências da obra original. É por essa razão, enfim, que uma tradução nunca é definitiva, não apenas porque, como propôs Benjamin, a língua materna do tradutor mudará e a tornará obsoleta, mas também porque sempre haverá outra maneira de se reapresentar o original, sob ângulos que uma tradução pode privilegiar, enquanto outra os negligencie. Sobre isso, aliás, vale a pena resgatar as palavras com que Humboldt define as várias traduções de uma mesma obra, na introdução à sua tradução do *Agamemnon*: “São, pois, outras tantas imagens do mesmo espírito, cada qual reproduzindo aquilo que foi capaz de conceber e representar: mas o verdadeiro espírito repousa somente no texto original.” (HUMBOLDT, 2010: 117).

Retornando, então, àquela última palavra que suspendi acerca da proposição haroldiana, é útil que comparemos, no que concerne a esse propósito de “traduzir a função poética da linguagem”, tradução e crítica⁴⁷ como formas análogas de empreender esse ato de tradução. Pois a atividade do crítico, tal como a do tradutor, igualmente reapresenta a obra a partir de um esforço interpretativo específico, a partir de um ponto de vista específico, lançando luz sobre aspectos específicos dessa função poética a partir da qual o original se gera. E tal qual o tradutor, o crítico é também incapaz de reapresentar a totalidade da obra em seu esforço interpretativo – pois somente a obra mesma pode fazê-lo –, razão porque o discurso da crítica sobre uma obra nunca será definitivo e sempre admitirá, acolhendo-a com entusiasmo, a multiplicidade de leituras, da qual a própria obra sai engrandecida. Como que parafraseando a relação que Aristóteles, na *Poética*, estabelece entre poesia e história, eu diria que, enquanto a obra dá-se-nos como efetivamente é, é nosso esforço de apreendê-la e reduzi-la a uma compreensão – processo do qual tradução e crítica sejam talvez os mais acabados exemplos – que a revela como tudo o que ela *poderia ser*. Objetivando igualmente traduzir a função poética presente na obra original, tradução e crítica distinguir-se-iam, creio, naquilo de que se valem para fazer isso: enquanto a primeira traduziria aquela coreografia da função poética valendo-se igualmente da função poética na língua de chegada, ou seja, objetivando *reencenar* aquela coreografia, a crítica, por sua vez, se esforçaria por traduzir a função poética valendo-se da referencialidade, como que a *descrevendo*. Vale, no entanto, para ambos os casos, o princípio fundamental de que, dos movimentos daquela coreografia, cada um capta o que pode. A maneira como os captei nas *Sátiras* de Juvenal é precisamente o que passo a apresentar no capítulo 2.

47 Atividades, aliás, que o próprio Haroldo de Campos aparentou, em seu ensaio intitulado “Da tradução como criação e como crítica”, também presente na obra de 2011 de que tenho me servido.

2. AS SÁTIRAS DE JUVENAL EM PORTUGUÊS

2.1 O Juvenal lusófono: breves comentários sobre as traduções portuguesas de Francisco António Martins Bastos e António de Sousa da Silva Costa Lobo

A partir do que fica exposto no primeiro capítulo deste trabalho a respeito das noções sobre a tradução com as quais dialogo mais de perto, pode-se já depreender o tipo de tradução a que submeti a obra de Juvenal. Dessa forma, para transmitir uma ideia mais exata daquele projeto tradutório resultante das aproximações feitas entre Schleiermacher e Benjamin, resta-me apenas enunciá-lo explicitamente, em suas particularidades, assim como fornecer uma exemplificação comentada de algumas das escolhas feitas na tradução das *Sátiras* proposta nesta tese. Além de fazer observações sobre a natureza dessas escolhas, neste capítulo também comentarei brevemente acerca de duas propostas de tradução integral das *Sátiras* de Juvenal para o português – as duas únicas de que tenho notícia –, procurando destacar alguns de seus aspectos relevantes para que se tenha uma ideia da imagem que esses textos veiculam, tanto de Juvenal quanto de sua poesia. Trata-se das traduções de Francisco António Martins Bastos (texto que circula no Brasil pela Ediouro), de 1839, e de António de Sousa da Silva Costa Lobo, de 1878. Ressalvada a verossímil possibilidade de simples desconhecimento de minha parte, não parece haver traduções integrais da obra de Juvenal feitas no Brasil, tampouco após o século XIX, o que potencialmente recobre o trabalho que aqui proponho de uma importância maior. Terá tido bons méritos, se for capaz, de alguma forma, de aqular a atenção dedicada à obra de Juvenal no Brasil, seja por parte de professores e estudiosos da área dos estudos clássicos, seja por parte de outros tradutores, seja ainda por parte de leitores interessados.

Começo as observações que aqui se apresentarão a partir do segundo propósito, comentando, pois, alguns aspectos relevantes para que se pensem as traduções de Martins Bastos e Costa Lobo. O produto final de tais traduções mostra-nos a decisiva influência da maneira como determinado tradutor lê uma obra literária – e mesmo, às vezes, do conhecimento que julga ter a respeito da vida de seu autor – para as escolhas que faz ao traduzi-la.

No caso de Martins Bastos, o primeiro ponto relevante para se pensar sua tradução das *Sátiras* é a maneira como, a partir da obra poética de Juvenal, o tradutor português adere a uma concepção clara a respeito não apenas da vida, mas também do caráter do satirista latino. Mônica Vitorino (2003), no primeiro capítulo de sua obra *Juvenal: o satírico indignado*,

oferece-nos um instrutivo panorama acerca das dificuldades envolvidas em se estabelecer dados precisos e indiscutíveis sobre a biografia de Juvenal, em virtude da escassez de fontes históricas confiáveis. Conforme a autora, todas as tentativas de compilar informações da vida de Juvenal são baseadas em fontes de quatro naturezas distintas, a saber: dados autobiográficos, que seriam depreendidos das passagens em que o poeta, em suas sátiras, faz afirmações em primeira pessoa; dados de uma tradição biográfica, perpetuada em notas biográficas encontráveis junto a manuscritos tardo-imperiais ou medievais igualmente pouco precisas, uma vez que provavelmente derivadas de inferências feitas por escoliastas a partir da leitura das próprias sátiras; referências em documentos históricos, a única das quais – sem ser isenta de controvérsias a respeito da identificação com o satirista – consiste na dedicatória de um templo a Ceres por um Iunius Iuvenalis, ocupante de uma posição de certo prestígio social durante o principado de Vespasiano; e referências em outros autores, sendo Marco Valério Marcial o único que, em três poemas distintos (os epigramas VII, 24; VII, 91 e XII, 18), legou-nos alguma menção explícita a Juvenal⁴⁸.

A despeito dos problemas envolvidos na reconstrução da biografia do poeta, Martins Bastos, no prólogo a sua tradução, entende como parte da estima que se tem por um autor – da qual traduzir-lhe a obra seria a mais elevada demonstração – tornar também sua biografia acessível, com a qual se poderia “apresentar ao público o retrato do original com todas as côres, que exprimem suas feições moraes, contidas nos escritos do Author que se traduz.”⁴⁹ (JUVENAL, 1839: iv). Assim, o tradutor aceita a tarefa que a deferência pelo autor do original lhe impõe e, sem manifestar qualquer hesitação a respeito, fixa-lhe o lugar de nascimento em Aquino, com base no conteúdo da sátira 3 (“elle mesmo diz que era natural de Aquino”, reporta-nos o tradutor), e o ano de nascimento, provavelmente o de 54 d.C., nos primeiros anos do principado de Nero. Martins Bastos deduz que o poeta seria homem de nascimento ilustre, pelo fato de ter três nomes; comentando, porém, o epigrama de Marcial (que identifica como o 17 do livro XII) em que este faz figurar um Juvenal frequentador da Suburra e das portas dos homens ricos, o tradutor atribui ao gênio ferino do satirista aquela difícil situação econômica pintada por Marcial: “E que faria o Poeta, apesar de nobre, se os seus talentos, causando susto nos malvados, o reduzião áquele estado?” (JUVENAL, 1839: VII). O tradutor parece dar largas asas às conjecturas de ordem biográfica – mesmo que muito

48 Uma discussão mais detalhada sobre a natureza dessas quatro fontes usuais de informações para as conjecturas acerca da vida de Juvenal encontra-se nas páginas 12-23 da obra de Vitorino.

49 Notem-se os indícios presentes, no pequeno trecho, da leitura em chave biografizante da obra de Juvenal, a partir da assunção de que a biografia ajudaria na composição de um retrato mais exato do original, uma vez que, a partir dela, deduz-se, compreender-se-iam melhor as feições morais que os escritos do poeta carregam.

do que diz ainda se faça presente em estudos do século XX sobre a biografia de Juvenal, como mostra Vitorino⁵⁰ –, na medida em que se dá a liberdade de asseverar sobre os próprios sentimentos e percepções de Juvenal, bem como sobre a natureza de seu temperamento. Vejamos como ele nos narra alguns dos sucessos da vida do satirista em Roma:

Tendo-se Juvenal em Roma dado ás letras, exerceu a profissão de Advogado, na qual bem mostram seus talentos, que devia brilhar, mas vendo que pouco fructo tirava de andar pelos Tribunaes *aturando* os Juizes, e clientes, passou a aperfeiçoar-se nos estudos de Eloquencia, que tambem com poucas vantagens insinou por algum tempo. Vendo que a fortuna o desamparava em qualquer genero de vida litteraria, e *zangado com os homens, e vicios do seu tempo*, determinou-se fulminar tudo o que merecesse abomiação: *seu genio naturalmente o inclinava á Satyra*, que despedia sem attender onde os raios hião parar (JUVENAL, 1839: vii, grifos meus).

Os trechos grifados na passagem são de fundamental importância para se ter uma ideia de como a impressão causada pela obra juvenaliana, impressão que o poeta cuidadosamente quer transmitir, na perspectiva de William Anderson (1982), influencia a construção biográfica feita por Martins Bastos, que certamente retira do material poético de Juvenal a ideia de que seria difícil *aturar* os juízes e os tribunais⁵¹, assim como a zanga com os homens e os vícios do tempo, facilmente identificável na justificativa para a composição de sátiras, presente no programático poema de abertura da obra juvenaliana.

A partir da postura combativa ao vício poeticamente engendrada por Juvenal, enfim, Martins Bastos enxerga e pretende que também o leitor enxergue “o caráter deste grande homem” (JUVENAL, 1839: xix); para dar-nos uma ideia um pouco mais exata disso, cita palavras de um tradutor francês da obra do poeta, cujo vigor com que louva o caráter que atribui a Juvenal decerto é compartilhado com Martins Bastos. Vejamos a passagem:

Juvenal (diz o Traductor Francèz) que levou a excesso sua mordaz hyperbole, não fere mais que ligeiramente a Quintiliano, por se ter enriquecido com os dons de hum tyranno tão grande como era Domiciano; se por hum momento se ri da pobreza de Codro, logo repara essa falta, enternecendo-nos com suas desgraças. Juvenal sempre estendeu a mão ao fraco opprimido, e ao merito nascente; esclarece-os, anima-os: he o Advogado do Povo, o amigo, e protector da indigencia [...]. (DUBOYS, apud JUVENAL, 1839: xix).

50 Tais como o nascimento em Aquino, o exílio no Egito pela ofensa a um protegido de Domiciano, identificado com certo histrião de nome Páris, etc.

51 A sátira 2, por exemplo, nos versos 66-78 dá evidências de como a degradação dos costumes alcançou os tribunais, quando Juvenal faz menção às roupas com as quais um advogado de nome Crético tem coragem de citar leis e direitos ante o povo romano. Igualmente, nos versos 13-16 da sátira 7, Juvenal aborda aborrecimentos da vida nos tribunais, ao atacar o costume de certos cavaleiros (homens de origem não romana, que ascenderam socialmente à condição de *equites*) de dar testemunhos falsos ante um juiz, além da longa passagem da mesma sátira (versos 106-138), em que aborda as dificuldades gerais da vida dos advogados, associadas aos pouquíssimos frutos materiais que ela lhes rende.

Da tradução de Martins Bastos, portanto, é verossímil esperar que se esforce para nunca *rebaixar*, por assim dizer, essa tamanha dignidade que o tradutor percebe no caráter do poeta, razão por que a tradução, frequentemente, atenua certos traços daquela “mordaz hipérbole” que o tradutor francês citando atribuiu a Juvenal⁵², encarando o desafio de, nas palavras de Martins Bastos, “apresentar o *quod convenit, et quod decet*” – “o que é conveniente e decoroso” (JUVENAL, 1839: xxii). A tradução, portanto, pretende apresentar certa fidelidade ao estilo e ao caráter do poeta, ao mesmo tempo em que se submete ao gosto, à sensibilidade e ao decoro da língua e da época da tradução. Sem pretender fazer uma análise exaustiva das escolhas tradutórias empreendidas por Martins Bastos, comentarei brevemente os versos de abertura de sua tradução da primeira sátira de Juvenal, ressaltando algumas das escolhas que, a meu ver, distinguem seu projeto tradutório:

Sempre ouvindo asneirões, callado sempre!
 Que zanga não me cauza o fanho Codro,
 Hum Elegias más, Comedias, outro,
 Ha de compor, ha de ficar-se rindo?
 De legua e meia hum Telepho, hum Orestes,
 Paginas sobre paginas enchendo,
 Por toda a parte escriptas, nunca findas,
 Hão de moer-me hum dia inteiro impunes?
 Melhor do que elles sabem onde habitão,
 Sei eu de Marte o bosque, e sei de Eolo
 Junto á montanha, de Vulcano os antros.
 Sei o que os ventos fazem; como Eaco
 Afflige as almas no profundo inferno;
 Sei como de ouro o vello foi roubado;
 Sei quantos olmos Monycho arremeça:
 De Frontonio os jardins alto retumbam,
 E as marmoreas columnas estremecem
 De leituras ouvir taes, e quejandas.
 Eis no que vates bons, e máos se empregão!
 Deixei ha muito a palmatoria, e a Sylla
 Vida privada aconcelhei: Poetas
 Rançosos vendo a cada passo, he louca
 Piedade, occulto fique, o que se perde,
 Talvez por não tratado em meus escriptos.
 Por que me agrade de Lucílio o exemplo,
 Direi a quem razão gostoso escuta.
 Quando vejo cazar-se Eunuclio infame;
 No Romano theatro descomposta
 Mevia frechar hum Apro; e o que Barbeiro
 Me fez em moço a barba vezes tantas,
 Já com riqueza enxovalhar os nobres;

52 Se bem que Martins Bastos lamente-se do fato de que diversos dos tradutores que se aplicaram à obra de Juvenal antes dele tenham mutilado o poeta, justamente pela supressão de trechos que poderiam ofender gostos literários característicos das épocas em que se efetuaram tais traduções. Contrapondo-se a tais tradutores, Martins Bastos diz ter mudado a luz ao quadro, de modo que os objetos mais bruxuleiam do que aparecem (ou seja, nos momentos em que a crueza de detalhes com que Juvenal pinta certa passagem obscena ou horrorosa se destaca no original, o tradutor procura um meio termo entre o explícito e a censura, sugerindo apenas aquilo que Juvenal explicita).

Quando Crispim, no Egypto, hum vil escravo,
 Arrasta ricos trages, no suado
 Dedo, do Estio o anel mostrando leve,
 Pois té do anel o peso o afflige muito,
 O fel conter da Satyra, não posso. (Juv. *Sat.* I, 1-30)

É digna de atenção, em primeiro lugar, a escolha do metro para a tradução, composta toda ela a partir de decassílabos, que provavelmente tenham dificultado ao tradutor seguir, em relação ao texto original, uma correspondência verso a verso, resultando numa tradução que fatalmente alonga a extensão das sátiras juvenalianas, em virtude da grande concisão que o decassílabo exige do tradutor (o trecho citado, por exemplo, tem seis versos a mais em relação ao mesmo trecho no original). A escolha do decassílabo possivelmente relacione-se ao fato de ser este o verso da tradição épica em língua portuguesa, tal qual o era o hexâmetro datílico em latim. A sátira latina, embora fosse um gênero aristotelicamente baixo – no sentido de ter por matéria condutas inferiores à média dos seres humanos – continha certa ambivalência formal, na medida em que compartilhava com a épica, gênero de caráter elevado, o mesmo metro, se bem que provavelmente houvesse diferenças estilísticas entre a realização do hexâmetro datílico na épica e na sátira⁵³. Nesse sentido, o decassílabo de nossa tradição versificatória parece homólogo do hexâmetro latino também quanto a essa particularidade de servir como expressão do verso heroico de caráter elevado e, ao mesmo tempo, da sátira, gênero de matéria e expressão baixas.

Martins Bastos, ao explicitar sua intenção de ser fiel ao estilo do poeta original, nota que os estudiosos de Juvenal frequentemente associam sua escrita ao estilo oratório e ressalva que, se o poeta assim escreve, isso se deve ao fato de que “neste genero de Poesia [a sátira] não pode entrar a pompa estrondosa da Epopéia” (JUVENAL, 1839: xxii). Ao comentar sua própria versificação, o tradutor aventa a possibilidade de que lha julguem por “fria ou prosaica”, o que, em teoria, corresponderia à percepção de que não caberia à sátira ser, como a épica, demasiado pomposa. Há, no entanto, em Martins Bastos, certa ambivalência entre o frio e prosaico que nele, segundo pensa, poderíamos notar, por um lado, e uma tendência ao engrandecimento ou à estilização do original, por outro. A comparação entre o trecho citado da tradução de Martins Bastos e o original mostra-nos, por exemplo, que a inversão sintática no português parece ser um princípio basilar da tradução, possivelmente originado da

53 O uso que Juvenal faz do hexâmetro, no entanto, enseja debate entre os críticos a respeito da filiação estilística, diríamos, do poeta. J. G. F. Powell (1993), em artigo intitulado “Stylistic Registers in Juvenal”, faz uma discussão aprofundada a respeito do estilo dos hexâmetros de Juvenal, a partir de uma premissa usualmente assumida pelos estudiosos do poeta – a qual Powell pretende refutar –, de que a sátira juvenaliana seria expoente de um estilo elevado, estranho à natureza mesma do gênero poético.

observância em relação à ordem dos termos na fraseologia de Juvenal, propósito que talvez conviva com um deliberado objetivo de engrandecer a dicção poética da tradução. Nos versos “Sei eu de Marte o bosque, e sei de Eolo / Junto á montanha, de Vulcano os antros.”, por exemplo, nota-se a presença marcante de inversões sintáticas⁵⁴, a primeira das quais, “de Marte o bosque”, ausente no original (onde se lê “*lucus Martis*”), possivelmente se deva a necessidade métrica. Por outro lado, a última inversão, “de Vulcano os antros”, igualmente ausente do original, que emprega “*antrum Vulcani*”, parece não sofrer qualquer influência de ordem versificatória, uma vez que a estrutura direta (“os antros de Vulcano”) se acomodaria perfeitamente ao ritmo do decassílabo, pela possibilidade de elisão entre o “a” final de “montanha” e o artigo que antecede “antros”, observação a partir da qual poderíamos, mesmo que preliminarmente, concluir que a inversão é um valor poético perseguido por Martins Bastos. A inversão que está entre essas duas, contudo – e, ressalte-se, a menos branda para o português –, é um reflexo da estrutura sintática do original: note-se a correspondência de posição dos termos em “de Eolo junto à montanha” e “*Aeoliis vicinum rupibus*”, com o que poderíamos supor que o tradutor procura seguir a ordem dos termos em latim, o que gera inversões sintáticas frequentes em português, as quais, possivelmente, *contaminariam*, por assim dizer, o uso que o tradutor faz da língua materna, de modo a empregá-las mesmo quando o original não as sugerisse. Há, na passagem, ainda outras inversões que podem ser igualmente observadas no original, tais como “de ouro o velo” (“*aurum pelliculae*”) e “De Frontonio os jardins” (“*Frontonis platani*”).

No que diz respeito mais propriamente à correspondência semântica entre os versos originais e a tradução de Martins Bastos, também é notável certo engrandecimento da dicção juvenaliana, seja porque o tradutor procura maneiras mais elegantes ou sentenciosas⁵⁵ de expressão em português, seja porque traduz, de alguma forma, de modo coerente com a compreensão que faz do próprio caráter do poeta. Na passagem de Martins Bastos que venho comentando, o exemplo mais cabal disso encontra-se no verso em que Juvenal concentra a explicação de por que escreve sátiras (Juv. 1, 30). Ao prosaico “*difficile est saturam non scribere*” (difícil é não escrever sátira) de Juvenal, verso em que culmina uma sumária relação de algumas das torpezas da Roma contemporânea ao poeta, Martins Bastos faz corresponder um poetizado “O fel da Satyra conter não posso”. Com esse verso, o tradutor oferece-nos uma

54 Se colocados em ordem direta, os versos seriam lidos como: “Sei eu o bosque de Marte e sei os antros de Vulcano, junto à montanha de Éolo”.

55 Emprego o adjetivo procurando proximidade com a acepção latina da palavra *sententia*, a qual, à época de Juvenal, transmitia a conotação de uma frase que condensasse um raciocínio dotado de agudeza, em uma forma breve, quase como um tipo de máxima ou aforismo.

interpretação de Juvenal, a qual a obra poética juvenaliana, se considerada globalmente, decerto permite, ainda que o verso original não sugerisse. Pois pelas linhas dos dois primeiros livros do poeta há, de fato, muito do humor indignado, e a própria sátira 1 nos traz uma passagem em que a indignação é descrita em termos fisicamente sintomáticos. Trata-se do verso 45 do poema (“*Quid referam quanta siccum iecur ardeat ira*” – “o que direi sobre a ira tamanha com que meu fígado seco queima”), que Martins Bastos verte com “Quanto o sangue me ferve não se explica”, curiosamente eliminando daqui a relação entre a ira e o fígado, transposta, pela expressão “o fel da Satyra”, para um verso de tom muito mais neutro no original latino. Ora, a decisão do tradutor é coerente com o propósito de nos fazer ver, em Juvenal, uma figura que cause forte impressão, razão por que desloca uma característica marcante do humor do poeta – o amargor, a raiva e todas as conotações do gênero associadas à bile – para um ponto possivelmente julgado como mais crucial do poema, o momento em que Juvenal se justifica por escrever sátiras. Por meio desse expediente, Martins Bastos ainda cria um verso de tom sentencioso – outra característica de Juvenal – condensando dois traços marcantes do poeta, o humor iracundo e a composição sentenciosa, em um único verso – dotado de importância capital para o funcionamento interno do poema –, que, se chega a conter esses dois traços originalmente, decerto são muito mais atenuados do que a tradução nos mostra⁵⁶.

Embora a proposta de tradução de Martins Bastos para a justificativa juvenaliana em prol da sátira tenha os méritos que sinalizo – trata-se, a meu ver, de um verso muito bem construído –, parece-me que o tradutor faz com seu verso algo que Juvenal não fizera com o dele. Explico: ao associar a razão dada por Juvenal para o cultivo da sátira ao humor atrabiliário, a partir da referência ao fel, bem como à escrita da sátira como resultante da impossibilidade de *conter* esse humor, Martins Bastos antecipa um efeito que Juvenal ainda construiria no poema, no verso imediatamente posterior (o 31), bem como no verso 45 a que me referi. O que isso tem de significativo para a coerência interna do poema é que, segundo me parece, o tradutor perde um efeito de *intensificação* do aborrecimento do satirista, quando substitui a referência concreta à *escrita poética* presente no verso 30 (“difícil é não *escrever sátira*”), por uma referência originária de uma interpretação (autorizada, é claro) da sátira como um tipo de *atitude* – daquele que não consegue mais se conter perante tudo o que testemunha em seu cotidiano e, por isso, fala – associada a certo estado de espírito, produtor de sintomas físicos

56 Note-se, ainda, que a ideia de iracúndia não se ausenta da versão que Martins Bastos propõe para o verso 45 da sátira, já que o tradutor substitui a referência física ao fígado ardente por outra que, igualmente, sugere a raiva: o sangue fervendo.

difícilmente administráveis. A primeira dessas conotações – a da sátira como resultado da impossibilidade de aguentar calado – é explicitada no fim do verso 30 e ao longo do 31 do poema, nos quais se lê: “*difficile est saturam non scribere, nam quis iniquae / tam patiens urbis, tam ferreus, ut teneat se*” (“difícil é não escrever sátira, pois quem suporta tanto esta cidade injusta, é tão de ferro ao ponto de conter-se”), versos que antecedem uma nova relação de condutas viciosas que inspiram a sátira. A segunda das conotações – a da raiva como desencadeadora de sintomas físicos – aparece explicitamente somente a partir do verso 45.

Para finalizar a discussão a respeito deste ponto específico, é conveniente lembrarmos que a abertura do poema dá-se justamente a partir da implicada oposição entre calar-se (algo que o satirista nos diz, posteriormente, *não conseguir* fazer) e falar, por meio do retórico “*Semper ego auditor tantum? numquamne reponam*” (“Serei sempre somente um ouvinte? Nunca responderei?”), que, no ato mesmo de pôr em questão a oposição entre falar e calar, já rompe literalmente o silêncio do poeta. Mas é importante notar que, nesse ponto, Juvenal ainda está se construindo no discurso, não apenas como satirista (entenda-se, um homem dotado da autoridade moral para a censura alheia), mas também – e significativamente – como *poeta*. Nesse sentido, é importante que os primeiros alvos do poeta satírico não sejam exatamente figuras de comportamento pouco virtuoso às quais seria necessário expor, mas nada menos que outros poetas. A discussão que abre a sátira 1, portanto, é eminentemente literária, na medida em que Juvenal colocará em questão seu próprio pertencimento genérico, fazendo-o de maneira coerente com o que se espera do gênero poético que cultiva⁵⁷.

Com efeito, seria possível reduzir os trinta primeiros versos da sátira 1 a algumas premissas, de caráter argumentativo por excelência, quais sejam: já que por todo o lado há que se escutar autores de tragédias (*Télefo, Oréstes*), comédias e epopeias (bosque de Marte, caverna de Vulcano, o roubo do velo de ouro etc.), por que deveria o próprio Juvenal calar-se? Por que não dizer também alguma coisa, ou melhor, *escrever* algo, principalmente ante o fato de que possui a mesma instrução a partir da qual *todos os poetas* compõem (o que justificaria a completa ausência de novidade a que Juvenal alude)? Tal premissa encontra o seu ponto alto nos versos 17-8, nos quais se lê: “[...] *stulta est clementia, cum tot ubique / vatibus occurras, periturae parcere chartae.*” (“é tola a clemência, quando se encontram tantos vates por todo lugar, poupar o papel que se destina a ser desperdiçado”). Note-se que, com isso, Juvenal não quer alçar a sátira a um estatuto superior ao dos demais gêneros poéticos; pelo contrário, o

57 Tal recurso, deve-se notar, é de uso bastante comum na poesia latina. Podemos vê-lo, por exemplo, na maneira artificiosa como os poetas elegíacos abordam poeticamente sua escolha pela elegia, usualmente a partir de uma contraposição com a épica, à qual seriam pretensamente inaptos (cf. por exemplo, Ov. Am. I, 1).

poeta reconhece o caráter baixo do gênero que cultivava, dado que se representa como motivado a escrever pelo fato de que, como, escrevendo ou não, continuará havendo tanta poesia de má qualidade, por que não escrever também, quando sente que tem algo a dizer? Após anunciar claramente aos seus interlocutores que explicará o porquê do gênero poético escolhido, Juvenal, finalmente chegando à natureza da sátira, lista alguns comportamentos dignos de censura – um eunuco que se casa, uma mulher que se apresenta como lutadora numa arena, um ex-escravo agora mais rico que o conjunto dos nobres romanos – e conclui que, diante disso, é difícil não escrever sátira. Voltando agora para a interpretação que Martins Bastos fixa para o verso (manifesta em seu “O fel da Satyra conter não posso”) e lendo o verso contra o pano de fundo literário traçado no poema juvenaliano, seria possível dar à afirmação de Juvenal outra interpretação, de natureza mais literária e menos associada ao pretensível caráter do poeta. Ao dizer que é difícil não *escrever* sátira, Juvenal, mais do que como um homem honesto e indignado que não consegue mais calar-se, poderia estar nos mostrando ser um *oportunista*, no sentido em que a escrita da sátira, mais do que simplesmente dar asas a uma verve natural, seria uma oportunidade para dizer algo diferente – mas igualmente digno de fama, diga-se – em meio à cena literária contemporânea do poeta, cuja monotonia ele literariamente denuncia. Creio não ser por acaso que, somente a partir da autoconstrução como poeta, autorizado a escrever pela mediocridade dos contemporâneos, Juvenal inicie a construção de sua imagem como satirista, ou seja, como um homem justo que, indignado ante os comportamentos de sua sociedade, não consegue se conter. O que proponho, enfim, é que, no jogo poético estabelecido pela sátira, a construção da imagem de um poeta antecede a construção da imagem de um homem indignado (devendo, aliás, relativizá-la), razão por que entendo ser fundamental para o poema que se mantenha a referência concreta ao ato de *escrever* sátiras, com as quais Juvenal, muito mais do que censurar maus poetas⁵⁸, quer enfim unir-se a eles. A impossibilidade de conter-se (Juv. 1, 30-31), a raiva queimando o fígado (Juv. 45) e, por fim, a indignação que, na ausência do talento, se encarrega de compor o verso (Juv. 1, 79) não seriam, nessa perspectiva, mais que uma maneira artificiosa de gerenciamento de lugares-comuns típicos das leis do gênero poético em que Juvenal escolhe fazer parte dessa cena literária. É digna de nota a forma como a distribuição dessas passagens ao longo do poema cria uma espécie de crescendo no efeito de iracúndia encenado na enunciação poética,

58 A despeito de que pudesse haver de fato uma poesia medíocre e tediosa apresentada nas frequentes recitações que se tornaram hábito na Roma imperial, entendo a crítica juvenaliana à poesia sua contemporânea como também originária de um *topos* poético associado aos gêneros de caráter baixo, a saber, o de definirem-se positivamente a partir da relação próxima que guardam com a vida cotidiana, em contraposição principalmente à épica e a tragédia, deslocadas da realidade social concreta.

efeito grandemente responsável pela forte impressão que Juvenal é capaz de causar, como vimos ter ocorrido com Martins Bastos.

Se por um lado o tradutor português parece, como vimos, objetivar engrandecer o *difficile est...* do verso 1, 30 de Juvenal, noutras passagens, retira determinada pompa presente no original, às vezes privando a sátira de conotações importantes. Destaco, nesse sentido, a tradução proposta para os versos 19-20 do poema, “*cur tamen hoc potius libeat decurrere campo / per quem magnus equos Auruncae flexit alumnus*” (“mas por que me agrada mais correr pelo campo onde o grande aluno de Aurunca domou seus cavalos), aos quais corresponde, em Martins Bastos, “Por que me agrada de Lucílio o exemplo”, verso em que o perceptível rebaixamento de tom em relação ao original bem poderia contar como um daqueles trechos a partir dos quais a tradução, segundo o próprio tradutor, seria considerada prosaica. Sem poder propriamente explicar a razão da escolha de interpretar por completo a metáfora presente no trecho original de Juvenal, comento a importância dela para o todo da sátira. Quando pensamos nos versos 19-20, devemos nos lembrar do pano de fundo literário contra o qual a sátira 1 tem seu início, e no qual os próprios versos também se inserem. Parte considerável desse pano de fundo literário lida com motivos de natureza épica, os quais são, de certa forma, banalizados pelo poeta; no entanto, na passagem em questão, na qual Juvenal anuncia a um “vós” – potencialmente representativo da audiência contemporânea, tal como da totalidade de seus leitores em qualquer época – que dirá as causas por que escreve sátiras, a forma como o poeta expressa esse conteúdo tem contornos tipicamente épicos. Isso é perceptível tanto pelo fato de que Juvenal nomeia seu modelo Lucílio indiretamente, a partir da perífrase “o aluno de Aurunca”, recurso caro à poesia de caráter elevado, quanto pela natureza da metáfora com que sugere seguir os passos de Lucílio quanto ao gênero: seguir pelo campo onde aquele domou seus cavalos, metáfora em cujo conteúdo há nada menos que uma referência ao epíteto homérico a Heitor (“domador de cavalos”), grandiosa figura da tradição épica. Representar o modelo satírico a partir desta pompa épica, num contexto em que se vinha abordando aspectos do mesmo gênero épico com certo desdém, pode ter uma importante significação literária, implicando que, nos tempos em que se vive, o poeta satírico é o único herói verdadeiramente digno de crédito⁵⁹. Essa possibilidade significativa perde-se na simplificação da imagem presente na tradução de Martins Bastos.

59 Tal observação me foi sugerida pela leitura do artigo de Leni Ribeiro Leite e Iana Lima Cordeiro, intitulado “A construção satírica no livro I de Juvenal” (LEITE; CORDEIRO, 2017).

Os comentários que aqui faço acerca da tradução de Martins Bastos, como já disse, longe de constituírem uma descrição e um juízo crítico aprofundados sobre as escolhas do tradutor, podem, contudo, dar um panorama geral da forma como o português opta por apresentar-nos Juvenal. O engrandecimento da dicção poética juvenaliana, que identifico seja com a busca por versos sentenciosos onde o original emprega estruturas mais simples, seja com o gosto por construções hiperbáticas quando a ordem dos termos originais é mais direta (ambos os procedimentos, aliás, mereceriam uma análise mais detalhada ao longo das 16 sátiras), são coerentes, penso, com o caráter que o tradutor enxerga na pessoa do poeta, de um lado, e com o compromisso que assume com a própria língua e com certo decoro literário, de outro. Apesar de ter feito uma análise demasiadamente breve para conclusões dessa natureza, creio que entender certas escolhas tradutórias como intimamente relacionadas à própria percepção artística do tradutor, à maneira como a obra atua sobre sua individualidade ao mesmo tempo em que sua própria impressão atua sobre a obra, ajuda-nos a pensar a tradução em termos menos absolutos, colocando-se a questão dogmática da fidelidade a partir de outra perspectiva: podendo ser distinta a impressão causada por uma obra em leitores os mais diversos e sendo parte da natureza da tradução o fixar, no texto traduzido, a imagem que o tradutor consegue elaborar da impressão que a obra lhe causa, do produto de sua compreensão (recuperando Schleiermacher), a fidelidade, por conseguinte, só pode ser julgada a partir dessa própria compreensão individual. Em outras palavras, o tradutor deve ser fiel à maneira como concebe o seu original (razão por que é importante pensar a tradução como um projeto), não cabendo, portanto, falarmos de infidelidade ao original em Martins Bastos, por exemplo, a despeito das diversas liberdades que o tradutor toma em relação ao texto juvenaliano.

Se Martins Bastos é um tanto quanto lacônico ao abordar os desafios impostos pela tradução das *Sátiras*, limitando as observações nesse sentido à dificuldade de conciliar o *quod convenit* ao *quod decet*, seu outro tradutor do oitocentos, António Costa Lobo, detém-se um pouco mais na consideração dessa questão, mostrando-nos, ainda uma vez, a importância de que não desvinculemos a tradução de suas dimensões subjetiva e histórica.

Costa Lobo, no “Bosquejo preliminar” à sua tradução, preocupa-se inicialmente com a contextualização do pano de fundo histórico e social em que as sátiras de Juvenal teriam sido compostas. O tradutor, portanto, faz um ligeiro apanhado da história social do império romano, analisando os efeitos da paz augustana tanto para o desenvolvimento das belas artes, quanto para o avanço da civilização romana e o progressivo modificar-se das relações sociais. Pode-se dizer, simplificando aquilo que o tradutor já simplifica, que Costa Lobo estabelece

uma relação de proporcionalidade entre os avanços civilizatórios propiciados pela relativa estabilidade sociopolítica e a degradação moral dos costumes na vida pública e particular. Segundo conclui, de tal maneira avançou essa degradação moral, que a queda do império deixa a impressão de que “a espada do barbaro vingou, com justa medida, a natureza prostituida e a moral obliterada” (JUVENAL, 1878: 56); afirma ainda que “Roma, se era a metropole da civilização, era-o também da pravidade” (JUVENAL, 1878: 56). Essas observações contextuais feitas por Costa Lobo têm grande impacto na maneira como, também ele, concebe o caráter de Juvenal, visto como um homem que luta contra a corrente de seu próprio tempo. Vejam-se, nesse sentido, as palavras de Costa Lobo:

No meio deste rebaixamento de costumes é natural que alguns espiritos, escutando os clamores da consciencia, se não deixassem deslumbrar pelo brilhante esmalte de que a intelligencia, as artes e a riqueza recobriam a podridão moral.

[§] Para esses o progresso da civilização era o progresso da immoralidade: e, sem esperança no futuro, voltavam-se com saudade para o tempo dos Cincinnatos e dos Fabricios, em que a rudeza e a ignorancia se irmanavam com a magnanima hombridade.

[§] A esta classe pertencia Juvenal (JUVENAL, 1878: 57).

Desta podridão moral, Costa Lobo vê como os grande denunciadores Tácito e Juvenal, o primeiro pondo-a às claras no tocante à vida pública, o segundo mostrando-a na vida particular. Mas o tradutor distingue estilisticamente o trabalho desses dois homens das letras romanas, apoiando-se também em certo determinismo relativo à situação social de cada um deles:

Tacito, senador e consul, conserva no estilo o fastio e supercilio aristocraticos, que se revelam em phrase perluxa, por assim dizer, condescendida e escasseada em sentenças quebradas e em rapidos conceitos. Juvenal, o plebeu, falla a linguagem chan, clara e, por vezes, crassa do povo, e expõe á luz do meio dia os actos mais reconditos da torpeza e da malvadez. Para elle não ha reticencias, nem euphemismos, nem insinuações disfarçadas: as coisas, os homens e seus feitos são chamados pelo nome proprio (JUVENAL, 1878: 58).

Daí deriva, para Costa Lobo, tal qual para Martins Bastos, uma grande dificuldade na tradução do poeta: a de seguir-lhe a fraseologia com fidelidade conveniente e, ao mesmo tempo, evitar a obscenidade. O tradutor dividir-se-ia entre o compromisso com seu autor e com sua língua materna, já que, “tendo por dever trasladar fielmente todos os traços do seu original, tem o não menos imperioso de não infamar a indole honesta do idioma patrio.” (JUVENAL, 1878: 59). Para Costa Lobo, enfim, apesar da fidelidade que se deve ao original, arriscar que se incorra em obscenidades perante os contemporâneos e falantes da língua do tradutor – idioma de “índole honesta” – seria arriscar trair a intenção mesma de Juvenal, dado que este não queria estimular a obscenidade, senão castigá-la. Justamente para este fim, aliás,

diz-nos Costa Lobo, o poeta satírico vale-se não apenas de termos baixos, mas também não poupa detalhes na caracterização psicológica dos vícios: “Tendo de estigmatizar monstruosas iniquidades de luxúria, desenhou-as com demasiada e reprehensível nudez.” (JUVENAL, 1878: 60). Daí o tradutor avança naturalmente para o questionamento: e por que Juvenal não o faria, por que pouparia a sociedade de detalhes obscenos e despidorados, se obscenidade e despidor eram parte do cotidiano que figura nas próprias sátiras?

Na realização de sua tradução, porém, Costa Lobo parece ceder menos à pudica sensibilidade que a moral cristã incutira em seus contemporâneos, na medida em que se arrisca na caracterização mais viva de momentos em que se destaca aquela “demasiada e repreensível nudez” no original, se não com a mesma crueza de Juvenal, certamente com menos pudor que Martins Bastos. Compararei, ainda nesta seção do trabalho, duas passagens específicas da sátira 2 de Juvenal, a fim de exemplificar essa diferença entre as traduções.

Costa Lobo, cuja tradução é igualmente decassilábica, parece preocupar-se em seguir mais de perto a fraseologia juvenaliana, tanto nas passagens consideradas obscenas, especificamente, quanto no geral das sátiras (o que faz com que, a meu ver, sua tradução acabe atentando-se mais para momentos de importância programática no original). Antes de passarmos propriamente àquelas, vejamos alguns exemplos que mostram uma adesão mais próxima às palavras do original em Costa Lobo, se comparado a Martins Bastos. Distribuindo-se os exemplos numa ordem crescente de relevância, vejamos, em primeiro lugar, como ambos os tradutores vertem os versos 1, 7-9 de Juvenal, destacando-se o primeiro verso da passagem:

nota magis nulli domus est sua quam mihi lucus
Martis et Aeoliis vicinum rupibus antrum
Vulcani [...] (Juv. 1, 7-9)

(ninguém conhece a própria casa melhor do que eu conheço o bosque de Marte e a caverna de Vulcano, vizinha aos rochedos eólicos.)

Melhor do que elles sabem onde habitão,
Sei eu de Marte o bosque, e sei de Eolo
Junto á montanha, de Vulcano os antros. (Tradução de Martins Bastos)

“A sua casa ninguém melhor conhece
Que eu o “bosque de Marte e de Vulcano
Cerca das Eolias rocas a caverna.” (Tradução de Costa Lobo)

Quanto ao primeiro verso, note-se a aderência mais próxima ao sentido do original em Costa Lobo, quer pela manutenção da referência concreta à “casa” (*domus*), quer pela tradução do indefinido *nulli* (“ninguém”), ambos ausentes da versão mais livre de Martins Bastos, que

substitui o indefinido por um “elles”, aludindo possivelmente aos poetas mencionados nos versos anteriores, autores de infundáveis epopeias, comédias e tragédias, e retira a concretude da *domus* substituindo-a pelo equivalente “onde habitão”. Por outro lado, se é mais livre em relação à restituição dos termos originais, Martins Bastos parece mais influenciado que Costa Lobo pela ordem dos termos na sentença, ao menos no tocante a esta passagem, na qual se segue a distribuição dos sintagmas do verso original: *lucus Martis, Aeoliis rupibus* (com a interposição do *vicinum*, referente a *antrum*) e *antrum Vulcani*, correspondendo, em Martins Bastos, a “de Marte o bosque” “de Eolo junto á montanha” e “de Vulcano os antros”. Costa Lobo, por outro lado, põe o sintagma *antrum Vulcani* na segunda posição, fazendo-o ser interrompido pelo *Aeoliis rupibus*, separando assim os termos *antrum e Vulcani*, que, no original, são contíguos.

Outro bom exemplo da maior atinência de Costa Lobo às palavras dos versos juvenalianos encontra-se na maneira como o tradutor verte o verso 30 da sátira 1: à liberdade poetizada de Martins Bastos (“O fel da Satyra conter não posso”) corresponde, em Costa Lobo, um simples “Difficil é que não se escrevam satiras”, com o que se salvam aquelas importantes implicações que podem ser vistas no verso, conforme comentei anteriormente. Outro trecho que exemplifica bem a diferença que venho sinalizando entre ambas as traduções é a passagem presente em Juv. 1. 4, 34-6. Vejamo-la:

incipi, Calliope. licet et considere: non est
cantandum, res uera agitur. narrate, puellae 35
Pierides, prosit mihi uos dixisse puellas. (Juv. 1. 4, 34-6)

(começa, ó Calíope. Podes até ficar sentada: não é necessário cantar, trata-se de coisas verdadeiras. Narrai, donzelas Piérides, e seja-me útil vos ter chamado de “donzelas”)

Começa tu Calliope comigo:
Ha muito que dizer, verdades tudo.
Virgens cantai, Pierides, e virgens
Chamar-vos neste ensejo vale muito. (Tradução de Martins Bastos)

Dize-o tu, ó Calliope. Nem te ponhas
Em pé. Podes ficar sentada: agora
Não se canta, mas narra-se a verdade.
Valei-me também, virgens do Pierio:
Virgens eu vos chamo, e que prol me faça. (Tradução de Costa Lobo)

O contexto em que tais versos aparecem trata-se de uma passagem da sátira 4 em que, após comentar sobre os vários vícios de uma figura de grande torpeza, personagem frequente das sátiras (Crispino), e deter-se no fato de que esse homem vil havia comprado um peixe gigantesco apenas para comer sozinho, Juvenal pergunta-se: como, então, não serão os

jantares do palácio, quando esse homem que ainda ontem era um ninguém janta com tal abundância e prodigalidade? Após essa pergunta, o poeta, no trecho de que me ocupo, faz nada menos que uma invocação à musa, passo introdutório do tema principal de uma sátira que chama a atenção do leitor por ser aquela em que, mais de perto e mais detidamente, Juvenal parodia convenções da poesia épica⁶⁰.

De antemão, atentemo-nos ao fato de que, ante a concisão imposta pela escolha do verso decassilábico em ambos os tradutores, seguir mais de perto as estruturas frasais juvenalianas redundante, em Costa Lobo, em um aumento ainda maior do número de versos da tradução em relação ao original, como se pode conferir no contraste entre os versos originais e a transposição de ambos os tradutores, mais acima. Dessa forma, a fidelidade maior à fraseologia de Juvenal dificulta ainda mais, na tradução de Costa Lobo, uma correspondência verso a verso entre original e tradução – correspondência que, de resto, não parecia absolutamente constar entre as preocupações de ambos os tradutores.

À parte esse detalhe, a proposta de Costa Lobo mantém do original uma implicação muito importante para a própria constituição da sátira como contraponto da epopeia, implicação a partir da qual Juvenal possivelmente sinalizaria o caráter paródico de sua sátira 4 em relação à poesia épica. O primeiro ponto fundamental para essa iluminação do tom caricatural da passagem é a permissão dada pelo poeta à musa para que esta, embora invocada para contar algo grandioso, permaneça sentada; o segundo trata-se da oposição que se constrói entre os verbos “cantar” e “narrar”. É importante lembrarmos de que Juvenal invoca a musa da poesia épica precisamente após ter lançado a questão: se Crispino, que é só um bobo da corte, come sozinho um peixe gigantesco, de que jantares não desfrutará o próprio imperador? Ora, o peixe comprado por Crispino, Juvenal já o dissera, não apenas era enorme, como também fora comprado por um valor com o qual se poderia comprar o próprio pescador, ou mesmo uma propriedade rural, de modo que aquilo de que se fartaria o imperador em pessoa, decerto, seria grandioso demais para a narração do satirista sozinho. Como usualmente se faz na épica, invoca-se a musa na sátira para a narração de prodígios; são, contudo, prodígios afeitos ao humor satírico: o prodígio da gula, da frivolidade e da tirania, vistos na corte de Domiciano. Por esta razão, a imagem da musa sentada tem importância: Calíope é chamada em virtude da “grandeza” da matéria a ser narrada; entretanto, essa matéria, sendo de natureza torpe, prescinde de qualquer solenidade, não carece da pompa de uma recitação épica, razão por que

60 Para uma discussão mais detalhada sobre as formas como Juvenal opera tal paródia, remeto o leitor ao artigo de Leite & Cordeiro, anteriormente referido.

a musa não precisaria preocupar-se em pôr-se de pé, como se vê no verso 34. O verso seguinte fortalece essa leitura, uma vez que pode ser lido como travando uma relação causal com o anterior, ou seja: “podes ficar sentada *porque* não é preciso que se cante (*non est cantandum*), já que aqui não se trata de nada mais que a verdade”. Se não é preciso cantar, a verdade exigiria apenas uma narração – com o que talvez pudéssemos cogitar que Juvenal associava, interessadamente, é claro, a sátira à historiografia – razão por que, no fim das contas, o satirista parece dispensar Calíope da tarefa, de modo que apenas as Piérides bastariam.

Martins Bastos, de modo semelhante ao passo da sátira 1 que anteriormente comentei, pela liberdade que toma em relação à concretude de certas imagens dos textos originais, despotencializa também aqui o original, ofuscando-lhe o possível contraste entre épico e satírico, ao eliminar o caráter ritualístico do “cantar de pé”, que poderia ser requisitado se o caso não se tratasse de pura verdade, oposto ao “estar sentado”, postura mais descompromissada e menos solene de quem ouve apenas os fatos, pretensamente desprovidos do colorido pomposo da épica. Perde-se igualmente, na tradução, uma nova possibilidade de expressão do mesmo contraste, na oposição entre os verbos *cantare* (*non est cantandum*) e *narrare* (*narrate, puellae Pierides*). Merece destaque o fato de que o tradutor emprega, para verter o imperativo *narrate*, presente no original, justamente um “cantai” (“Virgens cantai, Pierides, e virgens”) mostrando outra vez desatenção à oposição que o próprio texto constrói entre os dois verbos, bem como ao fato de que também o próprio texto recomenda que se prescindia do canto.

Costa Lobo, por seu turno, mantém os dois pontos importantes para a construção desse contraponto entre épica e sátira: conserva a permissão dada a Calíope para manter-se sentada e associa a tal permissão a narração de verdades, ante as quais o canto cerimonioso seria inútil⁶¹. Note-se a importância do sinal de dois pontos, por meio do qual o tradutor faz com

61 Essa passagem que venho comentando, aliás, parece-me dotada de importância fundamental para o todo das *Sátiras*. O poeta estabelece, por meio dela, a diferença entre poesia épica e satírica – para o prejuízo da primeira – a partir de uma implicada oposição entre coisas fantásticas e a nudez da verdade. A sátira é, portanto, valorizada na medida em que está diretamente vinculada à realidade concreta. Entretanto, a narração que segue essa assertiva, ridicularizando a corte de Domiciano a partir da paródia a situações de contorno épico (tais como a monstruosidade do peixe que é pescado e ofertado ao imperador, o conselho dos homens ilustres, paródia dos conselhos de guerra épicos, assim como a relação desses homens à semelhança, por exemplo, do catálogo das naus no canto II da *Ilíada*), nos mostra qualquer coisa que *não* a realidade nua e crua, senão uma possível e parcial verdade (a tirania de Domiciano, a instabilidade de relações sociopolíticas em seu principado), caricaturalmente distorcida e transformada em cômica fábula pelo satirista. Se nos parece fácil perceber que a sátira 4 não pode ser vista como a *pura verdade* dos fatos (como ironicamente o poeta a representa, ao dizer que o que se conta ali deve ser narrado e não cantado, possivelmente aproximando-se mais da historiografia que da poesia), parece-me igualmente razoável que leiamos esta ironia da sátira 4 como iluminadora das sátiras como

que as proposições travem essa relação de causalidade: “[...] Podes ficar sentada: agora / Não se canta, mas narra-se a verdade.”.

Ambos os poetas, no entanto, parecem nivelar Calíope e as Piérides (leitura ressaltada sobretudo na tradução de Costa Lobo): Martins Bastos porque retira de seu texto a permissão a Calíope de sentar-se e também a ressalva do poeta de que não há necessidade de cantar a matéria que dá prosseguimento à sátira, assim como elimina a diferença entre cantar, que estaria associado à musa, e narrar, verbo com que, no fim das contas, se pede que as Piérides exerçam seu papel; Costa Lobo porque, embora faça a oposição entre cantar e narrar, parece não atribuir os distintos verbos às distintas figuras invocadas no texto, Calíope e as Piérides. Ademais, o tradutor faz com que as últimas somem-se à musa anteriormente invocada, de modo que a indiferenciação entre Calíope e Piérides se faz sentir com mais força em seu texto: “*Valei-me também, virgens do Pierio*”. A própria análise interpretativa dessas escolhas ressalta o caráter crítico, interpretativo e seletivo de que se reveste o processo de leitura que redundava numa tradução.

Antes de prosseguir a outros exemplos, é conveniente que se fale ainda uma palavra acerca da importância das Piérides para o contexto. Vale lembrar, nesse sentido, a narração feita nas *Metamorfoses*, de Ovídio, acerca do destino dessas virgens. Filhas do rei Piero, eram nove moças que se orgulhavam sobremaneira do dom que tinham para o canto e, por conseguinte, desafiaram as nove musas para uma disputa nesse terreno em que primavam. Tendo perdido o duelo – e foi precisamente Calíope, dita a melhor entre as musas, que as representou –, como punição foram transformadas em aves tagarelas⁶². Para o contexto das sátiras, invocar as Piérides para proceder à *narração* (significativamente não ao canto) pode justamente apontar o fato de que aquilo que se dirá em seguida não exige a eloquência e a majestade do canto de Calíope, mas é mais afeito à narração das presunçosas Piérides. Essa possibilidade de leitura torna ainda duplamente significativo o fato de Juvenal desejar que lhe seja útil, de alguma forma, tê-las chamado *puellae* (Juv. 1. 4, 36). A palavra latina carrega uma gama variada de sentidos, de maneira que a própria escolha do termo a partir do qual se a verte em português já é, em si, um ato de interpretação. Ambos os tradutores, ao traduzirem *puellae* como “virgens”, talvez ressaltem uma das possibilidades de leitura que imputo ao verso: no contexto de

um todo, ou seja, que a partir desse poema específico possamos concluir que, em sua totalidade, a obra juvenaliana não é um retrato fiel da realidade, como é *topos* da sátira autoproclamar-se, mas sim, igualmente, um conjunto de verdades parciais distorcidas pelo ponto de vista do poeta satírico.

62 A narração desses acontecimentos encontra-se nos versos 300-678 do Livro V das *Metamorfoses*, lidos por mim em tradução de Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho (CARVALHO, 2010).

depravação moral que as *Sátiras* de Juvenal pressupõem (vale lembrar que, estando no quarto poema do Livro 1, tal depravação já foi suficientemente demonstrada pelo poeta) chamar qualquer uma de “virgem” já seria uma grande coisa; o poeta, nessa perspectiva, barganharia com as Piérides: esta respeitosa homenagem em troca da participação das moças em sua paródica epopeia. Outra leitura possível seria a de que, já ciente do destino que a narração ovidiana fixou para as moças após sustentarem a empáfia de desafiar as musas, Juvenal invocaria para o seu poema as próprias aves tagarelas que elas se tornaram, na medida em que, como se trata da narração de verdades satíricas que prescindiriam de grande inspiração estilística, os grasnidos roucos das Piérides dariam conta do recado. O desejo de Juvenal de que lhe valha de algo tê-las chamado moças, portanto, poderia ser uma maneira irônica de aludir à humanidade perdida dessas donzelas, no mesmo movimento em que se acolhe o seu canto rude, apropriado para a matéria narrada no poema.

Quanto à obscenidade e à crueza de detalhes de certas passagens juvenalianas, como disse, as traduções também se distinguem, Costa Lobo arriscando um pouco mais que Martins Bastos em relação à sensibilidade e à moral de seu tempo (o que pode creditar-se aos 39 anos que separam as duas traduções). Vejamos então as duas passagens da sátira 2 que destaquei para exemplificar essa observação:

hispidam membra quidem et duras per brachia saetae
promittunt atrocem animum, sed podice leui
caeduntur tumidae medico ridente mariscae.

(Pernas peludas e duros tufo de cabelo pelos braços, de fato prometem um espírito severo, mas do ânus depilado são removidas bolotas inchadas por um médico que ri.)

Braços setosos, alma austera indicação;
Mas do crime os efeitos, corta o ferro
Do Cirurgião, que ri quando os opera. (Tradução de Martins Bastos)

Membros vellosos e sedeudos braços
D'espíritos viris dar fé parecem:
Mas no podice liso corta o médico,
Rindo da origem, pustulas inchadas. (Tradução de Costa Lobo)

É perceptível aqui o efeito que o compromisso com o caráter casto da língua e da moral contemporâneas ao tradutor faz-se sentir com muito mais ênfase na tradução de Martins Bastos, que, reduzindo a imagem concreta e pouco elegante de Juvenal no nível da mais sutil sugestão em seu traslado, corre o risco de não dizer efetivamente nada no trecho. O tradutor precisa confiar completamente ao contexto da sátira, que trata principalmente de torpezas relacionadas a condutas sexuais, para que se possa construir o sentido sugerido pela

passagem. Costa Lobo, ao contrário, em sua tendência a uma maior fidelidade às palavras e frases do original, encara com maior desenvoltura o desafio da obscenidade.

Na segunda passagem, não tão obscena quanto potente pelo horror que suscita, dá-se o mesmo: em Martins Bastos a concretude imagética é substituída pela paráfrase mais ou menos livre e reduzida à sugestão; em Costa Lobo, mantém-se algo da crueza do original, expresso, porém numa linguagem mais engravatada, diríamos. Eis os trechos:

qualis erat nuper tragico pollutus adulter
 concubitu, qui tunc leges reuocabat amaras 30
 omnibus atque ipsis Veneri Martique timendas,
 cum tot abortiuus fecundam Iulia uuluam
 solueret et patruo similes effunderet offas.

(Assim era recentemente um adúltero manchado por um trágico concubinato, que então recuperava leis amargas para todos e as quais os próprios Vênus e Marte deveriam temer, enquanto Júlia, com tantos abortivos desatava seu útero fecundo e derramava massas parecidas com o tio.)

Tal era aquelle adultero malvado,
 Que ainda ha pouco o tragico delicto
 Commette, e leis promulga as mais severas,
 De horrorisar capazes Marte, e Venus;
 E ao mesmo tempo Julia ao Tio Regio,
 Dava prole imperfeita em torpes actos. (Tradução de Martins Bastos)

Tal o adultero foi que em nosso tempo,
 Polluindo-se em tragicos amores,
 Leis suscitava de amargor austero,
 Leis de medo fazer a Marte e Venus!
 Enquanto o seio, por elle fecundado,
 Julia com abortivos medicava
 Que monstros expelliam prematuros
 Ao tio e amante della semelhantes. (Tradução de Costa Lobo)

Martins Bastos, neste passo mais do que no outro, novamente por meio da eliminação da concretude das imagens juvenalianas, consegue sugerir ao leitor um conteúdo mais aproximado da acusação feita a Domiciano no trecho. Mas Costa Lobo é que novamente aproxima-se mais do caráter estarecedor que o satirista dá à passagem original, pela referência à violência do abortivo e ao detalhe bruto de que o fruto do aborto já demonstrava a semelhança ao pai, crueza de que a transposição “prole imperfeita” nem sequer passa perto.

Os comentários que aqui se fizeram acerca do trabalho desses dois tradutores portugueses, sem absolutamente pretenderem-se uma análise aprofundada, apontam tendências gerais seguidas por ambos confrontando-as com aquilo que os próprios nos dizem acerca de suas concepções sobre o poeta e sua obra. A partir desse confronto, reforço o entendimento que aqui adoto sobre a atividade tradutória como trabalho indelevelmente ligado à individualidade

e à historicidade às quais estão circunscritos quaisquer atos de leitura e interpretação de textos literários, sendo a tradução nada mais que uma fixação, em texto, desses atos. Martins Bastos e Costa Lobo, cada um à sua maneira e coerentemente com a imagem que puderam construir a partir da obra de Juvenal, fixam suas interpretações, um mais e outro menos influenciado, aparentemente, pelos ditames da sensibilidade quanto aos usos linguísticos e à moral de seu tempo. Costa Lobo, além disso, parece alcançar um produto resultante de uma leitura mais próxima e atenta às potencialidades significativas dos textos originais. Essa impressão pode, enfim, dever-se a um maior compromisso por parte do tradutor com a correspondência entre o que dizem original e tradução, de maneira que, algo fortuitamente, aquelas implicações importantes que sinalizei em passagens da obra juvenaliana – as quais, de resto, são também produto de certas maneiras de se ler, longe de serem verdades incontestes a respeito das *Sátiras* – conservam-se em grande parte, na tradução de Costa Lobo. Martins Bastos, por outro lado, por mostrar-nos sofrer menos a pressão da correspondência ao texto original ao empreender suas escolhas tradutórias (apesar de eu, preliminarmente, ter notado nele maior preocupação com a reprodução de estruturas sintáticas), acaba, em certas passagens, despotencializando a carga significativa das sátiras. Ambos os tradutores, contudo, têm seu valor e são coerentes com aquilo que propõem fazer. Além disso, Martins Bastos parece-me manejar melhor os ritmos do decassílabo, uma vez que notei com maior frequência em Costa Lobo versos que, com alguma dificuldade, encaixam-se no metro, tais como: “Eia pois! Leis mortas revocar importa?” (um hendecassílabo, salvo se considerarmos “eia” como um monossílabo), “Eis me some o dia “Télepho” gigante” (que depende, para as dez sílabas, da elisão entre “some” e “o”, acrescida a leitura de “dia” como monossílabo), “Ainda outra vez eis aqui Crispino” (que falho em ler como decassílabo, salvo se o nome próprio for proparoxítono [Críspino], o que ainda resultaria na leitura de “aqui” como paroxítona), entre outros. Obviamente exemplificar três versos de um *corpus* que conta com mais de três mil jamais seria o suficiente para se fazer um juízo sobre a habilidade versificatória de um tradutor. A observação, no entanto, fica na conta de certo impressionismo a que me permiti, ante a leitura de ambas as traduções, parecendo-me a de Martins Bastos mais acurada e constante do ponto de vista métrico.

Ressalte-se, por fim, que, tal como a questão métrica e rítmica, que assinalizei relativizando-a, o conjunto das observações feitas a essas duas traduções pode igualmente ser relativizado, dado que, decerto, cada um dos apontamentos sobre essas tendências gerais seguidas pelos tradutores carece de investigação mais detalhada, a qual só poderia ser feita a partir de uma

leitura atenta das traduções, contrastada de perto com a obra original, trabalho que exigiria enorme dedicação e, para os fins deste estudo, só pode mesmo ser feito por amostragem. Ressalvas feitas, passo, enfim, àquela explicitação de minhas próprias tendências.

2.2 Apontamentos sobre uma proposta de tradução e contraponto com empreendimentos anteriores

A primeira escolha grandemente relevante para a decisão de verter as sátiras juvenalianas da maneira como aqui as apresento foi, ante a leitura das traduções portuguesas, objetivar a composição de uma tradução correspondente, em número de versos, bem como no conteúdo deles⁶³, com os textos originais. A segunda, a de tentar, tanto quanto possível, deixar que a língua latina exercesse influência sobre a maneira como proponho o texto juvenaliano em português. Encontro em Schleiermacher, em Benjamin e, se desejar sair do terreno dos alemães, igualmente em Berman (2012) motivações para tal decisão e valho-me de palavras do primeiro para a formulação dessa imagem mais exata do resultado que almejei em minha tradução. Schleiermacher, quando aborda o tipo de compreensão da obra original que um tradutor deveria esforçar-se por reproduzir, aconselha, como vimos, que se evite uma compreensão escolar, com a qual se obteria um resultado “tosco” (é a palavra da tradutora) e, da mesma forma, uma excessivamente refinada, com a qual se arriscaria a incomunicabilidade. Assim, advogando pelo meio-termo, nos diz o autor que

[...] o tradutor tem que se colocar como meta proporcionar ao seu leitor uma imagem e um prazer semelhantes aos que à leitura da obra na língua original busca o homem culto, a quem, no melhor sentido dessas palavras, costumamos chamar aficionado e entendido, que conhece suficientemente a língua estrangeira sem que deixe de lhe parecer estranha e já não necessita, como os alunos, repensar na língua materna cada parte antes de compreender o todo, mas, inclusive quando mais sem travas desfruta das belezas de uma obra, siga notando sempre a diferença entre a língua em que está escrita e a sua língua materna (SCHLEIERMACHER, 2010: 63).

Escrever uma tradução em que se transmita a imagem de uma compreensão dessa natureza, parece-me, é esforçar-se para a composição de um texto que, ainda que escrito na língua materna do tradutor, procure transmitir ao leitor uma forte impressão de estranheza e falta de familiaridade em relação aos modos como vê sua própria língua funcionar diante de si. Ou seja, tal qual aquele homem culto de que fala Schleiermacher (em cuja descrição, aliás, nem sequer me encaixo, com meu claudicante domínio do latim), que lê em língua estrangeira, sem deixar de notar tudo em que aquela língua diferencia-se de sua língua materna, o leitor de uma

⁶³ Com essa correspondência no conteúdo quero dizer que procurei ao máximo respeitar a ordem em que o conteúdo dos versos de Juvenal é disposta, decisão sobre a qual ainda darei exemplos concretos.

tal tradução deveria ver nela um uso de sua própria língua que lhe chame atenção para tudo aquilo que parece estranho à forma como a concebe, mesmo no que diz respeito aos usos artísticos que dela se fazem. Cabe recordarmos aqui as palavras de Benjamin, em muito relacionadas às de Schleiermacher, quando o primeiro diz que “o maior elogio a uma tradução, sobretudo na época de seu aparecimento, não é poder ser lida como se fosse um original em sua língua.”⁶⁴ (BENJAMIN, 2010: 221; 223). Esta é precisamente uma das principais regras a que submeti minha tradução das *Sátiras*: desnaturalizar o texto poético ante o leitor brasileiro, com o que quero dizer, justamente, fazer com que os usos do português na tradução mantenham alguma distância em relação à nossa experiência de uso da língua nas criações literárias originais. Em outras palavras, fazer com que o latim não seja somente transformado em português, por assim dizer, mas também se expresse através do português.

Uma vez tomada a decisão de procurar submeter, via tradução, o português ao influxo da língua latina, buscando aquele efeito que Humboldt (2010) define como o “estranhamento”, é importante que se comente algo sobre o próprio gênero poético com que tenho lidado ao longo dos últimos anos, a sátira latina, potencialmente já estranho por si à maneira como a sátira foi desenvolvida na tradição literária lusófona. Essa estranheza que imputo ao gênero relaciona-se com o fato de que possivelmente não haja, entre nossa tradição literária, uma forma que corresponda ao que foi a sátira latina, isto é, “um gênero retórico-poético baixo e misto, segundo a variante do cômico que se ocupa de vícios e viciosos nocivos, em chave didático-moral” (HANSEN, 2011: 146). A sátira em Roma, portanto, embora devamos sublinhar o “misto” presente na definição de Hansen, de modo a ressaltar o caráter pouco unificado das realizações do gênero por Lucílio, Horácio, Pérsio e Juvenal, constituía-se como

64 A afirmação benjaminiana encontra reforço também no pensamento de Meschonnic, para quem a tradução de um texto, por ser “estruturalmente concebida como um texto, é a escrita de uma leitura-escrita, aventura histórica de um sujeito. Não é transparente em relação ao original” (MESCHONNIC, 1980: 81, grifos meus). A noção de transparência, com a qual se coadunaria o possível elogio a uma tradução refutado por Benjamin, conduz ao que Meschonnic chama de apagamento do tradutor, embotando-se justamente as dimensões individual e histórica do processo de tradução, ou seja, obnubilando-se uma percepção do ato tradutório como “reenunciação específica de um sujeito histórico, interação de duas poéticas, descentrar o dentro-fora de uma língua e das textualizações nessa mesma língua” (MESCHONNIC, 1980: 81, grifo no original). Para o autor francês, enfim, “Um texto está à distância; ou se chama a atenção para ela, ou se esconde tal” (MESCHONNIC, 1980: 81). Na tradução que aqui apresento, pretendo justamente, por meio dessa reenunciação individual, desse registro escrito de uma leitura, iluminar a distância que me separa de Juvenal; para tanto, entendi ser conveniente percorrer um caminho de aproximação em relação ao poeta e à sua língua, algo que, enfim, dada à distância a que se encontra a obra, acaba por afastar-me do português e, quem sabe, da maneira como entendemos a sátira em nossa tradição literária. Deixar explícitas as marcas dessa relação entre dois textos, duas culturas e duas línguas – algo que espero ter alcançado com minha proposta de tradução – é insurgir-se contra o que Meschonnic chama de anexação do texto original. Esta, a meu ver, tratar-se-ia de um processo que, com mais justiça, poderia ser rotulado como traição à obra de partida, dado que, por meio dele, tende-se ao apagamento de uma série de potencialidades da obra original, apaziguadas na impressão de familiaridade que se atinge quando a língua vernácula domina por completo a estrangeira, absorvendo-a e impossibilitando-a de falar.

um gênero poético autônomo. No desenvolvimento da sátira em língua portuguesa, ao contrário disso, parece não se conceber o *gênero poético* sátira, mas sim a sátira como o que eu chamaria uma certa atitude ou postura discursiva ou, aludindo à noção cunhada por Charles Knight (2004), um tipo de “moldura mental”⁶⁵. A concepção da sátira como associada a essa moldura mental, aliás, não é algo que se aplique com dificuldade à própria Antiguidade romana, em que, se por um lado encontra-se a sátira como gênero dotado de autonomia, por outro há exemplos frequentes de poemas que, não sendo genericamente a sátira, poderiam ser chamados satíricos (partes consideráveis das obras de Catulo e Marcial, para citar apenas alguns exemplos). Nesse sentido, os limites em que Hansen circunscreve a sátira latina – “variante do cômico que lida com vícios e viciosos nocivos, em chave didático-moral” – parecem ser úteis para que separemos, na Antiguidade, a sátira do satírico.

Entretanto, também é significativo o fato de qualificarmos certa atitude discursiva por meio de adjetivo que deriva da palavra com que se nomeia um gênero poético específico. Ora, entre a sátira entendida autonomamente e a poesia ou quaisquer outras criações intelectuais ditas “satíricas” há que se encontrar, pois, certa semelhança. Uma olhadela para a tradição de poesia satírica em língua portuguesa que considerasse apenas as cantigas de escárnio e maldizer do trovadorismo galego-português e a verve satírica de Gregório de Matos – importantíssimos exemplares dessa moldura mental em nossa tradição literária – encontraria alguns pontos comuns entre esses textos e a sátira latina, tais como a invectiva a determinadas figuras da realidade social dos poetas, a caracterização cômica de certos comportamentos socialmente censuráveis, de onde depreende-se, também, uma ligação entre os temas explorados pelos textos e os cânones da moral em suas respectivas sociedades. Na forma de elaboração dessas mensagens satíricas, contudo, os cantares dos trovadores, assim como os poemas de Gregório, são bastante diferentes das sátiras da Antiguidade romana, principalmente da sátira juvenaliana, à qual é conveniente que eu me restrinja, uma vez que me faltam meios para atestar os pontos em que se assemelham e se afastam os diferentes satiristas latinos, afirmações que só poderiam derivar de um rigoroso estudo comparativo entre suas obras.

Atendo-me, então, a Juvenal, uma diferença fundamental que vejo entre sua sátira e a poesia a que chamamos satírica – seja no Boca do Inferno, seja nos trovadores, seja em outros autores – está na *forma como* se efetivam a invectiva e a derrisão. Se há objetos semelhantes –

65 Ao estudar a sátira latina, assim como outras formas literárias às quais podemos atribuir uma natureza satírica, Knight enquadra esses discursos no que chama de “satiric frame of mind” (moldura mental satírica).

trovadores falam de comportamentos sexuais desviantes e de incoerência entre conduta e posição social⁶⁶, por exemplo, da mesma forma como Gregório aborda a ubiquidade da corrupção da sociedade baiana⁶⁷, muito à semelhança de Juvenal – os tratamentos dados aos temas são, contudo, distintos, muito em virtude de uma questão de ênfase. A sátira juvenaliana carrega consigo uma tendência ao engrandecimento; nela ressalta-se sobremaneira um traço importante que Hansen associa à representação do vício no gênero poético romano, a saber, seu caráter nocivo. Esse processo de destaque da nocividade do vício faz-se justamente pelos coloridos aberrantes que Juvenal dá a muitos dos viciosos que passam por seus versos. Outro ponto igualmente importante na diferenciação entre a sátira propriamente dita e o satírico é o fato de que, na primeira, existe uma fundamental relação de ambivalência no discurso poético, a partir da qual adquire grande importância não somente a construção distorcida do mundo exterior, ao qual se volta o olhar censor do satirista, mas também a construção da própria imagem do enunciador, feita por oposição a tudo aquilo que sua fala condena. Existe, portanto, uma importante dimensão de pessoalidade na sátira latina, manifesta num processo de caracterização do “eu” poético, coexistente com a representação que esse mesmo “eu” faz do mundo exterior a si. Além dessa experiência de pessoalidade, enfim, a sátira juvenaliana é também notavelmente esparsa, seus arroubos de indignação são difusos, digressivos e pouco concentrados, de modo que aos poemas é estranha certa brevidade artificiosa que, de alguma forma, é hoje associável ao satírico (encontrável, de resto, não apenas nos trovadores e em Gregório de Matos, mas também naqueles poemas que, na própria Antiguidade, como sinalizei, poderiam ser considerados satíricos, no sentido da atitude discursiva a que davam forma).

66 Certamente se poderiam citar outros exemplos de temáticas afins entre Juvenal e os trovadores, mesmo fora do campo que aqui indico; contudo, atendo-me a ele, recordo especificamente duas espirituosas cantigas de Afonso Anes do Cotom (“Abadessa, ói dizer”) e Fernando Esquio (“A um frade dizem escaralhado”), em que se caracterizam de modo bastante derrisório uma abadessa e um frade, respectivamente. Da abadessa diz-se que estaria apta a ensinar a um recém-casado, néscio nesta arte, como deveria “foder”; quanto ao frade, o trovador desmente-lhe a injusta fama de “escaralhado” (descaralhado, impotente) ao relembrar do número de moças com quem o tal frade jaz e mesmo quantas já teria engravidado, concluindo que lhe caberia melhor a alcunha de “encaralhado”. A semelhança é evidente, por exemplo, com o tratamento dado por Juvenal aos hipócritas da sátira 2, que, travestidos de filósofos morais, incorrem em comportamentos sexuais os mais viciosos. A marcante diferença, contudo, reside no fato de que a censura à abadessa e ao frade, nas cantigas, está apenas implicada nos versos. Na verdade, a perversão de seu comportamento é tratada com uma risível simpatia pelos trovadores, sendo na abadessa algo até positivo e no frade uma questão de se fazer justiça ao homem, que decerto não merecia a fama que se lhe imputava.

67 Basta recordarmos alguns poemas de Gregório, tais como os famosos “A cada canto um grande conselheiro / Que quer nos governar cabana e vinha [...]”, ou “Triste Bahia, ó quão dessemelhante / Estás e estou do nosso antigo estado [...]”, ou “Neste mundo é mais rico o que mais rapa [...]” (que inclusive traz uma menção à ascensão social rápida e sem merecimento, tema caro a Juvenal, no verso “Bengala hoje na mão, ontem garlopa”), ou ainda “De dois ff se compõe / esta cidade a meu ver [...]”

Alvin Kernan (1959) foi o primeiro estudioso a abordar, numa discussão de fôlego, a relevância dessa dupla construção – do mundo externo e da própria personalidade – na sátira entendida como gênero poético autônomo, elaborando a teoria de que o poeta satírico investiria esforços na construção de uma *persona* poética, tão complexa quanto é complexo o próprio mundo que ele se põe a judiciosamente descrever. Discuti com mais vagar, em minha dissertação de mestrado (CARMO, 2014), as implicações desse processo de construção da *persona* satírica em Juvenal⁶⁸, reportando-me tanto à teoria de Kernan como às posteriores aplicações que dela fez William Anderson (1982), parecendo-me vir a propósito da questão de que trato agora, acerca da possível estranheza da sátira latina, recuperar um trecho daquela discussão:

Anderson resume de forma didática o que julga ser a parte mais significativa da teoria de Kernan, referindo a ideia de a voz do satirista construir-se a partir da apresentação de um caráter ambíguo manifesto em ao menos cinco esferas distintas: 1) o satirista se representa como um enunciador de discursos simples e desprovidos de arte; 2) proclama a verdade de tudo aquilo que diz; 3) mostra inclinação à censura ao vício; 4) apresenta preocupações de caráter moral; e 5) afirma ser homem sóbrio e racional. Na prática de sua enunciação, no entanto, isto é, na própria sátira, não raramente essa voz 1) demonstra uso hábil da retórica; 2) distorce fatos para efeitos de ênfase; 3) demonstra inclinação ao sensacionalismo; 4) demonstra prazer no ataque feroz a seus alvos e 5) adota atitudes as mais irracionais (CARMO, 2014: 34).

É justamente por essas ambiguidades que, segundo me parece, a experiência de leitura da sátira latina é relativamente estranha para nós, dado que a poesia satírica como desenvolveu-se em nossa tradição literária parece conservar muito mais daquela “moldura mental” de que nos fala Knight do que das complexidades inerentes ao gênero poético romano. Some-se a isso a extensão média da sátira latina – em geral entre os cem e duzentos versos –, que, aliada ao seu caráter esparso e digressivo, bem como às referências socioculturais de seu próprio período histórico, parece dificultar sua fruição pelo leitor hodierno⁶⁹.

Também é importante para a compreensão do funcionamento interno das sátiras destacar o ponto enunciado na primeira das tensões apontadas por Kernan e resumidas por Anderson, ou seja, no fato de que o satirista nega a poeticidade de seu texto, caracterização que funciona

68 Cf. especificamente o item 1.2 da dissertação intitulado “William Anderson e o *satirista* como construção poética”.

69 Do que conheço da tradição de poesia satírica em português – efetivamente pouco – aquilo que me chama atenção como estando mais próximo da experiência da sátira latina são as *Cartas chilenas*, de Tomás Antônio Gonzaga, seja por sua extensão, seja pela versificação desprovida de rimas, seja pela dupla construção do mundo externo e de uma *persona* enunciativa que faz menção a si mesma (o Critilo, voz poética a partir da qual os poemas satíricos se desenvolvem, no diálogo com o amigo Doroteu). Faço, contudo, inferências preliminares e impressionistas também aqui, sobre as semelhanças entre a obra e a sátira latina, tema que decerto merece investigações mais profundas, se já não as suscitou.

como *topos* do gênero poético. Quando se procura fazer uma breve história acerca da recepção da obra juvenaliana, percebe-se que tal lugar-comum poético foi utilizado com sucesso contundente por Juvenal, uma vez que, como aponta Gilbert Highet (1950: 162), não foi incomum entre a crítica juvenaliana a defesa da ideia de que as sátiras não deveriam ser lidas como poesia, por se tratarem de composições excessivamente retóricas. Otto Ribbeck, editor alemão da obra de Juvenal no século XIX, chegou mesmo a propor uma separação entre o *corpus* que compõe a obra juvenaliana como a conhecemos, sustentando que uma parte dos poemas eram sátiras efetivamente compostas pelo poeta, enquanto outra (especificamente as sátiras 10 e 12-15) eram obra de um declamador, que as teria acrescentado ao *corpus* juvenaliano ao elaborar uma edição póstuma do autor⁷⁰. Ora, o valor de verdade dado por diversos críticos à asserção do poeta sobre a não poeticidade de suas sátiras resulta justamente da importância que tinha, para a composição da sátira juvenaliana, o fenômeno da *declamatio*, como parte fundamental do treinamento a que eram submetidos os jovens romanos, a fim de que se preparassem para o exercício de funções de natureza forense ou deliberativa. A esse propósito, Braund chega mesmo a propor que “[...] a sátira reencena a função contestatória da retórica na sociedade romana, ao pôr no palco conflitos em contextos pseudoforenses, pseudodeliberativos e mesmo pseudoepidêuticos” (BRAUND, 2009: 454). Daí resulta uma dicção poética a que eu chamaria eminentemente argumentativa, fato identificável na própria motivação interna de vários dos poemas de Juvenal: na sátira 1, por exemplo, o poeta procura explicar a razão por que escreve sátiras; na sátira 3, um personagem de nome Umbrício profere um longo discurso, expondo ao poeta por que decide deixar Roma; toda a profusa sátira 6 nasce da motivação do poeta de aconselhar um amigo contra o casamento; a sátira 10 é uma reflexão de caráter mais ou menos filosófico em que o poeta prova, numa argumentação via *exempla*, o quão fúteis e até danosos a eles mesmos são os desejos dos homens; a sátira 13, enfim, encerra um tipo de aconselhamento contra a indignação. A tudo isso poder-se-ia acrescentar o fato de que, em várias dessas sátiras, Juvenal reelabora teses efetivamente presentes nos exercícios declamatórios escolares, conforme discussão feita por Braund (2009), da qual, noutro trabalho, fiz um ligeiro panorama (CARMO, 2013b). Importante para a compreensão das sátiras, o conjunto dessas observações contribui para o efeito de estranhamento que a leitura desses textos tende a causar.

Havendo, portanto, já certa infamiliaridade inerente ao gênero poético, tentei fazer com que ela fosse acompanhada por um estranhamento linguisticamente construído, razão por que

⁷⁰ Tais questões já foram discutidas com mais detalhes por mim em artigo intitulado “Reflexões sobre a relação entre a sátira juvenaliana e a *declamatio*” (CARMO, 2013b).

resolvi valer-me da proposta adotada por Carlos Alberto Nunes em suas traduções das epopeias clássicas: o verso de seis “pés” métricos em português, tentativa de transposição do hexâmetro datílico latino, conhecido como verso núnico. Tal proposta, como bem definida em Natividade (2013: 313) trata-se “de um verso de número de sílabas variável, composto de cinco combinações da sequência tônica-átona-átona (doravante TAA) e uma, final, de TAA ou tônica-átona (TA) ou, ainda que raramente, de uma só sílaba tônica.” Exemplifico os três andamentos possíveis do pé final, com versos traduzidos por mim:

Mesmo que eu | **f**ique algo | **t**riste, um meu | **v**elho mu|**d**ando-se a|**m**igo, (Último pé em TA – forma mais comum – Juv. 1. 3, 1)

E eu não fu|**g**ir dessa | **g**ente de | **p**úrpura? | **A**ntes de **mim** (Último pé com uma só sílaba, tônica – forma mais raramente utilizada por Carlos Alberto Nunes e aqui evitada, dentro dos limites de minhas habilidades – Juv. 1. 3, 81)

Quando de | **L**eda atu|**a**nte su|**a**ve dan|**ç**ando vai | **B**átulo (Último pé em TAA – forma igualmente evitada e corrente, em geral, com nomes próprios esdrúxulos [e outros substantivos que o sejam] em fim de verso – Juv. 2. 6, 63)

Como pequena variante deste andamento dos versos, há ainda a possibilidade de ocorrência do fenômeno da anacruse, definido como “a sílaba ou sílabas que antecedem a tônica inicial de um verso e não são consideradas na escanção” (GONÇALVES *et al.*, 2011, *apud* NATIVIDADE, 2013: 313). O fenômeno, que nem sempre é possível evitar, em virtude da dificuldade de que todos os versos iniciem-se em sílabas tônicas, vai exemplificado nos versos seguintes:

E **já** que co|**m**ença dos | **g**regos o as|**s**unto, dei|**x**emos de | **l**ado (Juv. 1. 3, 114)

Crispino, de | **T**iro dos | **o**mbros ti|**r**ando pur|**p**úreos ca|**p**otes, (Juv. 1. 1, 27)

Também há casos, no entanto, em que o efeito de sílaba “sobrando” no verso é neutralizado pela possibilidade de, na leitura, elidir-se a primeira vogal átona de um verso com a última do verso anterior, conforme ocorre na sequência a seguir⁷¹:

Que a Pudi|**c**ícia, em Sa|**t**úrnio rei|**n**ado, acre|**d**ito habi|**t**asse
as **t**erras e | **t**odos os | **d**ias se a | **v**isse, lá | **q**uando uma | **f**ria (Juv. 2. 6, 1-2)

71 Tanto a anacruse quanto essa elisão entre versos aparecem sistematicamente em minha tradução das sátiras, em virtude da restrição imposta pelo verso escolhido. Como ficou dito, nem sempre é possível fazer com que o verso inicie em sílaba tônica e, nos contextos em que é impossível que o acento do verso sobrepuje o acento da palavra, anacruse ou elisão entre versos são empregadas. Por ser a leitura correta do ritmo do verso núnico algo difícil, em virtude de sua não naturalidade em nossa tradição versificatória, sinalizarei graficamente, ao longo da tradução, os momentos em que há a elisão entre versos, marcando a vogal que inicia a segunda palavra envolvida na elisão em negrito; sinalizarei também a anacruse, sublinhando a primeira sílaba de palavras que não se iniciem por sílaba tônica, a fim de marcar que a sílaba sublinhada não deve ser contada na escanção.

A escolha do verso único deu-se não somente por tratar-se de um verso pouco familiar à tradição versificatória brasileira, mas também por sua extensão. O hexâmetro datílico latino, lembra-nos Natividade (2013: 313), a depender da distribuição de sílabas longas e breves entre os seis pés que o compõem, pode resultar em versos de 13-17 sílabas. A tradução de tais versos para o português por meio de decassílabos ou dodecassílabos impõe frequentemente ao tradutor a necessidade de adotar um estilo conciso. Noutro momento de meus estudos da obra juvenaliana, já experimentei traduzir as *Sátiras* valendo-me de dodecassílabos, sendo os resultados a que cheguei apreciáveis, ao menos parcialmente⁷², em uma tradução da sátira 1 que publiquei com essa proposta de versificação (CARMO, 2013a). Optei pelo abandono do dodecassílabo em parte porque julguei que, dentro das limitações de minha própria composição de versos, esse metro vinha me obrigando a uma concisão excessiva, de modo que, para não alongar a quantidade de versos da tradução em relação aos textos originais, precisava eliminar muito do conteúdo destes, perdendo, às vezes, implicações que julgava importantes de serem expressas. O uso do verso único, por outro lado, frequentemente obrigou-me a buscar formas de expressão mais prolixas em português, a fim de preencher os espaços dos seis pés métricos. De toda forma, esse verso pareceu-me mais afeito à reprodução desse estilo argumentativo que imputo a Juvenal, pela necessidade de encadeamento de alguns versos por meio de relações semânticas de causalidade, condição, concessão, temporalidade etc., as quais são frequentes na fraseologia juvenaliana.

Outra maneira de construir linguisticamente aquele estranhamento que procurei alcançar nos versos foi a deliberada desnaturalização, por assim dizer, da estrutura das frases em português, a fim de marcar a diferença entre o português da tradução (que procura demonstrar estar vertendo algo a ele estranho) e o português de uma escrita familiar, isto é, de uma composição poética que pudesse se passar como original de nossa língua. Isso se pode observar na maneira, às vezes brusca, com que procuro manejar a sintaxe do português, emprestando a ela uma fundamental característica da língua latina, a que chamarei aqui como a possibilidade de interrupção e retomada dos elementos constituintes de um sintagma⁷³. Vejamos alguns versos, na língua original e em tradução, a título de exemplo:

72 Digo “parcialmente” porque, além da sátira 1, publicada, traduzi integralmente as sátiras 2 e 9, bem como diversas passagens das sátiras 3 e 4, seguindo essa escolha métrica. Trechos dessas traduções podem ser encontrados em minha dissertação de mestrado (CARMO, 2014).

73 Nos comentários que fiz às traduções de Martins Bastos e Costa Lobo, aliás, nota-se que esse manejo sintático não é algo inédito na tradução das sátiras de Juvenal, tendo sido operado, em níveis distintos, por ambos os tradutores. Minha proposta simplesmente leva tal expediente um pouco além do ponto até onde ambos dele valeram-se.

hispidam membra quidem et **durae** per brachia **saetae**
promittunt atrocem animum, sed podice leui
caeduntur tumidae medico ridente **mariscae**. (Juv. 2, 11-13)

As diferentes marcações aplicadas ao texto destacam o funcionamento dos sintagmas interrompidos pela interposição de outros. Assim, no primeiro verso do trecho temos “*hispidam membra et durae saetae*” como um sintagma único, cujos constituintes são pulverizados ao longo do verso em virtude dos cortes que o sintagma sofre pelo advérbio “*quidem*”, bem como pela construção “*per brachia*”. Note-se que este distanciamento de constituintes do mesmo sintagma não se trata de regra em latim, como se vê no segundo verso, em que os elementos “*atrocem animum*” e “*podice leui*” funcionam juntos e são imediatamente adjacentes. Isso sublinha a riqueza de possibilidades sintáticas do latim (em grande medida legada ao português), a partir da qual, em minha tradução, se testam e por vezes se agridem os limites da flexibilidade de nossa língua. A tradução dos versos, como se vê abaixo, segue de perto a distribuição sintática do latim no primeiro e terceiro versos do trecho. No segundo, muda a ordem dos primeiros termos do verso original, pela exigência do metro, que demanda o início de verso em sílaba tônica:

Pernas peludas, de fato, e **uns duros** nos braços **cabelos**
alma severa **prometem**, no entanto, do cu depilado
são retiradas inchadas, por médico rindo, **bolotas**.

Note-se que o português aceita de maneira relativamente cômoda tal distribuição sintática. Há trechos, porém, nos quais seguir a flexibilidade do latim pode acarretar dificuldades no entendimento da frase portuguesa, como no exemplo que segue:

qualis erat nuper **tragico** pollutus adulter
concubitu, qui tunc leges revocabat amaras
omnibus atque ipsis Veneri Martique timendas,
cum tot abortivis **fecundam** Iulia **vulvam**
solveret et patruo similes effunderet offas. (Juv. 2, 29-33)

Tal se portava, faz pouco, **por trágico**, um adúltero imundo,
concubinato, e então de umas leis recordava-se amargas
a todos, as quais mesmo Vênus e Marte temer deveriam,
quando com tanto abortivo **seu útero** Júlia, **fecundo**,
desamarrava e com a cara do tio cuspiam umas borras.⁷⁴

Percebe-se, no primeiro verso do trecho, que a suspensão do sintagma deixa para o verso seguinte o substantivo ao qual se liga o adjetivo “*tragico*”, passo que, reproduzido em português, representa uma intervenção um pouco menos branda em nossa sintaxe, com a qual

⁷⁴ A versão final da tradução não conservou a quebra sintática tão brusca presente nos dois primeiros versos do trecho. No entanto, eles ficam aí citados como exemplo da mentalidade que norteou o processo de tradução dos poemas juvenalinos, processo submetido ao crivo final da gramaticalidade.

pretendo marcar a presença do texto estrangeiro no texto traduzido. Nota-se, já pelos poucos versos aqui citados, que a separação de substantivo e adjetivo, quer por outro substantivo, quer por um verbo, é um expediente comum nos versos latinos. A tradução dos poemas, tomando a sintaxe latina como norte e fazendo de sua reprodução atenta uma regra, talvez tenha carecido de um adequado equilíbrio no emprego dessa estrutura sintática⁷⁵, bem como em outras quebras, muito menos suaves, as quais podem representar real embargo à legibilidade. Exemplifico apenas uma, entre as várias presentes ao longo dos poemas, a seguir:

silvestrem montana torum cum sterneret uxor (Juv. 2. 6, 5)

Nestes versos, percebe-se que as interrupções sintáticas são mais radicais, uma vez que misturam mais elementos pertencentes a sintagmas distintos. O desmembramento manteve-se em português, alterando-se apenas a posição de “cum” para o início do verso, a despeito da grande possibilidade de incompreensão, apostando-se no apoio que a concordância em gênero oferece para que se montem, por assim dizer, corretamente os constituintes na leitura.

quando o silvestre, montana, seu leito esticava, uma esposa,

A tradução dos textos, como se poderá ver, certamente ainda se beneficiaria de mais revisões, já que, quando se trata de traduções, parece haver sempre o que acertar. Estou ciente, por exemplo, de que muitos versos vão com falhas em seu andamento ou no sentido, que talvez não expressem bem. Mas é preciso apresentar o trabalho e deixar que o olhar dos leitores sugira as próximas revisões. Deste olhar, aliás, espero também um juízo em relação à legibilidade dos poemas, principalmente no que diz respeito à dificuldade que minha escolha por uma tradução latinizante da sintaxe pode ter acarretado a esse ponto específico. Em muitos casos, para versos demasiadamente complicados em virtude do manejo menos suave da sintaxe, propus mentalmente ou mesmo em anotações outras versões mais simples e legíveis. Na maioria desses casos, porém, acabei optando mesmo pela versão menos legível, em virtude de ter elegido a literalidade em relação à sintaxe como um valor a ser perseguido na tradução, procurando, enfim, pôr à prova em minha própria prática a premissa benjaminiana da autonomia da tradução como forma, capaz de prescindir do objetivo primeiro

75 À leitura das traduções, creio ser perceptível que, a partir da segunda metade das sátiras, a reprodução superficial das estruturas sintáticas latinas se abrandava um pouco, o que talvez se deva ao fato de que, embora eu ainda conservasse esse procedimento como um valor da tradução, comecei a aborrecer-me a impressão de monotonia e previsibilidade em certas separações de constituintes, principalmente na estrutura substantivo + elemento interpolado + adjetivo.

de comunicar o sentido do texto original⁷⁶ (e, mais do que capaz, motivada a fazê-lo, na perspectiva do filósofo alemão). Diz-se usualmente da tradução de Martins Bastos, a única tradução integral das *Sátiras* a que temos acesso no Brasil por ora, que ela é pouco legível. Parte de mim lamenta o fato de que, muito provavelmente, a tradução que aqui apresento não suprirá a contento a demanda por um Juvenal mais legível e de sentido mais acessível a um público mais amplo. Apesar disso, como já sinalizei anteriormente, embora haja linhas gerais que orientam o todo da tradução, não sei se há uma coerência procedimental absoluta ao longo das dezesseis sátiras – mesmo porque o trabalho de traslado desenrolou-se por pouco mais de dois anos, entre abandonos e retomadas –, de maneira que algumas me pareceram, no balanço final, um pouco mais legíveis e fruíveis que outras (mas não descarto a possibilidade de que assim o seja na tradução por ser assim na obra original). Alguns outros comentários relacionados àquilo que tentei fazer ao traduzir as *Sátiras* serão tecidos nas conclusões da obra, de maneira que, lidas as traduções dos poemas, ter-se-á condições melhores para que se julgue se os resultados que efetivamente alcancei foram ao encontro das pretensões que tive ao longo da tradução.

76 Apesar dessa literalidade sintática, que às vezes dificulta o sentido, minha tradução talvez pudesse ser taxada de servil, na perspectiva do próprio Benjamin, uma vez que tomei poucas liberdades também em relação a reformulações e paráfrases do substrato propriamente semântico dos poemas juvenalianos. Montando-se bem os constituintes das frases em português, creio que não apenas o sentido dos versos de Juvenal veiculem-se nas traduções, mas também é próxima a maneira como se organizam os pensamentos que expressam tal sentido na obra original e na versão que dela proponho.

3 TRADUÇÃO DAS SÁTIRAS DE JUVENAL

LIBER PRIMUS – Satira I

Semper ego auditor tantum? numquamne reponam
 vexatus totiens rauci Theseide Cordi?
 inpune ergo mihi recitaverit ille togatas,
 hic elegos? inpune diem consumpserit ingens
 Telephus aut summi plena iam margine libri 5
 scriptus et in tergo necdum finitus Orestes?
 nota magis nulli domus est sua quam mihi lucus
 Martis et Aeoliis vicinum rupibus antrum
 Vulcani. Quid agant venti, quas torqueat umbras
 Aeacus, unde alius furtivae devehat aurum 10
 pelliculae, quantas iaculetur Monychus ornos,
 Frontonis platani convulsaque marmora clamant
 semper et adsiduo ruptae lectore columnae:
 expectes eadem a summo minimoque poeta,
 et nos ergo manum ferulae subduximus, et nos 15
 consilium dedimus Sullae, privatus ut altum
 dormiret; stulta est clementia, cum tot ubique
 vatibus occurras, periturae parcere chartae.
 cur tamen hoc potius libeat decurrere campo
 per quem magnus equos Auruncae flexit alumnus, 20
 si vacat ac placidi rationem admittitis, edam.
 Cum tener uxorem ducat spado, Mevia Tuscum
 figat aprum et nuda teneat venabula mamma,
 patricos omnis opibus cum provocet unus
 quo tondente gravis iuveni mihi barba sonabat, 25
 cum pars Niliacae plebis, cum verna Canopi
 Crispinus Tyrias umero revocante lacernas
 ventilet aestivum digitis sudantibus aurum,
 nec sufferre queat maioris pondera gemmae,
 difficile est saturam non scribere, nam quis iniquae 30
 tam patiens urbis, tam ferreus, ut teneat se,
 causidici nova cum veniat lectica Mathonis
 plena ipso, post hunc magni delator amici
 et cito rapturus de nobilitate comesa
 quod superest, quem Massa timet, quem munere palpat 35
 Carus et a trepido Thymele summissa Latino?
 cum te summoveant qui testamenta merentur
 noctibus, in caelum quos evenit optima summi
 nunc via processus, vetulae vesica beatae?
 unciolam Proculeius habet, sed Gillo deuncem, 40
 partes quisque suas ad mensuram inguinis heres,
 accipiat sane mercedem sanguinis, et sic
 palleat ut nudis pressit qui calcibus anguem
 aut Lugudunensem rhetor dicturus ad aram.
 Quid referam quanta siccum iecur ardeat ira, 45

LIVRO 1 – Sátira 1

Sempre eu serei um ouvinte somente? E jamais responder-lhes,
 eu tantas vezes vexado por rouca *Teseida* de Cordo?
 Impune então me terá recitado aquele togadas?
 Este elegias? E impune meu dia é esvaído no ingente
Télefo e já com a margem de cima repleta do livro 5
 e mesmo nas costas escrito e ainda infinito um *Orestes*?
 Não há quem saiba da própria morada mais que eu do sagrado
 bosque de Marte e, aos Eólios vizinha rochedos, da gruta
 do deus Vulcano. O que fazem os ventos, quais almas tortura
 Éaco, donde aquele outro a furtada carrega dourada 10
 pele e o tamanho dos freixos que Mônico vai dardejando,
 os de Frontão altos plátanos clamam e os mármore rotos
 sempre e por causa de assíduo, quebradas, leitor as colunas.
 Que as mesmas coisas esperes do sumo ou do reles poeta.
 Pois se mesmo eu minha mão de uma régua escondi, e se eu mesmo 15
 dei para Sula o conselho que um sono privado e luxuoso
 ele dormisse; é uma tola clemência, se tantos, ubíquos,
 ‘vates’ encontras, poupar o papel que destina-se à perda.
 Por que, no entanto, eu aprazo-me mais em trilhar pelo campo,
 onde, grandioso, domou o de Aurunca seus brutos aluno, 20
 tendo vagar e tranquilos ouvindo a razão, eu vos digo.
 Quando um eunuco molenga desposa mulher, Mévia um Tusco
 porco combate com peitos de fora e equipada de lança,
 quando os patrícios unidos, em bens, desafia um sozinho,
 que, quando jovem, raspava-me a barba severa e sonante, 25
 quando um da plebe Nilíaca, quando um servil de Canopo,
Crispino, de Tiro dos ombros tirando purpúreos capotes,
 fica abanando, estival, em seus dedos suados o ouro,
 só suportar não podendo de pedra maior o volume,
 o que é difícil é sátira não escrever, pois injusta 30
 tanto quem pode aguentar a cidade, é tão férreo a conter-se,
 quando do advogado Matão chega a nova liteira,
 cheia do próprio, seguido de quem delatou grande amigo
 e logo está pronto a roubar da nobreza que já consumiu-se
 o que lhe reste, um que a Massa apavora, com mimos adula 35
 Caro e pra quem, pelo trépido dá-se Timele, Latino?
 Ou quando esbarram-te aqueles que fazem por onde uma herança
 numas noitadas, os quais vão ao céu pela via mais fácil
 de hoje para altos sucessos, de velha a boceta abastada?
 Um doze avos ganhou Proculeio, Gilão ganhou onze, 40
 ambos quinhão calculado à medida do membro recebem.
 É razoável que aceitem o preço de seu próprio sangue,
 e empalideçam tal qual quem, descalço, pisou numa cobra
 ou, de Lugduno, no altar como o rétor que vai pronunciar-se.
 Como dizer da ira enorme que o fígado seco me queima, 45

cum populum gregibus comitum premit hic spoliator
 pupilli prostantis et hic damnatus inani
 iudicio? quid enim salvis infamia nummis?
 exul ab octava Marius bibit et fruitur dis
 iratis, at tu victrix provincia ploras. 50
 Haec ego non credam Venusina digna lucerna?
 haec ego non agitem? sed quid magis Heracleas
 aut Diomedead aut mugitum labyrinthi
 et mare percussum puero fabrumque volantem,
 cum leno accipiat moechi bona, si capiendi 55
 ius nullum uxori, doctus spectare lacunar,
 doctus et ad calicem vigilanti stertere naso?
 cum fas esse putet curam sperare cohortis
 qui bona donavit praesepibus et caret omni
 maiorum censu, dum pervolat axe citato 60
 Flaminiam puer Automedon? nam lora tenebat
 ipse, lacernatae cum se iactaret amicae.
 Nonne libet medio ceras inplere capaces
 quadrivio, cum iam sexta cervice feratur
 hinc atque inde patens ac nuda paene cathedra 65
 et multum referens de Maecenate supino
 signator falsi, qui se lautum atque beatum
 exiguis tabulis et gemma fecerit uda?
 Occurrit matrona potens, quae molle Calenum
 porrectura viro miscet sitiante rubetam 70
 instituitque rudes melior Lucusta propinquas
 per famam et populum nigros efferre maritos,
 aude aliquid brevibus Gyaris et carcere dignum,
 si vis esse aliquid; probitas laudatur et alget.
 criminibus debent hortos praetoria mensas, 75
 argentum vetus et stantem extra pocula caprum,
 quem patitur dormire nurus corruptor avarae,
 quem sponsae turpes et praetextatus adulter?
 si natura negat, facit indignatio versum
 qualemcumque potest, quales ego vel Cluvenus. 80
 Ex quo Deucalion nimbis tollentibus aequor
 navigio montem ascendit sortesque poposcit,
 paulatimque anima caluerunt mollia saxa
 et maribus nudas ostendit Pyrrha puellas,
 quidquid agunt homines, votum timor ira voluptas 85
 gaudia discursus, nostri farrago libelli est.
 et quando uberior vitiorum copia? quando
 maior avaritiae patuit sinus? alea quando
 hos animos? neque enim oculis comitantibus itur
 ad casum tabulae, posita sed luditur arca. 90
 proelia quanta illic dispensatore videbis
 armigero! simplexne furor sestertia centum
 perdere et horrenti tunicam non reddere servo?
 quis totidem erexit villas, quis fercula septem
 secreto cenavit avus? nunc sportula primo 95

quando o conjunto do povo com os guardas espreme um que rouba
 e prostitui seu pupilo, e este outro é danado em sentença
 vácuca? Pois qual é o peso, salvando-se a grana, da infâmia?
 Desde a hora oitava que Mário, no exílio, bebendo aproveita
 os deuses irados, e tu, vitoriosa província, lamentas. 50
 E eu não dizer Venusina valerem tais coisas lanterna?
 E eu não mexer nessas coisas? Então no que mais, nos Hercúleos
 contos ou Diomedianos, talvez no mugir labiríntico
 ou, tendo o mar atingido, com o filho, o voador carpinteiro,
 se um cafetão bens do amante recebe, de herdar o direito 55
 sendo nenhum de sua esposa, versado em olhar para o teto,
 muito versado em no cálice a cara afundar, vigilante?
 Quando ser justo acredita o comando esperar de uma tropa
 um que seus bens em presépios torrou, e já é falta de toda
 a dos familiares fortuna, voando veloz em seu carro 60
 pela Flamínia fazendo-se de Automedonte (que as rédeas
 ele as guiava, enquanto à, de toga, exhibia-se amiga)?
 Não é de agrado no meio umas tábuas encher espaçosas
 de um cruzamento, quando é carregado por já seis cervizes
 em uma de ambos os lados aberta e exposta cadeira, 65
 muito evocando, em aspecto, Mecenas deitado em seu ócio,
 este falsário que para si mesmo fortuna e bonança
 com umas exíguas tabuinhas e um selo fizera molhado?
 Ora aparece esta nobre matrona, que o doce Caleno
 para servir ao marido mistura, sedento, em veneno, 70
 assim instruindo umas rudes, melhor que Lucusta, vizinhas,
 junto à fofoca do povo, a enterrar os maridos já negros.
 Ousa uma coisa das breves Giouras, do cárcere digna,
 caso ser algo tu almejes; a honra é louvada e perece.
 Devem-se aos crimes as hortas, os altos ofícios, as mesas, 75
 a prataria antiquária e na alça do cântaro o bode.
 Quem vai dormir tendo à solta aliciantes de nora avarenta,
 quem sendo incastas as noivas e o moço de toga um adúltero?
 Se a natureza recusa-se, a raiva elabora o poema,
 como melhor for possível; assim faço eu ou Cluvieno. 80
 Desde que Deucalião, tendo nuvens o mar transbordado,
 de embarcação pelo monte subiu e rogou bons augúrios,
 e, pouco a pouco, um suspiro aqueceu e fez tenras as rochas,
 e para os homens, enfim, Pirra nuas aponta donzelas,
 tudo dos homens, as preces, temores, as iras, prazeres, 85
 júbilos, deslocamentos, de nosso livreto é a mistura.
 Quando houve mais copiosas de vício abundâncias? E quando
 mais da avareza estenderam-se as garras? Aos dados, outrora,
 quando tamanhos impulsos? Nem mais de carteira provido
 vai-se à ruína na mesa; já todo um tesouro se joga. 90
 Duelos enormes ali por crupiê tu verás mediados
 que armas entrega! É uma simples loucura sestércios aos centos
 desperdiçar e, que treme, camisa não dar a um escravo?
 Qual construiu tantas vilas e qual sete pratos, sozinho,
 entre os avós já jantou? Mas agora a cestinha à primeira 95

limine parva sedet turbae rapienda togatae;
 ille tamen faciem prius inspicit et trepidat ne
 suppositus venias ac falso nomine poscas:
 agnitus accipies, iubet a praecone vocari
 ipsos Troiugenas, nam vexant limen et ipsi 100
 nobiscum, 'da praetori, da deinde tribuno.'
 sed libertinus prior est. 'prior' inquit 'ego adsum.
 cur timeam dubitemve locum defendere? quamvis
 natus ad Euphraten, molles quod in aure fenestrae
 arguerint, licet ipse negem, sed quinque tabernae 105
 quadringenta parant, quid confert purpura maior
 optandum, si Laurenti custodit in agro
 conductas Corvinus oves, ego possideo plus
 Pallante et Licinis?' expectent ergo tribuni,
 vincant divitiae, sacro ne cedat honori 110
 nuper in hanc urbem pedibus qui venerat albis,
 quandoquidem inter nos sanctissima divitiarum
 maiestas, etsi funesta pecunia templo
 nondum habitas, nullas nummorum ereximus aras,
 ut colitur Pax atque Fides Victoria Virtus 115
 quaeque salute crepitat Concordia nido.
 Sed cum summus honor finito computet anno,
 sportula quid referat, quantum rationibus addat,
 quid facient comites quibus hinc toga, calceus hinc est
 et panis fumusque domi? densissima centum 120
 quadrantibus lectica petit, sequiturque maritum
 languida vel praegnas et circumducitur uxor.
 hic petit absenti nota iam callidus arte
 ostendens vacuam et clausam pro coniuge sellam
 'Galla mea est' inquit, 'citius dimitte, moraris? 125
 profer, Galla, caput, noli vexare, quiescit.'
 sportula, deinde forum iurisque peritus Apollo
 atque triumphales, inter quas ausus habere
 nescio quis titulos Aegyptius atque Arabarches, 130
 cuius ad effigiem non tantum meiere fas est.
 vestibulis abeunt veteres lassique clientes
 votaue deponunt, quamquam longissima cenae
 spes homini; caulis miseris atque ignis emendus.
 optima silvarum interea pelagique vorabit 135
 rex horum, vacuisque toris cantum ipse iacebit
 nam de tot pulchris et latis orbibus et tam
 antiquis una comedunt patrimonia mensa,
 nullus iam parasitus erit. sed quis ferat istas
 luxuriae sordes? quanta est gula quae sibi totos 140
 ponit apros, animal propter convivia natum!
 poena tamen praesens, cum tu deponis amictus
 turgidus et crudum pavonem in balnea portas,
 hinc subitae mortes atque intestata senectus;
 it nova nec tristis per cunctas fabula cenas: 145

porta, tão magra, se põe para a turba assaltá-la togada;
 antes, contudo, o patrão o teu rosto inspeciona com medo
 de que tu finjas e venhas com o nome de outro pedir-lhe:
 se és conhecido, recebes, e faz com que o criado convoque
 a prole mesma de Troia, pois vexam-lhe a porta até estes, 100
 junto conosco. “Oferece ao pretor e depois ao tribuno”.
 Mas um liberto é o primeiro. “Pois se eu”, ele diz, “cheguei antes!
 Por que ter medo hesitando meu posto guardar? Muito embora
 nato do Eufrates, detalhe que os frescos, na orelha, buracos
 claro fariam, se acaso eu negasse, mas cinco comércios 105
 uns quatrocentos me rendem, e o que de maior pela púrpura
 ao se optar conseguimos? Se enquanto em Laurento no campo
 guarda Corvino e conduz seus cordeiros, e mais eu possuo
 do que Palante e os Licínios?” Aguardem, portanto, os tribunos,
 vença o dinheiro, e às honras não ceda sagradas aquele 110
 que ontem ainda para esta cidade com os pés veio brancos,
 pois afinal entre nós do dinheiro é a mais santa de todas
 as majestades, embora a funesta Pecúnia em seu templo
 ainda não more, pois nulos, das moedas, subimos altares,
 como cultuam-se a Paz e a Lealdade, a Vitória, a Virtude 115
 bem como aquela que a um “salve” crepita: a Concórdia, em seu ninho.
 Quando o mais alto oficial, ao final deste ano calcule
 quanto ganhou pela espórtula, quanto ao que tem se acrescenta,
 o que farão os que dela retiram a toga, as sandálias,
 bem como o pão e a fogueira em seus lares? Um mar de liteiras 120
 a quarta parte de cem vai pedindo, e segue o marido,
 lânguida ou grávida, dando com ele umas voltas, a esposa.
 Este, a mulher se ausentando, usa um truque – em que prima! – famoso:
 mostra a vazia e fechada cadeira onde a esposa estaria
 e “Gala”, diz “minha aí está, nos dispensa primeiro. Demoras? 125
 Põe, Gala, o rosto pra fora! Melhor é deixá-la, repousa.”
 O próprio dia em perfeita divide-se ordem de assuntos:
 espórtula, o fórum depois e o perito nas leis deus Apolo,
 e dos triunfos os bustos, no meio dos quais foi ousado
 de colocar suas insígnias não sei qual Egípcio Alabarce, 130
 em cujo busto somente mijar não seria o bastante.
 Deixam as entradas dos fóruns uns velhos e exaustos clientes
 pondo de lado os desejos, embora a maior, de uma janta,
 seja a esperança de um homem; uns míseros caules e fogos
 deve comprar. O melhor da floresta enquanto isso e dos mares 135
 vai devorar seu senhor e, com leitões vazios, deitar-se,
 pois como em mesas tão belas e largas em circunferência
 e tão antigas se come, já num só banquete, uma herança,
 logo já não haverá parasitas. Porém, quem aguenta
 tal sordidez da luxúria? Quão grande é a gula, que inteiros 140
 serve-se porcos, um bicho decerto aos banquetes nascido!
 Mas o castigo é ligeiro, depois que tu tiras a roupa,
 túrgido, e um mal digerido pavão para o banho conduzes,
 donde vêm súbitas mortes, velhices de herdeiros carentes;
 corre a notícia, não triste, por vários jantares, da morte: 145

ducitur iratis plaudendum funus amicis.
 Nil erit ulterius quod nostris moribus addat
 posteritas, eadem facient cupientque minores,
 omne in praecipiti vitium stetit, utere velis,
 totos pande sinus, dicas hic forsitan ‘unde 150
 ingenium par materiae? unde illa priorum
 scribendi quodcumque animo flagrante liberet
 simplicitas? “cuius non audeo dicere nomen?
 quid refert, dictis ignoscat Mucius an non?”
 pone Tigellinum: taeda lucebis in illa 155
 qua stantes ardent qui fixo gutture fumant,
 et latum media sulcum deducis harena.
 Qui dedit ergo tribus patruis aconita, vehatur
 pensilibus plumis atque illinc despiciat nos?
 ‘cum veniet contra, digito compesce labellum: 160
 accusator erit qui verbum dixerit “hic est.”
 securus licet Aenean Rutulumque ferocem
 committas, nulli gravis est percussus Achilles
 aut multum quaesitus Hylas urnamque secutus:
 ense velut stricto quotiens Lucilius ardens 165
 infremuit, rubet auditor cui frigida mens est
 criminibus, tacita sudant praecordia culpa,
 inde ira et lacrimae. tecum prius ergo voluta
 haec animo ante tubas: galeatum sero duelli
 paenitet.’ experiar quid concedatur in illos, 170
 quorum Flaminia tegitur cinis atque Latina.

fazem-se junto a iracundos ‘amigos’, que aplaudem, as exéquias.
 Nada haverá de pior que a essas nossas maneiras acresça
 a posteridade, e o mesmo fazer e almejar vão seus filhos.
 Todos ao máximo os vícios ergueram-se, icemos as velas,
 todas curvemos as lonas, talvez aqui digas “mas de onde 150
 tira-se o gênio que o tema pareie? E aquela, de outrora,
 de qualquer coisa escrever que da alma inflamada se solte,
 franqueza? ‘De quem eu não ousa o bastante que o nome lhe cite?
 O que me importa se aquilo que eu disse perdoa-me Múcio?’
 Põe Tigelino em teus versos: serás uma tocha lá onde, 155
 estando de pé, vão queimando os que, goela amarrada, fumegam,
 e largo sulco farás, bem no meio arrastado da arena”.
 Quem deu, portanto, a três tios acônito vai ser levado
 numa com plumas pendentes cadeira e dali desprezar-nos?
 “Quando ele vier em teu rumo, com o dedo refreia o teu lábio: 160
 um informante será quem apenas tiver dito ‘é este’.
 É permitido que a salvo a Eneias e o Rútulo fero
 ponhas em luta, nem nada de grave é a morte de Aquiles
 ou como tanto buscado foi Hilas atrás de uma urna:
 sempre que, qual se uma espada brandisse, Lucílio iracundo 165
 ruge, o ouvinte enrubesce que tem congelada a consciência
 pelos seus crimes e, em tácita culpa, lhe suam as entranhas,
 vindo daí ódio e pranto. Pondera contigo, portanto,
 antes de as tubas soar: de elmo posto é já tarde, da guerra,
 pra arrepende-se”. Que eu tente o que possa então contra aqueles 170
 de cujo pó jaz em cima a Flamínia e a estrada Latina.

Satura II

Ultra Sauromatas fugere hinc libet et glaciam
 Oceanum, quotiens aliquid de moribus audent
 qui Curios simulant et Bacchanalia uiuunt.
 indocti primum, quamquam plena omnia gypso
 Chrysippi inuenias; nam perfectissimus horum, 5
 si quis Aristotelen similem uel Pittacon emit
 et iubet archet pluteum seruare Cleanthas.
 frontis nulla fides; quis enim non uicus abundat
 tristibus obscenis? castigas turpia, cum sis
 inter Socraticos notissima fossa cinaedos? 10
 hispida membra quidem et durae per brachia saetae
 promittunt atrocem animum, sed podice leui
 caeduntur tumidae medico ridente mariscae.
 rarus sermo illis et magna libido tacendi
 atque supercilio breuior coma. uerius ergo 15
 et magis ingenue Peribomius; hunc ego fati
 inputo, qui uultu morbum incessuque fatetur.
 horum simplicitas miserabilis, his furor ipse
 dat ueniam; sed peiores, qui talia uerbis
 Herculis inuadunt et de uirtute locuti 20
 clunem agitant. 'ego te ceuentem, Sexte, uerebor?'
 infamis Varillus ait, 'quo deterior te?'
 loripedem rectus derideat, Aethiopem albus.
 quis tulerit Gracchos de seditione querentes?
 quis caelum terris non misceat et mare caelo 25
 si fur displiceat Verri, homicida Miloni,
 Clodius accuset moechos, Catilina Cethegum,
 in tabulam Sullae si dicant discipuli tres?
 qualis erat nuper tragico pollutus adulter
 concubitu, qui tunc leges reuocabat amaras 30
 omnibus atque ipsis Veneri Martique timendas,
 cum tot abortiuus fecundam Iulia uuluam
 solueret et patruo similes effunderet offas.
 nonne igitur iure ac merito uitia ultima fictos
 contemnunt Scauros et castigata remordent? 35
 non tulit ex illis toruum Laronia quendam
 clamantem totiens 'ubi nunc, lex Iulia, dormis?'
 atque ita subridens: 'felicia tempora, quae te
 moribus opponunt. habeat iam Roma pudorem:
 tertius e caelo cecidit Cato. sed tamen unde 40
 haec emis, hirsuto spirant opobalsama collo
 quae tibi? ne pudeat dominum monstrare tabernae.
 quod si uexantur leges ac iura, citari
 ante omnis debet Scantinia. respice primum
 et scrutare uiros, faciunt nam plura; sed illos 45
 defendit numerus iunctaeque umbone phalanges.
 magna inter molles concordia. non erit ullum
 exemplum in nostro tam detestabile sexu.

Sátira 2

É para além da Sarmácia, daqui, bom fugir e do oceano
 gélido, sempre que sobre moral a dizer qualquer coisa
 ouse quem posa de Cúrios, vivendo, porém, Bacanárias.
 São, para início, uns indoutos, embora repletos de gessos
 vás, de Crisipo, encontrá-los; pois deles é realizadíssimo 5
 quem de Aristóteles busto ou de Pítaco pôde comprar
 e prateleira encomenda onde pôr manuscritos de Cleantes.
 Nula é do rosto a verdade. Que rua, afinal, não abunda
 de lamentáveis perversos? Castigas torpezas, em sendo
 entre os socráticos putos o mais conhecido buraco? 10
 Pernas peludas, de fato, e uns duros nos braços cabelos
 alma severa prometem, no entanto, do cu depilado
 são retiradas inchadas, por médico rindo, bolotas.
 São de palavras escassas, bastante ao silêncio inclinados
 com sobranças maiores que a coma. Mais, pois, verdadeiro 15
 é e age mais natural Peribômio; este aos fados imputo,
 que na aparência a doença e nos modos de andar admite.
 Destes a pobre franqueza, e a estes a própria loucura
 já lhes perdoa; porém, são piores os que com palavras
 quais as de Hércules chegam e, sobre virtude falando, 20
 a bunda sacodem “vou eu, que reboas, ó Sexto, temer-te?”
 Várido infame pergunta, “e em quê sou pior que tu mesmo?”
 Do que anda cocho o ereto escarneça, do Etíope o branco;
 quem haveria aguentado que os Gracos motins condenassem?
 Quem céu com terras não vai confundir e também mar com céu, 25
 se acaso a Verres ladrão desagrade, a Milão homicida,
 Clódio os lascivos acuse, ou até Catilina a Cetego,
 contra os exílios se digam de Sula os discípulos três?
 Tal se portava, faz pouco, um adúltero imundo vivendo
 trágica união e por isso de leis recordava-se amargas 30
 a todos, as quais mesmo Vênus e Marte temer deveriam,
 quando com tanto abortivo seu útero Júlia, fecundo,
 desamarrava e com a cara do tio cuspiam umas borras.
 Não é, portanto, com mérito e jus que os viciosos extremos
 falsos desprezam Escauros e, sendo alvejados, remordem? 35
 Não aguentou entre aqueles um certo Larônia, sisudo,
 sempre clamante “onde agora, ó Lei Júlia, será que tu dormes?”
 e num sorriso, assim disse: “felizes os tempos, que a ti
 aos maus costumes opõem. Que crie já Roma vergonha,
 Ora um terceiro do céu vem Catão. Diz, no entanto, de onde 40
 estes tu compras, que exalam do hirsuto pescoço, perfumes
 teus? Nem te cause vergonha quem manda na loja apontar-me.
 Mas se umas leis e decretos se escavam, então ser citada
 antes de todas a Lei Escantínia devia. Primeiro
 olha e repara nos homens; de fato, eles são bem piores, 45
 mas os defendem o número e unidas, de escudo, as falanges;
 grande entre os frouxos se faz a concórdia, nenhum tu verás
 caso entre aquelas, assim detestável, que têm nosso sexo.

Tedia non lambit Cluuiam nec Flora Catullam:
 Hispo subit iuuenes et morbo pallet utroque. 50
 numquid nos agimus causas, ciuilia iura
 nouimus aut ullo strepitu fora uestra mouemus?
 luctantur paucae, comedunt coloephia paucae.
 uos lanam trahitis calathisque peracta refertis
 uellera, uos tenui praegnantem stamine fusum 55
 Penelope melius, leuius torquetis Arachne,
 horrida quale facit residens in codice paelex.
 notum est cur solo tabulas inpleuerit Hister
 liberto, dederit uiuus cur multa puellae.
 diues erit magno quae dormit tertia lecto. 60
 tu nube atque tace: donant arcana cylindros.
 de nobis post haec tristis sententia fertur?
 dat ueniam coruis, uexat censura columbas.'
 fugerunt trepidi uera ac manifesta canentem
 Stoicidae; quid enim falsi Laronia? sed quid 65
 non facient alii, cum tu multicia sumas,
 Cretice, et hanc uestem populo mirante perores
 in Proculas et Pollittas? est moecha Fabulla;
 damnetur, si uis, etiam Carfinia: talem
 non sumet damnata togam. 'sed Iulius ardet, 70
 aestuo.' nudus agas: minus est insania turpis.
 en habitum quo te leges ac iura ferentem
 uulneribus crudis populus modo uictor et illud
 montanum positis audiret uulgus aratris.
 quid non proclames, in corpore iudicis ista 75
 si uideas? quaero an deceant multicia testem.
 acer et indomitus libertatisque magister,
 Cretice, perluces. dedit hanc contagio labem
 et dabit in plures, sicut grex totus in agris
 unius scabie cadit et porrigine porci 80
 uuaque conspecta liuorem ducit ab uua.
 foedius hoc aliquid quandoque audebis amictu;
 nemo repente fuit turpissimus. accipient te
 paulatim qui longa domi redimicula sumunt
 frontibus et toto posuere monilia collo 85
 atque bonam tenerae placant abdomine porcae
 et magno cratere deam. sed more sinistro
 exagitata procul non intrat femina limen:
 solis ara deae maribus patet. 'ite, profanae,'
 clamatur, 'nullo gemit hic tibicina cornu.' 90
 talia secreta coluerunt orgia taeda
 Cecropiam soliti Baptae lassare Cotyton.
 ille supercilium madida fuligine tinctum
 obliqua producit acu pingitque trementis
 attollens oculos; uitreo bibit ille Priapo 95
 reticulumque comis auratum ingentibus implet
 caerulea indutus scutulata aut galbina rasa
 et per Iunonem domini iurante ministro;

Tédia não lambe a de Clúvia, tampouco a de Flora, Catula:
 Hispo, porém, sob os jovens, se acaba por ambos os lados. 50
 Quando é que nós atuamos em causas, e algo do direito
 quando soubemos, ou pio qualquer nesses fóruns soltamos?
 Bem poucas lutam, bem poucas proteínas seletas ingerem;
 vocês, porém, lã fiando em cestinhas, perfeitos, carregam
 velos, vocês de suaves tecidos um fuso repleto 55
melhor que Penélope, mais suavemente volteiam que Aracne,
 qual, desgrenhada, costura, largada num banco, uma amante.
 Noto é o porquê de somente tabuinhas ter Híster preenchido
 para um liberto, e ainda vivo ter tanto ofertado à sua esposa:
 rica será quem num leito terceira se deite, espaçoso. 60
 Casa-te e cala-te: dão-te os segredos preciosos presentes.
 E sobre nós – depois disso! – uma triste sentença profere-se?
 Vênia concede pros corvos, vexando a censura umas pombas.”
 Foram-se trépidos ante a verdade patente cantada
 os Estoicidas; e em algo mentiu-lhes Larônia? Contudo, 65
 outros o que não farão, quando tu musselina colocas,
 Crético, e em tais indumentos, ao povo encarante, peroras
 contra umas Próculas e outras Politas; Fabula é uma adúltera.
 Seja danada, e se o queres, também a Carfínia: uma toga
 como a que usas nem ela usaria. “Mas julho é tão quente, 70
 fervo-me.” Então vai pelado, que é menos, ser louco, vergonha.
 Olha a aparência em que leis e direitos citar, este povo
de frescas feridas, vencendo por pouco a batalha, ou aquele
 vulgo dos montes a ti vai ouvir, tendo o arado deposto!
 Quanto não reclamarias, no corpo do juiz se essas roupas 75
 visses? Duvido que até testemunha usaria o que vestes;
 tu, porém, ácido e indômito e da liberdade um maestro,
 Crético, estás transparente. Assaltou-o um mal contagioso,
 e muitos vai ainda assaltar, como a vara completa, nos campos
 morre com a sarna e as feridas de um único porco doente, 80
 e como a uva que, ao vê-lo, já assume o livor de outra uva.
 De algo mais baixo do que isso ousarás, logo logo ir vestido.
Ninguém de repente tornou-se o mais torpe, a ti pouco a pouco,
 vão receber os que, grandes, em casa, grinaldas colocam
 em suas frentes e todo, em colares, enfeitam o pescoço 85
 e a Boa com, de uma tenra porquinha a barriga, apaziguam
 e um grande cálice Deusa, porém neste rito invertido,
 para distante enxotadas, não passam mulheres da porta:
 machos apenas da deusa os altares acolhem, “profanas,
 fora!” se brada, “nenhuma aqui geme flautista com chifre”. 90
 Essas secretas cultuaram orgias à luz de umas tochas,
 a Cecropiana a cansar, habituados os Baptas, Cotito.
 Um os supercílios de úmida fuligem já tendo coberto,
 com uma oblíqua os alonga agulhinha e maquia os trementes
 olhos, erguendo-os; num vítreo a sede outro mata Priapo 95
 e uma redinha dourada das comas compridas preenche
 índigo usando xadrez ou cetim amarelo-esverdeado,
 e pela Juno do mestre jurando também o servente.

ille tenet speculum, pathici gestamen Othonis,
 Actoris Aurunci spoliū, quo se ille uidebat 100
 armatum, cum iam tolli uexilla iuberet.
 res memoranda nouis annalibus atque recenti
 historia, speculum ciuilis sarcina belli.
 nimirum summi ducis est occidere Galbam
 et curare cutem, summi constantia ciuis 105
 Bebriaci campis solium adfectare Palati
 et pressum in faciem digitis extendere panem,
 quod nec in Assyrio pharetrata Sameramis orbe
 maesta nec Actiaca fecit Cleopatra carina.
 hic nullus uerbis pudor aut reuerentia mensae, 110
 hic turpis Cybeles et fracta uoce loquendi
 libertas et crine senex fanaticus albo
 sacrorum antistes, rarum ac memorabile magni
 gutturis exemplum conducendusque magister.
 quid tamen expectant, Phrygio quos tempus erat 115
 iam more superuacua cultris abrumpere carnem?
 quadringenta dedit Gracchus sestertia dotem
 cornicini, siue hic recto cantauerat aere;
 signatae tabulae, dictum 'feliciter,' ingens
 cena sedet, gremio iacuit noua nupta mariti. 120
 o proceres, censore opus est an haruspice nobis?
 scilicet horreres maioraque monstra putares,
 si mulier uitulum uel si bos ederet agnum?
 segmenta et longos habitus et flammea sumit
 arcano qui sacra ferens nutantia loro 125
 sudauit clipeis ancilibus. o pater urbis,
 unde nefas tantum Latiis pastoribus? unde
 haec tetigit, Gradiue, tuos urtica nepotes?
 traditur ecce uiro clarus genere atque opibus uir,
 nec galeam quassas nec terram cuspede pulsas 130
 nec quereris patri. uade ergo et cede seueri
 iugeribus campi, quem negligis. 'officium cras
 primo sole mihi peragendum in ualle Quirini.'
 quae causa officii? 'quid quaeris? nubit amicus
 nec multos adhibet.' liceat modo uiuere, fient, 135
 fient ista palam, cupient et in acta referri.
 interea tormentum ingens nubentibus haeret
 quod nequeant parere et partu retinere maritos.
 sed melius, quod nil animis in corpora iuris
 natura indulget: steriles moriuntur, et illis 140
 turgida non prodest condita pyxide Lyde,
 nec prodest agili palmas praebere luperco.
 uicit et hoc monstrum tunicati fuscina Gracchi,
 lustrauitque fuga mediam gladiator harenam
 et Capitolinis generosior et Marcellis 145
 et Catuli Paulique minoribus et Fabiis et
 omnibus ad podium spectantibus, his licet ipsum
 admoueas cuius tunc munere retia misit.

Um tem consigo um espelho, de Oto frescona um tesouro,
 ator da de Aurunca pilhagem, no qual a si mesmo ele via 100
 armas portando, já quando a erguer-se o pendão comandava,
 algo pra ser recordado por novos anais e a recente
história: um espelho integrando de guerra civil os artefatos.
 Claro que é coisa de um grão general ter a Galba matado
 tendo cuidados com a cútis; de um grão cidadão é a firmeza 105
 de Bebriaco nos campos o sólio almejar do Palácio
 e pressionada no rosto com os dedos passar-se uma massa,
 coisa que nem lá no Assírio a de aljava Semíramis mundo,
 fez, nem a aflita Cleópatra, de Ácio na proa funesta.
Aqui é nenhum o pudor das palavras, da mesa o respeito, 110
 há aqui Cibeles feiosas e, vozes rachadas usando,
 para falar a licença, e de crina um senil inspirado
 alva esses ritos celebra, incomum e marcante de enorme
 gula um exemplo, a tal ponto de ser contratado a ensiná-la.
 Mas o que esperam? Com o Frígio costume já não era a hora 115
 de que eles suas inúteis barrigas na faca rasgassem?
 Uns quatrocentos deu Graco sestércios de dote a um que toca
 chifres, ou este talvez uma reta corneta soprasse;
 tábuas firmadas, já dito o “que sejam felizes”, ingente
 ceia se põe, junto ao peito a “mulher” do recém jaz marido. 120
 Próceres, é de censor ou profeta que nós precisamos?
 Sem hesitar tu horror e portento maior acharias
 se uma mulher um bezerro, ou se vaca parisse um cordeiro?
 Usa brocados e longo vestido e um veuzinho encarnado
 quem junto ao místico couro levando artefatos sagrados 125
 suava do peso de márcios escudos. Ó pai da cidade,
 donde vileza tão grande aos do Lácio pastores? De onde
 esta atingiu, ó Gradivo, urticária terrível teus netos?
 Eis que a outro homem se entrega um preclaro por nome e por obras
 homem e teu elmo não quebras, na terra com a lança não bates, 130
 nem fazes queixa ao teu pai? Então vai-te, abandona do grave
 campo estes acres, que negligencias. “Eu tenho um ofício
 a ser cumprido bem cedo amanhã de Quirino no vale.”
 “Qual é a razão?” “Que pergunta! Será amaridado um amigo
 e poucos convida.” Algo mais nós vivamos e isso veremos – 135
 ah se veremos! – às claras, até nas notícias do dia.
 Mas nesse ínterim grande tormento às maridas se apega:
 que não consigam parir e, com o parto, reter seus maridos.
 Mas o melhor: que direito nenhum sobre o corpo às vontades
 a natureza concede: morrer vão estéreis, e a eles, 140
 gorda, de nada lhes vale, com a caixa sortílega, Lídia,
 nada lhes vale ao veloz estender suas palmas Luperco.
 Mesmo esses monstros venceu o tridente do, em túnica, Graco,
 que, gladiador, ilustrava-a fugindo no centro da arena,
 homem que os Capitolinos bem mais eminente e os Marcelos, 145
 e que de Cátulo Paulo os herdeiros e mesmo que os Fábios,
 e do que todos que assistem do pódio, entre os quais ele próprio
 se poderia contar cuja rede o espetáculo dava.

esse aliquos manes et subterranea regna,
 Cocytum et Stygio ranas in gurgite nigras, 150
 atque una transire uadum tot milia cumba
 nec pueri credunt, nisi qui nondum aere lauantur.
 sed tu uera puta: Curius quid sentit et ambo
 Scipiadae, quid Fabricius manesque Camilli,
 quid Cremerae legio et Cannis consumpta iuuentus, 155
 tot bellorum animae, quotiens hinc talis ad illos
 umbra uenit? cuperent lustrari, si qua darentur
 sulphura cum taedis et si foret umida laurus.
 illic heu miseri traducimur. arma quidem ultra
 litora Iuuernae promouimus et modo captas 160
 Orcadas ac minima contentos nocte Britannos,
 sed quae nunc populi fiunt uictoris in urbe
 non faciunt illi quos uicimus. et tamen unus
 Armenius Zalaces cunctis narratur ephebis
 mollior ardenti sese indulsisse tribuno. 165
 aspice quid faciant commercia: uenerat obses,
 hic fiunt homines. nam si mora longior urbem
 indulsit pueris, non umquam derit amator.
 mittentur braciae, cultelli, frena, flagellum:
 sic praetextatos referunt Artaxata mores. 170

Que haja dos mortos as almas e embaixo da terra algum reino,
 que haja algum Cócito ou dentro do Estígio rãs negras abismo 150
 e que milhares trespassem, em um só barquinho, algum rio,
 nem as crianças dão crédito, salvo as que grátis se lavam.
 Pensa, porém, que é verdade: então Cúrio o que sente com ambos
 os Sipiades, o que um Fabrício e, em fantasma, Camilo,
 o que de Cremera a legião ou em Canas perdidos os jovens, 155
 tantos valentes espíritos, quando daqui tal a eles
 sombra avizinha-se? Iriam querer expurgar-se, se ao menos
 dessem-lhes tochas, enxofre e uma úmida folha de louro.
 Miseros, ai! lá seremos piada. De fato, os exércitos
 ultrapassar litorais da Juverna mandamos e há pouco 160
 as Órcadas nós conquistamos e a mínima noite os Britânicos
 habituados; mas hoje o que faz-se do povo na urbe
 vitorioso os a quem nós vencemos jamais o faziam;
 diz-se, porém, um Armênio Zalace que todo mancebo
 mais molenguinha a um fogoso a si mesmo ter dado tribuno. 165
 Vê o que produz o comércio: eles vêm como espólio de guerra,
 fazem-se homens aqui, mais um pouco ficar na cidade
 se se concede aos rapazes, jamais amadores lhes faltam.
 Vão ser deixados as calças, cutelos, arreios, chicotes;
 e levar-se-ão pretextados de volta a Artaxata costumes. 170

Satura III

Quamvis digressu veteris confusus amici
 laudo tamen, vacuis quod sedem figere Cumis
 destinet atque unum civem donare Sibyllae.
 ianua Baiarum est et gratum litus amoeni
 secessus. ego vel Prochytam praepono Suburae; 5
 nam quid tam miserum, tam solum vidimus, ut non
 deterius credas horrere incendia, lapsus
 tectorum adsiduos ac mille pericula saevae
 urbis et Augusto recitantes mense poetas?
 Sed dum tota domus raeda componitur una, 10
 substitit ad veteres arcus madidamque Capenam.
 hic, ubi nocturnae Numa constituebat amicae
 (nunc sacri fontis nemus et delubra locantur
 Iudaeis, quorum cophinus fenumque supellex;
 omnis enim populo mercedem pendere iussa est 15
 arbor et eiectis mendicat silva Camenis),
 in vallem Egeriae descendimus et speluncas
 dissimiles veris. quanto praesentius esset
 numen aquis, viridi si margine cluderet undas
 herba nec ingenuum violarent marmora tofum. 20
 Hic tunc Umbricius 'quando artibus' inquit 'honestis
 nullus in urbe locus, nulla emolumenta laborum,
 res hodie minor est here quam fuit atque eadem cras
 deteret exiguis aliquid, proponimus illuc
 ire, fatigatas ubi Daedalus exuit alas, 25
 dum nova canities, dum prima et recta senectus,
 dum superest Lachesi quod torqueat et pedibus me
 porto meis nullo dextram subeunte bacillo.
 cedamus patria. vivant Artorius istic
 et Catulus, maneant qui nigrum in candida vertunt, 30
 quis facile est aedem conducere, flumina, portus,
 siccandam eluviem, portandum ad busta cadaver,
 et praebere caput domina venale sub hasta.
 quondam hi cornicines et municipalis harenae
 perpetui comites notaeque per oppida buccae 35
 munera nunc edunt et, verso pollice vulgus
 cum iubet, occidunt populariter; inde reversi
 conducunt foricas, et cur non omnia? cum sint
 quales ex humili magna ad fastigia rerum
 extollit quotiens voluit Fortuna iocari. 40
 Quid Romae faciam? mentiri nescio; librum,
 si malus est, nequeo laudare et poscere; motus
 astrorum ignoro; funus promittere patris
 nec volo nec possum; ranarum viscera numquam
 inspexi; ferre ad nuptam quae mittit adulter, 45
 quae mandat, norunt alii; me nemo ministro
 fur erit, atque ideo nulli comes exeo tamquam
 mancus et extinctae corpus non utile dextrae.

Sátira 3

Mesmo que eu fique algo triste, um meu velho mudando-se amigo,
louvo ainda assim que nos ermos fixar sua morada, de Cumas,
ele decida e um só cidadão vá doar à Sibila.

Porta das Baías, é costa agradável de ameno sossego,
eu até mesmo uma Prócida anteporia à Suburra; 5
pois de tão mísero, tão solitário, o que vimos que não
mais possas crer que horrorize, que incêndios, colapsos de teto
sempre frequentes e outros milhares de riscos ferozes
desta cidade e os, de Augusto no mês, recitantes poetas?

Mas toda a casa compondo-se apenas em uma carruagem 10
Ele parou sob os arcos antigos da fresca Capena,
lá onde Numa com sua noturna arranjava-se amiga,
ora a da fonte sagrada floresta e os templos se deixam
para os judeus, com suas cestas e feno e domésticas tralhas
(toda, de fato, ao povo a tributo pagar obrigou-se 15
árvore e assim, com as expulsas, o bosque mendiga, Camenas).

Nós para o vale de Egéria descemos e para cavernas
à natureza dissímeis, ai quão mais presente estaria
o nume da fonte, se em verdes tapetes as águas flaqueasse
relva e os mármore não violentassem a tufa nativa. 20
Aqui Umbrício, então, “quando às artes” a mim disse “honestas”
nulo na urbe há lugar, fruto algum advém dos suores,
hoje o que tenho é menor do que ontem, e o mesmo amanhã
se esvairá em qualquer mixaria, eu daqui me proponho
a ir-me aonde Dédalo, já fatigadas, depôs suas asas, 25
enquanto são frescas as cãs e a velhice, ainda ereta e primeira,
enquanto a Láquesis ainda há o que teça e apenas com as pernas
eu me suporte e prescindindo de ter sob a destra um cajado.

Que nós deixemos a pátria, que vivam aqui um Artório 30
ou algum Cátulo, fiquem os que o negro no cândido vertem,
quem acha fácil empreender, seja em casa, nos rios ou portos,
ou na limpeza do esgoto, em levar para a pira um cadáver,
e em ofertar a cabeça, venal, para a dômina lança.

Estes outrora soprantes de chifre e em arenas munícipes
sempre presentes, de caras, por toda cidade, famosas, 35
são hoje o próprio espetáculo e, com o polegar para baixo,
se o vulgo lhes manda, trucidam com fama; dali retornados
limpam privadas, por que não limpá-las e o resto, quando eles
são desse tipo que do húmus às sumas alturas das coisas
ergue-os, assim que deseja a Fortuna uma boa risada? 40

O que em Roma eu farei? De mentir não entendo: um livro
sendo ruim, não consigo louvá-lo e implorá-lo; de como
movem-se os astros não sei; o enterro arranjar para um *pater*
eu não consigo nem quero; das rãs as entranhas eu nunca
inspecionei; entregar para a noiva o que manda-lhe o amante, 45
seja o que for, outros sabem; ninguém, tendo em mim um comparsa,
vai ser ladrão e, por isso, estou sempre sozinho, tal como
fosse algum manco e privado, com um corpo não útil, da destra.

quis nunc diligitur nisi conscius et cui fervens
 aestuat occultis animus semperque tacendis? 50
 nil tibi se debere putat, nil conferet umquam,
 participem qui te secreti fecit honesti.
 carus erit Verri qui Verrem tempore quo vult
 accusare potest. tanti tibi non sit opaci
 omnis harena Tagi quodque in mare volvitur aurum, 55
 ut somno careas ponendaque praemia sumas
 tristis et a magno semper timearis amico.
 Quae nunc divitibus gens acceptissima nostris
 et quos praecipue fugiam, properabo fateri,
 nec pudor obstat. non possum ferre, Quirites, 60
 Graecam urbem. quamvis quota portio faecis Achaei?
 iam pridem Syrus in Tiberim defluxit Orontes
 et linguam et mores et cum tibicine chordas
 obliquas nec non gentilia tympana secum
 vexit et ad circum iussas prostare puellas. 65
 ite, quibus grata est picta lupa barbara mitra.
 rusticus ille tuus sumit trechedipna, Quirine,
 et ceromatico fert niceteria collo.
 hic alta Sicyone, ast hic Amydone relictas,
 hic Andro, ille Samo, hic Trallibus aut Alabandis, 70
 Esquillas dictumque petunt a vimine collem,
 viscera magnarum domuum dominique futuri.
 ingenium velox, audacia perdita, sermo
 promptus et Isaeo torrentior: ede quid illum
 esse putes. quemvis hominem secum attulit ad nos: 75
 grammaticus, rhetor, geometres, pictor, aliptes,
 augur, schoenobates, medicus, magus, omnia novit
 Graeculus esuriens: in caelum iusseris, ibit.
 in summa non Maurus erat neque Sarmata nec Thrax
 qui sumpsit pinnas, mediis sed natus Athenis. 80
 horum ego non fugiam conchylia? me prior ille
 signabit fultusque toro meliore recumbet,
 advectus Romam quo pruna et cottana vento?
 usque adeo nihil est quod nostra infantia caelum
 hausit Aventini baca nutrita Sabina? 85
 Quid quod adulandi gens prudentissima laudat
 sermonem indocti, faciem deformis amici,
 et longum invalidi collum cervicibus aequat
 Herculis Antaeum procul a tellure tenentis,
 miratur vocem angustam, qua deterius nec 90
 ille sonat quo mordetur gallina marito?
 haec eadem licet et nobis laudare, sed illis
 creditur. an melior cum Thaida sustinet aut cum
 uxorem comoedus agit vel Dorida nullo
 cultam palliolo? mulier nempe ipsa videtur, 95
 non persona, loqui: vacua et plana omnia dicas
 infra ventriculum et tenui distantia rima.
 nec tamen Antiochus nec erit mirabilis illic

Hoje querido quem é, sem ser cúmplice de algo e um alguém
 fêrvido em coisas ocultas no íntimo e sempre a calar-se? 50
 Pensa que nada te deva, jamais coisa alguma em retorno
 tens, se partícipe alguém de um segredo tornou-te, inocente:
 Caro será para Verres quem Verres, no tempo em que queira,
 possa acusar; não te sejam assim tão valiosas, do opaco
 Tajo completo, as areias e o que, para o mar se revolve, 55
 ouro, que o sono te falte e os devidos regalos recebas,
 mísero, e sejas perpétuo temor de um amigo importante.
 Ora entre os nossos, de um povo muitíssimo aceito, ricos,
 principalmente do qual eu me afasto, em falar terei pressa,
 sem que pudor me atrapalhe. Eu não posso aguentar, ó quirites 60
 Roma engregada; porém na ralé quantos são os argivos?
 Já há muito tempo que o sírio no Tibre afluiu rio Orontes,
 e a língua e os costumes e, junto aos flautistas, as cordas das harpas
 dúbias e ainda por cima do povo os tambores, consigo,
 trouxe e as, ao circo, ordenadas a porem-se à venda, meninas. 65
 Vai lá, se agrada-te, em véus, uma bárbara puta, pintados!
 Estes teus rústicos vestem-se qual parasitas, Quirino,
 e, de ceroma banhado, carregam Niké no pescoço,
 este é da alta Sicião, mas este outro de Ámidon deixada,
 este é de Andros, aquele de Samos, Trácios, Alabandos, 70
 vão às Esquílias buscando a famosa por vime colina,
 pra se entranhar nas ilustres famílias, depois dominá-las,
 de raciocínio veloz, ousadia incontida, discurso
 pronto e até que o de Iseu mais fluente: me diz o que aquele
 pensas que seja? O papel que desejes consigo ele trouxe: 75
 ele é gramático rétor geômetra alipta pintor
 vate funâmbulo médico e mago: toda arte domina,
 se está faminto, um greguinho; mandado ir ao céu, lá vai ele.
 Pra resumir, não foi Mouro ou Sarmácio, bem menos um Trácio
 que asas vestiu, mas um homem no centro nascido de Atenas. 80
 E eu não fugir dessa gente de púrpura? Antes de mim
 vai assinar e num leito melhor do jantar reclinar-se,
 vinda até Roma com o, figos e ameixas que traz, mesmo vento?
 Ainda de nada valeu-me a infância que eu tive uma brisa
 ter do Aventino sorvido e nutrido-se em frutas Sabinas? 85
 E quanto ao fato de que, em adular, essa gente habilíssima
 louva a conversa do indouto, a beleza do amigo feioso,
 e de um fracote o comprido pescoço aos trapézios iguala
 de Hércules – este a Anteu suspendendo distante do solo –
 se maravilha com voz espremida, melhor não soando 90
 nem que a daquele que bica a galinha quando é seu marido?
 Isso igualmente também nos é dado louvar, mas é neles
 que se acredita, pois quem é melhor de em Thaís converter-se
 ou em atuar como esposa ou ainda de Dóris com nula
 roupa vestida? Mulher de verdade, em pessoa, parece – 95
 não personagem – falar; tudo liso e vazio dirias
 ser logo abaixo do ventre e afastado por sulco suave.
 Mas nem Antíoco, nem admirável será para os gregos

aut Stratocles aut cum molli Demetrius Haemo:
 natio comoeda est. rides, maiore cachinno 100
 concutitur; flet, si lacrimas conspexit amici,
 nec dolet; igniculum brumae si tempore poscas,
 accipit endromidem; si dixeris "aestuo," sudat.
 non sumus ergo pares: melior, qui semper et omni
 nocte dieque potest aliena sumere vultum 105
 a facie, iactare manus laudare paratus,
 si bene ructavit, si rectum minxit amicus,
 si trulla inverso crepitum dedit aurea fundo.
 Praeterea sanctum nihil +aut+ ab inguine tutum,
 non matrona laris, non filia virgo, nec ipse 110
 sponsus levis adhuc, non filius ante pudicus.
 horum si nihil est, aviam resupinat amici.
 [scire volunt secreta domus atque inde timeri.]
 et quoniam coepit Graecorum mentio, transi
 gymnasia atque audi facinus maioris abollae. 115
 Stoicus occidit Baream delator amicum
 discipulumque senex ripa nutritus in illa
 ad quam Gorgonei delapsa est pinna caballi.
 non est Romano cuiquam locus hic, ubi regnat
 Protogenes aliquis vel Diphilus aut Hermarchus, 120
 qui gentis vitio numquam partitur amicum,
 solus habet. nam cum facilem stillavit in aurem
 exiguum de naturae patriaeque veneno,
 limine summoveor, perierunt tempora longi
 servitii; nusquam minor est iactura clientis. 125
 Quod porro officium, ne nobis blandiar, aut quod
 pauperis hic meritum, si curet nocte togatus
 currere, cum praetor lictorem inpellat et ire
 praecipitem iubeat dudum vigilantibus orbis,
 ne prior Albinam et Modiam collega salutet? 130
 divitis hic servo cludit latus ingenuorum
 filius; alter enim quantum in legione tribuni
 accipiunt donat Calvinae vel Catienae,
 ut semel aut iterum super illam palpitet; at tu,
 cum tibi vestiti facies scorti placet, haeres 135
 et dubitas alta Chionen deducere sella.
 da testem Romae tam sanctum quam fuit hospes
 numinis Idaei, procedat vel Numa vel qui
 servavit trepidam flagranti ex aede Minervam:
 protinus ad censum, de moribus ultima fiet 140
 quaestio. "quot pascit servos? quot possidet agri
 iugera? quam multa magnaue paropside cenat?"
 quantum quisque sua nummorum servat in arca,
 tantum habet et fidei. iures licet et Samothracum
 et nostrorum aras, contemnere fulmina pauper 145
 creditur atque deos dis ignoscentibus ipsis.
 Quid quod materiam praebet causasque iocorum
 omnibus hic idem, si foeda et scissa lacerna,

seja Estrátocles, seja Demétrio com o feminil Hemo:
 lá é a nação da comédia. Tu ris, por maior gargalhada 100
 é acometido; ele chora, se as lágrimas viu de um amigo
 sem condoer-se; um foguinho no tempo da bruma se acendes,
 já se agasalha; se houveres falado “está quente”, ele sua.
 Logo, não somos iguais: é melhor o que sempre e em todo
 dia e noite consegue, de alheia, assumir o semblante 105
 face e está sempre a suas mãos agitar e a louvar preparado,
 se arrotou bem, ou se assim bem retinho mijou um amigo,
 se o vaso de ouro em que caga ressoa ao bater nele a merda.
 Fora que nada lhe é sacro ou de sua virilha está livre:
 nem a matrona do Lar, nem a filha donzela e nem mesmo 110
 seu prometido ainda imberbe, ou o filho até ali virtuoso;
 destes se nada consegue, na avó ele monta do amigo.
 Querem saber os segredos da casa e, assim, ser temidos.
 Já que começa dos gregos o assunto, deixemos de lado
 sua ginástica e ouçamos um crime de bem maior monta. 115
 Velho, um estoico de Báreas a morte arranjou delatando-o –
 um seu amigo e discípulo –, tendo na margem crescido
 onde desceu flutuando, da Górgona, a pena do potro.
 Não há lugar a Romano nenhum por aqui, onde reina
 Qualquer Protógenes, ou algum Dífilo ou mesmo um Hermarco, 120
 que, pelo vício da raça, jamais compartilha um amigo,
 tendo-o sozinho, pois quando, solícita, infuso na orelha
 algo de exíguo do seu natural e do pátrio veneno,
 porta pra fora me botam, perdendo-se os anos de longa
 dedicação; nunca alhures se chuta assim fácil um cliente. 125
 Qual, além disso, trabalho – pra que eu não me gabe –, ou que outro
 mérito há aqui para um pobre, se cuida de, à noite, togado,
 já se apressar, e um pretor enquanto isso o liteiro fustigue
 e lhe comande que voe até as já vigilantes solteiras,
 pra que não antes a Albina e a Módia o colega saúde? 130
 De um milionário aqui hoje ao escravo escoltar se submete
 o filho de nobres; e outro, de fato, com o quanto recebem
 na legião os tribunos, regala Calvina ou Catiena,
 para que, vezes por outras, sobre elas espasme; no entanto,
 tu quando o rosto velado da puta te agrada, congelas 135
 e hesitas se debes Quione descer de sua alta cadeira.
 Mostra-me aqui testemunha tão santa qual foi o hospedeiro
 da deusa ideana, quer Numa apresente-se, quer venha aquele
 que resgatou a tremente, das chamas de um templo, Minerva:
 vai-se direto ao que tem, sobre os hábitos faz-se por último 140
 uma pergunta. “Mas quantos escravos mantém? Quantos acres
 tem de fazendas? Quão farto e variado cardápio ele janta?”
 Quanto qualquer indivíduo dinheiro conserve em sua arca,
 tanto ele tem de confiança, que jures seja em samotrácios,
 seja nos nossos altares. Desdém pelos raios um pobre 145
 crê-se que tenha e por deuses, com os próprios aquiescentes deuses.
 E quanto ao fato que assunto ofereça e motivos de troça
 a todos o pobre, se sujo e rasgado conserva seu manto,

si toga sordidula est et rupta calceus alter
 pelle patet, vel si consuto volnere crassum 150
 atque recens linum ostendit non una cicatrix?
 nil habet infelix paupertas durius in se
 quam quod ridiculos homines facit. "exeat" inquit,
 "si pudor est, et de pulvino surgat equestri,
 cuius res legi non sufficit, et sedeant hic 155
 lenonum pueri quocumque ex fornice nati,
 hic plaudat nitidus praeconis filius inter
 pinnirapi cultos iuvenes iuvenesque lanistae."
 sic libitum vano, qui nos distinxit, Othoni.
 quis gener hic placuit censu minor atque puellae 160
 sarcinulis inpar? quis pauper scribitur heres?
 quando in consilio est aedilibus? agmine facto
 debuerant olim tenues migrasse Quirites.
 Haut facile emergunt quorum virtutibus obstat
 res angusta domi, sed Romae durior illis 165
 conatus: magno hospitium miserabile, magno
 servorum ventres, et frugi cenula magno.
 fictilibus cenare pudet, quod turpe negabis
 translatus subito ad Marsos mensamque Sabellam
 contentusque illic veneto duroque cucullo. 170
 Pars magna Italiae est, si verum admittimus, in qua
 nemo togam sumit nisi mortuus. ipsa dierum
 festorum herboso colitur si quando theatro
 maiestas tandemque redit ad pulpita notum
 exodium, cum personae pallentis hiatum 175
 in gremio matris formidat rusticus infans,
 aequales habitus illic similesque videbis
 orchestram et populum; clari velamen honoris
 sufficiunt tunicae summis aedilibus albae.
 hic ultra vires habitus nitor, hic aliquid plus 180
 quam satis est interdum aliena sumitur arca.
 commune id vitium est: hic vivimus ambitiosa
 paupertate omnes. quid te moror? omnia Romae
 cum pretio. quid das, ut Cossum aliquando salutes,
 ut te respiciat clauso Veiento labello? 185
 ille metit barbam, crinem hic deponit amati;
 plena domus libis venalibus: accipe et istud
 fermentum tibi habe. praestare tributa clientes
 cogimur et cultis augere peculia servis.
 Quis timet aut timuit gelida Praeneste ruinam 190
 aut positis nemorosa inter iuga Volsiniis aut
 simplicibus Gabiis aut proni Tiburis arce?
 nos urbem colimus tenui tibicine fultam
 magna parte sui; nam sic labentibus obstat
 vilicus et, veteris rimae cum textit hiatum, 195
 securos pendente iubet dormire ruina.
 vivendum est illic, ubi nulla incendia, nulli
 nocte metus. iam poscit aquam, iam frivola transfert

se a toga é manchada e tem furos e numa das botas o couro
 abre-se ao meio, ou, se em suturada ferida, grosseira 150
 linha e recente revela – nem sendo uma só – as cicatrizes?
 Nada possui a infausta pobreza mais duro em si mesma,
 do que ridículo o homem tornar. Vai dizer “Pule fora”,
 “se tem vergonha e do assento levante-se qualquer equestre
 cujos pertences a lei não alcançam, e aqui se acomode 155
 do proxeneta o menino – o que importa o puteiro em que fez-se?
Aqui bata palmas do nítido arauto o filhinho, este em meio,
 do gladiador, aos espertos rapazes e aos do treinador”.
Assim foi de agrado ao inútil, que a nós dividiu, daquele Oto.
 Que genro aqui agradou, menos rico e nem mesmo igualando 160
 às das meninas bolsinhas? Que pobre se escreve um herdeiro?
 Quando em conselho estará com os edis? Feito exército em marcha,
há muito os pequenos deviam embora ter ido Quirites.
 Não facilmente triunfam os que a seus talentos opõem-se
os poucos recursos da casa. Porém bem mais duro é em Roma 165
 para os que tentam: é caro hospedagem fuleira, e caras
 são dos escravos as panças, e humilde jantinha é bem cara.
 Em pratos de barro jantar envergonha, mas tu negarás
 torpe isso ser, se de súbito aos Marsos ou a mesa Sabina
 fores, ali satisfeito com o azul de um capuz já surrado. 170
 Há grande parte da Itália, se nós a verdade admitimos,
 onde ninguém usa toga, a não ser quando morre, até mesmo
 quando, dos dias de festa, no herboso cultiva-se palco
 a majestade e afinal novamente se encena famosa
 farsa, e quando a abertura na boca da máscara pálida 175
 faz no abraço da mãe encolher-se um rústico infante,
 símiles trajas ali e verás terem a mesma aparência
 os senadores e o povo, e qual veste do ofício ilustrado
 bastam umas túnicas para os mais altos edis, de cor branca.
Aqui bem maior do que os meios é o brilho das roupas, aqui 180
 mais que o bastante, algo às vezes de alheia se tira carteira.
 Este defeito é comum, nós vivemos aqui uma pomposa
pobreza, nós todos – por que eu me demoro? Qualquer coisa em Roma
 vem com seu preço, o que dás pra que a Cosso tu às vezes saúdes,
 para que te olhe de cima, de lábios Vejento cerrados? 185
 Aquele a barba mensura, o cabelo este faz de um amado;
 cheia é a casa de bolos à venda; de um serve-te e isto
 vai fermentando contigo: a tributos prestar nós clientes
 somos coagidos e a, cultos, mais ricos tornar uns escravos.
 Quem hoje teme ou temeu na gelada Preneste a ruína 190
do teto ou nos, postos em meio a frondosas montanhas, Volsínios
 ou entre os Gábios modestos ou no alto, de Tívoli, muro?
 Nós a cidade fizemos por tênue pilar sustentada
em vários lugares; assim é que impede das casas a queda
 o magistrado e depois de maquiara umas fendas antigas, 195
 manda que a salvo, com apenas pendente, durmamos, a ruína.
 Bom de viver é um lugar onde não há incêndios nem tantos
 medos noturnos, já implora por água, já inúteis pertences

Ucalegon, tabulata tibi iam tertia fumant:
 tu nescis; nam si gradibus trepidatur ab imis, 200
 ultimus ardebit quem tegula sola tuetur
 a pluvia, molles ubi reddunt ova columbae.
 lectus erat Cordo Procula minor, urceoli sex
 ornamentum abaci, nec non et parvulus infra
 cantharus et recubans sub eodem marmore Chiron, 205
 iamque vetus Graecos servabat cista libellos
 et divina opici rodebant carmina mures.
 nil habuit Cordus, quis enim negat? et tamen illud
 perdidit infelix totum nihil. ultimus autem
 aerumnae cumulus, quod nudum et frustra rogantem 210
 nemo cibo, nemo hospitio tectoque iuvabit.
 Si magna Asturici cecidit domus, horrida mater,
 pullati proceres, differt vadimonia praetor.
 tum gemimus casus urbis, tunc odimus ignem.
 ardet adhuc, et iam accurrit qui marmora donet, 215
 conferat inpensas; hic nuda et candida signa,
 hic aliquid praeclarum Euphranoris et Polycliti,
 haec Asianorum vetera ornamenta deorum,
 hic libros dabit et forulos mediamque Minervam,
 hic modium argenti. meliora ac plura reponit 220
 Persicus orborum lautissimus et merito iam
 suspectus tamquam ipse suas incenderit aedes.
 Si potes avelli circensibus, optima Sorae
 aut Fabrateriae domus aut Frusinone paratur
 quanti nunc tenebras unum conducis in annum. 225
 hortulus hic puteusque brevis nec reste movendus
 in tenuis plantas facili diffunditur haustu.
 vive bidentis amans et culti vilicus horti
 unde epulum possis centum dare Pythagoreis.
 est aliquid, quocumque loco, quocumque recessu, 230
 unius sese dominum fecisse lacertae.
 Plurimus hic aeger moritur vigilando (sed ipsum
 languorem peperit cibus imperfectus et haerens
 ardenti stomacho); nam quae meritoria somnum
 admittunt? magnis opibus dormitur in urbe. 235
 inde caput morbi. raedarum transitus arto
 vicorum in flexu et stantis convicia mandrae
 eripient somnum Druso vitulisque marinis.
 si vocat officium, turba cedente vehetur
 dives et ingenti curret super ora Liburna 240
 atque obiter leget aut scribet vel dormiet intus;
 namque facit somnum clausa lectica fenestra.
 ante tamen veniet: nobis properantibus obstat
 unda prior, magno populus premit agmine lumbos
 qui sequitur; ferit hic cubito, ferit assere duro 245
 alter, at hic tignum capiti incutit, ille metretam.
 pingua crura luto, planta mox undique magna
 calcor, et in digito clavus mihi militis haeret.

Ucalegonte transfere, e o teu piso terceiro já fuma
 e tu não o sabes; dos níveis chegando o alarido inferiores, 200
 o último a arder será aquele a quem só um telhadinho protege
 da chuva, lá onde macias aquecem seus ovos as pombas.
 Codro possuía uma cama menor do que Prócula, seis
 como ornamento de mesa jarrinhas, também pequenino
um vaso e deitando-se sob, de mármore a mesa, seu Quíron, 205
 uma já velha cestinha seus gregos guardava libretos
 e os tão divinos, uns ratos incultos roíam, poemas.
 Codro, de fato, não teve foi nada – quem nega? Assim mesmo,
 todo esse nada perdeu o infeliz, mas o ponto mais alto
 de sua desgraça e o cúmulo é que, mesmo nu e implorante, 210
em vão, com o que coma ninguém e ninguém com abrigo ou um teto
 o ajudará. Se a mansão de um Astúrico queima, assombrada
 a mãe, os ilustres de luto, o pretor vadimônio lhe leva,
então nós gememos o caos da cidade, então seus incêndios
 nós odiamos e, ardendo, já acode quem mármore doe, 215
e assumas as despesas; um deles branquíssimas nuas estátuas,
 este algo muito famoso, talvez de Eufranor ou Políclito,
 este de asiáticas uns ornamentos antigos deidades,
 este alguns livros dará e prateleiras e, em busto, Minerva,
 este um punhado de prata; com mais e melhor lhe compensa 220
 Pérsico, dos sem herdeiro o mais rico, e já – não a toa –
 o próprio dono é suspeito de ter incendiado sua casa.
Se podes rasgar-te dos jogos circenses, arruma-se, em Sora,
 ótima casa ou na Frabateria ou ainda em Frusino,
 pelo que agora num escuro buraco em um ano só pagas. 225
 Lá um jardimzinho terás e um poço pequeno, sem corda,
em plantas suaves se asperge, solícito em água ofertar-lhe,
 vive do arado um amante e senhor de um jardim cultivado,
 donde a um banquete consigas uns cem convidar pitagóricos.
 Já é uma coisa, em qualquer fim de mundo, o quão seja escondido, 230
 Mesmo que apenas de um, o senhor ter-se feito, calango.
 Muito doente aqui morre por falta de sono (no entanto,
 sua prostração alimento mal feito causou que se gruda
 no estômago ardente), pois que instalações uma noite tranquila
 dão-nos? Apenas com grandes fortunas se dorme na urbe. 235
 Esta é a causa do agravo: das rodas o giro em estreitas
 ruas sinuosas e o ruído dos carros de gado empacados
 vão arrebatar mesmo a Druso seu sono assim como às focas.
 Quando o dever lhe convoca, com a turba cedendo, conduz-se
 um magnata e em ingente se arranca sobre eles liburna 240
 e no caminho vai ler, escrever ou dormir ali dentro.
 Claro! conduz-nos ao sono, janela fechada, a liteira.
 Antes porém ele chega: a mim, apressando-me, embarga
 a onda da frente, amontoado, me espreme as costelas o povo
 que segue; um me dá o cotovelo, me acerta com duro porrete 245
 o outro, este acerta uma viga em meu coco e aquele uma jarra.
 Pernas cagadas de lama, com solas, de todos os lados,
 pisam-me, e num de meu dedos o prego de um guarda se espeta.

Nonne vides quanto celebretur sportula fumo?
 centum convivae, sequitur sua quemque culina. 250
 Corbulo vix ferret tot vasa ingentia, tot res
 inpositas capiti, quas recto vertice portat
 servulus infelix et cursu ventilat ignem.
 scinduntur tunicae sartae modo, longa coruscat
 serraco veniente abies, atque altera pinum 255
 plaustra vehunt; nutant alte populoque minantur.
 nam si procubuit qui saxa Ligustica portat
 axis et eversum fudit super agmina montem,
 quid superest de corporibus? quis membra, quis ossa
 invenit? obtritum volgi perit omne cadaver 260
 more animae. domus interea segura patellas
 iam lavat et bucca foculum excitat et sonat unctis
 striglibus et pleno componit lintea gutto.
 haec inter pueros varie properantur, at ille
 iam sedet in ripa taetrumque novicius horret 265
 porthmea nec sperat caenosi gurgitis alnum
 infelix nec habet quem porrigat ore trientem.
 Respice nunc alia ac diversa pericula noctis:
 quod spatium tectis sublimibus unde cerebrum
 testa ferit, quotiens rimosa et curta fenestris 270
 vasa cadant, quanto percussum pondere signent
 et laedant silicem. possis ignavus haberi
 et subiti casus improvidus, ad cenam si
 intestatus eas: adeo tot fata, quot illa
 nocte patent vigiles te praetereunte fenestrae. 275
 ergo optes votumque feras miserabile tecum,
 ut sint contentae patulas defundere pelves.
 Ebrius ac petulans, qui nullum forte cecidit,
 dat poenas, noctem patitur lugentis amicum
 Pelidae, cubat in faciem, mox deinde supinus: 280
 [ergo non aliter poterit dormire; quibusdam]
 somnum rixa facit. sed quamvis improbus annis
 atque mero fervens cavet hunc quem coccina laena
 vitari iubet et comitum longissimus ordo,
 multum praeterea flammaram et aenea lampas. 285
 me, quem luna solet deducere vel breve lumen
 candelae, cuius dispenso et tempero filum,
 contemnit. miserae cognosce prohoemia rixae,
 si rixa est, ubi tu pulsas, ego vapulo tantum.
 stat contra starique iubet. parere necesse est; 290
 nam quid agas, cum te furiosus cogat et idem
 fortior? "unde venis" exclamat, "cuius aceto,
 cuius conche tumes? quis tecum sectile porrum
 sutor et elixi veredis labra comedit?
 nil mihi respondes? aut dic aut accipe calcem. 295
 ede ubi consistas: in qua te quaero proseucha?"
 dicere si temptes aliquid tacitusve recedas,
 tantumdem est: feriunt pariter, vadimonia deinde

Não vês com quanta poeira celebra-se a hora da espórtula?
 São cem convivas, e cada é seguido de sua cozinha. 250
 Mesmo Corbulo mal pode levar tantos potes enormes
 e tanta tralha que põe na cabeça, pescoço ainda ereto,
 um pobre escravo e, no curso, ainda deve manter uma chama.
 Rasgam-se mantos há pouco emendados, comprido tremula,
 vindo num carro um abeto, e outros vagões um pinheiro 255
 levam; oscilam os dois, lá do alto e o povo ameaçam.
 Pois uma vez que se parta o que as pedras ligúrias transporta
 eixo e, liberto, derrame por cima da massa este monte,
 o que sobrevive dos corpos? Quem membros, quem ossos encontra?
 todo esmagado do vulgo reduz-se o cadáver a nada 260
 assim como a alma. A família enquanto isso, segura, panelas
 lava e com a boca um foguinho já excita e ressoa esfregando
 escovas de banho e o linho nos frascos arruma de óleo.
 Nisso, apressando-se escravos de todas as formas, já o mestre
 senta-se à margem e o tétrico ao ver, qual novato, estremece 265
barqueiro, nem espera do abismo lodoso o amieiro partir,
 mísero, nem possuindo quem ponha em seu rosto uns trocados.
 Ora repara nos outros e vários perigos da noite:
 quanta distância há dos tetos mais altos de onde o teu crânio
 telha arrebente, quão sempre, rachados em cacos, do alto, 270
 vasos despencam, com quanto, atingindo-o, de peso eles marcam
 e danificam o solo. Tu és tido como um temerário
 desprevenido de súbitas mortes, saindo a uma ceia
 sem testamento: pois há tanto acaso fatal quantas haja
 à noite, em vigília e abertas, enquanto tu passas, janelas. 275
 Logo prefere e infeliz uma prece carrega contigo,
 para que estejam contentes de em ti derramar seus penicos.
 O ébrio impudente, que de obra do acaso ninguém matar pôde
 sofre e uma noite suporta igualmente ao, chorando o amigo,
Pelides, deitando de bruços e pouco depois já de costas. 280
 Pois de nenhum outro jeito ele pode dormir: para muitos
 brigas ao sono conduzem, mas sendo insolente da idade
 e pelo vinho inflamado, este evita a quem manto escarlate
 manda evitar e é escoltado por uma longuíssima fila,
 sem mencionar as inúmeras tochas e lâmpadas brônzeas; 285
 já a mim, que a lua costuma guiar ou, fugaz, a luzinha
da vela, o pavio da qual eu raciono e protejo, despreza.
 Presta, portanto, atenção no proêmio da mísera luta,
 luta se for tu me encheres de murro, e eu somente levá-los:
 para em minha frente e que eu pare comanda, fazê-lo é preciso; 290
 pois o que fazes, se um louco ameaça-te e ainda é mais forte?
 “De onde tu vens?”, ele grita, “De quem com o vinagre, de quem
 com o grão de bico te estufas? Contigo alho-porro picado
 que sapateiro e de ovelha cozida a cabeça comeu?
 Nada respondes? Ou fala ou recebe uma surra de chute. 295
 Manda o lugar onde ficas, em qual sinagoga eu te encontro?”
 Caso dizer tentes algo ou apenas calado recues,
 vai dar no mesmo: igualmente te quebram, depois te processam,

irati faciunt. libertas pauperis haec est:
 pulsatus rogat et pugnis concisus adorat 300
 ut liceat paucis cum dentibus inde reverti.
 Nec tamen haec tantum metuas; nam qui spoliet te
 non derit clausis domibus postquam omnis ubique
 fixa catenatae siluit compago tabernae.
 interdum et ferro subitus grassator agit rem: 305
 armato quotiens tutae custode tenentur
 et Pomptina palus et Gallinaria pinus,
 sic inde huc omnes tamquam ad vivaria currunt.
 qua fornace graves, qua non incude catenae?
 maximus in vinclis ferri modus, ut timeas ne 310
 vomer deficiat, ne marra et sarcula desint.
 felices proavorum atavos, felicia dicas
 saecula quae quondam sub regibus atque tribunis
 viderunt uno contentam carcere Romam.
 His alias poteram et pluris subnectere causas, 315
 sed iumenta vocant et sol inclinat. eundum est;
 nam mihi commota iamdudum mulio virga
 adnuit. ergo vale nostri memor, et quotiens te
 Roma tuo refici properantem reddet Aquino,
 me quoque ad Helvinam Cererem vestramque Dianam 320
 converte a Cumis. saturarum ego, ni pudet illas,
 auditor gelidos veniam caligatus in agros.'

loucos de raiva, e é esta a que o pobre possui liberdade:
 todo esmurrado ele roga e da pugna quebrado suplica, 300
 a fim de que possa com um pouco de dentes voltar para casa.
 Nem é só isso o que deves temer, pois quem deixe-te limpo
 não faltará, estando as casas trancadas, e após todo canto
 ter se calado, barradas as portas de todas as lojas.
 Não raramente no aço o ladrão repentino se arranja. 305
 Sempre que pelos armados vigias são feitos seguros
 não só o Pontino palude, também os Galinários pinheiros,
 todos de lá vêm pra cá, qual colônia de férias buscassem;
 que forno então, que bigorna, pesadas não fazem algemas?
 Tanto em grilhões nosso ferro se gasta, já ao ponto em que temas 310
 que não se encontrem enxadas, que foices e ancinhos nos faltem.
 Ledos de meus bisavós os avós e felizes digamos
 tempos de outrora nos quais, sob reis ou tribunos, aqueles
 viram viver satisfeita com apenas um cárcere Roma.
 Outros a estes e vários somar eu podia motivos; 315
 mas os jumentos já chamam e o sol vai baixando, é preciso
 ir-me; de fato há algum tempo o muleiro, agitando o chicote,
 faz-me sinal. Logo, adeus, não te esqueças de mim e nas vezes
 em que devolva-te Roma pra tua, apressando-se, Aquino,
 manda que eu para a Ceres Elvina e também pra Diana 320
 vossa, de Cumas, regresse e das sátiras, não vergonhando-as,
 como um ouvinte, até os campos, de botas virei, congelados.

Satura IV

Ecce iterum Crispinus, et est mihi saepe uocandus
 ad partes, monstrum nulla uirtute redemptum
 a uitiiis, aegrae solaque libidine fortes
 deliciae, uiduas tantum aspernatus adulter.
 quid refert igitur, quantis iumenta fatiget 5
 porticibus, quanta nemorum uectetur in umbra,
 iugera quot uicina foro, quas emerit aedes
 [nemo malus felix, minime corruptor et idem]
 incestus, cum quo nuper uittata iacebat
 sanguine adhuc uiuo terram subitura sacerdos? 10
 sed nunc de factis leuioribus. et tamen alter
 si fecisset idem caderet sub iudice morum;
 nam, quod turpe bonis Titio Seioque, decebat
 Crispinum. quid agas, cum dira et foedior omni
 crimine persona est? mullum sex milibus emit, 15
 aequantem sane paribus sestertia libris,
 ut perhibent qui de magnis maiora locuntur.
 consilium laudo artificis, si munere tanto
 praecipuam in tabulis ceram senis abstulit orbi;
 est ratio ulterior, magnae si misit amicae, 20
 quae uehitur cluso latis specularibus antro.
 nil tale expectes: emit sibi. multa uidemus
 quae miser et frugi non fecit Apicius. hoc tu
 succinctus patria quondam, Crispine, papyro?
 hoc pretio squamae? potuit fortasse minoris 25
 piscator quam piscis emi; prouincia tanti
 uendit agros, sed maiores Apulia uendit.
 qualis tunc epulas ipsum gluttisse putamus
 induperatorem, cum tot sestertia, partem
 exiguam et modicae sumptam de margine cenae, 30
 purpureus magni ructarit scurra Palati,
 iam princeps equitum, magna qui uoce solebat
 uendere municipes fracta de merce siluros?
 incipe, Calliope. licet et considerare: non est
 cantandum, res uera agitur. narrate, puellae 35
 Pierides, prosit mihi uos dixisse puellas.
 cum iam semianimum laceraret Flauius orbem
 ultimus et caluo seruiret Roma Neroni,
 incidit Hadriaci spatium admirabile rhombi
 ante domum Veneris, quam Dorica sustinet Ancon, 40
 impleuitque sinus; neque enim minor haeserat illis
 quos operit glacies Maeotica ruptaque tandem
 solibus effundit torrentis ad ostia Ponti
 desidia tardos et longo frigore pingues.
 destinat hoc monstrum cumbae linique magister 45
 pontifici summo. quis enim proponere talem
 aut emere auderet, cum plena et litora multo
 delatore forent? dispersi protinus algae

Sátira 4

Eis novamente Crispino, e ele é desses que sempre convoco
 para um papel exercer, esse monstro que nula virtude
os vícios redime, vigor, o tem só pra luxúria e doentes
 prazeres. Mulheres, apenas solteiras rejeita, o adúltero.
Então o que importa o tamanho dos, onde suas mulas fadiga, 5
 pórticos, ou de que bosques nasceu sob a sombra ou ainda
o número de acres que têm suas casas ao lado do fórum?
 Nada a um perverso contenta, bem menos a tal sedutor
 sujo com quem há tão pouco, cabelos em fita, dormia,
 que ora será sepultada, de sangue ainda quente, uma virgem. 10
 Vamos, porém, a façanhas menores, embora se um outro
 as perpetrasse cairia em juízo, por bem dos costumes.
 Pois o que é torpe pra Títio e pra Seio, homens bons, é decente
 para Crispino: o que fazes, quando é mais nefasta e hedionda
 que todo crime a pessoa? Comprou – por seis mil – uma carpa, 15
 peixe e sestércios pareando no peso a balança de pratos,
 como sustenta quem conta o que é grande ainda mais o aumentando.
 Eu louvaria a ideia do artista, se o enorme presente
 desse-lhe das tabuinhas de um velho sem prole a primeira;
 mais está certo em comprá-lo, se o der a uma amante importante 20
 que é carregada em, fechado por largas janelas, seu antro.
 Nem isso esperes; comprou para si. Muito vemos de coisas
 que moderado e frugal não as fez um Apício; mas tu,
 ontem coberto do pátrio, Crispino, papiro tal preço
 dar em escamas? quem sabe podias, com menos dinheiro, 25
 o pescador, não o peixe comprar; a província tão grandes
 vende pedaços de terra, e maiores ainda a Apúlia.
 Quais iguarias, então, há de ter engolido, pensamos,
 o imperador em pessoa, se tanto sestércio, uma parte
 ínfima e posta de módica janta somente na margem, 30
 púrpura usando arrotou um bufão do magnânimo Paço,
 já dos equestres primeiro, que tinha o costume de aos brados,
 seus conterrâneos, vender de uma banca quebrada, alguns bagres?
 Dá, pois, início, Calíope, e podes sentar-te, este caso
 cantos não pede, ocorreu de verdade, narraí, ó meninas 35
 Piérides; possa valer-me vos ter emprestado o “meninas”.
 Quando rasgava aos pedaços um já morti-mundo o dos Flávios
 último e Roma, tirando a calvície, servia outro Nero,
 súbito surge Adriático, em porte espantoso, linguado
 ante a morada de Vênus, que a Dórica Ancona sustenta, 40
 redes enchendo; prendeu-se e nem era menor do que os peixes
 que a congelada Meótis encobre e, enfim derretida,
em sóis de calor fulgurante derrama nas bocas do Ponto,
 lentos da longa indolência e do frio constante já gordos.
 Este prodígio o destina de barcos e redes o chefe 45
 ao sacerdote supremo, pois quem a vender semelhante
 ou a comprá-lo ousaria, se mesmo nas praias houvesse
 tanto espião? prontamente, das algas marinhas dispersas

inquisitores agerent cum remige nudo,
 non dubitaturi fugituum dicere piscem 50
 depastumque diu uiuaria Caesaris, inde
 elapsum ueterem ad dominum debere reuerti.
 si quid Palfurio, si credimus Armillato,
 quidquid conspicuum pulchrumque est aequore toto
 res fiski est, ubicumque natat. donabitur ergo, 55
 ne pereat. iam letifero cedente pruinis
 autumnno, iam quartanam sperantibus aegris,
 stridebat deformis hiems praedamque recentem
 seruabat; tamen hic properat, uelut urgueat auster.
 utque lacus suberant, ubi quamquam diruta seruat 60
 ignem Troianum et Vestam colit Alba minorem,
 obstitit intranti miratrix turba parumper.
 ut cessit, facili patuerunt cardine ualuae;
 exclusi spectant admissa obsonia patres.
 itur ad Atriden. tum Picens 'accipe' dixit 65
 'priuatis maiora focus. genialis agatur
 iste dies. propera stomachum laxare sagina
 et tua seruatum consume in saecula rhombum.
 ipse capi uoluit.' quid apertius? et tamen illi
 surgebant cristae. nihil est quod credere de se 70
 non possit cum laudatur dis aequa potestas.
 sed derat pisci patinae mensura. uocantur
 ergo in consilium proceres, quos oderat ille,
 in quorum facie miserae magnaequae sedebat
 pallor amicitiae. primus clamante Liburno 75
 'currite, iam sedit' rapta properabat abolla
 Pegasus, attonitae positus modo uilicus urbi.
 anne aliud tum praefecti? quorum optimus atque
 interpret legum sanctissimus omnia, quamquam
 temporibus diris, tractanda putabat inermi 80
 iustitia. uenit et Crispi iucunda senectus,
 cuius erant mores qualis facundia, mite
 ingenium. maria ac terras populosque regenti
 quis comes utilior, si clade et peste sub illa
 saeuitiam damnare et honestum adferre liceret 85
 consilium? sed quid uiolentius aure tyranni,
 cum quo de pluuiis aut aestibus aut nimbose
 uere locuturi fatum pendebat amici?
 ille igitur numquam derexit bracchia contra
 torrentem, nec ciuis erat qui libera posset 90
 uerba animi proferre et uitam inpendere uero.
 sic multas hiemes atque octogensima uidit
 solstitia, his armis illa quoque tutus in aula.
 proximus eiusdem properabat Acilius aeui
 cum iuueue indigno quem mors tam saeua maneret 95
 et domini gladiis tam festinata; sed olim
 prodigio par est in nobilitate senectus,
 unde fit ut malim fraterculus esse gigantis.

os inspetores um nu pescador tomariam de assalto
 sem hesitar em dizer que se trata de um peixe fugido 50
 alimentado, por muito, em aquários do César, e deles
 tendo o velhaco escapado, ao senhor é devido que volte.
 Se por acaso a Palfúrio, se crédito dá-se a Armilato,
 seja o que for de notável e de belo que houver no mar todo
 é coisa do fisco, e onde quer que ela nade, ser-lhe-á oferecida, 55
 assim não se perde. O letífero outono já dando às geadas,
 vez, e umas febres quartãs já esperando os doentes do peito,
 silvos fazia, disforme, o inverno e a captura mantinha
 fresca. Assim mesmo o homem ia, qual fosse impelido pelo Austro.
 Quando sob ele era o lago onde, em ruínas, ainda conserva 60
 a Alba algum fogo troiano e devota-se à Vesta menor,
 obsta-lhe entrante, admirada, uma turba por poucos instantes.
 Quando se espalha, os portões sobre gonzos, solícitos, se abrem;
 ex-senadores contemplam recém adentrado o petisco.
 Vão-se ao Atrida. Ali o de Piceno “recebe”, lhe disse 65
 “algo tão grande pra mesas privadas, festivo se faça
 o dia de hoje, te apressa ao estômago encher do banquete
 e, para tua época predestinado, consome o linguado.
Ele pescou-se”. Lisonja mais falsa? Porém, ainda aquele
 as cristas ergueu. Não há nada em que crer sobre si não consiga, 70
 quando é louvado qual seres divinos algum poderoso.
 Mas o pescado panela nenhuma continha; chamaram-se,
 pois, em conselho, os ilustres, os quais o soberbo odiava,
 em cujas faces, de muito medonha e grandiosa amizade,
 pousa o palor e, primeiro a ouvir o clamante Liburno 75
 “corram, já está se sentando!”, apanhado seu manto, voava
 Pégaso, há pouco indicado a, da atônita urbe, meirinho.
 E era o que mais um prefeito? Ele era o melhor entre os homens
 e o mais virtuoso exegeta de todas as leis, não obstante
 os tempos atrozés, que deve, pensava, operar desarmada 80
 a justiça. Também se apresenta de Crispo a jucunda velhice,
 cujos costumes pareciam sua grande facúndia, uma alma
 mansa. Para este de mares e terras e povos regente
 que palaciano mais útil, se – sob a ruína e a desgraça –
 fosse-lhe dado danar a crueza e ofertar uns honestos 85
 juízos? Porém o que é mais violento que o ouvido tirano,
 quando é do que – sobre chuvas, estios, ou céus encobertos
 de primavera –, depende o destino do amigo que fala?
 Crispo, por isso, jamais estendera os seus braços contrários
 a esta corrente, nem era um civil que, sincero, pudesse 90
 o verbo do íntimo expôr e sua vida arriscar à verdade.
 Muitos invernos, assim, e também o octogésimo viu
 solstício, por esta armadura guardado até mesmo em tal corte.
 Próximo a ele e de mesma, apressava-se Acílio, velhice
 junto a um garoto, não digno, a quem morte tão crua aguardava 95
 e tão prematura do mestre no gládio; porém, certas vezes,
 grande prodígio é parear-se em nobreza uma idade avançada,
 donde eu melhor acharia o irmão de um gigante, o mais novo,

profuit ergo nihil misero quod comminus ursos
 figebat Numidas Albana nudus harena 100
 uenator. quis enim iam non intellegat artes
 patricias? quis priscum illud miratur acumen,
 Brute, tuum? facile est barbato inponere regi.
 nec melior uultu quamuis ignobilis ibat
 Rubrius, offensae ueteris reus atque tacendae, 105
 et tamen improbior saturam scribente cinaedo.
 Montani quoque uenter adest abdomine tardus,
 et matutino sudans Crispinus amomo
 quantum uix redolent duo funera, saeuior illo
 Pompeius tenui iugulos aperire susurro, 110
 et qui uulturibus seruabat uiscera Dacis
 Fuscus marmorea meditatus proelia uilla,
 et cum mortifero prudens Veiiiento Catullo,
 qui numquam uisae flagrabat amore puellae,
 grande et conspicuum nostro quoque tempore monstrum, 115
 caecus adulator dirusque ~a ponte~ satelles,
 dignus Aricinos qui mendicaret ad axes
 blandaque deuexae iactaret basia raedae.
 nemo magis rhombum stupuit; nam plurima dixit
 in laeuum conuersus, at illi dextra iacebat 120
 belua. sic pugnas Cilicis laudabat et ictus
 et pegma et pueros inde ad uelaria raptos.
 non cedit Veiiiento, sed ut fanaticus oestro
 percussus, Bellona, tuo diuinat et 'ingens
 omen habes' inquit 'magni clarique triumphi. 125
 regem aliquem capies, aut de temone Britanno
 excidet Aruiragus. peregrina est belua: cernis
 erectas in terga sudes?' hoc defuit unum
 Fabricio, patriam ut rhombi memoraret et annos.
 'quidnam igitur censes? conciditur?' 'absit ab illo 130
 dedecus hoc' Montanus ait, 'testa alta paretur
 quae tenui muro spatiosum colligat orbem.
 debetur magnus patinae subitusque Prometheus.
 argillam atque rotam citius properate, sed ex hoc
 tempore iam, Caesar, figuli tua castra sequantur.' 135
 uicit digna uiro sententia. nouerat ille
 luxuriam inperii ueterem noctesque Neronis
 iam medias aliamque famem, cum pulmo Falerno
 arderet. nulli maior fuit usus edendi
 tempestate mea: Circeis nata forent an 140
 Lucrinum ad saxum Rutupinoue edita fundo
 ostrea callebat primo deprendere morsu,
 et semel aspecti litus dicebat echini.
 surgitur et misso proceres exire iubentur
 consilio, quos Albanam dux magnus in arcem 145
 traxerat attonitos et festinare coactos,
 tamquam de Chattis aliquid toruisque Sygambris
 dicturus, tamquam ex diuersis partibus orbis

ser. Pois não trouxe ao coitado algo mais que infortúnio, de perto,
 ursos fincar da Numídia nos ringues da Albânia, um pelado 100
 homem de caça. Pois quem não entende, a esta altura, as patrícias
 artes? E quem se admira daquelas antigas astúcias,
 Bruto, que tinhas? É fácil, se um rei é barbudo, enganá-lo.
 Nada melhor de aparência, no entanto sem fama, chegava
 Rúbrio, de um crime de outrora acusado e do qual não se fala, 105
 mesmo que seja mais feio que sátiras de um depravado.
 Chega também de Montano a panturra, com o peso, atrasada,
 e de um balsâmico odor matutino o exalante Crispino,
 quase qual dois funerais rescendendo e, ainda mais sevo,
 Pompeio que apenas com um tênue, já rasga gargantas, sussurro, 110
e aquele que, para as corujas, guardava da Dácia as entranhas,
 Fusco em sua vila marmórea, depois de pensar em combates,
 e com o mortífero, vinha o prudente Vejento, Catulo,
 que, nunca vendo-a, queimava de amores por uma menina,
 um grandioso e conspícuo, até mesmo nesta época, monstro, 115
 cego adulante e um sinistro, oriundo de becos, acólito,
 merecedor de pedir, mendicante, às rodas da Arícia
 e emocionados seus beijos lançar às carruagens que sobem.
 Mais do que a ele a ninguém o linguado espantou; e por isso
 muito falou para a esquerda voltado (à sua destra jazendo 120
o peixe), da forma que as lutas cilícias louvava e os socos,
 palcos e jovens, do chão dos teatros às lonas içados.
 Não recuando, Vejento, tal como um fanático do estro
 acometido, ó Belona, que dás, vaticina e “um ingente
augúrio recebes”, lhe diz, “de um grandioso e preclaro triunfo! 125
 Vais capturar algum rei, ou então, de seu carro Britânico
 há de cair Arvirago. Estrangeira é a criatura, percebes
 estes espinhos nas costas eretos?”, faltando somente
 para Fabrício que a pátria do bicho lembrasse e seus anos.
 “O que afinal tu sugeres? Parti-lo?” “Afaste-se dele 130
 esta desonra”, Montano falou, “e urna altiva apareça,
 uma que em tênue parede, espaçoso, contenha o seu corpo,
 um Prometeu inesperado e grandioso é devido a tal pote,
 roda e argila depressa trazei; mas de agora em diante,
 hão, nobre César, oleiros também de seguir as tuas hostes”. 135
 Vence esta, digna do homem, proposta, pois ele vivera
 a extravagância do império de outrora e as noitadas de Nero
 e a fome certa que davam, já quando queimava em Falerno
o peito. Ninguém, dessa forma, foi mais habituado nos garfos
 em minha época; na ilha de Circe nascida, se fora 140
 ou de Lucrino na pedra ou no mar Rutupino profundo
 a ostra comida, em dizer calejava ao primeiro bocado,
e, visto uma vez, de que praia dizia era o ouriço-do-mar.
 Ergue-se então e, conselho desfeito, aos ilustres se ordena
 irem-se, os quais para a Albana, este grão general, fortaleza 145
 os arrastara, assombrados e a que se apressassem coagidos,
 qual se a respeito dos Catos ou se algo dos torvos Sigambros
 lhes precisasse dizer, qual de partes diversas do globo

anxia praecipiti uenisset epistula pinna.
atque utinam his potius nugis tota illa dedisset
tempora saeuitiae, claras quibus abstulit urbi
inlustresque animas inpune et uindice nullo.
sed periit postquam cerdonibus esse timendus
coeperat: hoc nocuit Lamiarum caede madenti.

150

de ânsias repletas, em céleres asas viessem missivas.
Ah se ele a tais ninharias somente, essa inteira voltasse 150
época de crueldade, em que ilustres roubou da cidade
e tão excelentes espíritos sem punição ou vingança!
Mas pereceu quando até seus criados mais baixos temiam-no.
Isto deu fim para quem no assassinio dos Lârnias banhou-se.

Satura V

Si te propositi nondum pudet atque eadem est mens,
 ut bona summa putes aliena uiuere quadra,
 si potes illa pati quae nec Sarmentus iniquas
 Caesaris ad mensas nec uilis Gabba tulisset,
 quamuis iurato metuam tibi credere testi. 5
 uentre nihil noui frugalius; hoc tamen ipsum
 defecisse puta, quod inani sufficit aluo:
 nulla crepido uacat? nusquam pons et tegetis pars
 dimidia breuior? tantine iniuria cenae,
 tam ieiuna fames, cum possit honestius illic 10
 et tremere et sordes farris mordere canini?
 primo fige loco, quod tu discumbere iussus
 mercedem solidam ueterum capis officiorum.
 fructus amicitiae magnae cibus: inputat hunc rex,
 et quamuis rarum tamen inputat. ergo duos post 15
 si libuit menses neglectum adhibere clientem,
 tertia ne uacuo cessaret culcita lecto,
 'una simus' ait. uotorum summa. quid ultra
 quaeris? habet Trebius propter quod rumpere somnum
 debeat et ligulas dimittere, sollicitus ne 20
 tota salutatrix iam turba peregerit orbem,
 sideribus dubiis aut illo tempore quo se
 frigida circumagunt pigri serraca Bootae.
 qualis cena tamen! uinum quod sucida nolit
 lana pati: de conuiuia Corybanta uidebis. 25
 iurgia proludunt, sed mox et pocula torques
 saucius et rubra deterges uulnera mappa,
 inter uos quotiens libertorumque cohortem
 pugna Saguntina feruet commissa lagona.
 ipse capillato diffusum consule potat 30
 calcatamque tenet bellis socialibus uuam.
 cardiaco numquam cyathum missurus amico
 cras bibet Albanis aliquid de montibus aut de
 Setinis, cuius patriam titulumque senectus
 deleuit multa ueteris fuligine testae, 35
 quale coronati Thrasea Heluidiusque bibebant
 Brutorum et Cassi natalibus. ipse capaces
 Heliadum crustas et inaequales berullo
 Virro tenet phialas: tibi non committitur aurum,
 uel, si quando datur, custos adfixus ibidem, 40
 qui numeret gemmas, unguis obseruet acutos.
 da ueniam: praeclara illi laudatur iaspis.
 nam Virro, ut multi, gemmas ad pocula transfert
 a digitis, quas in uaginae fronte solebat
 ponere zelotypo iuuenis praelatus Iarbae. 45
 tu Beneuentani sutoris nomen habentem
 siccabis calicem nasorum quattuor ac iam
 quassatum et rupto poscentem sulphura uitro.

Sátira 5

Se inda pudor não te alcança e os propósitos guardas os mesmos
 crendo que o sumo dos bens é viver do que dá mesa alheia;
 se podes aquilo aguentar, que Sarmento nas ceias iníquas
 de César ou mesmo um vilão como Gaba jamais toleraram
 eu titubeio em te crer, mesmo diante de jura atestada. 5
 De algo que vence a barriga em modéstia eu não soube; assim mesmo
 vai que te falta o bocado bastante a um estômago estreito:
 porto nenhum está vago? Nem ponte ou de um trapo rasgado
 a parte mais curta? Tamanhas injúrias sofrer por jantares!
 Tanto jejua tua fome, que impede que, de honra lavada, 10
 tremas de frio e mordisques as sórdidas sobras caninas?
 Fixa em primeiro lugar que uma vez ordenado a deitar-te
 já mereceste a paga concreta de velhos deveres:
 grande amizade resulta em comida, e teu rei põe na conta,
 raro que seja o convite, ainda assim põe na conta. Por isso, 15
 quando, em dois meses, lhe agrada lembrar uma vez do cliente,
 pra que a terceira almofada não sobre num leito vazio,
 clama “Unamo-nos”, eis teu desejo mais alto! O que mais
 queres? Assim há razões para Trébio acordar de seus sonhos
 e afivelar as sandálias depressa, de tão perturbado 20
 que a multidão saudadora já tenha todo o orbe cruzado
 sob as estrelas ainda hesitantes no céu ou à hora
 em que retornam as frias carroças do quieto Boieiro.
 Qual semelhante jantar! O teu vinho nem úmida lã
 quer enxugar: enquanto isso, o conviva será um Coribante. 25
 Jogos de injúria o inauguram, mas logo já voam alguns copos,
 e limpas, depois de atingido, as feridas com rubro lencinho,
 todas as vezes em que entre vocês e os libertos em tropa
 pugnas estouram fazendo de mísseis Saguntinas louças.
 Ele porém sorve a safra em que cônsules tinham cabelo, 30
 feita com uvas pisadas no tempo das guerras civis,
 nunca um copinho da qual será dado a um cardíaco amigo.
 Toma amanhã um traguinho de algo dos montes Albanos
 ou dos Setinos, de pátria e de título incerto – a velhice
 cobre com muita fuligem a frente da antiga garrafa –, 35
 símile àquele que Trásea e Helvídio, coroados, bebiam
 tendo os dois Brutos e Cássio nascido. Mas ele, o próprio,
 com de Heliades berilo encrustadas, e ímpares todas,
 tem suas taças: a ti copo de ouro jamais é confiado,
 quando te é dado, se fixa-lhe um guarda no ato, na hora, 40
 para que conte-lhe as gemas e espreite tuas unhas agudas.
 Dá-lhe um desconto, que o enfeita, invejada e famosa, uma jaspe.
 Já que Virrão, como muitos, dos dedos às copas transfere
 gemas com as quais costumava a bainha na frente adornar
 o jovem que foi preferido em amor para a inveja de Jarbas. 45
 Tu, de um que tem por um beneventano feitor de sapatos
 nome, copinho de quatro bocais beberás, cujo vidro
 todo rachado melhor se utiliza se enchendo de enxofre.

si stomachus domini feruet uinoque ciboque,
 frigidior Geticis petitur decocta pruinis. 50
 non eadem uobis poni modo uina querebar?
 uos aliam potatis aquam. tibi pocula cursor
 Gaetulus dabit aut nigri manus ossea Mauri
 et cui per mediam nolis occurrere noctem,
 cliusae ueheris dum per monumenta Latinae. 55
 flos Asiae ante ipsum, pretio maiore paratus
 quam fuit et Tulli census pugnacis et Anci
 et, ne te teneam, Romanorum omnia regum
 friuola. quod cum ita sit, tu Gaetulum Ganymedem
 respice, cum sities. nescit tot milibus emptus 60
 pauperibus miscere puer, sed forma, sed aetas
 digna supercilio. quando ad te peruenit ille?
 quando rogatus adest calidae gelidaeque minister?
 quippe indignatur ueteri parere clienti
 quodque aliquid poscas et quod se stante recumbas. 65
 [maxima quaeque domus seruis est plena superbis.]
 ecce alius quanto porrexit murmure panem
 uix fractum, solidae iam mucida frusta farinae,
 quae genuinum agitent, non admittentia morsum.
 sed tener et niueus mollique siligine fictus 70
 seruatur domino. dextram cohibere memento;
 salua sit artoptae reuerentia. finge tamen te
 inprobulum, superest illic qui ponere cogat:
 'uis tu consuetis, audax conuiuia, canistris
 impleri panisque tui nouisse colorem?' 75
 'scilicet hoc fuerat, propter quod saepe relicta
 coniuge per montem aduersum gelidasque cucurri
 Esquilias, fremeret saeua cum grandine uernus
 Iuppiter et multo stillaret paenula nimbo.'
 aspice quam longo distinguat pectore lancem 80
 quae fertur domino squilla, et quibus undique saepta
 asparagis qua despiciat conuiuia cauda,
 dum uenit excelsi manibus sublata ministri.
 sed tibi dimidio constrictus cammarus ouo
 ponitur exigua feralis cena patella. 85
 ipse Venafrano piscem perfundit, at hic qui
 pallidus adfertur misero tibi caulis olebit
 lanternam; illud enim uestris datur alueolis quod
 canna Micipsarum prora subuexit acuta,
 propter quod Romae cum Boccare nemo lauatur, 90
 quod tutos etiam facit a serpentibus atris.
 nullus erit domini, quem misit Corsica uel quem
 Tauromenitanae rupes, quando omne peractum est
 et iam defecit nostrum mare, dum gula saeuit,
 retibus adsiduis penitus scrutante macello 95
 proxima, nec patimur Tyrrhenum crescere piscem.
 instruit ergo focum prouincia, sumitur illinc
 quod captator emat Laenas, Aurelia uendat.

Se o estômago dele, o senhor, esquentar pelo vinho ou comida,
 manda-se vir, mais gelada que a gética geada, bebida. 50
 Só de que não vos servisse igual vinho eu queixava-me:
 outra também é tua água, teus copos um corredorzinho
 gétulo serve ou, ossuda, esquelética, negra mão moura,
 tipos que ao dar meia-noite ninguém vai querer deparar,
 indo seus mortos honrar nos aclives da estrada Latina. 55
 Flor asiática diante do próprio, um escravo mais caro
que o preço dos censos de Túlio e de Anco pugnazes somado
 e – para poupar nosso tempo – que tudo pelos reis romanos
 gasto em frescuras. Ao teu Ganimedes queimado, enquanto isso,
 olha se a sede te aflige. Pois o outro, comprado por tantos 60
 mil nunca soube servir pés rapados. E é jovem, e é belo,
 digno do cenho que franze pra ti; então quando te acode?
 Quando chamado te traz água quente ou gelada o garçom?
 Claro! Lhe indigna é estar à mercê de um qualquer, velho cliente,
 e tudo o que peças e – estando ele em pé! – que tu ainda te deites. 65
 Cada magnânima casa é repleta de escravos soberbos.
 Olha com quanto barulho que este outro de um pão foi servir-te
 quase inquebrável, uns tocos mofados de dura farinha,
 que martiriza as mandíbulas não permitindo dentada.
 Mas tenro e branco de neve e a farinha macia moldado 70
 guarda-se só para o mestre, então lembra: segura-te a destra,
 salvo conserve-se à cesta de pão o respeito, e se bancas,
 nela mirando, o espertinho, não falta quem mande largá-la:
 “queres, por graça, ousado conviva, da cesta que própria
 encher-te e aprender de uma vez de que cor são os pães que te servem?” 75
 “Esta é a razão, certamente, por que tantas vezes deixando
 em casa a mulher, por montanhas hostis e através das geladas
 Esquílias corri, retumbando com sevo granizo o vernal
 Júpiter de uma torrente abundante molhando-me o manto!”
 Vê como enfeita e distingue com seu corpo enorme a travessa 80
 esta que vem para o mestre, a lagosta, e vê por que aspargos
 cerca-se a cauda com que, de banquete e convivas, desdenha,
 vindo orgulhosa nas mãos do mais alto garçom conduzida.
 Já para ti um camarão por metade de um ovo espremido
 é o que se serve, banquete funéreo que mal dá no prato. 85
 É de Venafro o azeite com que ele seu peixe perfuma;
 já este repolho sem cor que a ti mísero trazem terá
 cheiro de tocha; pois o óleo que enche os teus frascos trouxeram-no
 umas, do povo micipsa, canoas de proas agudas,
 e ele é a razão para, em Roma, ninguém com um Bocar tomar banho, 90
 tal é este óleo que os guarda até mesmo das atras serpentes.
 Ruivo o senhor servirá, enviado da Córsega, ou ainda,
 dos tauromênios rochedos, pois já por completo esgotado
 foi e se esvai nosso mar, agitando-se a gula sem freio,
 com redes sem fim que seu fundo vasculham servindo ao comércio 95
 próximo, nem ao Tirreno seus peixes criar permitimos.
 Faz nosso fogo, portanto, a província, ela é fonte de tudo
que Lenas, de herança ladrão adquire, do que Aurélia vende.

Virroni muraena datur, quae maxima uenit
 gurgite de Siculo; nam dum se continet Auster, 100
 dum sedet et siccat madidas in carcere pinnas,
 contemnunt mediam temeraria lina Charybdim:
 uos anguilla manet longae cognata colubrae
 aut ~glacie aspersus~ maculis Tiberinus et ipse
 uernula riparum, pinguis torrente cloaca 105
 et solitus mediae cryptam penetrare Suburae.
 ipsi pauca uelim, facilem si praebeat aurem.
 nemo petit, modicis quae mittebantur amicis
 a Seneca, quae Piso bonus, quae Cotta solebat
 largiri; namque et titulis et fascibus olim 110
 maior habebatur donandi gloria. solum
 poscimus ut cenes ciuilitate. hoc face et esto,
 esto, ut nunc multi, diues tibi, pauper amicis.
 anseris ante ipsum magni iecur, anseribus par
 altilis, et flauis dignus ferro Meleagri 115
 spumat aper. post hunc tradentur tubera, si uer
 tunc erit et facient optata tonitrua cenas
 maiores. 'tibi habe frumentum' Alledius inquit,
 'o Libye, disiunge boues, dum tubera mittas.'
 structorem interea, ne qua indignatio desit, 120
 saltantem spectes et chironomunta uolanti
 cultello, donec peragat dictata magistri
 omnia; nec minimo sane discrimine refert
 quo gestu lepores et quo gallina secetur.
 duceris planta uelut ictus ab Hercule Cacus 125
 et ponere foris, si quid temptaueris umquam
 hiscere tamquam habeas tria nomina. quando propinat
 Virro tibi sumitue tuis contacta labellis
 pocula? quis uestrum temerarius usque adeo, quis
 perditus, ut dicat regi 'bibe'? plurima sunt quae 130
 non audent homines pertusa dicere laena.
 quadringenta tibi si quis deus aut similis dis
 et melior fatis donaret homuncio, quantus
 ex nihilo, quantus fieres Virronis amicus!
 'da Trebio, pone ad Trebium. uis, frater, ab ipsis 135
 ilibus?' o nummi, uobis hunc praestat honorem,
 uos estis frater. dominus tamen et domini rex
 si uis tunc fieri, nullus tibi paruulus aula
 luserit Aeneas nec filia dulcior illo.
 [iucundum et carum sterilis facit uxor amicum.] 140
 sed tua nunc Mycale pariat licet et pueros tres
 in gremium patris fundat semel, ipse loquaci
 gaudebit nido, uiridem thoraca iubebit
 adferri minimasque nuceas assemque rogatum,
 ad mensam quotiens parasitus uenerit infans. 145
 uilibus ancipites fungi ponentur amicis,
 boletus domino, sed quales Claudius edit
 ante illum uxoris, post quem nihil amplius edit.

Para Virrão é servida moreia, a maior das que venham
 dos sicilianos abismos; enquanto segura-se o Austro, 100
 enquanto se senta secando na gruta suas úmidas asas,
 redes audazes desdenham das águas que agita Caríbdis.
 Sobra pra ti uma enguia, parente da cobra marinha,
 ou salpicado de manchas de gelo, um pescado do Tibre,
 ele também nessas margens nascido, já gordo de esgoto 105
 e acostumado a adentrar as cavernas centrais da suburra.
 Eu gostaria de pouco dizer-lhe, se fácil me ouvisse:
 “Ninguém te pede essas coisas que dava aos modestos amigos
 Sêneca, aquilo de que o bom Pisão, de que Cota, felizes,
 se desfaziam; outrora, de fato, que título e insígnias 110
 era maior a grandeza de dar um presente. Por isso
 só que civilmente jantes pedimos, faz isso e tu podes,
 podes, qual muitos, ser rico a ti mesmo, aos amigos ser pobre.”
 Fígado enorme de ganso ante o próprio, dos gansos rival
 outro penoso, e, digno da lança do louro Meleagro, 115
um porco fumega. Depois vêm as trufas, se for primavera
então e os trovões desejados nos tornem maiores as jantas.
 “Podes guardar para ti os teus grãos”, vai clamar um Alédio,
 “Líbia, e teus bois desamarra, contanto que mande-nos trufas.”
 Ao escultor enquanto isso – pra que indignação não nos falte – 120
 assistirás saltitante e fazendo micagens, jogando
 pro alto o cutelo, esforçado em cumprir tudo quanto seu mestre
 mande; lembremos, não pouco diferem-se os gestos com os quais
 lebres e aqueles com os quais a galinha há de ser bem talhada!
 Vais pelos chutes, tal como, surrado por Hércules, Caco, 125
 ser para fora jogado, se ousares sequer um instante,
 ter a palavra, tal qual se três nomes tivesses. Diz quando
 Virrão beberá em tua honra? Ou de, pelos teus lábios tocado,
 cálice? Quem de vocês temerário será a tal ponto,
 quem a tal ponto arruinado, que ao rei diga “bebe”? São muitas 130
 as coisas que os homens não ousam, de manto furado, dizer.
 Se quatro mil para ti algum deus, ou um ídolo aos deuses
 par e melhor do que os fados doasse, então quanto,
 súbito, quanto e quão grande serias de Virrão amigo!
 Dá para o Trébio, oferece isso ao Trébio. Aceitas, ó mano, 135
 deste pernil degustar? A vós, Numos, faz ele estas honras,
 Vós sois irmãos e, ainda assim, se um senhor ou senhor do senhor
 queres tornar-te, jamais em teus átrios terá um pequenino
 Eneias brincado ou filhinha, ainda mais doce que o outro.
 Caro e benquisto faz ser uma estéril mulher o amigo. 140
 Ora, porém, ainda pare tua Mícale e filhos derrama
 três de uma vez no regaço paterno, ao patrono o teu ninho
 tão piador o contenta e uma verde couraça diz ele
 que levem, e minúsculas nozes, e até, se lhe pedem, um asse
 sempre que à mesa lhe chegue um dos teus parasitas filhotes. 145
 Para os amigos vulgares virão certos fungos ambíguos,
 um cogumelo pro mestre, um daqueles que Cláudio comia,
 antes de a esposa lhe dar o que fez que mais nada comesse.

Virro sibi et reliquis Virronibus illa iubebit
 poma dari, quorum solo pascaris odore, 150
 qualia perpetuus Phaeacum autumnus habebat,
 credere quae possis subrepta sororibus Afris:
 tu scabie frueris mali, quod in aggere rodit
 qui tegitur parma et galea metuensque flagelli
 discit ab hirsuta iaculum torquere capella. 155
 forsitan inpensae Virronem parcere credas.
 hoc agit, ut doleas; nam quae comoedia, mimus
 quis melior plorante gula? ergo omnia fiunt,
 si nescis, ut per lacrimas effundere bilem
 cogaris pressoque diu stridere molari. 160
 tu tibi liber homo et regis conuiuia uideris:
 captum te nidore suae putat ille culinae,
 nec male coniectat; quis enim tam nudus, ut illum
 bis ferat, Etruscum puero si contigit aurum
 uel nodus tantum et signum de paupere loro? 165
 spes bene cenandi uos decipit. 'ecce dabit iam
 semesum leporem atque aliquid de clunibus apri,
 ad nos iam ueniet minor altilis.' inde parato
 intactoque omnes et stricto pane tacetis.
 ille sapit, qui te sic utitur. omnia ferre 170
 si potes, et debes. pulsandum uertice raso
 praebebis quandoque caput nec dura timebis
 flagra pati, his epulis et tali dignus amico.

Virrão para si e seus outros Virrões mandará que se tragam
 frutas das quais tão somente sentir seu aroma alimenta, 150
 quais as que o eterno dos Feácios outono ostentar costumava,
 pode-se crer terem sido roubadas de hespérides galhos.
 Tu – que deleite! – fruirás enrugada maçã, como aos montes,
 morde o que de elmo e de escudo coberto e temendo o chicote
 dardos aprende a lançar cavalgando uma cabra barbuda. 155
 Talvez que somente Virrão mais despesas evite acredites:
 faz o que faz pra que sofras; então que comédia, que mimo
 pode vencer uma fome implorante? Faz, pois, tudo isso,
 caso não saibas, pra que a derramar, pelo choro, tua bile
 seja coagido e a estridor produzir apertando os molares. 160
 Para ti mesmo homem livre e conviva de um rei tu pareces:
 ele te pensa um escravo dos cheiros de sua cozinha;
 mal não cogita: pois quem tanto expõe-se que a ele por duas
 vezes tolere se, quando menino, portou o ouro etrusco,
 ou simplesmente – outro símbolo – a tira de couro do vulgo? 165
 De um bom jantar esperança os ilude: “mas eis que nos serve
 lebre metade comida e um pedaço da bunda do porco.
 Vem-nos agora a mais magra das aves.” E ali, com o pão pronto,
 sequer mordido e nas mãos apertado vocês todos calam.
 Sabe o que faz quem assim de ti abusa: tudo isso aguentar 170
 se podes, debes. Com o topo raspado a que seja estapeada,
 logo estarás ofertando a cabeça e já nem terás medo
 do rijo açoite, banquetes assim merecendo e *este* amigo.

LIBER SECUNDUS – **Satura VI**

Credo Pudicitiam Saturno rege moratam
 in terris uisamque diu, cum frigida paruas
 praeberet spelunca domos ignemque laremque
 et pecus et dominos communi clauderet umbra,
 siluestrem montana torum cum sterneret uxor 5
 frondibus et culmo uicinarumque ferarum
 pellibus, haut similis tibi, Cynthia, nec tibi, cuius
 turbauit nitidos extinctus passer ocellos,
 sed potanda ferens infantibus ubera magnis
 et saepe horridior glandem ructante marito. 10
 quippe aliter tunc orbe nouo caeloque recenti
 uiuebant homines, qui rupto robore nati
 compositiue luto nullos habuere parentes.
 multa Pudicitiae ueteris uestigia forsan
 aut aliqua exstiterint et sub Ioue, sed Ioue nondum 15
 barbato, nondum Graecis iurare paratis
 per caput alterius, cum furem nemo timeret
 caulibus ac pomis et aperto uiueret horto.
 paulatim deinde ad superos Astraea recessit
 hac comite, atque duae pariter fugere sorores. 20
 anticum et uetus est alienum, Postume, lectum
 concutere atque sacri genium contemnere fulcri.
 omne aliud crimen mox ferrea protulit aetas:
 uiderunt primos argentea saecula moechos.
 conuentum tamen et pactum et sponsalia nostra 25
 tempestate paras iamque a tonsore magistro
 pectoris et digito pignus fortasse dedisti?
 certe sanus eras. uxorem, Postume, ducis?
 dic qua Tisiphone, quibus exagitere colubris.
 ferre potes dominam saluis tot restibus ulla, 30
 cum pateant altae caligantesque fenestrae,
 cum tibi uicinum se praebeat Aemilius pons?
 aut si de multis nullus placet exitus, illud
 nonne putas melius, quod tecum pusio dormit?
 pusio, qui noctu non litigat, exigit a te 35
 nulla iacens illic munuscula, nec queritur quod
 et lateri parcas nec quantum iussit anheles.
 sed placet Vrsidio lex Iulia: tollere dulcem
 cogitat heredem, cariturus turture magno
 mullorumque iubis et captatore macello. 40
 quid fieri non posse putes, si iungitur ulla
 Vrsidio? si moechorum notissimus olim
 stulta maritali iam porrigit ora capistro,
 quem totiens textit perituri cista Latini?
 quid quod et antiquis uxor de moribus illi 45
 quaeritur? o medici, nimiam pertundite uenam.
 delicias hominis! Tarpeium limen adora
 pronus et auratam Iunoni caede iuuenam,

LIVRO 2 – Sátira 6

Que a Pudicícia, em Saturnio reinado, acredito habitasse
 as terras e todos os dias se a visse, lá quando caverna
 úmida e fria ofertava moradas e fogos e Lares,
 e com o rebanho os seus donos, comum abrigava uma sombra,
 quando, silvestre, montana, seu leito esticava, uma esposa, 5
 feito de folhas e galho e de peles das feras vizinhas,
 nada a ti símil, ó Cíntia, bem menos a ti semelhante
 de quem turvaram-se os nítidos, morto o pardal, seus olhinhos,
 uma que dava a bebê-lo a seus grandes o peito meninos,
 tendo, não raro, mais pelos que o noz-arrontante marido. 10
 Claro é que, então, de outro modo, com o mundo ainda novo e o recente
 céu, as pessoas viviam, de troncos rompidos nascendo
 ou se compondo da lama não tendo com quem parecessem.
 Da Pudicícia de outrora vestígios bastantes, quem sabe,
 ou algo dela existisse sob Júpiter, Júpiter ainda 15
 não tendo a barba, e sem terem na Grécia a jurar aprendido
 pelas cabeças alheias, ninguém de ladrões tendo medo
 em seus plantios e pomares, vivendo os jardins sempre abertos.
 Então pouco a pouco lá junto dos astros Astreia abrigou-se,
 junto àquela outra, e as duas irmãs igualmente fugiram. 20
 Hábito antigo e ancestral é dos outros, ó Póstumo, o leito
 pôr a perder desdenhando do gênio de um tálamo santo.
 Todo outro crime depressa a de ferro mostrou-nos idade:
 viram, no entanto, os primeiros os tempos argênteos adúlteros.
 Tu, não obstante, um acordo e um pacto e esponsais – nestes tempos! –, 25
 ritos preparas e és já por um mestre barbeiro penteado
 e no anelar uma prova do empenho talvez já puseste.
 Tinhas, decerto, juízo; uma esposa, ó Póstumo, arranjas?
 Diz qual Tisífone, quais a razão te perturbam serpentes?
 Vais suportar qualquer dona, se é fácil arranjar uma corda, 30
 ou quando, abertas, há, altas de dar-nos vertigem, janelas,
 ou quando, próxima a ti, disponível está a ponte Emília?
 Mas se de tantas nenhuma aprecias saída, não pensas
 ser bem melhor esta ideia: que durma contigo algum jovem?
 Jovem que, em meio da noite, não briga, que nulos te exige 35
 enquanto ali jaz presentinhos, tampouco se queixa de que usas
 pouco os pulmões e de não, bem conforme ordenou-te, ofegares.
 Mas é do agrado de Ursídio a Lei Júlia; em criar, afagável,
 pensa um herdeiro, já pronto a largar as rolinhas carnudas
 e as barbas dos bagres e tudo que houver de melhor no mercado? 40
 Que algo não possa ser feito tu pensas, se junta-se a alguma
 Ursídio? Se o mais conhecido dos conquistadores de outrora
 feito idiota, sua cara no altar marital já coloca,
 um a quem tanto escondeu o baú em que sumia Latino?
 E ainda por cima de antigos esposa costumes para ele 45
 busca-se? Ó médicos, cheias demais, perfurai estas veias.
 Ó mas que encanto de homem! Nas portas Tarpeias suplica,
 curvo e, repleto de ouros, a Juno oferece um bezerro,

si tibi contigerit capitis matrona pudici.
 paucae adeo Cereris uittas contingere dignae, 50
 quarum non timeat pater oscula. necte coronam
 postibus et densos per limina tende corymbos.
 unus Hiberinae uir sufficit? ocius illud
 extorquebis, ut haec oculo contenta sit uno.
 magna tamen fama est cuiusdam rure paterno 55
 uiuentis. uiuat Gabiis ut uixit in agro,
 uiuat Fidenis, et agello cedo paterno.
 quis tamen adfirmat nil actum in montibus aut in
 speluncis? adeo senuerunt Iuppiter et Mars?
 porticibusne tibi monstratur femina uoto 60
 digna tuo? cuneis an habent spectacula totis
 quod securus ames quodque inde excerpere possis?
 chironomon Ledam molli saltante Bathyllo
 Tuccia uesicae non imperat, Apula gannit,
 [sicut in amplexu, subito et miserabile longum.] 65
 attendit Thymele: Thymele tunc rustica discit.
 ast aliae, quotiens aulaea recondita cessant,
 et uacuo clusoque sonant fora sola theatro,
 atque a plebeis longe Megalesia, tristes
 personam thyrsumque tenent et subligar Acci. 70
 Urbicus exodio risum mouet Atellanae
 gestibus Autonoes, hunc diligit Aelia pauper.
 soluitur his magno comoedi fibula, sunt quae
 Chrysogonum cantare uetent, Hispulla tragoedo
 gaudet: an expectas ut Quintilianus ametur? 75
 accipis uxorem de qua citharoedus Echion
 aut Glaphyrus fiat pater Ambrosiusque choraules.
 longa per angustos figamus pulpita uicos,
 ornentur postes et grandi ianua lauro,
 ut testudineo tibi, Lentule, conopeo 80
 nobilis Euryalum murmillonem exprimat infans.
 nupta senatori comitata est Eppia ludum
 ad Pharon et Nilum famosaque moenia Lagi
 prodigia et mores urbis damnante Canopo.
 inmemor illa domus et coniugis atque sororis 85
 nil patriae indulsit, plorantisque improba natos
 utque magis stupeas ludos Paridemque reliquit.
 sed quamquam in magnis opibus plumaque paterna
 et segmentatis dormisset paruula cunis,
 contempsit pelagus; famam contempserat olim, 90
 cuius apud molles minima est iactura cathedras.
 Tyrrhenos igitur fluctus lateque sonantem
 pertulit Ionium constanti pectore, quamuis
 mutandum totiens esset mare. iusta pericli
 si ratio est et honesta, timent pauidoque gelantur 95
 pectore nec tremulis possunt insistere plantis:
 fortem animum praestant rebus quas turpiter audent.
 si iubeat coniunx, durum est conscendere nauem,

caso até ti tenha vindo de vida uma esposa pudica.
 Poucas apenas tocar as de Ceres tiaras merecem, 50
 cujos pais mesmos não temam-lhes beijos: pendura a grinalda
 às portas e pelos limiares, frondosas, espalha umas heras.
 Um só a Hiberina homem lhe basta? Bem antes com isso
 vais torturá-la, fazendo-a com um só dos olhos contente.
 Grande, no entanto, é o valor de umazinha que em roça paterna 55
 vive? Que viva nos Gábios, conforme viveu nesta roça,
 viva em Fidenas e, assim, ao campinho concedo paterno.
 Quem, de outro lado, confirma que nada houve em pés de montanhas
 ou nas cavernas? Assim tão senis já estão Jove e Marte?
 Já em nossos átrios a ti se mostrou uma moça estes votos 60
 teus merecer? Nas inteiras possuem os teatros cadeiras
 algo que possas amar sem receios, dali retirando?
 Quando de Leda atuante suave dançando vai Bátilo
 Túcia na própria bexiga não manda, e Ápula gane,
 qual se num súbito abraço e choroso, e o faz longamente; 65
 Timele se atenta: Timele, essas horas, que é rude, algo aprende.
 Outras, porém, toda vez que as cortinas, fechadas, se findam
 e, já vazio e trancado o teatro, só fora algo se ouve,
 já dos plebeus indo longe os Megalésios jogos, tristonhas
 máscara e báculo guardam, assim como a tanga, de Ácio. 70
 Úrbico, quando na farsa, à risada nos move, Atelana,
 gesticulando Autonói, ama-o Élia, porém ela é pobre;
 por alto preço estas tiram de um cômico o cinto e existem
 as que a Crisôgono não deixariam cantar, mas a Hispula
um trágico agrada: ou tu esperas que de Quintiliano elas gostem? 75
 Tu uma esposa recebe por quem o citaredo Equionte
ou Gláfiro torna-se um pai ou Ambrósio, o flautista. Compridos
 palcos em nossas estreitas ergamos vielas, se adornem
 portas e enfeitem-se os átrios com grandes coroas de louros
 pra que no berço a ti, Lêntulo, feito de casco de cágado, 80
 teu nobre a Euríalo ou a um qualquer mirmilão filho lembre.
 De um senador sendo esposa, Épia foi-se com alguns gladiadores
 para a cidade de Faros e ao Nilo e às muralhas de Lagos,
 mesmo Canopo danando os prodígios e usos da urbe.
 Tendo esquecido seu lar e o marido e a irmã, ela em nada 85
 pela sua pátria cedeu e aos chorosos, ingrata, seus filhos,
 e pra que mais te admires, aos jogos e a Páris deixara;
 mas apesar de que em grande riqueza, na pluma paterna
 e em adornado com franjas dormisse, em pequena, bercinho,
 pouco ela fez do oceano; da honra já pouco fizera, 90
 a qual, para estas de finas, é mínima perda, liteiras.
 Ondas então do Tirreno e também, largamente estrondando,
 ela aguentou o mar Jônio com firme bravura, a despeito
 de que em mudanças constantes o mar estivesse. Se é justo
 riscos correr e é honesto, elas temem e, com pávido, gelam 95
 peito e nem podem, tremendo, manter o equilíbrio das pernas:
 ânimo forte apresentam no que de imoral elas ousam.
 Se isto for ordem do cônjuge, duro é embarcar num navio;

tunc sentina grauis, tunc summus uertitur aer:
 quae moechum sequitur, stomacho ualet. illa maritum 100
 conuomit, haec inter nautas et prandet et errat
 per puppem et duros gaudet tractare rudentis.
 qua tamen exarsit forma, qua capta iuuenta
 Eppia? quid uidit propter quod ludia dici
 sustinuit? nam Sergiolus iam radere guttur 105
 coeperat et secto requiem sperare lacerto;
 praeterea multa in facie deformia, sicut
 attritus galea mediisque in naribus ingens
 gibbus et acre malum semper stillantis ocelli.
 sed gladiator erat. facit hoc illos Hyacinthos; 110
 hoc pueris patriaeque, hoc praetulit illa sorori
 atque uiro. ferrum est quod amant. hic Sergius idem
 accepta rude coepisset Veiiento uideri.
 quid priuata domus, quid fecerit Eppia, curas?
 respice riuales diuorum, Claudius audi 115
 quae tulerit. dormire uirum cum senserat uxor,
 sumere nocturnos meretrix Augusta cucullos 118
 ausa Palatino et tegetem praeferre cubili 117
 linquebat comite ancilla non amplius una. 119
 sed nigrum flauo crinem abscondente galero
 intrauit calidum ueteri centone lupanar
 et cellam uacuam atque suam; tunc nuda papillis
 prostitit auratis titulum mentita Lyciscae
 ostenditque tuum, generose Britannice, uentrem.
 excepit blanda intrantis atque aera poposcit. 125
 [continueque iacens cunctorum absorbuisset ictus.]
 mox lenone suas iam dimittente puellas
 tristis abit, et quod potuit tamen ultima cellam
 clausit, adhuc ardens rigidae tentigine uoluae,
 et lassata uiris necdum satiata recessit, 130
 obscurisque genis turpis fumoque lucernae
 foeda lupanaris tulit ad puluinar odorem.
 hippomanes carmenque loquar coctumque uenenum
 priuignoque datum? faciunt grauiora coactae
 imperio sexus minimumque libidine peccant. 135
 'optima sed quare Caesennia teste marito?'
 bis quingena dedit. tanti uocat ille pudicam,
 nec pharetris Veneris macer est aut lampade feruet:
 inde faces ardent, ueniunt a dote sagittae.
 libertas emitur. coram licet innuat atque 140
 rescribat: uidua est, locuples quae nupsit auaro.
 'cur desiderio Bibulae Sertorius ardet?'
 si uerum excutias, facies non uxor amatur.
 tres rugae subeant et se cutis arida laxet,
 fiant obscuri dentes oculique minores, 145
 'collige sarcinulas' dicet libertus 'et exi.
 iam grauis es nobis et saepe emungeris. exi
 ocius et propera. sicco uenit altera naso.'

então a sentina lhe pesa, então todo o ar se revolve;
 quem seu amante persegue é de estômago forte: uma o esposo 100
 cobre de vômito, a outra entre os nautas almoça e até vaga
 pelo convés e, pesados, apraz-lhe arrastar os cordames.
 Mas qual lhe ardeu formosura, e qual capturou juventude
 a Épia? O que viu, a tal ponto que de gladiatriz ser chamada
 tenha aguentado? Pois já seu Serginho a raspar a sua barba 105
 iniciara e com um corte no braço o repouso esperava;
 fora que muitos no rosto defeitos possuísse, tais como
 a marca do atrito do elmo e em lugar do nariz uma enorme
 pústula e um acre problema num olho que sempre vazava;
 mas gladiador ele era e só isso faz deles Jacintos 110
 Por isso a seus filhos e pátria, por isso ela à irmã o prefere
 e ainda ao marido: é do ferro que gostam, e mesmo este Sérgio,
 que se aposente bastando, com o rude se iguala Vejento.
 O que uma casa privada, o que Épia fizera te inquieta?
 Olha outra vez aos rivais das deidades, escuta o que Cláudio 115
 foi tolerar: ao notar que dormia o marido sua esposa,
 por Palatinos lençóis ela ousava trocar colchonetes,
 pôr na cabeça o capuz – uma Augusta piranha! – noturno
 e ir para a rua por serva escoltada, não mais do que uma.
 Mas, escondendo seus negros, com loura peruca, cabelos, 120
 ela adentrava num, quente com velhas cobertas, puteiro
 e numa cela vazia a si mesma guardada; então nua
 com seus mamilos vendia-se ourados e o nome Cachorra,
 e dando o que a ti levaria, ó nobre Britânico, ventre,
 doce acolhia os entrantes e os cobres que tinham pedia; 125
 sem intervalos, deitada apreciava a estocada de todos.
 Logo que vem o alcaguete mandando as meninas embora,
 triste ela vai – apesar de que pôde, por último, a cela
 sua fechar –, ainda ardendo o desejo na inchada boceta
 e extenuada por homens, mas não saciada, regressa, 130
 de enegrecidas bochechas e pela fumaça dos lumes
 suja, carrega ao divino colchão o fedor de um puteiro.
 Devo em poções e feitiços falar e em fervidos venenos
 ao enteado servidos? Pior crime cometem coagidas
 pelo comando do sexo e é nada o que pecam por fogo. 135
 “Mas por que causa é excelente Censênia, segundo o marido?”
 Por mil sestércios: montante que vale chamá-la pudica.
 Nem por aljavas de Vênus adocece ou por facho seu arde:
 outros archotes lhe queimam, do dote dispararam-se as flechas.
 A liberdade se compra; ela pode flertar em aberto 140
 e cartas mandar-lhes: solteira é quem, rica, casou com um avaro.
 “Como é que, então, de desejo por Bíbula queima Sertório?”
 Se o vero buscas, um rosto, não tanto uma esposa, ele ama.
 Três rugas surjam-lhe e a cútis resseque-se e toda se murche,
 tornem-se pretos seus dentes, e os olhos, que fiquem menores: 145
 “Tuas sacolas arruma”, dirá seu liberto, “e cai fora.
 Já me és um fardo, o nariz para sempre assoando, depressa
 some e vai logo, de seco nariz está vindo uma outra.”

interea calet et regnat poscitque maritum
 pastores et ouem Canusinam ulmosque Falernas— 150
 quantulum in hoc!—pueros omnes, ergastula tota,
 quodque domi non est, sed habet uicinus, ematur.
 mense quidem brumae, cum iam mercator Iason
 clausus et armatis obstat casa candida nautis,
 grandia tolluntur crystallina, maxima rursus 155
 murrina, deinde adamas notissimus et Beronices
 in digito factus pretiosior. hunc dedit olim
 barbarus incestae, dedit hunc Agrippa sorori,
 obseruant ubi festa mero pede sabbata reges
 et uetus indulget senibus clementia porcis. 160
 'nullane de tantis gregibus tibi digna uidetur?'
 sit formonsa, decens, diues, fecunda, uetustos
 porticibus disponat auos, intactior omni
 crinibus effusis bellum dirimente Sabina,
 rara auis in terris nigroque simillima cycno, 165
 quis feret uxorem cui constant omnia? malo,
 malo Venustinam quam te, Cornelia, mater
 Gracchorum, si cum magnis uirtutibus adfers
 grande supercilium et numeras in dote triumphos.
 tolle tuum, precor, Hannibalem uictumque Syphacem 170
 in castris et cum tota Carthagine migra.
 'parce, precor, Paeon, et tu, dea, pone sagittas;
 nil pueri faciunt, ipsam configite matrem'
 Amphion clamat, sed Paeon contrahit arcum.
 extulit ergo greges natorum ipsumque parentem, 175
 dum sibi nobilior Latonae gente uidetur
 atque eadem scrofa Niobe fecundior alba.
 quae tanti grauitas, quae forma, ut se tibi semper
 inputet? huius enim rari summique uoluptas
 nulla boni, quotiens animo corrupta superbo 180
 plus aloes quam mellis habet. quis deditus autem
 usque adeo est, ut non illam quam laudibus effert
 horreat inque diem septenis oderit horis?
 quaedam parua quidem, sed non toleranda maritis.
 nam quid rancidius quam quod se non putat ulla 185
 formosam nisi quae de Tusca Graecula facta est,
 de Sulmonensi mera Cecropis? omnia Graece:
 [cum sit turpe magis nostris nescire Latine.]
 hoc sermone pauent, hoc iram, gaudia, curas,
 hoc cuncta effundunt animi secreta. quid ultra? 190
 concumbunt Graece. dones tamen ista puellis,
 tune etiam, quam sextus et octogensimus annus
 pulsat, adhuc Graece? non est hic sermo pudicus
 in uetula. quotiens lasciuum interuenit illud
 zoe kai psyche, modo sub lodice relictis 195
 uteris in turba. quod enim non excitet inguen
 uox blanda et nequam? digitos habet. ut tamen omnes
 subsidant pinnae, dicas haec mollius Haemo

Mas enquanto isso ela o excita e governa e demanda do esposo
pastores e ovelhas que vêm de Canossa e uns olmeiros Falernos. 150
 Pouco vai nisso? Seus jovens escravos, inteiras ergástulas:
 tudo que em casa não há, mas possui seu vizinho, é comprado.
 Já no solstício invernal, quando esteja um Jasão comerciante
 preso e também branca tenda os armados contenha marujos,
 grandes serão carregados cristais e de novo os maiores 155
 vasos muranos, diamante notíssimo, de Berenice
 o dedo enfeitando, que fez-se ainda mais precioso. Este deu-o
 um bárbaro a uma incestuosa, foi dado à sua irmã por Agripa
 lá onde guardam as festas, descalços, sabáticas, reis
 e uma antiga piedade permite que o porco envelheça. 160
 “Nula no meio de tantas mulheres parece-lhe digna?”
 Seja formosa decente opulenta fecunda, vetustos,
 mostre nos pórticos seus ancestrais, bem mais pura que toda,
 com suas crinas esparsas, da guerra findante Sabina,
 uma ave rara nas terras ao negro simíluma cisne: 165
 quem uma esposa tolera em quem conste isso tudo? Eu prefiro,
 sim, eu prefiro qualquer Venusina a ti mesma, Cornélia,
 ó mãe dos Gracos, se junto às virtudes que tens, me trouxeres
 ares de grande soberba e inclua em teu dote uns triunfos.
 Leva o teu, rogo-te, Aníbal, também o teu Sífax, vencido 170
 no acampamento e, de toda a Cartago seguida, te manda.
 “Poupa, eu te peço, ó Peã, e tu, deusa, depõe estas flechas;
 nada as crianças fizeram, somente alvejai-lhes a mãe”,
 clama Anfião, e, no entanto, Peã retesou o seu arco.
 Logo, enterrou a seu grupo de filhos, tal como ao marido, 175
 enquanto mais nobre do que de Latona a estirpe se via
 Níobe e bem mais fecunda que mesmo uma porca das brancas.
 Vale de quê austeridade, de que formosura, se sempre
 ela a si mesma te cobra? Num bem assim raro e elevado
 nulo há prazer, com frequência, manchada por alma soberba, 180
 mais aloés do que méis ela tem, quem então dedicado
 é a tal ponto, que aquela que exalta com tanto elogio
 não lhe horrorize e em, ao menos, de um dia sete horas a odeie?
 Há o que de fato é pequeno, mas não deve o esposo aturá-lo:
 que há de mais ranço do que isto: a si mesma nenhuma acredita 185
 ter formosura a não ser que de etrusca em greguinha se verta,
 de Sulmonense discreta em mulher da Cecrópia? Pois grego
 é tudo que falam, qual fosse mais torpe ser burra em Latim.
 Nesse idioma elas temem, nele iram-se alegram-se ocupam-se,
 nele, inteirinhos, derramam da alma os segredos: que mais? 190
 Transam em grego; no entanto, essas coisas perdoam-se às moças.
 Mas tu também, que o octogésimo sexto em teus anos já atinge
 fala ainda em Grego? Decerto esta língua não é nada decente
 para uma velha anciã: quando emergem, salazes, aqueles
 “zoë kái psyché*”, o que quase a por sob os lençóis se restringe 195
 usas em público; e, certo, que pau levantado não fica
 com frase frívola e doce? Tem dedos. Mas, para que todas
 caiam ao chão tuas plumas, se a dizes mais suave que Hemo

*vida e alma

quamquam et Carpophoro, facies tua computat annos.
 si tibi legitimis pactam iunctamque tabellis 200
 non es amaturus, ducendi nulla uidetur
 causa, nec est quare cenam et mustacea perdas
 labente officio crudis donanda, nec illud
 quod prima pro nocte datur, cum lance beata
 Dacicus et scripto radiat Germanicus auro. 205
 si tibi simplicitas uxoriam, deditus uni
 est animus, summitte caput ceruice parata
 ferre iugum. nullam inuenies quae parcat amanti.
 ardeat ipsa licet, tormentis gaudet amantis
 et spoliis; igitur longe minus utilis illi 210
 uxor, quisquis erit bonus optandusque maritus.
 nil umquam inuita donabis coniuge, uendes
 hac obstante nihil, nihil haec si nolet emetur.
 haec dabit affectus: ille excludatur amicus
 iam senior, cuius barbam tua ianua uidit. 215
 testandi cum sit lenonibus atque lanistis
 libertas et iuris idem contingat harenae,
 non unus tibi riualis dictabitur heres.
 'pone crucem seruo.' 'meruit quo crimine seruus
 supplicium? quis testis adest? quis detulit? audi; 220
 nulla umquam de morte hominis cunctatio longa est.'
 'o demens, ita seruus homo est? nil fecerit, esto:
 hoc uolo, sic iubeo, sit pro ratione uoluntas.'
 imperat ergo uiro. sed mox haec regna relinquit
 permutatque domos et flammea conterit; inde 225
 auolat et spreti repetit uestigia lecti.
 ornatas paulo ante fores, pendentia linquit
 uela domus et adhuc uirides in limine ramos.
 sic crescit numerus, sic fiunt octo mariti
 quinque per autumnos, titulo res digna sepulcri. 230
 desperanda tibi salua concordia socru.
 illa docet spoliis nudi gaudere mariti,
 illa docet missis a corruptore tabellis
 nil rude nec simplex rescribere, decipit illa
 custodes aut aere domat. tum corpore sano 235
 aduocat Archigenen onerosaque pallia iactat.
 abditus interea latet et secretus adulter
 inpatiensque morae silet et praeputia ducit.
 scilicet expectas ut tradat mater honestos
 atque alios mores quam quos habet? utile porro 240
 filiolum turpi uetulae producere turpem.
 nulla fere causa est in qua non femina litem
 mouerit. accusat Manilia, si rea non est.
 componunt ipsae per se formantque libellos,
 principium atque locos Celso dictare paratae. 245
 endromidas Tyrias et femineum ceroma
 quis nescit, uel quis non uidit uulnera pali,
 quem cauat adsiduis rudibus scutoque lacessit

e mais até que Carpóforo, a cara calcula os teus anos.
 Se esta que a ti prometeu-se e amarrou-se com justas tabuinhas 200
 não hás de amar, de casar-te nenhuma parece que exista
 causa, tampouco há razão de gastar com banquete e bolinhos,
 findo o festejo, que dão-se a convivas já fartos e aquilo
 que antes da noite primeira se dá, com a bandeja abastada
 feita com o escrito de Dácico Germânico em ouro brilhante. 205
 Mas se cultivas o afã de uma esposa, e a só uma dedicas
 teu coração, põe pra baixo a cabeça e, de lombo disposto,
 leva teu jugo, pois nula achará que perdoe a quem ame-a:
 pode ela arder, assim mesmo afligir lhe contenta o marido
 e tosquê-lo; portanto, de longe, ser-lhe-á menos útil 210
 uma mulher a quem seja-lhe um bom e agradável marido.
 Nada jamais, sendo a cômjuge contra, darás, nada vendes,
 se ela se opõe, nem jamais, se não quer, coisa alguma se compra.
 Ela dirá teus afetos e vai afastar-te um amigo,
 hoje mais velho, no qual tua porta viu barba crescendo. 215
 Quando de seu testamento fazer cafetões e lanistas
 têm liberdade e este mesmo direito se estende às arenas,
 nem sendo o único, tu vais nomear um rival como herdeiro.
 “Põe numa cruz este escravo!” “Merece, do escravo, qual crime
 a pena? Quem foi testemunha? Quem fez a denúncia? Escutemos; 220
 nunca nenhuma, na morte de gente, demora é tão longa.”
 “Ai, seu demente, e um escravo é lá gente? Fez nada, que seja:
 isso é o que quero, assim mando, e te baste por causa o meu gosto!”
 Dessa maneira ela manda no homem. Mas logo estes reinos
 deixa e se muda de casa e o véu rubro reusa, dali 225
 logo ela voa e do leito retoma seus rastros, perdido,
 portas há pouco adornadas, pendentes cortinas deixando
 e, verdes, ainda da casa enfeitando a soleira alguns ramos.
 Assim vão crescendo-lhe as contas, assim já são oito maridos
 cinco passando-se outonos, façanha de pôr-se em sepulcro. 230
 Perde a esperança de ter, se ainda vive, uma paz, a tua sogra,
 ela é que ensina com o espólio do nu a agradecer-se marido,
 ela é que ensina a tabuinhas por conquistadores enviadas
 não responder algo rude ou inculto, ela engana teus guardas
 ou, com dinheiro, os adestra. Então, mesmo estando saudável, 235
 chama um Arquígenes, que cobertores pesados lhe estende.
 Nisso, escondendo-se espregueira em segredo da esposa o amante,
 pela demora impaciente e, calando-se, toca uma bronha.
 Claro, sem dúvida, esperas que ensine uma mãe decorosos
 e diferentes costumes daqueles que tem? Mas é útil 240
 filha adiante uma velha que é torpe passar também torpe.
 Quase inexistente uma causa na qual uma fêmea o litígio
 não ocasione. É Manília que acusa, se a ré não for ela.
 Elas compõem por si mesmas e arranjam sozinhas discursos,
 já para exórdio e figuras a Celso ensinar preparadas. 245
 Quem as blusinhas purpúreas e os óleos de luta fêmeas
 já não conhece, ou ainda não viu as feridas no tronco
 que ela com golpes frequentes descarna e com o escudo provoca,

atque omnis implet numeros dignissima prorsus
 Florali matrona tuba, nisi si quid in illo 250
 pectore plus agitat ueraeque paratur harenae?
 quem praestare potest mulier galeata pudorem,
 quae fugit a sexu? uires amat. haec tamen ipsa
 uir nollet fieri; nam quantula nostra uoluptas!
 quale decus, rerum si coniugis auctio fiat, 255
 balteus et manicae et cristae crurisque sinistri
 dimidium tegimen! uel si diuersa mouebit
 proelia, tu felix ocreas uendente puella.
 hae sunt quae tenui sudant in cyclade, quarum
 delicias et panniculus bombycinus urit. 260
 aspice quo fremitu monstratos perferat ictus
 et quanto galeae curuetur pondere, quanta
 poplitibus sedeat quam denso fascia libro,
 et ride positis scaphium cum sumitur armis.
 dicite uos, neptes Lepidi caeciae Metelli 265
 Gurgitis aut Fabii, quae ludia sumpserit umquam
 hos habitus? quando ad palum gemat uxor Asyli?
 semper habet lites alteraque iurgia lectus
 in quo nupta iacet; minimum dormitur in illo.
 tum grauis illa uiro, tunc orba tigride peior, 270
 cum simulat gemitus occulti conscia facti,
 aut odit pueros aut ficta paelice plorat
 uberibus semper lacrimis semperque paratis
 in statione sua atque expectantibus illam,
 quo iubeat manare modo. tu credis amorem, 275
 tu tibi tunc, uruca, places fletumque labellis
 exorbes, quae scripta et quot lecture tabellas
 si tibi zelotypae retegantur scrinia moechae!
 sed iacet in serui complexibus aut equitis. dic,
 dic aliquem sodes hic, Quintiliane, colorem. 280
 haeremus. dic ipsa. 'olim conuenerat' inquit
 'ut faceres tu quod uelles, nec non ego possem
 indulgere mihi. clames licet et mare caelo
 confundas, homo sum.' nihil est audacius illis
 deprensis: iram atque animos a crimine sumunt. 285
 unde haec monstra tamen uel quo de fonte requiris?
 praestabat castas humilis fortuna Latinas
 quondam, nec uitis contingi parua sinebant
 tecta labor somnique breues et uellere Tusco
 uexata duraeque manus ac proximus urbi 290
 Hannibal et stantes Collina turre mariti.
 nunc patimur longae pacis mala, saeuior armis
 luxuria incubuit uictumque ulciscitur orbem.
 nullum crimen abest facinusque libidinis ex quo
 paupertas Romana perit. hinc fluxit ad istos 295
 et Sybaris colles, hinc et Rhodos et Miletos
 atque coronatum et petulans madidumque Tarentum.
 prima peregrinos obscena pecunia mores

e tudo executa precisa, digníssima – para ser breve –
da Floral tuba a matrona, exceto se acaso naquele 250
peito maior coisa agita e pras veras prepara-se arenas.
Qual poderá nos mostrar, de elmo posto a mulher, compostura,
ela que nega o seu sexo, brutezas amando? Assim mesmo,
homem tornar-se não quer, já que temos tão poucos prazeres!
Honra tamanha, se fazes leilão com da cōnjuge as coisas, 255
ver cinturão e manoplas e crista e, da perna sinistra,
só meia peça! Ou, quem sabe, se for inclinada a distintas
lutas, feliz tu verás suas grevas vender a menina.
E estas que dentro derretem de um leve vestido, e é delas
que o bem-estar mesmo a mais delicada das sedas retira! 260
Olha esses gritos com os quais ela os golpes que viu leva embora,
e sob o peso – quão grande! – se curva do elmo e quão grande
em suas coxas assenta, com densa, uma tala, madeira,
e ri, quando, tendo as deposto, se abaixa ao penico, suas armas.
Vós me dizei, ó netinhas de Lépido, o cego, ou Metelo 265
ou Gúrgite Fábio, uma esposa de algum gladiador, quando trajas
pôs como estes, e quando ante o toco se cansa a de Asilo?
Sempre tem lides e turnos trocados de injúrias um leito
onde uma esposa se deita; pouquíssimo dorme-se nele.
Nele ela pesa o marido, já pior que tigresa da cria 270
priva, ao fingir uns soluços, dos feitos culpada, secretos;
ou ela odeia os escravos ou por concubina inventada
chora, com lágrimas sempre abundantes e sempre já prontas
a seu comando seguir e esperando que dela lhes venha
ordens de como elas devam fluir; e tu crês que amor seja. 275
Tu nessa hora, seu verme, deleitas-te e o pranto com beijos
secas; que juras e quantas lérias tabuinhas se desta
tua ciumenta piranha se abrissem a ti as gavetas!
Pega-a jazendo do escravo no abraço ou do equestre, e então “Dize,
dize-me algum, por favor, Quintiliano, argumento brilhante!” 280
Ih! Deu-me um branco. Te vira tu mesma.” “Uma vez concordamos”,
diz, “que farias o que tu quisesses e que eu poderia
refestelar-me. À vontade tu grites e o mar com o céu troques:
sou simplesmente uma humana”. Mais que elas audaz inexistente,
quando flagradas: de raiva e insolência, com o crime, elas se enchem. 285
Donde é que vem tanto assombro, ou qual seja sua fonte perguntas?
Nos exibia umas castas, a humilde fortuna, latinas,
tempos atrás, nem por vícios tocar-se os modestos deixavam-lhes
tetos, trabalhos e sonos bem breves e pela toscana
lã calejadas e duras as mãos e, chagando à cidade, 290
Aníbal e, estantes na Porta Colina os maridos; agora
os males sofremos da paz duradoura: mais cruel do que tropas
veio a luxúria e por um conquistado se vinga orbe inteiro;
nulo delito nos falta ou malfeito atribuído à libido,
desde que foi-se a pobreza romana, daí afluindo 295
Síbaris a estas colinas, daí vindo Rodes, Mileto
e mesmo a laureada e insolente e de vinho encharcada Tarento.
Tais estrangeiros, primeiro a indecente pecúnia, costumes

intulit, et turpi fregerunt saecula luxu
 diuitiae molles. quid enim uenus ebria curat? 300
 inguinis et capitis quae sint discrimina nescit
 grandia quae mediis iam noctibus ostrea mordet,
 cum perfusa mero spumant unguenta Falerno,
 cum bibitur concha, cum iam uertigine tectum
 ambulat et geminis exsurgit mensa lucernis. 305
 i nunc et dubita qua sorbeat aera sanna
 Maura, Pudicitiae ueterem cum praeterit aram, 308
 Tullia quid dicat, notae collactea Maurae. 307
 noctibus hic ponunt lecticas, micturiunt hic 309
 effigiemque deae longis siphonibus implent 310
 inque uices equitant ac Luna teste mouentur,
 inde domos abeunt: tu calcas luce reuersa
 coniugis urinam magnos uisurus amicos.
 nota bonae secreta deae, cum tibia lumbos
 incitat et cornu pariter uinoque feruntur 315
 attonitae crinemque rotant ululantque Priapi
 maenades. o quantus tunc illis mentibus ardor
 concubitus, quae uox saltante libidine, quantus
 ille meri ueteris per crura madentia torrens!
 lenonum ancillas posita Saufeia corona 320
 prouocat et tollit pendentis praemia coxae,
 ipsa Medullinae fluctum crisantis adorat:
 palma inter dominas, uirtus natalibus aequa.
 nil ibi per ludum simulabitur, omnia fient
 ad uerum, quibus incendi iam frigidus aeuo 325
 Laomedontiades et Nestoris hirnea possit.
 tunc prurigo morae inpatiens, tum femina simplex,
 ac pariter toto repetitus clamor ab antro
 'iam fas est, admitte uiros.' dormitat adulter,
 illa iubet sumpto iuuenem properare cucullo; 330
 si nihil est, seruis incurritur; abstuleris spem
 seruorum, uenit et conductus aquarius; hic si
 quaeritur et desunt homines, mora nulla per ipsam
 quo minus inposito clunem summittat asello.
 atque utinam ritus ueteres et publica saltem 335
 his intacta malis agerentur sacra; sed omnes
 nouerunt Mauri atque Indi quae psaltria penem
 maiorem quam sunt duo Caesaris Anticatones
 illuc, testiculi sibi conscius unde fugit mus,
 intulerit, ubi uelari pictura iubetur 340
 quaecumque alterius sexus imitata figuras.
 et quis tunc hominum contemptor numinis, aut quis
 simpuium ridere Numae nigrumque catinum
 et Vaticano fragiles de monte patellas
 ausus erat? sed nunc ad quas non Clodius aras? 345
 [audio quid ueteres olim moneatis amici,
 'pone seram, cohibe.' sed quis custodiet ipsos
 custodes? cauta est et ab illis incipit uxor.]

trouxe, e, com torpe requinte, frangalhos fizeram dos tempos,
 e frescas riquezas. Pois, bêbada, Vênus com o que se preocupa? 300
 Entre virilhas e rostos qual é a diferença não sabe,
 ela que já à meia-noite umas ostras enormes ataca,
 quando aspergidos com puro misturam-se unguentos Falerno,
 quando ela bebe na concha e já, pela vertigem, no teto
 tudo se mexe e com lumes levanta-se a mesa dobrados. 305
 Vai te pergunta o que seja o deboche com o qual o ar respira
 Túlia, o que diga à afamada da irmã adotiva de Maura,
 da Pudicícia esta Maura ao passar pelos velhos altares.
 Lá elas param liteiras e lá de mijar com vontade
 o busto da deusa com longa enxurrada elas molham de mijo 310
 e, se alternando, cavalgam e embaixo dos olhos da lua
 gozam; dali vão pra casa e tu andas já à luz retornada
 para da cônjuge a urina e os magnânimos ver teus amigos.
 Notos são os ritos da deusa secretos bondosa, em que a tibia
 atiça os quadris, e por chifre e igualmente por vinho se tornam 315
 loucas de êxtase e a crina revolvem e ululam as de Priapo
 mênades. Quanto nessa hora se agita em seus seios a febre
 de copular, de dançante libido que gritos, quão grande
 aquela de vinho vetusto nas coxas molhadas torrente!
 Do proxeneta as meninas, se pondo Saufeia a coroa, 320
 as desafia e levanta o troféu de mexer a garupa.
 De Medulina, porém, esta o corpo ondulante venera:
 fica entre duas senhoras, iguala-se ao berço o talento,
 nada por jogo será simulado, será tudo feito,
 à vera, de modo que em chamas botar o gelado de velho 325
 Laomedontíades e de Nestor os testículos possa.
 Ávida, vem comichão da demora, depois ficam nuas,
 e é repetido igualmente o clamor no completo recinto
 “Já está na hora, deixai vir os homens!”, se dorme um amante,
 ela comanda que, posto um capuz, vá depressa o seu filho; 330
 dando isso em nada, em escravos se joga; perdida a esperança
 com tais escravos, contrata-se o homem da água e se este
 queixa-se e falta-lhe um homem, sem nula demora ela mesma,
 nem o obrigando, seu rabo oferece de quatro a um jumento.
 Ai, e se ao menos os usos vetustos e os públicos, salvos, 335
 por estes males intactos, fizessem-se ritos! Mas todos
 os mouros souberam e os índios de que citareda uma pica
 mais volumosa que os Anticatões dois de César ali,
 donde consciente das bolas que tem mesmo um rato se manda,
 introduzira, onde ordena-se que uma figura se cubra, 340
 seja qual, for que assemelhe-se às formas do sexo oposto.
 E quem entre os homens, então, seu desdém expressou pelos nubes?
 Ou quem de zombar do simpúvio de Numa e do negro potinho
 e, Vaticano do monte oriundas, das frágeis panelas
 teve ousadia? Mas hoje em que altares não temos um Clódio? 345
 Ouço o que antigos, outrora, em conselho disseram-me amigos:
 “Põe nela trancas, confina-a”, mas quem será guarda dos próprios
 guardas? É bem cuidadosa e por eles começa uma esposa.

iamque eadem summis pariter minimisque libido,	
nec melior silicem pedibus quae conterit atrum	350
quam quae longorum uehitur ceruice Syrorum.	
ut spectet ludos, conducit Ogulnia uestem,	
conducit comites, sellam, ceruical, amicas,	
nutricem et flauam cui det mandata puellam.	
haec tamen argenti superest quodcumque paterni	355
leuibus athleticis et uasa nouissima donat.	
multis res angusta domi, sed nulla pudorem	
paupertatis habet nec se metitur ad illum	
quem dedit haec posuitque modum. tamen utile quid sit	
prospiciunt aliquando uiri, frigusque famemque	360
formica tandem quidam expauere magistra:	
prodiga non sentit pereuntem femina censum.	
ac uelut exhausta recidiuus pullulet arca	
nummus et e pleno tollatur semper aceruo,	
non umquam reputant quanti sibi gaudia constant.	365
in quacumque domo uiuit luditque professus	Ox1
obscenum, tremula promittit et omnia dextra,	Ox2
inuenies omnis turpes similesque cinaedis.	Ox3
his uiolare cibos sacraeque adsistere mensae	Ox4
permittunt, et uasa iubent frangenda lauari	Ox5
cum colocyntha bibit uel cum barbata chelidon.	Ox6
purior ergo tuis laribus meliorque lanista,	Ox7
in cuius numero longe migrare iubetur	Ox8
psyllus ab ~eupholio.~ quid quod nec retia turpi	Ox9
iunguntur tunicae, nec cella ponit eadem	Ox10
munimenta umeri ~pulsatamque arma~ tridentem	Ox11
qui nudus pugnare solet? pars ultima ludi	Ox12
accipit has animas aliusque in carcere neruos.	Ox13
sed tibi communem calicem facit uxor et illis	Ox14
cum quibus Albanum Surrentinumque recuset	Ox15
flaua ruinosi lupa degustare sepulchri.	Ox16
horum consiliis nubunt subitaeque recedunt,	Ox17
his languentem animum ~seruant~ et seria uitae,	Ox18
his clunem atque latus discunt uibrare magistris,	Ox19
quicquid praeterea scit qui docet. haud tamen illi	Ox20
semper habenda fides: oculos fuligine pascit	Ox21
distinctus croceis et reticulatus adulter.	Ox22
suspectus tibi sit, quanto uox mollior et quo	Ox23
saepius in teneris haerebit dextera lumbis.	Ox24
hic erit in lecto fortissimus; exiit illic	Ox25
personam docili Thais saltata Triphallo.	Ox26
quem rides? aliis hunc mimum! sponsio fiat:	Ox27
purum te contendo uirum. contendo: fateris?	Ox28
an uocat ancillas tortoris pergula? noui	Ox29
consilia et ueteres quaecumque monetis amici,	Ox30
'pone seram, cohibe'. sed quis custodiet ipsos	Ox31
custodes, qui nunc lasciuae furta puellae	Ox32
hac mercede silent? crimen commune tacetur.	Ox33

Já têm a mesma as mais altas, assim como as reles, libido,
nem é melhor a que pedras com os pés desbarata, cinzentas 350
do que a que vai carregada na de altos cerviz homens sírios.
Para que aos jogos assista, encomenda Ogúlnia umas roupas,
acompanhante encomenda, liteira, almofadas, amigas,
ama de leite e uma loira, que mande os recados, mocinha;
ela, no entanto, o que quer que da prata ainda reste, paterna, 355
por delicados atletas ou vasos novíssimos doa.
Muitas têm meios escassos em casa, nenhuma, contudo,
tem da pobreza a modéstia ou se mede de acordo com aquela
que esta prescreve e dispõe para elas medida; no entanto
às vezes a coisas mais úteis os homens almejam, decerto 360
a apavorar-se do frio e da fome a formiga ensinou-lhes.
Pródiga que é, não percebe sumindo a mulher seu dinheiro
e qual se do cofre exaurido, fresquinhas, pululem moedas
e de uma pilha elas sejam tiradas que é sempre repleta,
nunca no preço elas pensam que suas alegrias lhes custam. 365
Em toda casa onde vive e vadia um professo obsceno, Ox1*
que com uma trêmula e inquieta de tudo promete mão destra, Ox2
vais encontrar todo mundo corrupto e igualzinho a umas bichas. Ox3
Que eles violem a comida e na sacra acomodem-se mesa Ox4
deixam e mandam lavar as que ser destruídas deviam Ox5
louças, ao nelas beber Colocinta ou, barbada, Quelídon. Ox6
Mais que teus lares virtuoso e melhor, é portanto, um lanista, Ox7
em cujo bando a manter-se distante é mandado o fracote Ox8
do casca-grossa; pra não mencionar que com a rede as ignóbeis Ox9
túnicas não se misturam, nem guarda num mesmo cubículo Ox10
os protetores de ombro, a armadura batida e o tridente Ox11
quem descoberto costuma lutar. A cloaca da escola Ox12
almas como estas acolhe e grilhões, na prisão, diferentes. Ox13
Mas que dividas o cálice obriga-te a esposa com eles, Ox14
com quem o Albano ou até o Surrentino recusa-se vinho Ox15
a desfrutar loura puta que habite uma tumba arruinada. Ox16
Destes seguindo o conselho elas casam-se e, súbitas, somem; Ox17
a estes seu tédio confiam e as coisas pesadas da vida; Ox18
destes o rabo e o quadril a agitar professores aprendem, Ox19
tudo, além disso, o que sabe ele ensina, nem sempre, no entanto, Ox20
nele se deve pôr fé: pois contorna em fuligem seus olhos, Ox21
sendo famoso, e põe redes douradas na coma, um adúltero; Ox22
tanto suspeito a ti seja, quão mais tenha voz de veado, Ox23
quão mais frequente, na mole, a mão destra repouse piroca, Ox24
este na cama será virilíssimo: lá ele tira Ox25
a máscara e resta, Thaís já dançada, um dócil Trifalo. Ox26
“Quem tu enganas? Para outros tal farsa! Uma aposta façamos: Ox27
puro eu garanto que és homem, garanto! Será que confessas? Ox28
Ou as escravas convoca o balcão de tortura? Eu conheço Ox29
tudo o que, antigos, outrora em conselho disseram-me amigos: Ox30
“Põe nela tranças, confina-a”, mas quem será guarda dos próprios Ox31
guardas? Os quais da safada as fugidas menina, por baixo Ox32
preço as abafam? Um crime, quando é partilhado, se cala: Ox33

prospicit hoc prudens et a illis incipit uxor.	Ox34
sunt quas eunuchi inbelles ac mollia semper	366
oscula delectent et desperatio barbae	
et quod abortiuo non est opus. illa uoluptas	
summa tamen, quom iam calida matura iuuenta	
inguina traduntur medicis, iam pectine nigro.	370
ergo expectatos ac iussos crescere primum	
testiculos, postquam coeperunt esse bilibres,	
tonsoris tantum damno rapit Heliodorus.	
mangonum pueros uera ac miserabilis urit	373a
debilitas, follisque pudet cicerisque relictis.	373b
conspicuus longe cunctisque notabilis intrat	
balnea nec dubie custodem uitis et horti	
prouocat a domina factus spado. dormiat ille	
cum domina, sed tu iam durum, Postume, iamque	
tondendum eunucho Bromium committere noli.	
si gaudet cantu, nullius fibula durat	
uocem uendentis praetoribus. organa semper	380
in manibus, densi radiant testudine tota	
sardonyches, crispo numerantur pectine chordae	
quo tener Hedymeles operas dedit: hunc tenet, hoc se	
solatur gratoque indulget basia plectro.	
quaedam de numero Lamiarum ac nominis Appi	385
et farre et uino Ianum Vestamque rogabat,	
an Capitolinam deberet Pollio quercum	
sperare et fidibus promittere. quid faceret plus	
aegrotante uiro, medicis quid tristibus erga	
filiolum? stetit ante aram nec turpe putauit	390
pro cithara uelare caput dictataque uerba	
pertulit, ut mos est, et aperta palluit agna.	
dic mihi nunc, quaeso, dic, antiquissime diuom,	
respondes his, Iane pater? magna otia caeli;	
non est, quod uideo, non est quod agatur apud uos.	395
haec de comoedis te consulit, illa tragoedum	
commendare uolet: uaricosus fiet haruspex.	
sed cantet potius quam totam peruolet urbem	
audax et coetus possit quae ferre uirorum	
cumque paludatis ducibus praesente marito	400
ipsa loqui recta facie siccisque mamillis.	
haec eadem nouit quid toto fiat in orbe,	
quid Seres, quid Thraces agant, secreta nouercae	
et pueri, quis amet, quis diripiatur adulter;	
dicet quis uiduam praegnatam fecerit et quo	405
mense, quibus uerbis concumbat quaeque, modis quot.	
instantem regi Armenio Parthoque cometen	
prima uidet, famam rumoresque illa recentis	
excipit ad portas, quosdam facit; isse Niphaten	
in populos magnoque illic cuncta arua teneri	410
diluuio, nutare urbes, subsidere terras,	
quocumque in triuio, cuicumque est obuia, narrat.	

isso antecipa e, prudente, por eles começa uma esposa. Ox34
 Há as que eunucos airosos e seus bem macios pra sempre 366
 beijos deleitam, por causa da ausência completa de barba,
 e não precisar de abortivo. É, no entanto, a maior das volúpias
 que já na idade fervente dos jovens seus membros maduros
 sejam levados a médicos, todos de pelos já negros. 370
 Logo, se espera e se ordena que cresçam primeiro os testículos,
 para, após duas pesarem em libras, perdendo com isso
 tão simplesmente o barbeiro, arrancá-los dali Heliodoro.
 Dos negociantes os jovens real e terrível miséria 373a
 os atormenta, e envergonha-os o saco e as ervilhas que restam. 373b
 Visto de longe e por todos achado notável adentra
 a casa de banho e sem dúvida o guarda de vinha e jardim 375
 quer desafiar um que foi pela dona capado. Que durma
 ele com sua senhora, mas Póstumo, tu teu já forte
 e já barbeando-se Brômio, não queiras confiar a um eunuco.
 Se ela se agrada do canto, fivela nenhuma resiste
 destes que a voz aos pretores alugam, tem sempre instrumentos 380
 em suas mãos, volumosas radiam na lira inteirinha
 umas sardônicas; plange com curva vareta suas cordas,
 uma que o tenro Hedimele empregou; ela agarra e utiliza-a
 como consolo e, agradável, derrama seus beijos no plectro.
 Certa mulher da família dos Lâmias, com o nome de Ápio, 385
 dando frumentos e vinhos a Jano e a Vesta rogava
 se Polião poderia da Capitolina coroa
 ter esperança e sua lira anunciar. Mais do que isso faria
 se moribundo o marido, se os médicos tristes ficassem
 pelo filhinho? No altar estacou, nem ser torpe pensando 390
 por uma cítara a cara velar e ditou toda a reza
 como costuma-se e branca ficou vendo aberta uma ovelha.
 Dize-me agora, eu te peço, ó divino, ó mais velho dos deuses,
 a estas acaso respondes, pai Jano? Há no céu um ócio grande:
 nada, assim vejo, nadinha há aí em cima o que possa ocupar-vos. 395
 Esta de um cômico faz-te consulta, aquela outra de um trágico
 quer a custódia entregar-te, varizes vai ter o adivinho!
 Antes, contudo, ela toque que voe por toda a cidade,
 e que, abusada, em reuniões ela possa lançar-se de homens
 e a generais imponentes de farda, presente o marido, 400
 fale ela mesma, com cara de honesta e eriçados mamilos.
 Ela conhece o que todo se passa no mundo, o que a China,
 ou o que a Trácia têm feito, os segredos de alguma madrasta
 e do menino, quem está apaixonado, que amante disputam;
 ela dirá quem deixou de barriga a viúva e em que mês, 405
 cada mulher com que verbos que fode e de quantas maneiras.
 Ameaçador para o rei lá da Armênia e o da Pártia um cometa
 ela é a primeira que vê, e a fofoca e os rumores recentes
 traz dos portões da cidade e alguns ela inventa; o Nifate
 ter transbordado e com grande tomado fazendas inteiras 410
 onda, que estão em ruína as cidades, que afundam-se as terras
 a qualquer um com quem topa na próxima esquina ela narra.

nec tamen id uitium magis intolerabile quam quod
 uicinos humiles rapere et concidere loris
 ~exortata~ solet. nam si latratibus alti 415
 rumpuntur somni, 'fustes huc ocius' inquit
 'adferte' atque illis dominum iubet ante feriri,
 deinde canem. grauis occursu, taeterrima uultu
 balnea nocte subit, conchas et castra moueri
 nocte iubet, magno gaudet sudare tumultu, 420
 cum lassata graui ceciderunt bracchia massa,
 callidus et cristae digitos inpressit aliptes
 ac summum dominae femur exclamare coegit.
 conuiuiae miseri interea somnoque fameque
 urgentur. tandem illa uenit rubicundula, totum 425
 oenophorum sitiens, plena quod tenditur urna
 admotum pedibus, de quo sextarius alter
 ducitur ante cibum rabidam facturus orexim,
 dum redit et loto terram ferit intestino.
 marmoribus riui properant, aurata Falernum 430
 peluis olet; nam sic, tamquam alta in dolia longus
 deciderit serpens, bibit et uomit. ergo maritus
 nauseat atque oculis bilem substringit opertis.
 illa tamen grauior, quae cum discumbere coepit
 laudat Vergilium, periturae ignoscit Elissae, 435
 committit uates et comparat, inde Maronem
 atque alia parte in trutina suspendit Homerum.
 cedunt grammatici, uincuntur rhetores, omnis
 turba tacet, nec causidicus nec praeco loquetur,
 altera nec mulier. uerborum tanta cadit uis, 440
 tot pariter pelues ac tintinnabula dicas
 pulsari. iam nemo tubas, nemo aera fatiget:
 una laboranti poterit succurrere Lunae.
 inponit finem sapiens et rebus honestis;
 nam quae docta nimis cupit et facunda uideri 445
 crure tenuis medio tunicas succingere debet,
 caedere Siluano porcum, quadrante lauari.
 non habeat matrona, tibi quae iuncta recumbit,
 dicendi genus, aut curuum sermone rotato
 torqueat enthymema, nec historias sciat omnes, 450
 sed quaedam ex libris et non intellegat. odi
 hanc ego quae repetit uoluitque Palaemonis artem
 seruata semper lege et ratione loquendi
 ignotosque mihi tenet antiquaria uersus
 nec curanda uiris. opicae castiget amicae 455
 uerba: soloecismum liceat fecisse marito.
 nil non permittit mulier sibi, turpe putat nil,
 cum uiridis gemmas collo circumdedit et cum
 auribus extentis magnos commisit elenchos.
 [intolerabilius nihil est quam femina diues.] 460
 interea foeda aspectu ridendaque multo
 pane tumet facies aut pinguia Poppaeana

Menos, no entanto, intragável é um vício como esse que aquele
 de uma que os pobres vizinhos pegar e prostrá-los no açoite
 vitoriosa costuma; de fato, por altos latidos, 415
 sendo rompidos seus sonhos, “trazei-me porretes, depressa”
 diz e com eles ordena que o dono primeiro se surre,
 o cão em seguida. Pesada de ver, com terrível semblante,
 os banhos de noite ela adentra e que uns pesos seu bando carregue
 manda de noite, lhe agrada suar junto a um grande tumulto. 420
 Quando extenuados dos pesos despençam-lhe os braços, enormes,
 e, hábil, da crista partindo, seus dedos pressionam-lhe o alipta
 e o que no meio há das coxas da dona a gritar estimula;
 seus infelizes convivas de sono e de fome, enquanto isso
 já se retorcem. E enfim ela vem, vermelhinha, e de inteiro 425
 casco de vinho sedenta, repleta se leva uma jarra
 posta a seus pés e da qual pelo menos um sexto ela bebe
 antes da janta, visando um raivoso criar apetite;
 nisso retorna do úmido o chão atingindo, intestino
 e rios nos mármore jorram, e a pia dourada a Falerno 430
 cheira. Tal como tivesse num cântaro enorme uma longa
 cobra caído, ela bebe e vomita, por isso o marido
 fica nauseado e com os olhos a bile segura fechados.
 Que esta, porém, é mais grave a que assim que reclina-se fica
 pondo lá no alto Vergílio e o suicídio perdoa de Elissa, 435
 junta os dois vates e a eles compara, Marão deste lado
 e no outro prato de sua balança pesando-se Homero.
 Cedem-lhe a vez os gramáticos, são derrotados os rétores,
 cala-se a turba completa, nem mesmo o causídico, o arauto
 falam, nem outra mulher; do discurso é tamanha a torrente, 440
 que toda pia e badalo igualmente dirias estarem
 reverberando, por isso nem tubas ou pratos faticuem:
 ela, falando sozinha, socorro dará para a lua.
 Põe seus limites um sábio até mesmo nas coisas honestas,
 pois a que douta demais e facunda deseja mostrar-se 445
 até na metade da coxa sua túnica erguer ela deve,
 porco a Silvano matar e, moeda pagando, lavar-se.
 Mas que não tenha a matrona que junto de ti se reclina
 seu próprio estilo ou com fala hiperbática mande um recurvo
 e retorcido entimema, nem tudo conheça de história, 450
 mas que se algo nos livros for ler, nem entenda; eu detesto
 esta que sabe de cor e revolve do bom Palemonte
 a arte, e tem zelo perpétuo por regras e leis do discurso,
 e desconhecidos por mim, antiquária, conserva alguns versos
 e – do que nem o homem cuida – castiga o que a amiga grosseira 455
 diz: solecismos ao menos permitam-se para um marido.
 Nada a mulher não permite a si mesma e torpe ela nada
 pensa que seja se em gemas verdosas circunda o pescoço
 e em esticadas orelhas uns brincos exhibe gigantes;
 nada de mais intragável existe que fêmea ricaça. 460
 Enquanto isso seu rosto é disforme e risível, com quilos
 de uma farinha nas faces infladas, ou cremes sebosos

spirat et hinc miseri uiscantur labra mariti.
 ad moechum lota ueniunt cute. quando uideri
 uult formosa domi? moechis foliata parantur, 465
 his emitur quidquid graciles huc mittitis Indi.
 tandem aperit uultum et tectoria prima reponit,
 incipit agnosci, atque illo lacte fouetur
 propter quod secum comites educit asellas
 exul Hyperboreum si dimittatur ad axem. 470
 sed quae mutatis inducitur atque fouetur
 tot medicaminibus coctaeque siliginis offas
 accipit et madidae, facies dicetur an ulcus?
 est pretium curae penitus cognoscere toto
 quid faciant agitentque die. si nocte maritus 475
 auersus iacuit, periit libraria, ponunt
 cosmetae tunicas, tarde uenisse Liburnus
 dicitur et poenas alieni pendere somni
 cogitur, hic frangit ferulas, rubet ille flagello,
 hic scutica; sunt quae tortoribus annua praestent. 480
 uerberat atque obiter faciem linit, audit amicas
 aut latum pictae uestis considerat aurum
 et caedit, longi relegit transuersa diurni
 et caedit, donec lassis caedentibus 'exi'
 intonet horrendum iam cognitione peracta. 485
 praefectura domus Sicala non mitior aula.
 nam si constituit solitoque decentius optat
 ornari et properat iamque expectatur in hortis
 aut apud Isiacae potius sacraria lenae,
 disponit crinem laceratis ipsa capillis 490
 nuda umeros Psecas infelix nudisque mamillis.
 'altior hic quare cincinnus?' taurea punit
 continuo flexi crimen facinusque capilli.
 quid Psecas admisit? quaenam est hic culpa puellae,
 si tibi displicuit nasus tuus? altera laeuum 495
 extendit pectitque comas et uoluit in orbem.
 est in consilio materna admotaque lanis
 emerita quae cessat acu; sententia prima
 huius erit, post hanc aetate atque arte minores
 censebunt, tamquam famae discrimen agatur 500
 aut animae: tanta est quaerendi cura decoris.
 tot premit ordinibus, tot adhuc conpagibus altum
 aedificat caput: Andromachen a fronte uidebis,
 post minor est, credas aliam. cedo si breue parui
 sortita est lateris spatium breuiorque uidetur 505
 uirgine Pygmaea nullis adiuta coturnis
 et leuis erecta consurgit ad oscula planta.
 nulla uiri cura interea nec mentio fiet
 damnorum. uiuit tamquam uicina mariti,
 hoc solo propior, quod amicos coniugis odit 510
 et seruos, grauis est rationibus. ecce furentis
 Bellonae matrisque deum chorus intrat et ingens

manam que deixam do pobre viscosos os lábios marido:
 para um amante com a pele ela vai cuidadinha. Mas quando
 quer estar bela em sua casa? Aos amantes se arranjam perfumes, 465
 tudo por eles se compra o que as magras nos trazem indianas.
 Mostra já em tempo o seu rosto e a primeira camada remove;
 reconhecível já fica, depois com um leite se banha
 graças ao qual levaria consigo um cortejo de mulas
 para o exílio se fosse pro polo enviada Hiperbóreo. 470
 Mas a que seja por consecutivo coberta e esfregada
 tanto cosmético e massas receba de trigo aquecido
 e úmido deve chamar-se de cara ou talvez de ferida?
 Vale cuidar de saber bem a fundo, durante um inteiro
 dia, o que fazem e agitam. Se ao longo da noite, o marido 475
 dorme de costas para ela, lascou-se a roupeira, retiram-se
 das maquiadoras as túnicas, que chegou tarde o liburno
 diz-se e a castigos sofrer pelo sono é impelido do outro.
 Neste se quebra o sarrafo, avermelha-se um outro no açoite,
 neste a chibata, e algumas o algoz o ano inteiro toleram. 480
 Um chicoteia, enquanto isso ela o rosto maquia, ouve amigas,
 ou larga tira num manto pintado examina dourada,
 e ele os derruba, e ela as longas relendo notícias do dia,
 e ele os derruba, e enquanto extenuados se protram, “se esfumem!”,
 ela troveja terrível já tendo a devassa encerrado. 485
 Que a Prefeitura seu lar da Sicília não é mais ameno;
 pois se ela tem compromisso e melhor que o costume decide
 se embelezar e se apressa, por ser num jardim esperada,
 ou – preferível – no templo de Ísis, aquela piranha,
 faz dela a crina, seus próprios lhe sendo arrancados, cabelos, 490
 de ombros expostos a cabeleireira e de expostos mamilos.
 “Por que se arrepia este cacho?”, no açoite de couro ela pune
 sem demorar este crime hediondo de um curvo cabelo.
 Mas no que errou a menina? Que culpa afinal tem a moça,
 se não te agrada tua própria nareba? Uma outra, na esquerda, 495
 estica e penteia os cabelos, depois os enrola num coque.
 Há no conselho uma escrava da mãe para as lãs promovidas
 pelo seu mérito após dedicar-se às agulhas; opina
 esta primeiro, depois as de idade e de arte menores
 dão seu juízo, tal qual do renome a questão se tratasse 500
 ou mesmo da vida: tamanha é a tensão de cuidar da beleza,
 tanto lhe pesam fileiras de adornos, dali muitos laços
 alta constroem-lhe a cabeça; uma Andrômaca vês pela frente;
 pela traseira é menor, pensarias ser outra, se é curto
 de suas ancas o espaço, ainda mais curta parece 505
 do que uma virgem pigmeia sem salto que possa ajudá-la
 e toda esticada precisa elevar-se pra dar um beijinho.
 Nulo com o homem cuidado enquanto isso, menção nem é feita
 aos prejuízos causados. Apenas vizinha ao marido
 vive, lhe sendo mais próxima só em odiar seus amigos, 510
 e seus escravos e em ser-lhe um bom fardo. Eis que entra o cortejo
 da arrebatada Belona e da mãe das deidades e, enorme,

semiuir, obsceno facies reuerenda minori,
 mollia qui rapta secuit genitalia testa
 iam pridem, cui rauca cohors, cui tympana cedunt 515
 plebeia et Phrygia uestitur bucca tiara.
 grande sonat metuique iubet Septembris et austri
 aduentum, nisi se centum lustrauerit ouis
 et xerampelinas ueteres donauerit ipsi,
 ut quidquid subiti et magni discriminis instat 520
 in tunicas eat et totum semel expiet annum.
 hibernum fracta glacie descendet in amnem,
 ter matutino Tiberi mergetur et ipsis
 uerticibus timidum caput abluet, inde superbi
 totum regis agrum nuda ac tremibunda cruentis 525
 erepet genibus; si candida iusserit Io,
 ibit ad Aegypti finem calidaque petitas
 a Meroe portabit aquas, ut spargat in aede
 Isidis, antiquo quae proxima surgit ouili.
 credit enim ipsius dominae se uoce moneri. 530
 en animam et mentem cum qua di nocte loquantur!
 ergo hic praecipuum summumque meretur honorem
 qui grege linigero circumdatus et grege caluo
 plangentis populi currit derisor Anubis.
 ille petit ueniam, quotiens non abstinet uxor 535
 concubitu sacris obseruandisque diebus
 magnaue debetur uiolato poena cadurco
 et mouisse caput uisa est argentea serpens;
 illius lacrimae meditataque murmura praestant
 ut ueniam culpa non abnuat ansere magno 540
 scilicet et tenui popano corruptus Osiris.
 cum dedit ille locum, cophino fenoque relicto
 arcanam Iudaea tremens mendicat in aurem,
 interpretes legum Solymarum et magna sacerdos
 arboris ac summi fida internuntia caeli. 545
 implet et illa manum, sed parcus; aere minuto
 qualiacumque uoles Iudaei somnia uendunt.
 spondet amatorem tenerum uel diuitis orbi
 testamentum ingens calidae pulmone columbae
 tractato Armenius uel Commagenus haruspex; 550
 pectora pullorum rimabitur, exta catelli
 interdum et pueri; faciet quod deferat ipse.
 Chaldaeis sed maior erit fiducia: quidquid
 dixerit astrologus, credent a fonte relatum
 Hammonis, quoniam Delphis oracula cessant 555
 et genus humanum damnat caligo futuri.
 praecipuus tamen est horum, qui saepius exul,
 cuius amicitia conducendaque tabella
 magnus ciuis obit et formidatus Othoni.
 inde fides artis, sonuit si dextera ferro 560
 laeuaque, si longe castrorum in carcere mansit.
 nemo mathematicus genium indemnatus habebit,

um semi-homem, de aspecto louvado por putos menores,
 um que sua frouxa cortou genitália, com telha pontuda
 já há muito tempo, a quem séquito rouco, a quem címbalos cedem 515
 e que as plebeias com Frígia recobre bochechas tiara.
 Alto retumba e temer-se comanda em setembro do Austro
 a vinda a não ser que se dê-lhe oferenda de um cento de ovelhas
 e uns vestidinhos vermelhos antigos lhe sejam doados,
 pra que qualquer imprevisto e grandioso perigo que paire 520
 fique nas vestes e, de uma só vez, se o expie por todo
 o ano. Num rio, quebrando-lhe o gelo, hibernal ela imerge,
 e pula três vezes no Tibre da aurora e nos vórtices dele
 sua medrosa cabeça ela molha e, dali, do soberbo
 rei pelo campo completo pelada e tremendo e com sangue 525
 nos seus joelhos rasteja; se a cândida Io lhe ordenasse,
 ela do Egito aos confins viajaria e da quente, valiosas,
 Meroé águas traria, com fins de aspergi-las no templo
 de Ísis o qual se levanta do antigo bem próximo aprisco.
 Crê de verdade que a deusa, ela mesma, com a voz a comanda: 530
 vê se ela tem alma e mente a que os deuses, de noite, enderecem!
 Este, portanto, a precípua e maior honraria merece,
 que de lanígera grei circundado e de grei tosquiada
 corre, do povo choroso zombando, vestido de Anúbis.
 Ele demanda o perdão, quando não se segura uma esposa, 535
 dando nos dias sagrados os quais devem ser observados,
 grande devendo-se pena ao violar-se um lençol cor de neve
 e ter movido a cabeça foi vista uma argêntea serpente;
 lágrimas dele e seus bem ponderados murmúrios acodem
 pra que o perdão para as faltas não negue, contanto que, é claro, 540
 ganso bem gordo e um bolo macio lhe comprem, Osíris.
 Dando-lhe aquele um espaço, a cestinha e seu feno largando,
 uma judia tremendo, escondido, lhe pede ao ouvido,
 leis hierosolimitanas clareia e é uma grande levita
 da árvore e lá das alturas fiel mensageira celestes. 545
 Enche também esta a mão, mas com menos; por pouco de cobre
 tudo o que possas em sonhos querer os judeus a ti vendem.
 Já lhe promete um amor delicioso ou de rico velhote
 um testamento ostentoso após ter de uma tépida pomba
 visto o pulmão um armênio ou talvez comageno profeta. 550
 Uns corações de galinhas verá, de cãezinhos as tripas,
 ou de um menino outras vezes; fará o que ele mesmo incrimina.
 Mas nos caldeus é que é posta a maior confiança; o que tenha
 dito um astrólogo, elas crerão ter da fonte saído
 de Ámon, agora que délfico oráculo já não se escuta 555
 e a raça humana condenam as brumas do turvo futuro.
 Mas é o primeiro entre estes, com grande frequência exilado,
 um que por sua amizade e por cartas que foram entregues
 grão cidadão faleceu que foi muito temido por Oto.
 Disso resulta a confiança na arte, se a destra na algema 560
 já ressoou e a sinistra, e se em cárcere esteve, remoto;
 nulo adivinho poderes terá se não foi condenado,

sed qui paene perit, cui uix in Cyclada mitti
 contigit et parua tandem caruisse Seripho.
 consulit ictericae lento de funere matris, 565
 ante tamen de te Tanaquil tua, quando sororem
 efferat et patruos, an sit uicturus adulter
 post ipsam; quid enim maius dare numina possunt?
 haec tamen ignorat quid sidus triste minetur
 Saturni, quo laeta Venus se proferat astro, 570
 quis mensis damnis, quae dentur tempora lucro:
 illius occursum etiam uitare memento,
 in cuius manibus ceu pingua sucina tritas
 cernis ephemeridas, quae nullum consulit et iam
 consulitur, quae castra uiro patriamque petente 575
 non ibit pariter numeris reuocata Thrasylli.
 ad primum lapidem uectari cum placet, hora
 sumitur ex libro; si prurit frictus ocelli
 angulus, inspecta genasi collyria poscit;
 aegra licet iaceat, capiendo nulla uidetur 580
 aptior hora cibo nisi quam dederit Petosiris.
 si mediocris erit, spatium lustrabit utrimque
 metarum et sortes ducet frontemque manumque
 praebebit uati crebrum poppysma roganti.
 diuitibus responsa dabit Phryx augur et inde 585
 conductus, dabit astrorum mundique peritus
 atque aliquis senior qui publica fulgura condit.
 plebeium in circo positum est et in aggere fatum.
 quae nudis longum ostendit ceruicibus aurum
 consulit ante falas delphinorumque columnas 590
 an saga uendenti nubat caupone relicto.
 hae tamen et partus subeunt discrimen et omnis
 nutricis tolerant fortuna urgente labores,
 sed iacet aurato uix ulla puerpera lecto.
 tantum artes huius, tantum medicamina possunt, 595
 quae steriles facit atque homines in uentre necandos
 conducit. gaude, infelix, atque ipse bibendum
 porrige quidquid erit; nam si distendere uellet
 et uexare uterum pueris salientibus, esses
 Aethiopsis fortasse pater, mox decolor heres 600
 impleret tabulas numquam tibi mane uidendus.
 transeo suppositos et gaudia uotaque saepe
 ad spurcos decepta lacus, saepe inde petitos
 pontifices, salios Scaurorum nomina falso
 corpore laturos. stat Fortuna improba noctu 605
 adridens nudis infantibus: hos fouet omni
 inuoluitque sinu, domibus tunc porrigit altis
 secretumque sibi mimum parat; hos amat, his se
 ingerit utque suos semper producit alumnos.
 hic magicos adfert cantus, hic Thessala uendit 610
 philtera, quibus ualeat mentem uexare mariti
 et solea pulsare natis. quod desipis, inde est,

tendo-os quem quase morreu, e a quem ser em Cíclade exilado
 lhe aconteceu e finalmente escapou da pequena Serifos.
 Sonda a respeito da morte da ictérica mãe, que demora, 565
 antes, porém, sobre a tua esta doce Tanáquil, e quando
 suas irmãs vai velar e seus tios, se vive o amante
 mais que ela própria, e o que de maior podem dar-lhe os divinos?
 Esta, contudo, não sabe do que de funesto ameaça
 o astro Saturno, ou de qual leda Vênus se achega planeta, 570
 qual mês a perdas, quais épocas sejam propícias ao lucro:
 logo, de encontro com esta mulher evitar lembra sempre
 em cujas mãos, como fosse um grudento pedaço de âmbar,
 vês calendários surrados, mulher que a ninguém faz consulta:
 já é consultada e a qual indo à guerra o marido, ou voltando, 575
 junto não vai se por números foi de Tarsilo avisada.
 Quando à primeira fronteira levar-se lhe apraz, a propícia
 hora é tirada do livro; se coça de um olho esfregado
 o canto, um que seja indicado a seu astro colírio demanda;
 caso doente ela jaza, de se alimentar não parece 580
 ter qualquer hora mais própria que aquela que deu Petosíris.
 Se ela for pobre, o caminho fará de uma meta para outra
 dentro da arena e tirar vai a sorte e a mão como a fronte
 estenderá para o vate de muitos beijinhos pedinte;
 já para as ricas resposta dará frígio áugure e desse 585
 mesmo lugar contratado, nos astros do cosmos, perito
 ou algum velho que, em público, os sítios de raios consagra:
 é decidido no circo ou no forte o da plebe destino;
 esta que em nua o exhibe cerviz um colar longo de ouro
 diante de torres consulta e colunas daqueles golfinhos 590
 se ela o alfaitate desposa deixando pra lá o taverneiro.
 Estas, porém, pelo menos do parto os perigos enfrentam,
 de uma nutriz tolerando o que a sorte lhe impõe de labores;
 raro, contudo, é num leito jazer parturiente dourado.
 Tantas são destas as artes e tanto remédio elas compram, 595
 que ou são estéreis ou, pra que uma vida no ventre se acabe,
 pagam. Portanto, te alegre, infeliz, e tu mesmo o que beba
 dá-lhe, qual seja o remédio; pois, caso que cresça ela queira
 o útero e vexe-lhe com chutadores meninos, serias
 possivelmente de etíope o pai, e de cor um herdeiro 600
 logo encheria tuas tábuas, que nunca de noite tu viste.
 Nada direi de adotados, os gáudios e votos que sempre
 em córregos quebram-se imundos, nos quais sacerdotes se buscam
 sálidos os quais dos Escauros o nome num corpo enganado
 vão carregar. Sem vergonha, a Fortuna as espreita de noite, 605
 rindo das nuas crianças; a elas aquece com todo
 o seio e as envolve. Em famílias, então, das mais altas as joga
 e uma secreta comédia a si mesma já trama; ela as ama,
 nelas se monta e qual fossem-lhe, sempre as promove, uns alunos.
 Este umas mágicas traz cantilenas, um vende tessálidos 610
 filtros, com os quais uma pode a razão perturbar do marido
 e com a sandália bater-lhe na bunda. Por isso qual tolo

inde animi caligo et magna obliuio rerum
 quas modo gessisti. tamen hoc tolerabile, si non
 et furere incipias ut auunculus ille Neronis, 615
 cui totam tremuli frontem Caesonia pulli
 infudit. quae non faciet quod principis uxor?
 ardebant cuncta et fracta conpage ruebant
 non aliter quam si fecisset Iuno maritum
 insanum. minus ergo nocens erit Agrippinae 620
 boletus, siquidem unius praecordia pressit
 ille senis tremulumque caput descendere iussit
 in caelum et longa manantia labra saliu:
 haec poscit ferrum atque ignes, haec potio torquet,
 haec lacerat mixtos equitum cum sanguine patres. 625
 tanti partus equae, tanti una uenefica constat.
 oderunt natos de paelice; nemo repugnet,
 nemo uetet, iam iam priuignum occidere fas est.
 uos ego, pupilli, moneo, quibus amplior est res,
 custodite animas et nulli credite mensae: 630
 liuida materno feruent adipata ueneno.
 mordeat ante aliquis quidquid porrexerit illa
 quae peperit, timidus praegustet pocula papas.
 fingimus haec altum satura sumente coturnum
 scilicet, et finem egressi legemque priorum 635
 grande Sophocleo carmen bacchamur hiatu,
 montibus ignotum Rutulis caeloque Latino?
 nos utinam uani. sed clamat Pontia 'feci,
 confiteor, puerisque meis aconita parauit,
 quae deprensa patent; facinus tamen ipsa peregi.' 640
 tune duos una, saeuissima uipera, cena?
 tune duos? 'septem, si septem forte fuissent.'
 credamus tragicis quidquid de Colchide torua
 dicitur et Procne; nil contra conor. et illae
 grandia monstra suis audebant temporibus, sed 645
 non propter nummos. minor admiratio summis
 debetur monstris, quotiens facit ira nocentes
 hunc sexum et rabie iecur incendente feruntur
 praecipites, ut saxa iugis abrupta, quibus mons
 subtrahitur cliuoque latus pendente recedit. 650
 illam ego non tulerim quae computat et scelus ingens
 sana facit. spectant subeuntem fata mariti
 Alcestim et, similis si permutatio detur,
 morte uiri cupiant animam seruare catellae.
 occurrent multae tibi Belides atque Eriphylae 655
 mane, Clytemestram nullus non uicus habebit.
 hoc tantum refert, quod Tyndaris illa bipennem
 insulsam et fatuam dextra laeuaque tenebat;
 at nunc res agitur tenui pulmone rubetae,
 sed tamen et ferro, si praegustarit Atrides 660
 Pontica ter uicti cautus medicamina regis.

ages, por isso a razão se te nubla e te esqueces de coisas
 que tu fizeste inda agora. Mas isso se aguenta, contanto
 que a enlouquecer não comeces, conforme o tal tio de Nero, 615
 a quem Cesônia os miolos inteiros de um trêmulo pinto
 pôs pra beber. Que mulher não fará qual do príncipe a esposa?
 Logo já tudo queimava e, rachados, os tetos ruíam,
 não de outro modo seria se Juno tornasse o marido
 louco. Bem menos nocivo será o de Agripina veneno, 620
 já que apertou o coração simplesmente de um único homem
 e uma já branca e tremida cabeça mandou que subisse
 indo pro céu com dois lábios de longa babantes saliva.
 Esta poção causa o ferro e o fogo, a bebida atormenta,
 ela os lacera, fundindo-os em sangue, patrícios e equestres. 625
 Tanto nos custa um só parto de égua, uma só feiticeira!
 Elas odeiam os filhos da amante: ninguém recrimine,
 menos proíba, que há muito adotados matar não é crime.
 Eu, protegidos, portanto, advirto aos que têm vida boa:
 bem suas almas protejam e em nada da mesa confiem: 630
 lívidas, essas tortinhas materno borbulham veneno.
 Que antes de ti morda um outro o que quer que te tenha servido
 quem te pariu, e, com medo, o tutor que preguste do copo.
 Que eu isto finja e, elevado, na sátira calce o coturno
 é certo, e que os fins transgredindo e as leis dos que outrora a fizeram, 635
 eu vocifere um sofócleo poema à maneira bacante,
 desconhecido a estes rútilos montes e ao céu dos latinos?
 Bem que eu queria inventar. Mas se Pôncia anuncia ela mesma
 “Fiz, eu confesso, a meus filhos acônito pus que bebessem.
 Isso está claro e patente; e este crime por mim perpetrou-se.” 640
 Dois em um só, cruelíssima cobra, mataste, banquete?
 Dois em um só? “Sete fossem, que os sete eu também mataria!”
 Crédito demos aos trágicos, ao que da atroz colquidiana
 dizem e de Procne; jamais tentarei desmenti-los. E aquelas
 feitos cruentos ousaram nos tempos em que elas viveram; 645
 não foi, porém, por dinheiro. Um assombro menor aos mais altos
 deve-se crimes, nas vezes que a ira em nocivas transforma
 as deste sexo e por raiva a paixões, chamejante, se voltam
 precipitadas, qual rochas rasgadas de um monte, quando este
 cede sob elas, num íngreme aclave caminho lhes dando. 650
 Quem eu detesto é a que cálculos faz e um delito terrível
 cônica comete. Elas veem assumir do marido o destino
 Alceste, e se acaso uma troca igualmente lhes fosse ofertada,
 desejariam com a morte do esposo salvar seu cãozinho.
 Te esbarrarão por aí muitas Bélides e as Erifilas 655
 pela manhã, Clitemnestras nos becos daqui já não faltam.
 Nisto, contudo, diferem: de Tíndaro a filha um machado
 duplo e canhestro, com a destra e a sinistra, sem jeito portava;
 hoje o problema resolve-se com o pulmãozinho de um sapo.
 Mas pelo ferro resolvem, se antes o Atrida bebera 660
 os pônticos do cauteloso três vezes antídotos rei.

*Os versos marcados com a abreviação “Ox” (de *Oxoniensis*, isto é, relativo a Oxford [cujo nome latino é *Oxonia*]) acrescida de uma numeração progressiva tratam-se de trinta e quatro versos descobertos no fim do século XIX por E. O. Winstedt, então estudante da universidade de Oxford, em um manuscrito beneventino datado do início do século XII. A autenticidade das linhas ainda é tema de debate entre estudiosos da obra juvenaliana (SOSIN, 2000).

LIBER TERTIUS – **Satura VII**

Et spes et ratio studiorum in Caesare tantum;
 solus enim tristes hac tempestate Camenas
 respexit, cum iam celebres notique poetae
 balneolum Gabiis, Romae conducere furnos
 temptarent, nec foedum alii nec turpe putarent 5
 praecones fieri, cum desertis Aganippes
 uallibus esuriens migraret in atria Clio.
 nam si Pieria quadrans tibi nullus in umbra
 ostendatur, ames nomen uictumque Machaerae
 et uendas potius commissa quod auctio uendit 10
 stantibus, oenophorum, tripedes, armaria, cistas,
 Alcithoen Pacci, Thebas et Terea Fausti.
 hoc satius quam si dicas sub iudice 'uidi'
 quod non uidisti; faciant equites Asiani,
 [quamquam et Cappadoces faciant equitesque Bithyni] 15
 altera quos nudo traducit gallica talo.
 nemo tamen studiis indignum ferre laborem
 cogetur posthac, nequit quicumque canoris
 eloquium uocale modis laurumque momordit.
 hoc agite, o iuuenes. circumspicit et stimulat uos 20
 materiamque sibi ducis indulgentia quaerit.
 si qua aliunde putas rerum expectanda tuarum
 praesidia atque ideo croceae membrana tabellae
 impletur, lignorum aliquid posce ocius et quae
 componis dona Veneris, Telesine, marito, 25
 aut clude et positos tinea pertunde libellos.
 frange miser calamum uigilataque proelia dele,
 qui facis in parua sublimia carmina cella,
 ut dignus uenias hederis et imagine macra.
 spes nulla ulterior; didicit iam diues auarus 30
 tantum admirari, tantum laudare disertos,
 ut pueri Iunonis auem. sed defluit aetas
 et pelagi patiens et cassidis atque ligonis.
 taedia tunc subeunt animos, tunc seque suamque
 Terpsichoren odit facunda et nuda senectus. 35
 accipe nunc artes. ne quid tibi conferat iste,
 quem colis et Musarum et Apollinis aede relictas,
 ipse facit uersus atque uni cedit Homero
 propter mille annos, et si dulcedine famae
 succensus recites, maculosas commodat aedes. 40
 haec longe ferrata domus seruire iubetur
 in qua sollicitas imitatur ianua portas.
 scit dare liberos extrema in parte sedentis
 ordinis et magnas comitum disponere uoces;
 nemo dabit regum quanti subsellia constant 45
 et quae conducto pendent anabathra tiglio
 quaeque reportandis posita est orchestra cathedris.
 nos tamen hoc agimus tenuique in puluere sulcos

LIVRO 3 – Sátira 7

Toda a esperança e a razão de eruditos é César somente;
 pois é só ele que às tristes, nos últimos tempos, Camenas
 volta o olhar, quando grandes e bem conhecidos poetas
 buscam trabalho nos banhos dos Gábios, nos fornos de Roma
 e não considerem ser baixo para outra pessoa, ou indigno 5
 se oferecer como arauto, e dos ermos, da fonte Aganipe,
 vales, morrendo de fome, remove-se Clio aos mercados.
 Pois se em Piéria cantinho nenhum para ti numa sombra
 é oferecido, que gostes do modo em que vive Maquera
 e vendas melhor tudo aquilo que vende o leiloeiro aos presentes: 10
 jarras nas quais põe-se o vinho, uns tripés, uns armários e cestas,
 ou mesmo o *Alcítoi* de Pácio, de Fausto o *Tereu* e a *Tebaida*.
 Isso é melhor que dizeres “eu vi”, com o juiz frente a frente,
 quando não viste, apesar de que o façam os equestres asiáticos
 e os capadócijs o façam, bem como os equestres bitínios 15
 e outros os quais com seus pés, até nós, trouxe a Gália, descalços.
 Mas doravante ninguém de seus dons um indigno trabalho
 vai se obrigar a sofrer, se profere em cadências canoras
 sua eloquência vocal e do louro já houver mastigado.
 Logo, movei-vos, ó jovens, pois já vos observa e estimula 20
 e para si um objeto a indulgência do príncipe busca.
 Se de outra parte tu pensas dever-se esperar um suporte
 para tua obra e por isso a extensão da amarela tabuinha
 enches, um pouco de lenha encomenda depressa e essas coisas
 que tu compões, Telesino, oferece ao de Vênus marido, 25
 ou mesmo tranca e, depostos, com traças perfura os livrinhos,
 quebra, infeliz, tua pena e as veladas batalhas apaga,
 tu que compões em modesto sublimes poemas quartinho,
 para que digno te faças da hera e de um busto magrelo.
 Nula esperança além disso; já sabem ricos avaros 30
 admirar tão somente, somente louvar os dissertos,
 como os meninos à ave de Juno. Mas vai-se a idade
 que tanto o mar poderia aguentar, quanto um elmo ou enxada.
 Logo os desgostos invadem as almas e então a si mesma
 e sua Terpsícore odeia, facunda e minguada, a velhice. 35
 Vê com que astúcias agora que apoio te nega este homem
 que tu cultuas – das musas, de Apolo, os altares deixando:
 faz ele mesmo alguns versos, somente perdendo de Homero
 pelos mil anos que tem. E se pela doçura da fama
 sendo atiçado recitas, terás emprestado um pardieiro; 40
 longe e com ferros barrada casinha se ordena arranjar-te
 cujas entradas imitam portões de cidades salteadas.
 Sabe ele pôr-te uns libertos no fundo da sala sentados
 numa fileira e alinhar os de vozes seus pajens mais altas.
 Mas entre os nobres nenhum te dará quanto deste em banquetas, 45
 em elevados assentos pendentes de um mastro alugado,
 ou nas cadeiras, que vão devolver-se, da fila primeira.
 Nós, mesmo assim, continuamos, e em leve poeira alguns sulcos

ducimus et litus sterili uersamus aratro.
 nam si discedas, laqueo tenet ambitiosi 50
 [consuetudo mali, tenet insanabile multos]
 scribendi cacoethes et aegro in corde senescit.
 sed uatem egregium, cui non sit publica uena,
 qui nihil eitur soleat deducere, nec qui
 communi feriat carmen triuiale moneta, 55
 hunc, qualem nequeo monstrare et sentio tantum,
 anxietate carens animus facit, omnis acerbi
 inpatiens, cupidus siluarum aptusque bibendis
 fontibus Aonidum. neque enim cantare sub antro
 Pierio thyrsumque potest contingere maesta 60
 paupertas atque aeris inops, quo nocte dieque
 corpus eget: satur est cum dicit Horatius 'euhoe.'
 quis locus ingenio, nisi cum se carmine solo
 uexant et dominis Cirrhae Nysaeque feruntur
 pectora uestra duas non admittentia curas? 65
 magnae mentis opus nec de lodice paranda
 attonitae currus et equos faciesque deorum
 aspiciere et qualis Rutulum confundat Erinys.
 nam si Vergilio puer et tolerabile dasset
 hospitium, caderent omnes a crinibus hydri, 70
 surda nihil gerneret graue bucina. poscimus ut sit
 non minor antiquo Rubrenus Lappa coturno,
 cuius et alueolos et laenam pignerat Atreus?
 non habet infelix Numitor quod mittat amico,
 Quintillae quod donet habet, nec defuit illi 75
 unde emeret multa pascendum carne leonem
 iam domitum; constat leuiori belua sumptu
 nimirum et capiunt plus intestina poetae.
 contentus fama iaceat Lucanus in hortis
 marmoreis, at Serrano tenuique Saleiio 80
 gloria quantalibet quid erit, si gloria tantum est?
 curritur ad uocem iucundam et carmen amicae
 Thebaidos, laetam cum fecit Statius urbem
 promisitque diem: tanta dulcedine captos
 adficit ille animos tantaque libidine uolgi 85
 auditur. sed cum fregit subsellia uersu
 esurit, intactam Paridi nisi uendit Agauen.
 ille et militiae multis largitus honorem
 semenstri uatum digitos circumligat auro.
 quod non dant proceres, dabit histrio. tu Camerinos 90
 et Baream, tu nobilium magna atria curas?
 praefectos Pelopea facit, Philomela tribunos.
 haut tamen inuideas uati quem pulpita pascunt.
 quis tibi Maecenas, quis nunc erit aut Proculcius
 aut Fabius, quis Cotta iterum, quis Lentulus alter? 95
 tum par ingenio pretium, tunc utile multis
 pallere et uinum toto nescire Decembri.
 uester porro labor fecundior, historiarum

nós produzimos e praias com estéreis volvemos arados,
 pois, se desistes, num laço te prende este mau e ambicioso 50
 hábito, prendem-te tais insanáveis e tão numerosas
 ânsias de sempre escrever, que num peito doente envelhecem.
 Mas o poeta eminente, que, nada comum, tem talento,
 e que não tem por costume compor vulgarismos baratos
 nem qualquer canto rasteiro cunhar qual moeda ordinária, 55
 um que não posso apontar, conseguindo somente ideá-lo;
 alma de angústias carente o fabrica e de tantas agruras
 não paciente, que anseie beber e o mereça, nas fontes
 dos arvoredos aônides. Pois recitar sob o antro
 Piério ou de Baco portar o cajado não pode uma grave 60
 necessidade e completa carência, num corpo que noite
 e dia tem fome: era Horácio, ao dizer “Evoé!” satisfeito.
 Como há lugar para o engenho, a não ser que somente do canto
 cuidem e pelos senhores de Cirra e de Nisa se levem
 vossos espíritos, não permitindo um sequer outro zelo? 65
 Mente grandiosa é preciso e que não por comprar uma colcha
 turbe-se, para que carros, cavalos e os rostos dos deuses
 vejas, assim como a Erínia que aturde do Rútulo a mente.
 Pois se a Virgílio um menino e um abrigo faltasse habitável,
 despencariam todinhas da crina da Fúria as serpentes, 70
 surda, jamais gemeria uma grave trombeta. E exigirmos
 que faça frente aos antigos, um Rúbreno Lapa, coturnos,
 quando por pratos e poucos tecidos o *Atreu* este empenha?
 Posses não tem o infeliz Numitor, com que ajude um amigo:
 para Quintila o que dar ele tem, nem faltou-lhe dinheiro 75
 para comprar um leão, que é mantido com um mundo de carne,
 já bem domado; pois bestas selvagens dão gastos mais leves,
 claro, e bem mais nas entranhas comporta um poeta...
 Bem satisfeito com a fama, Lucano em jardins se repouse
 cheios de mármore, mas e a Serrano, e ao pobre Saleio, 80
 glória, mesmo que grandiosa, o que é, se ficar só por glória?
 Bem se correu pela voz prazenteira e o canto da cara
Tebaida, quando feliz fez Estácio a cidade, marcando
 data de lê-la: ele então com tamanha doçura as cativas
 almas tocou e com tanto prazer das pessoas ouviu-se-o; 85
 mesmo, porém, com seu verso, já pondo a cair o teatro,
 morre de fome, se, inédita, a Páris não vende sua *Agave*.
 Este que a muitos, até de a milícia integrar, faz as honras
 semestralmente dos vates os dedos envolve com ouro:
 o que os ilustres não dão, te dará um histrião; Camerinos 90
 ou os de Bárea, dos nobres os grandes salões tu frequentas?
 Mas os prefeitos Pelópiá é quem faz, Filomela os tribunais.
 Não queiras mal, pois, aos vates que tiram de um palco o sustento:
 quem te será um Mecenas, quem hoje será um Proculeio,
 ou quem um Fábio? Ou um Cota outra vez, ou talvez outro Lêntulo? 95
 Destes no tempo era par ao talento a benesse, e a muitos
 útil lhes foi não dormir e ignorar todo o vinho em dezembro.
 Vosso labor por acaso mais frutos vos rende, ó da história

scriptores? perit hic plus temporis atque olei plus.
 nullo quippe modo millensima pagina surgit 100
 omnibus et crescit multa damnosa papyro;
 sic ingens rerum numerus iubet atque operum lex.
 quae tamen inde seges? terrae quis fructus apertae?
 quis dabit historico quantum daret acta legenti?
 'sed genus ignauum, quod lecto gaudet et umbra.' 105
 dic igitur quid causidicis ciuilia praestent
 officia et magno comites in fasce libelli.
 ipsi magna sonant, sed tum cum creditor audit
 praecipue, uel si tetigit latus acrior illo
 qui uenit ad dubium grandi cum codice nomen. 110
 tunc inmensa caui spirant mendacia folles
 conspuiturque sinus; ueram deprendere messem
 si libet, hinc centum patrimonia causidicorum,
 parte alia solum russati pone Lacertae.
 consedere duces, surgis tu pallidus Ajax 115
 dicturus dubia pro libertate bubulco
 iudice. rumpe miser tensum iecur, ut tibi lasso
 figantur uirides, scalarum gloria, palmae.
 quod uocis pretium? siccus petasunculus et uas
 pelamydum aut ueteres, Maurorum epimonia, bulbi 120
 aut uinum Tiberi deuectum, quinque lagonae.
 si quater egisti, si contigit aureus unus,
 inde cadunt partes ex foedere pragmaticorum.
 'Aemilio dabitur quantum licet, et melius nos
 egimus.' huius enim stat currus aeneus, alti 125
 quadriiuges in uestibulis, atque ipse feroci
 bellatore sedens curuatum hastile minatur
 eminus et statua meditatur proelia lusca.
 sic Pedito conturbat, Matho deficit, exitus hic est
 Tongilii, magno cum rhinocerote lauari 130
 qui solet et uexat lutulenta balnea turba
 perque forum iuuenes longo premit assere Maedos
 empturus pueros, argentum, murrina, uillas;
 spondet enim Tyrio stlattaria purpura filo.
 [et tamen est illis hoc utile. purpura uendit] 135
 causidicum uendunt amethystina; conuenit illi
 et strepitu et facie maioris uiuere census,
 sed finem inpensae non seruat prodiga Roma.
 fidimus eloquio? Ciceroni nemo ducentos
 nunc dederit nummos, nisi fulserit anulus ingens. 140
 respicit haec primum qui litigat, an tibi serui
 octo, decem comites, an post te sella, togati
 ante pedes. ideo conducta Paulus agebat
 sardonyche, atque ideo pluris quam Gallus agebat,
 quam Basilus. rara in tenui facundia panno. 145
 quando licet Basilo flentem producere matrem?
 quis bene dicentem Basilum ferat? accipiat te
 Gallia uel potius nutricula causidicorum

bons escritores? Pois nele se gasta mais tempo e mais óleo.
 Sem ter medida, a milésima página surge pra todos 100
 e faz crescer uma pilha danosa de muito papiro;
 é o que o sem fim de ocorridos impõe e do gênero as regras.
 Mas o que disso se colhe? Na terra sulcada, há algum fruto?
 Ao historiador quem dará o que daria ao leitor das notícias?
 “Mas é um tipo indolente, que adora uma sombra e água fresca” 105
 Dize-me aos advogados, então, o que rendem as cortes,
 bem como os montes enormes que levam consigo de folhas.
 Eles capricham na fala e, havendo um credor na audiência,
 mais se dedicam, ou se um mais enérgico o flanco lhes finca,
 vindo por sabe deus quem com um códice enorme cobrar-lhe. 110
 Nisso é que grandes espiram seus plenos pulmões imposturas
 e eles se molham de cuspe; porém, se tu os seus reais frutos,
 queres saber, pega os bens de trocentos entre estes juristas
 e, do outro lado, compara-os só com os do vermelho Lagarto.
 Nobres sentados, então tu levanta-te, um pálido Ajax, 115
 pronto a falar sobre libertação contestada ante um rude
 juiz. O teu fígado, mísero, vai e extenua até o ponto
em que verdes te tragam, pra glória de tuas escadas, palmeiras.
 E qual é a paga de tudo? Um presunto magrelo e pequeno,
 um pote cheio de atum, umas velhas – ração para mouros – 120
 cebolas, ou cinco garrafas de vinho trazido do Tibre.
 Ao defender quatro causas, se em uma moeda tocares,
 disso uma parte ainda vai pelo acordo entre os advogados.
 “Para Emiliano se dá o que é devido, mas muito melhores
 são meus serviços”; é claro, pois carro de bronze com quatro 125
 altos assentos enfeita-lhe os átrios, e o próprio num fero
 bruto montando com lança empunhada ameaça de longe,
 e sua imagem, de um só olho aberto, está pronta ao combate.
 Logo Pedão se perturba, Matão empobrece, e à ruína
 vai um Tongílio, que usa com o chifre de um rinoceronte 130
 ir a lavar-se, e incomoda com a trupe, nos banhos, lodosa
 e pelo fórum seus jovens, sob uma liteira, da Média
 preme indo à compra de moços, de prata, de mirra e de vilas.
 Rende-lhe crédito a púrpura cara no túrio tecido.
 Isso, porém para o tipo é bem útil: é que a púrpura vende 135
 os advogados, os vendem os mantos violetas; convém-lhes
 tanto o rumor quanto o aspecto manter de uma casta mais nobre,
 mas um limite à estroinice não põe esta pródiga Roma.
 E nos fiar na eloquência!? A um Cícero hoje duzentas
 nunca dariam moedas, se um anel não lustrasse-lhe o dedo. 140
 Isto primeiro, num pleito se busca: se tens oito escravos,
 uns dez clientes, se alguma liteira te segue e togados
 andam-te à frente; por isso é que Paulo atuava nas causas
 com alugada sardônica e assim mais lucrava que Galo,
 mais do que Básilo. É rara a facúndia em frugais aparências. 145
 Quando que a Básilo é lícito mães ter em prantos na corte?
 Quem, a despeito de quão bem discurse, o tolera? Te abrace
 a Gália ou, ainda melhor, aquela ama dos advogados,

Africa, si placuit mercedem ponere linguae.
 declamare doces? o ferrea pectora Vetti, 150
 cum perimit saeuos classis numerosa tyrannos.
 nam quaecumque sedens modo legerat, haec eadem stans
 perferet atque eadem cantabit uersibus isdem.
 occidit miseros crambe repetita magistros.
 quis color et quod sit causae genus atque ubi summa 155
 quaestio, quae ueniant diuersa parte sagittae,
 nosse uolunt omnes, mercedem soluere nemo.
 'mercedem appellas? quid enim scio?' 'culpa docentis
 scilicet arguitur, quod laeuae parte mamillae
 nil salit Arcadico iuueni, cuius mihi sexta 160
 quaque die miserum dirus caput Hannibal inplet,
 quidquid id est de quo deliberat, an petat urbem
 a Cannis, an post nimbos et fulmina cautus
 circumagat madidas a tempestate cohortes.
 quantum uis stipulare et protinus accipe: quid do 165
 ut totiens illum pater audiat?' haec alii sex
 uel plures uno conclamant ore sophistae
 et ueras agitant lites raptore relicto;
 fusa uenena silent, malus ingratusque maritus 170
 et quae iam ueteres sanant mortaria caecos.
 ergo sibi dabit ipse rudem, si nostra mouebunt
 consilia, et uitae diuersum iter ingredietur
 ad pugnam qui rhetorica descendit ab umbra,
 summula ne pereat qua uilis tessera uenit 175
 frumenti; quippe haec merces lautissima. tempta
 Chrysogonus quanti doceat uel Pollio quanti
 lautorum pueros, artem scindes Theodori.
 balnea sescentis et pluris porticus in qua
 gestetur dominus quotiens pluit. anne serenum
 expectet spargatque luto iumenta recenti? 180
 hic potius, namque hic munda nitet ungula mulae.
 parte alia longis Numidarum fulta columnis
 surgat et argentem rapiat cenatio solem.
 quanticumque domus, ueniet qui fercula docte
 conponit, ueniet qui pulmentaria condit. 185
 hos inter sumptus sestertia Quintiliano,
 ut multum, duo sufficient: res nulla minoris
 constabit patri quam filius. 'unde igitur tot
 Quintilianus habet saltus?' exempla nouorum
 fatorum transi. felix et pulcher et acer, 190
 felix et sapiens et nobilis et generosus
 adpositam nigrae lunam subtexit alutae,
 felix orator quoque maximus et iaculator
 et, si perfrixit, cantat bene. distat enim quae
 sidera te excipiant modo primos incipientem 195
 edere uagitus et adhuc a matre rubentem.
 si Fortuna uolet, fies de rhetore consul;
 si uolet haec eadem, fiet de consule rhetor.

África, caso te apraza o sustento tirar de tua língua.
 Declamações tu ensinas? Que férreas entranhas, ó Vécio 150
 para aguentar toda a classe cruéis condenando tiranos!
 Pois qualquer coisa que leram sentados, de pé as repetem,
 sempre entoando em idênticos versos idênticas coisas;
 mata os coitados dos mestres ter sempre esse mesmo repolho.
 A frase de efeito a aplicar, qual é o tipo da causa e o problema 155
 a ela central, e os que vêm pelo lado oponente argumentos
 todos desejam saber, mas ninguém quer soltar o dinheiro.
 “Queres dinheiro? E o que eu aprendi?” Dos docentes a culpa
 é clara, sem dúvida, por, na metade da esquerda do peito,
 nada aflorar num arcádico jovem que a minha – ai de mim! – 160
 cuca, nas sextas, com trechos do horrível Aníbal, perturba,
 com tudo o que este cogita, quer seja marchar para a urbe,
 indo de Canas, quer seja, por chuvas e raios detido,
 dar meia volta com os, pela tormenta encharcados, soldados.
 Fala um valor e na hora o recebe: ai, quanto eu daria 165
 para que tanto como eu o pai dele o escutasse! Essas coisas,
 seis ou mais deles conclamam a uma só voz os sofistas
 e verdadeiras conduzem disputas, deixando-se “o estupro”;
 os infundidos venenos se calam, e o ingrato e maldoso
marido, bem como os unguentos que velhos já cegos restauram. 170
 Logo dar-se-á a si mesmo um cajado, se os meus o moverem
 juízos e deve tomar em sua vida um diverso caminho
 quem para as pugnas deixou da retórica a sombra tranquila
 por não perder a quantia que dá-lhe direito ao barato
 milho; de fato, isso é paga finíssima! Vai e pergunta 175
 por quanto, para Crisógono, a Pólio por quanto dão aulas
 aos de homens nobres meninos: picotas a *Ars* de Teodoro.
 Dão-se por banhos seiscentos sestércios e mais para o pórtico
 aonde é levado o patrono nas chuvas – acaso o bom tempo
 pode aguardar e espirrar nos cavalos a lama ainda fresca? 180
 É bem melhor ferraduras fulgindo nas mulas limpinhas.
 Em outra parte por longas numídias sustida colunas
 erga-se e o gélido sol capture um salão de banquetes.
 Quão cara seja esta casa, terá quem cardápios, com zelo,
 sempre organize, terá quem entradas e pratos prepare. 185
 Entre tamanhas despesas, só dois sestercinhos, se tanto,
 pro Quintiliano; nenhuma outra coisa dá menos expensas
 para esses pais que seus filhos. “Mas como então montes e montes
 tem Quintiliano de terras?” Exemplos de raros destinos
 desconsidera: pois o homem sortudo é bonito e argucioso, 190
 o homem sortudo é erudito e eminente e de bom nascimento
e, posta do lado, afixou em suas botas escuras a lua.
 Mais que orador consumado, também é o melhor no arremesso
 e se uma gripe pegou, mesmo assim canta bem; muito importa
 quais entre os astros celestes te esperam, tão logo, nascido, 195
 dêes teus primeiros vagidos com o sangue da mãe ainda rubro.
 Se assim quiser a fortuna, te tornas, de rétor, um cônsul;
 se ela quiser, igualmente, te tornas, de cônsul, um rétor.

Ventidius quid enim? quid Tullius? anne aliud quam
 sidus et occulti miranda potentia fati? 200
 seruis regna dabunt, captiuis fata triumphum.
 felix ille tamen coruo quoque rarior albo.
 paenituit multos uanae sterilisque cathedrae,
 sicut Tharsimachi probat exitus atque Secundi
 Carrinatis; et hunc inopem uidistis, Athenae, 205
 nil praeter gelidas ausae conferre cicutas.
 di maiorum umbris tenuem et sine pondere terram
 spirantisque crocos et in urna perpetuum uer,
 qui praeceptorem sancti uoluere parentis
 esse loco. metuens uirgae iam grandis Achilles 210
 cantabat patriis in montibus et cui non tunc
 eliceret risum citharoedi cauda magistri;
 sed Rufum atque alios caedit sua quemque iuuentus,
 Rufum, quem totiens Ciceronem Allobroga dixit.
 quis gremio Celadi doctique Palaemonis adfert 215
 quantum grammaticus meruit labor? et tamen ex hoc,
 quodcumque est (minus est autem quam rhetoris aera),
 discipuli custos praemordet acoenonoetus
 et qui dispensat frangit sibi. cede, Palaemon,
 et patere inde aliquid decrescere, non aliter quam 220
 institor hibernae tegetis niueique cadurci,
 dummodo non pereat mediae quod noctis ab hora
 sedisti, qua nemo faber, qua nemo sederet
 qui docet obliquo lanam deducere ferro,
 dummodo non pereat totidem olfecisse lucernas 225
 quot stabant pueri, cum totus decolor esset
 Flaccus et haereret nigro fuligo Maroni.
 rara tamen merces quae cognitione tribuni
 non egeat. sed uos saeuas inponite leges,
 ut praeceptori uerborum regula constet, 230
 ut legat historias, auctores nouerit omnes
 tamquam ungues digitosque suos, ut forte rogatus,
 dum petit aut thermas aut Phoebi balnea, dicat
 nutricem Anchisae, nomen patriamque nouercae
 Anchemoli, dicat quot Acestes uixerit annis, 235
 quot Siculi Phrygibus uini donauerit urnas.
 exigite ut mores teneros ceu pollice ducat,
 ut si quis cera uoltum facit; exigite ut sit
 et pater ipsius coetus, ne turpia ludant,
 ne faciant uicibus. non est leue tot puerorum 240
 obseruare manus oculosque in fine trementis.
 'haec' inquit 'cura; sed cum se uerterit annus,
 accipe, uictori populus quod postulat, aurum.'

Vê, pois, Ventídio! Vê Túlio! Eles são, porventura, algo alheio
 aos corpos celestes e à incrível potência dos fados ocultos? 200
 Para os escravos reinados darão, aos vencidos triunfos.
 Este sortudo, no entanto é mais raro que corvos albinos.
 Muitos remorso tiveram de inócuas e estéreis cadeiras,
 tal qual Trasímaco prova em sua morte, bem como Segundo
 Carrinas; e aquele que viste em miséria, ó Atenas, sem nada 205
 ter a coragem de dar-lhe a não ser a gelada cicuta.
 Deuses, que às sombras de antigos suave e sem peso esta terra
 seja e que crocos perfumem suas urnas em estio perpétuo,
 homens que um mestre pensavam dos santos deveres paternos
 digno ser. Receando o castigo, já um homem, Aquiles 210
 cantos toava nas pátrias montanhas e à época nunca
 dava um risinho da cauda de seu citaredo maestro.
 Rufos, porém, e outros vários, lhes surram seus próprios alunos,
 Rufos a quem, tanta vez, ser um Cícero a Alóbroga disse.
 Quem para Célado ou para o douto Palêmon oferta 215
 do mestre-escola o valor do trabalho? Assim mesmo, do preço,
 seja o que for que ele ganha – e decerto ainda é menos que o rétor –
 um pedagogo do aluno abocanha uma parte, impiedoso,
 outra pra si o diretor subtrai. Mas aceita, Palêmon,
 ver o que tens decrescer, não de modo diverso daquele 220
 do vendedor de hibernais cobertores e níveos tecidos,
 se pelo menos de balde não for que tu, desde a meia-noite
 sentes num canto onde nulo ferreiro, onde nulo sentar-se-
 ia que instrua, com um ferro, a fiar-se uma lã, recurvado;
 e se de balde não for teres tantas sorvido candeias 225
 quantos pupilos tu tens, à medida que bem desbotado
 fica teu Flaco e a fuligem, grudando, o Marão te enegrece.
 Raros, porém, pagamentos de algum parecer de um tribuno
 não necessitam. Mas todos impõem-lhes terríveis demandas:
 que ao preceptor, das palavras as regras lhe constem sem erros; 230
 que ele as histórias devore e os autores conheça todinhos
 como suas unhas e dedos conhece; e se acaso perguntem-lhe,
 indo ele em busca de termas ou banhos de Febo, que diga
 quem foi a ama de Anquises, quem era e de onde a adotiva
 mãe de Anquêmolos, e a soma dos anos de Acestes vividos, 235
 quantas de Sículo vinho ofertou para os Frígios garrafas.
 Dele se exija que tenros espíritos guie com os dedos,
 como quem molda, da cera, uma efígie; se exija que seja
 como que um pai para a classe, proibindo-lhes jogos infames
 e altercações; não é fácil vigiar destes tantos meninos 240
 olhos e mãos agitados, repletos de dúbias ideias.
 “Disso”, lhes dizem, “tu cuidas, mas, findo teu ano, recebe
 de ouro a quantia que o vulgo oferece a quem ganha na arena”.

Satura VIII

Stemmata quid faciunt? quid prodest, Pontice, longo
 sanguine censeri, pictos ostendere vultus
 maiorum et stantis in curribus Aemilianos
 et Curios iam dimidios umerosque minorem
 Corvinum et Galbam auriculis nasoque carentem? 5
 quis fructus generis tabula iactare capaci
 Corvinum, posthac multa contingere virga
 fumosos equitum cum dictatore magistros,
 si coram Lepidis male vivitur? effigies quo
 tot bellatorum, si luditur alea pernox 10
 ante Numantinos, si dormire incipis ortu
 Luciferi, quo signa duces et castra movebant?
 cur Allobrogicis et magna gaudeat ara
 natus in Herculeo Fabius lare, si cupidus, si
 vanus et Euganea quantumvis mollior agna, 15
 si tenerum attritus Catinensi pumice lumbum
 squalentis traducit avos, emptorque veneni
 frangenda miseram funestat imagine gentem?
 tota licet veteres exornent undique cerae
 atria, nobilitas sola est atque unica virtus. 20
 Paulus vel Cossus vel Drusus moribus esto,
 hos ante effigies maiorum pone tuorum,
 praecedant ipsas illi te consule virgas.
 prima mihi debes animi bona. sanctus haberi
 iustitiaeque tenax factis dictisque mereris? 25
 agnosco procerem: salve Gaetulice, seu tu
 Silanus, quocumque alio de sanguine rarus
 civis et egregius patriae contingis ovanti,
 exclamare libet, populus quod clamat Osiri
 invento. quis enim generosum dixerit hunc qui 30
 indignus genere et praeclaro nomine tantum
 insignis? nanum cuiusdam Atlanta vocamus,
 Aethiopem Cycnum, pravam extortamque puellam
 Europen; canibus pigris scabicque vetusta
 levibus et siccae lambentibus ora lucernae 35
 nomen erit pardus tigris leo, si quid adhuc est
 quod fremat in terris violentius; ergo cavebis
 et metues ne tu sic Creticus aut Camerinus.
 His ego quem monui? tecum est mihi sermo, Rubelli
 Blande, tumes alto Drusorum stemmate, tamquam 40
 feceris ipse aliquid propter quod nobilis esses,
 ut te conciperet quae sanguine fulget Iuli,
 non quae ventoso conducta sub aggere textit,
 ‘vos humiles,’ inquis, ‘volgi pars ultima nostri,
 quorum nemo queat patriam monstrare parentis; 45
 ast ego Cecropides.’ vivas et originis huius
 gaudia longa feras, tamen ima plebe Quiritem
 facundum invenies: solet hic defendere causas

Sátira 8

Nobre raiz o que faz? De que vale-nos, Pôntico, sermos
 pela linhagem julgados, pintura ostentar do semblante
 dos ancestrais e os altivos, de pé sobre um carro, Emilianos,
 bem como os Cúrios e, já com apenas um ombro, o mais jovem
 entre os Corvinos e um Galba de orelhas e napa carente? 5
 Qual é o fruto em, da estirpe na tábua, gabar-se, espaçosa
 por um Corvino e, após ele, com várias ligar-se raízes
 aos mais vaidosos, de equestres – e a algum ditador –, grandes mestres,
 se, na presença dos Lépidos, mal nós vivermos? Efégies
 tantas por que de guerreiros, se dados jogarmos à noite 10
 toda, se diante dos teus Numantinos, tu pegas no sono
 na alba, momento em que aqueles bandeiras e tendas moviam?
 Como do título Alóbroge e da ara se orgulha, grandiosa,
 Fábio, nascido na de Hércules casa, se ele é cobiçoso,
 se ele é vaidoso e, em tudo, que eugânea ovelhinha é mais mole, 15
 e se ele alisa a sutil, com de Cátina pomes, virilha,
 a seus peludos antigos vexando e, comprando venenos,
 ele desonra com um busto que deve é quebrar-se a família?
 Plenos se façam, ornados com velhas figuras de cera,
 átrios: somente o caráter é vera virtude, mais nada. 20
 Tal como um Paulo, ou um Cosso, ou um Druso em costumes que sejam;
 estes na frente de efégies elenca dos teus ascendentes,
 que eles precedam até mesmo, em sendo tu cônsul, teus feixes.
 Antes de mais, tu me deves os dotes da alma. Mereces
 fama de puro e atinente à justiça em palavras e feitos? 25
 Pois reconheço-te um prócere: salve, ó Getúlico, ou caso
 sejam Silano, ou se tens qualquer outra linhagem e um raro
 de um cidadão e eminente tu fores à pátria exultante,
 vai agradar-nos clamar o que o povo conclama, em Osíris
 sendo encontrado. Pois quem ser um nobre dirá um que digno 30
 nunca se fez de sua estirpe e, por nome preclaro somente,
 busca excelência? Ao anão de um qualquer nós um Atlas chamamos,
 a seu Etíope um cisne, e a uma devassa e malfeita
 moça uma Europa; uns cães ociosos, por sarna longeva,
 quase pelados, que vivem uma seca lambendo lucerna 35
 vão ser chamados de tigres, panteras, leões, se até hoje
 não há o que ruja, na terra, mais fero; portanto cuidado
 debes tomar e temer ser um Crético ou qual Camerino.
 Disso eu a quem advirto? É contigo que falo, Rubélio
 Blando. Tu inchas pela alta dos Drusos linhagem, tal como 40
 tivesses tu mesmo algo feito que valha entre os nobres contares,
 como se te concebesse quem brilhe com o sangue dos Júlios,
 não quem, no pé de ventosa montanha empregada, costura.
 “Vocês são baixos”, tu dizes, “os últimos entre esta choldra,
 nem sequer um de vocês pode a pátria apontar de seus pais; 45
 eu sou, porém, um Cecrópida.” Vive, pois, e desta origem
 grande alegria retira. Do âmago da plebe, um Romano
 achas, no entanto, facundo, um versado em defesa das causas

nobilis indocti; veniet de plebe togata
qui iuris nodos et legum aenigmata solvat; 50
hinc petit Euphraten iuvenis domitique Batavi
custodes aquilas, armis industrius. at tu
nil nisi Cecropides, truncoque simillimus Hermae:
nullo quippe alio vineis discrimine quam quod
illi marmoreum caput est, tua vivit imago. 55
Dic mihi, Teucrorum proles: animalia muta
quis generosa putet nisi fortia? nempe volucrem
sic laudamus equum, facili cui plurima palma
fervet et exultat rauco victoria circo;
nobilis hic, quocumque venit de gramine, cuius 60
clara fuga ante alios et primus in aequore pulvis,
sed venale pecus Coryphaei posteritas et
Hirpini, si rara iugo victoria sedit;
nil ibi maiorum respectus, gratia nulla
umbrarum; dominos pretiis mutare iubentur 65
exiguus, trito ducunt epiraedia collo
segnipedes dignique molam versare nepotes,
ergo ut miremur te, non tua, privum aliquid da,
quod possim titulis incidere praeter honores
quos illis damus ac dedimus, quibus omnia debes. 70
Haec satis ad iuvenem quem nobis fama superbum
tradit et inflatum plenumque Nerone propinquo;
rarus enim ferme sensus communis in illa
fortuna, sed te censi laude tuorum,
Pontice, noluerim sic ut nihil ipse futurae 75
laudis agas. miserum est aliorum incumbere famae,
ne conlapsa ruant subductis tecta columnis,
stratus humi palmes viduas desiderat ulmos.
esto bonus miles, tutor bonus, arbiter idem
integer; ambiguae si quando citabere testis 80
incertaeque rei, Phalaris licet imperet ut sis
falsus et admoto dictet periuria tauro,
summum crede nefas animam praeferre pudori,
et propter vitam vivendi perdere causas,
dignus morte perit, cenet licet ostrea centum 85
Gaurana et Cosmi toto mergatur aeno.
Expectata diu tandem provincia cum te
rectorem accipiet, pone irae frena modumque,
pone et avaritiae, miserere inopum sociorum:
ossa vides rerum vacuis exucta medullis;
respice quid moneant leges, quid curia mandet,
praemia quanta bonos maneant, quam fulmine iusto
et Capito et Numitor ruerint damnante senatu,
piratae Cilicum, sed quid damnatio confert?
praeconem, Chaerippe, tuis circumspice pannis, 95
cum Pansa eripiat quidquid tibi Natta reliquit
iamque tace; furor est post omnia perdere naulum.
Non idem gemitus olim neque vulnus erat par

dos que são nobres e burros; virá de uma plebe togada
 quem do direito os nós cegos, das leis os enigmas resolva. 50
 Dela é que parte ao Eufrates o jovem ou às águias que guardam
 os capturados Batávios, em armas perito. No entanto
 tu és um Cecrópida – e és bom como um busto aleijado de Hermes.
 Num só, de fato, detalhe tu levas vantagem, qual seja,
 dele é marmórea a cabeça, já a estátua que és está viva. 55
 Dize-me, ó de Troianos progênie: animais pouco espertos
 quem serem nobres dirá, sem que tenham valor? Certamente
 nós o ligeiro ginete louvamos, ao qual muitas palmas
 fervem, e exulta, já rouco por suas vitórias, o circo.
 Este é um nobre cavalo, qual seja o gramado onde pasta: 60
 um que dispara ante os outros e eleva primeiro a poeira.
 Vendam-se aqueles cavalos dos de Corifeu descendentes
 e dos de Hirpino, se rara, em seu jugo, vitória se assenta.
 Nada há ali de afeição aos vetustos ou de deferência
 para com manes. De donos se mandam mudar por uns preços 65
 ínfimos para, com gasto, guiar os moinhos, pescoço
 esses lentípedes netos só dignos do giro da moenda.
 Para que, pois, te prezemos – e não ao que tens –, algo mostra
 teu que num título eu possa gravar e não seja estas honras
 que para aqueles nós damos e demos, aos quais tudo deves. 70
 E isso já basta de um jovem – rumores nos dizem – soberbo,
 cheio de si, quase inchado, por ser um parente de Nero:
 raro bom senso, de fato, se encontra entre os tão fortunados;
 ser estimado, porém, pela fama dos antepassados,
 Pôntico, a ti não desejo, de modo que nada tu faças 75
 digno de glória futura. É vergonha em alheia apoiar-se
 fama e ruírem-se, caso lhes faltem colunas, os tetos:
 a trepadeira, jogada no chão, sente falta dos olmos.
 Sê um bom soldado, ou um bom guardião, ou juiz igualmente
 íntegro. Se, em controverso, tu fores chamado a depor, 80
 e incerto caso, ainda que Fálaris mande que mintas
 e, tendo já preparado, te dite os perjúrios, seu touro,
 crê ser o mais alto crime tua vida antepor ao orgulho
 e, tendo em vista mantê-la, perder de estar vivo o motivo.
 Dignos da morte perecem, ainda que jantem centenas 85
 de ostras do Gauro e, de Cosmo, afundando em perfumes, se banhem.
 Tanto esperada por ti, diariamente, quando uma província,
 como seu chefe, acolher-te, à iracúndia põe freio e medida,
 põe-nos também à ganância, condói-te daqueles mais pobres:
 tudo estará só nos ossos já secos de toda a medula. 90
 Presta atenção no que mandam as leis, no que a cúria sugere,
 nas recompensas que aos bons se reservam e em quão justo raio
 a Cápito e a Numitor arruinou, ante o grave senado,
 tais da Sicília piratas. E em que tal sentença aproveita?
 Um leiloeiro, ó Queripo, procura e lhe entrega os teus panos, 95
 Pansa agarrando o tão pouco que Nata deixou-te. E calado!
 Louco é quem perde – após tudo – até do barqueiro a moeda.
 Não como hoje o clamor era, outrora, tampouco tamanho

damnorum sociis florentibus et modo victis,
plena domus tunc omnis, et ingens stabat acervus 100
nummorum, Spartana chlamys, conchylia Coa,
et cum Parrhasii tabulis signisque Myronis
Phidiacum vivebat ebur, nec non Polycliti
multus ubique labor, rarae sine Mentore mensae,
inde Dolabella atque hinc Antonius, inde 105
sacrilegus Verres referebant navibus altis
occulta spolia et plures de pace triumphos,
nunc sociis iuga pauca boum, grex parvus equarum,
et pater armenti capto eripietur agello,
ipsi deinde Lares, si quod spectabile signum, 110
si quis in aedícula deus unicus; haec etenim sunt
pro summis, iam sunt haec maxima, despicias tu
forsitan inbellis Rhodios unctamque Corinthon;
despicias merito: quid resinata iuventus
cruaque totius facient tibi levia gentis? 115
horrida vitanda est Hispania, Gallicus axis
Illyricumque latus; parce et messoribus illis
qui saturant urbem circo scaenaeque vacantem;
quanta autem inde feres tam dirae praemia culpae,
cum tenuis nuper Marius discinxerit Afros? 120
curandum in primis ne magna iniuria fiat
fortibus et miseris, tollas licet omne quod usquam est
auri atque argenti: scutum gladiumque relinques,
et iaculum et galeam spoliatis arma supersunt.
Quod modo proposui, non est sententia: verum est, 125
credite me vobis folium recitare Sibyllae,
si tibi sancta cohors comitum, si nemo tribunal
vendit acerscomes, si nullum in coniuge crimen
nec per conventus et cuncta per oppida curvis
unguibus ire parat nummos raptura Celaeno, 130
tum licet a Pico numeres genus, altaque si te
nomina delectant, omnem Titanida pugnam
inter maiores ipsumque Promethea ponas,
de quocumque voles proavum tibi sumito libro.
quod si praecipitem rapit ambitio atque libido, 135
si frangis virgas sociorum in sanguine, si te
delectant hebetes lasso lictore secures,
incipit ipsorum contra te stare parentum
nobilitas claramque facem praeferre pudendis.
omne animi vitium tanto conspectus in se 140
crimen habet, quanto maior qui peccat habetur,
quo mihi te solitum falsas signare tabellas
in templis quae fecit avus statuamque parentis
ante triumphalem? quo, si nocturnus adulter
tempora Santonico velas adoperta cucullo? 145
Praeter maiorum cineres atque ossa volucris
carpento rapitur pinguis Lateranus, et ipse.
ipse rotam adstringit sufflamine mulio consul.

dano sofriam as ainda florentes províncias, há pouco
 tempo anexadas. Então tinham as casas de tudo, e uma pilha 100
 de ouro abrigavam, e mantos de Esparta, e de Cos panos roxos.
 Com de Parrásio as pinturas, também com estátuas de Míron,
 de Fídias viviam os mármore, nem de Políclito a arte
 em todo canto faltava, Mentor ia em todas as mesas.
 Mas Dolabela de um canto, Antônio de outro e ainda 105
 Verres sacrílego enchiam navios enormes de ocultos
 bens espoliados e muitos, na paz conseguidos, triunfos.
 Hoje de nossos aliados uns carros de boi, grei pequena
 de éguas e um macho de seus invadidos terrenos arrancas,
 e os próprios Lares depois, se ainda houver para ver-se uma estátua, 110
 se no altazinho ainda um deus solitário. De fato essas coisas
 são o melhor que lhes resta e o máximo que há. Tu desprezas,
 quem sabe, os frouxos de Rodes, bem como a cremosa Corinto;
 é com razão que desprezas: o que tais balsâmicos jovens
 e as pernas todinhas sem pelos farão contra ti, desta gente? 115
 Mas que a selvagem evite-se Hispânia, e as Gálicas terras,
 bem como a costa da Ilíria. Te afasta também dos ceifeiros,
 que a urbe suprem quando esta de circo e teatro carece:
 quanta, afinal, recompensa tu tiras de lá com tais culpas,
 quando o molenga, faz pouco, do Mário rapou os Africanos? 120
 Que antes de tudo se cuide de injúria evitar grandiosa
 aos que são fortes e pobres. Se bem que lhes prive de tudo
 que de ouro e prata eles tenham, escudos e gládios lhes deixa,
 dardos e elmos também. Que aos roubados as armas lhes restem.
 Isso que agora eu propus aforismo não é, mas verdade:
 crede que a vós uma folha eu recito da própria Sibila. 125
 Se íntegra for tua trupe, se nela nenhum testemunhos
 jovem de longos cabelos vender, se um conjúgio sem crimes
 tens, nem por entre assembleias e em toda a cidade, de aduncas
 unhas, se apronta para ouro ir roubar uma harpia Celeno,
 podes então desde Pico contar tua estirpe, e se ilustres 130
 nomes te aprazem, que toda a Titânida guerra tu ponhas
 juntos dos teus ascendentes e até Prometeu lhes acresça!
 Teu bisavô pode vir do que queiras nomear entre os mitos.
 Mas se depressa a ambição te arrebatada e a avidez para as posses, 135
 caso tu quebres pedaços de pau de aliados na carne,
 se te agradarem machados – cansado o carrasco – já cegos,
 vai começar a se erguer contra ti, dos teus próprios parentes,
 a majestade e a apontar clara tocha aos teus atos infames.
 Toda fraqueza moral tanto mais faz visível sua própria 140
 condenação, quanto mais o que nela incorrer é estimado.
 Vale-me o que se costumava espúrios visar documentos
 dentro de templos que os fez teu avô e da estátua ao triunfo
 de um teu parente diante? Ou se, sendo um noctívago adúltero,
 as tēmporas tuas escondes embaixo de um gorro da Gália. 145
 Ante o, de seus ancestrais, pó e ossos, num rápido carro
 é Laterano, o balofo, levado e ele mesmo – em pessoa –
 faz sobre a roda pressão com seus freios: um cônsul muleiro.

nocte quidem, sed Luna videt, sed sidera testes
 intendunt oculos, finitum tempus honoris 150
 cum fuerit, clara Lateranus luce flagellum
 sumet et occursum numquam trepidabit amici
 iam senis ac virga prior annuet, atque maniplos
 solvet et infundet iumentis hordea lassis.
 interea, dum lanatas robumque iuencum 155
 more Numae caedit, Iovis ante altaria iurat
 solam Eponam et facies olida ad praesepia pictas.
 sed cum pervigiles placet instaurare popinas,
 obvius adsiduo Syrophoenix unctus amomo
 currit, Idymaeae Syrophoenix incola portae, 160
 hospitis adfectu dominum regemque salutat,
 et cum venali Cyane succincta lagona.
 Defensor culpae dicet mihi 'fecimus et nos
 haec iuvenes.' esto, desisti nempe nec ultra
 fovisti errorem, breve sit quod turpiter audes; 165
 quaedam cum prima resecentur crimina barba,
 indulge veniam pueris: Lateranus ad illos
 thermarum calices inscriptaque lintea vadit
 maturus bello Armeniae Syriaeque tuendis
 amnibus et Rheno atque Histro; praestare Neronem 170
 securum valet haec aetas, mitte Ostia, Caesar,
 mitte, sed in magna legatum quaere popina;
 invenies aliquo cum percussore iacentem,
 permixtum nautis et furibus ac fugitivis,
 inter carnifices et fabros sandapilarum 175
 et resupinati cessantia tympana galli,
 aequa ibi libertas, communia pocula, lectus
 non alius cuiquam, nec mensa remotior ulli.
 quid facias talem sortitus, Pontice, servum?
 nempe in Lucanos aut Tusca ergastula mittas. 180
 at vos, Troiugenaе, vobis ignoscitis, et quae
 turpia cerdoni, Volesos Brutumque decebunt.
 Quid si numquam adeo foedis adeoque pudendis
 utimur exemplis, ut non peiora supersint?
 consumptis opibus vocem, Damasippe, locasti 185
 sipario, clamosum ageres ut Phasma Catulli.
 Laureolum velox etiam bene Lentulus egit,
 iudice me dignus vera cruce, nec tamen ipsi
 ignoscas populo; populi frons durior huius
 qui sedet et spectat triscurria patriciorum 190
 planipedes audit Fabios, ridere potest qui
 Mamercorum alapas. quanti sua funera vendant
 quid refert? vendunt nullo cogente Nerone,
 nec dubitant celsi praetoris vendere ludis,
 finge tamen gladios inde atque hinc pulpita poni, 195
 quid satius? mortem sic quisquam exhorruit, ut sit
 zelotypus Thymeles, stupidi collega Corinthi?
 res haut mira tamen citharoedo principe mimus

Claro, é de noite – mas diante da Lua, e os astros presentes
 voltam a ele o olhar. Acabado o seu tempo de ofício, 150
 na plena luz Laterano fulgente do dia o chicote
 vai agarrar e, ao encontro, jamais se afligir de um amigo
 velho; vai, antes, com a vara acenar-lhe, depois uma pilha
 vai desatar e servi-la, de feno, aos jumentos cansados.
 Em meio a isso, apesar de cordeiras e um ruivo bezerro, 155
 tal como Numa, imolar, ante altares de Jove, ele jura
 só por Epona e figuras em podres cocheiras pintadas.
 Quando, porém, quer noitadas em bares que nunca se fecham,
 todo embebido, algum sirofenício, no unguento de sempre
 corre até ele, e um sirofenício da porta idumeia, 160
 com de anfitrião cortesia, por “rei e senhor!” o saúda,
 junto ao qual vinho lhe vende, Ciane bem pouco vestida.
 Um defensor dessas faltas dir-me-á “mas também tais fizemos
 coisas em jovens”. Talvez, mas deixaste-as e nem encareces
 os erros teus. Sejam breves as coisas infames que se ousa! 165
 Todo mau hábito junto à primeira se corte das barbas.
 Dê-se desculpa aos meninos: o tal Laterano naqueles
 copos das termas e linhos ornados, sem modos, se joga,
 sendo maduro pra, em guerra, nos rios da Armênia e da Síria,
 guarda montar e no Reno e Danúbio. Na frente de Nero 170
 salvo ele pode postar-se. Pois manda-o para a Óstia, ó César,
 manda-o, mas busca depois o emissário em alguma taverna.
 Lá vais achá-lo bem junto de algum assassino jazendo,
 já misturado a marujos, ladrões e bandidos fugidos,
 entre carrascos e outros que fazem vulgares esquifes 175
 e entre os, de pança para o ar, sem tambores, prelados de Ísis.
 Lá a liberdade é irrestrita, as canecas, comuns e uma cama,
 sendo de um é de todos e à mesa ninguém é um estranho.
 Que tu farias, se um tal tu tivesses, ó Pôntico, escravo?
 Certo é que para as lucanas ou tuscas prisões o darias. 180
 Mas vós, ó filhos de Troia, a vós mesmos perdoais, e umas coisas
 vis ao mais baixo dos homens, a um Bruto e aos Volesos são boas.
 E se eu jamais tão horrendos e tão vergonhosos exemplos
 dar conseguir, sem que coisas ainda piores não haja?
 Toda a fortuna torrando, tua voz, Damasipo, emprestaste 185
ao palco, ao fazeres o espírito, bem pastelão, de Catulo?
 Sendo Lauréolo, o rápido Lêntulo atuou com tal arte,
 que, para mim, merecia uma cruz de verdade. No entanto,
 o próprio povo não passa: este povo, ainda mais cara dura,
 que senta e põe-se a assistir à truanice dos nossos patrícios, 190
 dá para Fábios descalços audiência e de rir não se vexa
 de alforriados Mamercos. Por quanto eles vendem suas mortes
 que nos importa? Eles vendem, sem Nero nenhum coagindo-os,
 sem hesitar em, do excelso pretor, se vender para os jogos.
 Pensa, porém, ter um gládio de um lado e do outro as cortinas: 195
 qual escolher? É a morte pra alguém tão horrenda, que o faça
 ser de Timele o chifrudo ou o dupla do parvo Corinto?
 Pouca é a surpresa, porém – se já vi imperador citaredo! –

nobilis, haec ultra quid erit nisi ludus? et illic
dedecus urbis habes, nec murmillonis in armis 200
nec clipeo Gracchum pugnantem aut falce supina;
damnat enim tales habitus, sed damnat et, odit;
nec galea faciem abscondit; movet ecce tridentem.
postquam vibrata pendentia retia dextra
nequiquam effudit, nudum ad spectacula voltum 205
erigit et tota fugit agnoscendus harena.
credamus tunicae, de faucibus aurea cum se
porrigat. et longo iactetur spira galero.
ergo ignominiam graviolem pertulit omni
vulnere cum Graccho iussus pugnare secutor. 210
Liberam si dentur populo suffragia, quis tam
perditus ut dubitet Senecam praeferre Neroni?
cuius supplicio non debuit una parari
simia nec serpens unus nec culleus unus.
par Agamemnonidae crimen, sed causa facit rem 215
dissimilem: quippe ille deis auctoribus ultor
patris erat caesi media inter pocula, sed nec
Electrae iugulo se polluit aut Spartam
sanguine coniugii, nullis aconita propinquis
miscuit, in scaena numquam cantavit Orestes, 220
Troica non scripsit, quid enim Verginius armis
debet ulcisci magis aut cum Vindice Galba,
quod Nero tam saeva crudaque tyrannide fecit?
haec opera atque hae sunt generosi principis artes,
gaudentis foedo peregrina ad pulpita cantu 225
prostitui Graiaeque apium meruisse coronae,
maiorum effigies habeant insignia vocis,
ante pedes Domiti longum tu pone Thyestae
syrma vel Antigones vel personam Melanippes,
et de marmoreo citharam suspende colosso. 230
Quid, Catilina, tuis natalibus atque Cethegi
inveniet quisquam sublimius? arma tamen vos
nocturna et flammam domibus templisque paratis,
ut braccatorum pueri Senonumque minores,
ausi quod liceat tunica punire molesta. 235
sed vigilat consul vexillaque vestra coercet;
hic novus Arpinas, ignobilis et modo Romae
municipalis eques, galeatum ponit ubique
praesidium attonitis et in omni monte laborat,
tantum igitur muros intra toga contulit illi 240
nominis ac tituli, quantum sibi Leucade, quantum
Thessaliae campis Octavius abstulit udo
caedibus adsiduis gladio; sed Roma parentem,
Roma patrem patriae Ciceronem libera dixit.
Arpinas alius Volscorum in monte solebat 245
poscere mercedes alieno lassus aratro,
nodosam post haec frangebatur vertice vitem,
si lentus pigra muniret castra dolabra;

nobres num mimo. Após isso, o que resta-lhes, salvo as arenas?
 Nelas a infâmia da urbe tu vês: nem ao menos com as armas 200
 de um mirmilão, nem de escudo um dos Gracos combate ou de espada
 curva. Ele quer que se danem tais armas, e mais – as detesta.
 Nem sob um elmo o carão disfarçando, ele brande um tridente!
 Quando, depois de agitar a direita, sua rede pendida,
 frustradamente, arremessa, então nu e à audiência voltado, 205
 ele se apruma e se apressa em fugir, conhecido, na arena.
 Acreditemos na túnica! pelo pescoço uma corda
 dela se estende, e espiral se levanta do longo barrete.
 Logo, desgraça mais grave recebe que toda ferida
 quem contra o Graco ordenou-se lutar e se enfada o seguindo. 210
 Livre permita-se ao povo escolher, e que louco haveria
 tão sem juízo de dúvidas ter entre Sêneca e Nero?
 Deste pra pena, jamais dever-se-ia arranjar um apenas
 símio ou só uma serpente, tampouco uma apenas sacola.
 Par ao do Agamenônida foi o seu crime; o motivo 215
 torna-os, porém, diferentes: aquele, sob ordem dos deuses,
 foi vingador de seu pai, que foi morto no meio de um copo;
 mas nem de Electra com a morte manchou-se, tampouco a Esparta
 com o sangue do casamento e a nenhum, deu veneno, parente.
 De alguma cena no teatro jamais foi cantor o Orestes, 220
 menos um *Troia* escreveu. O que, então, um Virgínio, com armas
 mais duramente devia punir ou, com Víndice, Galba,
 entre o que Nero de atroz e cruento, tiranicamente,
 fez? Esta é a obra e estas são do ilustríssimo príncipe as artes,
 ele que amava com sórdida, em palco estrangeiro, cantata 225
 prostituir-se e um, de louros da Grécia, ganhar diadema.
 De teus antigos aos vultos, troféus de tua voz se adicionem,
 diante dos pés de Domício, um longo tu põe de Tiestes
 manto, ou de Antígona, ou ainda uma máscara de Melanipe
 e do marmóreo, tua cítara deixa pendente, colosso. 230
 O que de mais, Catilina, que tuas e que as de Cetego
 origens se encontra mais nobre? Assim mesmo, vocês armamentos
 bem sorrateiros e tochas pra casas e templos tramaram,
 qual dos de calça filhotes e qual dos Senones parentes,
 crimes ousando que podem punir-se em mantos de tortura. 235
 Mas vigilante é o cônsul e as tropas que levam encurrala,
 este Arpinate de berço obscuro e em Roma há tão pouco
 como um equestre dispõe, com seus elmos, por todos os lados
 guardas ao povo aterrado e em todos os montes trabalha.
 Logo, de dentro dos muros, sua toga lhe trouxe tamanha 240
 fama e prestígio, qual para si mesmo nas Lêucades ilhas
 e da Tessália nos campos Otávio auferiu, com sangrenta,
 pelas matanças constantes, espada. Mas Roma, um parente,
 Roma, aliás, pai da pátria a Cícero chama, ao ser livre.
 Outro Arpinate no monte dos Volscos o hábito tinha 245
 de receber sua paga a um alheio extenuando-se arado,
 ripa nodosa, após isso, quebrava-se-lhe na cabeça,
 se, vagaroso, com lenta munisse as legiões picareta.

hic tamen et Cimbro et summa pericula rerum
 excipit et solus trepidantem protegit urbem. 250
 atque ideo, postquam ad Cimbro stragemque volabant
 qui numquam attigerant maiora cadavera corvi,
 nobilis ornatur lauro collega secunda.
 Plebeiae Deciorum animae, plebeia fuerunt
 nomina; pro totis legionibus hi tamen et pro 255
 omnibus auxiliis atque omni pube Latina
 sufficiunt dis infernis Terraeque parenti;
 pluris enim Decii quam quae servantur ab illis.
 Ancilla natus trabeam et diadema Quirini
 et fasces meruit, regum ultimus ille bonorum. 260
 prodita laxabant portarum claustra tyrannis
 exulibus iuvenes ipsius consulis et quos
 magnum aliquid dubia pro libertate deceret,
 quod miraretur cum Coclite Mucius et quae
 imperii fines Tiberinum virgo natavit: 265
 occulta ad patres produxit crimina servus
 matronis lugendus, at illos verbera iustis
 adficiunt poenis et legum prima securis.
 Malo pater tibi sit Thersites, dummodo tu sis
 Aeacidae similis Vulcaniaque arma capessas, 270
 quam te Thersitae similem producat Achilles,
 et tamen, ut longe repetas longeque revolvas
 nomen, ab infami gentem deducis asylo:
 maiorum primus, quisquis fuit ille, tuorum
 aut pastor fuit aut illud quod dicere nolo. 275

Este, no entanto, que ao Cimbros e aos sumos perigos da guerra
 frente lhes faz e sozinho uma trépida Roma defende. 250
 Logo, por isso, depois que aos Cimbros e à carnificina
 voavam, jamais tendo em mortos tão grandes saciado-se os corvos,
 ainda que nobre, é honrado o seu sócio com louro segundo.
 Plebeias foram dos Décios as almas, plebeus também foram
 seus sobrenomes; por toda legião, mesmo assim e por todos 255
 os aliados, bem como por todos os jovens do Lácio
 eles valeram aos íferos deuses e à geratriz Terra;
 mais valem os Décios que todos aqueles guardados por eles.
 O de uma escrava rebento o roupão, o Quirinal diadema,
 bem como o cetro logrou, sendo o último rei virtuoso. 260
 Francas deixavam das portas as trancas àqueles tiranos
 vindos do exílio os próprios herdeiros do cônsul, aqueles
 que, em liberdade ameaçada, deviam ousar grandes feitos,
 tais que admirassem, com Cocles, a Múcio, assim como a virgem
 que por do império os confins tiberinos nadou sem descanso. 265
 Esta secreta ao senado mostrou delinquência um escravo
 digno de ser por matronas carpido, e aqueles o açoite
 viram e, justo castigo, consoante a lei nova, o secure.
 Logo, é melhor que tu tenhas por pai um Tersites, contanto
 que qual o Eácida sejas e as armas Vulcâneas assumas, 270
 do que a ti, a um Tersites igual, ter gerado um Aquiles.
 No fim das contas, quão longe tu busques, mais longe revolvias
 tuas origens, num torpe lugar tuas gentes encontras:
 de teus anciãos o primeiro, quem quer que esse aí tenha sido,
 ou foi pastor ou foi algo que nem nomear eu prefiro. 275

Satura IX

Scire velim, quare totiens mihi, Naevole, tristis
 occurras, fronte obducta ceu Marsya victus,
 quid tibi cum vultu, qualem deprensus habebat
 Ravola, dum Rhodopes uda terit inguina barba?
 nos colaphum incutimus lambenti crustula servo. 5
 non erit hac facie miserabilior Crepereius
 Pollio, qui triplicem usuram praestare paratus
 circumit et fatuos non invenit, unde repente
 tot rugae? certe modico contentus agebas
 vernam equitem, conviva ioco mordente facetiis 10
 et salibus vehemens intra pomeria natis.
 omnia nunc contra: vultus gravis, horrida siccae
 silva comae, nullus tota nitor in cute, qualem
 Bruttia praestabat calidi tibi fascia visci,
 sed fruticante pilo neglecta et squalida crura. 15
 quid macies aegri veteris, quem tempore longo
 torret quarta dies olimque domestica febris?
 deprendas animi tormenta latentis in aegro
 corpore, deprendas et gaudia; sumit utrumque
 inde habitum facies, igitur flexisse videris 20
 propositum et vitae contrarius ire priori.
 nuper enim, ut repeto, fanum Isidis et Ganymedem
 Pacis et advectae secreta Palatia matris
 et Cererem (nam quo non prostat femina templo?)
 notior Aufidio moechus celebrare solebas, 25
 quodque taces, ipsos etiam inclinare maritos.
 ‘Utile et hoc multis vitae genus, at mihi nullum
 inde operae pretium, pingues aliquando lacernas,
 munimenta togae, duri crassique coloris
 et male percussas textoris pectine Galli 30
 accipimus, tenue argentum venaeque secundae,
 fata regunt homines, fatum est et partibus illis
 quas sinus abscondit, nam si tibi sidera cessant,
 nil faciet longi mensura incognita nervi,
 quamvis te nudum spumanti Virro labello 35
 viderit et blandae adsidue densaeque tabellae
 sollicitent, αὐτὸς γὰρ ἐφέλκεται ἄνδρα κίναδος.
 quod tamen ulterius monstrum quam mollis avarus?
 “haec tribui, deinde illa dedi, mox plura tulisti ”;
 computat, et cevet. ponatur ealculus, adsint 40
 cum tabula pueri; numera sestertia quinque
 omnibus in rebus: numerentur deinde labores,
 an facile et pronum est agere intra viscera penem
 legitimum atque illic hesternae occurrere cenae?
 servus erit minus ille miser qui foderit agrum, 45
 quam dominum; sed tu sane tenerum et puerum te
 et pulchrum et dignum cyatho caeloque putabas,
 vos humili adseculae, vos indulgebitis umquam

Sátira 9

Eu de saber gostaria por que sempre, Névolo, triste
 vejo-te, assim cabisbaixo, qual Marsias, perdido o certame,
 por que tu tens o semblante qual, pego em flagrante, ostentava
 Rávola, em meio das coxas de Ródope a barba roçando
 úmida? (e nós esmurramos, se lambe uma torta, um escravo...) 5
 Nunca mais mísera que esta tua cara vai ter Crepereio
 Pólio, que a tríplices juro circula pedindo emprestado,
 mas idiotas não acha que aceitem. De onde tiraste
 rugas tamanhas? Decerto, com pouco contente, passavas
 por um legítimo equestre, um conviva de jogos mordazes, 10
 de brincadeiras e pleno dos saís que de Roma são próprios.
 Tudo, hoje em dia, é o contrário: as feições carregadas, a selva
 hirta nos duros cabelos, mais nada, na pele, do brilho
 que antes dos Brutos te davam, de cálido visco, umas faixas;
 mas tens cabelos brotando nas secas e rústicas pernas. 15
 Por que estás magro, qual velho doente a quem já há longo tempo
 em cada quatro manhãs atormenta, frequente, uma febre?
 Logo se veem de uma mente os pesares secretos no enfermo
 corpo, também veem-se os gozos; estampa-se, em ambos os casos,
 a condição na aparência. Por isso mudado parece 20
 ter teu propósito e a vida seguir num caminho distinto.
 Pois, se me lembro, faz pouco que o templo de Ísis, bem como
 o Ganimedes da Paz, de Cibele os secretos Palácios,
 bem como a Ceres (pois quais não abundam de moças altares?),
 mais do que Auffidio famoso em trepar, celebrar costumavas 25
 e – algo que calas – até seus maridos deitavam-te embaixo.
 “Útil a muitos de fato é tal modo de vida, no entanto
 já meus esforços não paga. Umás vezes um manto ensebado,
 para cobrir minha toga, bem duro e de cores grosseiras
 e muito mal enjambrado na agulha do Gálio alfaiate 30
 ganho, ou qualquer prataria vulgar de segunda, se tanto.
 Os fados regem os homens, é fado até mesmo o que às partes
 que a roupa esconde reserva-se, pois se abandonam-te os astros,
 nada te vale o da sua anormal comprimento piroca,
 mesmo que nu, com saliva pingando Virrão pelos lábios, 35
 tenha te visto e suaves, amiúde, preenchidas tabuinhas
 mande que digam-te “os homens adoram um belo menino”.
 Pois onde encontra-se monstro pior que uma bicha avarenta?
 “Eu te dei isso, depois dei-te aquilo e bem mais tu levaste”,
 ele computa e rebola. Que façam-se os cálculos, tomem 40
 nota os escravos, e conta uns cinquinho sestércios por tudo,
 tudo o que faço. Depois, enumerem-se as penas que sofro:
 pensas que é fácil e tranquilo enterrar-lhe no fundo um cacete
 íntegro para lá dentro a comida encontrar de outra noite?
 Menos coitado um escravo será quando os campos escava, 45
 do que se cava o seu dono. Mas tu tão levinho e tão jovem,
 e tão bonito e tão digno de taças servir lá no Olimpo
 vias-te. Quando a um humilde criado, quando algo ofereces

cultori, iam nec morbo donare parati?
 en cui tu viridem umbellam, cui sucina mittas 50
 grandia, natalis quotiens redit aut madidum ver
 incipit et strata positus longaue cathedra
 munera femineis tractat secreta kalendis.
 Dic, passer, cui tot montis, tot praedia servas
 Apula, tot milvos intra tua pascua lassos? 55
 te Trifolinus ager fecundis vitibus implet
 suspectumque iugum Cumis et Gaurus inanis—
 nam quis plura linit victuro dolia musto?—
 quantum erat exhausti lumbos donare clientis
 iugeribus paucis? meliusne hic rusticus infans 60
 cum matre et casulis et conlusore catello
 cymbala pulsantis legatum fiet amici?
 “improbus es cum poscis,” ait. sed pensio clamat
 “posce”; sed appellat puer unicus ut Polyphemi
 lata acies per quam sollers evasit Vlixes; 65
 alter emendus erit, namque hic non sufficit, ambo
 pascendi. quid agam bruma spirante? quid, oro,
 quid dicam scapulis puerorum aquilone Decembri
 et pedibus? “durate atque expectate cicadas”?
 Verum ut dissimili es, ut mittas cetera, quanto 70
 metiris pretio, quod ni tibi deditus essem
 devotusque cliens, uxor tua virgo maneret?
 scis certe quibus ista modis, quam saepe rogaris,
 et quae pollicitus, fugientem saepe puellam
 amplexu rapui; tabulas quoque ruperat et iam 75
 signabat: tota vix hoc ego nocte redemi
 te plorante foris; testis mihi lectulus et tu,
 ad quem pervenit lecti sonus et dominae vox.
 instabile ac dirimi coeptum et iam paene solutum
 coniugium in multis domibus servavit adulter. 80
 quo te circumagas? quae prima aut ultima ponas?
 nullum ergo meritum est, ingrata ac perfide, nullum,
 quod tibi filiulus vel filia nascitur ex me?
 tollis enim et libris actorum spargere gaudes
 argumenta viri. foribus suspende coronas: 85
 iam pater es, dedimus quod famae opponere possis,
 iura parentis habes, propter me scribens heres,
 legatum omne capis nec non et dulce caducum.
 commoda praeterea iungentur multa caducis,
 si numerum, si tres implevero.’ Iusta doloris, 90
 Naevole, causa tui; contra tamen ille quid adfert?
 ‘neglegit atque alium bipedem sibi quaerit asellum,
 haec soli commissa tibi celare memento
 et tacitus nostras intra te fige querellas.
 nam res mortifera est inimicus pumice levis; 95
 qui modo secretum commiserat, ardet et odit,
 tamquam prodiderim quidquid scio. sumere ferrum,
 fuste aperire caput, candelam adponere valvis

a quem te admira se nem com teu vício a gastar não te prestas?
 Olha lá aquele a quem verde sombrinha, a quem âmbares debes 50
 grandes mandar, quando ele anos completa ou se chegam as chuvas
 da primavera e, sentado em uma longa e esticada cadeira,
 ele os presentes das feminis conta secretos calendas.
 Dize, ó pombinho, pra quem tantos cumes e tantas, preservas,
 terras na Apúlia e tantos falcões, nos teus pastos, exaustos? 55
 O Trifolino teu campo com bastas videiras te supre
 e as elevadas cadeias de Cumas e o Gauro, desertos –
 quem mais garrafas de mosto consegue estampar tão longevo?
 Quanto custava à, do exausto, virilha ofertar, teu cliente
 uns poucos acres? Ou achas melhor que este infante campestre, 60
 junto da mãe, das choupanas, do, amigo nos jogos, cãozinho
 sejam ao teu que nos címbalos bate deixados amigo?
 “És importuno se pedes”, diz ele, mas rogam-me as contas
 “Pede!”, e o meu escravinho, tão único qual do Ciclope
 o olho redondo, em virtude do qual, hábil, manda-se Ulisses. 65
 Outro eu terei de comprar – pois um só não me basta – e a ambos
 de alimentar. E no inverno o que eu faço? O que, te pergunto,
 digo para o ombro dos moços sob este Aquilão de dezembro
 e para os pés? “Tenham força, resistam e aguardem as cigarras”?
 Mesmo que os fatos simules, ou mudes de assunto, por quanto 70
 medes e o fato de que, se faltasse-te um pronto pra tudo
 e tão devoto cliente, tua esposa seria ainda virgem?
 Bem que tu sabes de quantas maneiras, e quanto pediste-me
 e que promessas fizeste. Já pronta a fugir, muitas vezes,
 eu a retive no abraço; o contrato ela havia quebrado 75
 e já assinava: na inteira, eu mal pude, noitada o problema
 remediar, e choravas na porta. Me atestam o leito
 e tu, alcançando-te os ruídos da cama e da dama os gemidos.
 Bem pouco estáveis e já desfazendo-se – quase acabados –
 maus matrimônios em lares diversos salvou um amante. 80
 Fazes rodeios? Que esforços primeiro e quais nunca se pagam?
 Nulo é então todo o mérito, ingrata raposa, ele é nulo,
 de que teu filho ou filhinha a este mundo virá por meus feitos?
 Tu, acolhendo-o, nos livros de atas espalhas contente
 provas de tua potência. Nas portas, suspende guirlandas: 85
 já és um pai. Te equipei com o que possas opor-te às fofocas.
 Tens os direitos de um pai, podes – mérito meu – ser herdeiro
 e de uma herança completa apossar-te e de bens já caducos.
 Mais benefícios, e muitos, vão ser acrescidos a estes,
 se eu de três filhos a soma fizer-te”. São justas das dores, 90
 Névolos, tuas as causas. Mas ele o que diz em resposta?
 “Ele despreza-me e um bípede de outro jumento procura.
 Isso que conto de só pra ti mesmo guardar vê se lembra
 e, silencioso, estes meus no teu âmago finca lamentos.
 Pois é mortal o inimigo que a pele esfolia com pomes. 95
 Ele que, mal um segredo confiando-me, queima e me odeia,
 qual se eu já tudo tivesse espalhado, em pegar uma espada,
 em com porrete me abrir a cabeça, em queimar minha casa

non dubitat, nec contempnas aut despicias quod
 his opibus numquam cara est annona veneni. 100
 ergo occulta teges ut curia Martis Athenis.’
 O Corydon, Corydon, secretum divitis ullum
 esse putas? servi ut taceant, iumenta loquentur
 et canis et postes et marmora, claude fenestras,
 vela tegant rimas, iunge ostia, tollite lumen, 105
 e medio fac eant omnes, prope nemo recumbat:
 quod tamen ad cantum galli facit ille secundi,
 proximus ante diem caupo sciet, audiet et quae
 finxerunt pariter libarius archimagiri
 carptores. quod enim dubitant componere crimen 110
 in dominos, quotiens rumoribus ulciscuntur
 baltea? nec derit qui te per compita quaerat
 nolentem et miseram vinosus inebriet aurem,
 illos ergo roges quidquid paulo ante petebas
 a nobis, taceant illi. sed prodere malunt 115
 arcanum, quam subrepti potare Falerni
 pro populo faciens quantum Saufeia bibebat,
 vivendum recte cum propter plurima tum est his
 praecipue causis, ut linguas mancipiorum
 contempnas, nam lingua mali pars pessima servi; 120
 deterior tamen hic qui liber non erit illis,
 quorum animas et farre suo custodit et aere.
 ‘Utile consilium modo, sed commune, dedisti,
 nunc mihi quid suades post damnum temporis et spes
 deceptas? festinat enim decurrere velox 125
 flosculus angustae miseraeque brevissima vitae
 portio; dum bibimus, dum certa unguenta puellas
 poscimus, obrepit non intellecta senectus.’
 Ne trepida, numquam pathicus tibi derit amicus
 stantibus et salvis his collibus: undique ad illos 130
 convenient et carpentis et navibus omnes
 qui digito scalpunt uno caput, altera maior
 spes superest; tu tantum erucis inprime dentem.
 ‘Haec exempla para felicibus, at mea Clotho
 et Lachesis gaudent, si pascitur inguine venter, 135
 o parvi nostrique Lares, quos ture minuto
 aut farre et tenui soleo exorare corona,
 quando ego figam aliquid, quo sit mihi tuta senectus
 a tegete et baculo? viginti milia faenus
 pigneribus positus, argenti vascula puri, 140
 sed quae Fabricius censor notet, et duo fortes
 de grege Moesorum. qui me cervice locata
 securum iubeant clamoso insistere circo;
 sit mihi praeterea curvus caelator, et alter
 qui multas facies pingit cito; sufficiunt haec, 145
 quando ego pauper ero; votum miserabile, nec spes
 his saltem; nam cum pro me Fortuna vocatur,
 adfixit ceras illa de nave petitas,

não titubeia, e não tires por menos nem mesmo te esqueças
 que pro dinheiro que tem nunca é caro estocar uns venenos. 100
 Deixa, pois, isso em segredo qual corte de Marte em Atenas.”
 Ó Coridão, Coridão, um segredo sequer, para um rico,
 pensas que existe? Se o escravo se cala, os jumentos espalham
 tudo e os cães, e os postes e mármore. Fecha as janelas,
 panos escondam fissuras, as portas reúne, e apaga 105
 luzes, e faz com que todos se afastem, ninguém durma perto:
 quando o segundo dos galos cantar, o que quer que ele faça
 antes da aurora, um mercante vizinho já sabe. E já sabe
 o que inventou o padeiro, tal qual cozinheiros, bem como
 os escultores. Pois quando vacilam em culpas fictícias 110
 pôr nos senhores, nas vezes que, pelos boatos, se vingam
 de chibatadas? E não faltará quem te busque em quebradas
 pra, noluntários e tristes, chapado te encher os ouvidos.
 Que a estes, pois, tu implores aquilo que há pouco pedias
 que eu lhe fizesse: eles caem. No entanto, espalhar um segredo 115
 acham melhor do que, pego às secretas, beber do Falerno,
 o quanto, em honra do povo, Saufeia entornar costumava.
 Para uma vida correta motivos não faltam; entre eles
 principalmente está este: que possas por línguas de escravos
 ter bom desdém, pois é esta, se é mau, a pior parte do escravo. 120
 Pois é ainda pior ser um homem cativo daqueles
 cujo sustento com o trigo garante e com o próprio dinheiro.
 “Útil conselho, porém muito vago, o que acabas de dar-me.
 O que aconselhas-me agora após tanto eu perder de meu tempo
 e malograr meus anseios? Se apressa em gastar-se, ligeira 125
 como uma flor, de uma vida minguada e infeliz a brevíssima
 parte; e enquanto bebemos, e enquanto grinaldas, perfumes,
 moças buscamos, acerca-se aos poucos, furtiva, a velhice.”
 Não tenhas medo, pois nunca um amigo faltar-te-á passivo,
 enquanto erguerem-se a salvo estes montes. Por todos os lados 130
 convergirão para eles por terras e mares aqueles
 que, com apenas um dedo, as madeixas enrolam. Portanto,
 ainda há esperança maior: basta apenas agrião mastigares.
 “Estes exemplos só servem aos sortudos; porém, minha Cloto,
 junto com Láquese alegam-se, se encho, com a pélvis, o estômago. 135
 Ó mixurucas meus Lares, os quais, com um incenso pequeno,
 ou grão qualquer, e singela adornar eu costume coroa,
 quando eu terei qualquer coisa que possa guardar-me a velhice
 de me deitar num farrapo e apoiar-me num pau? Só uns vinte
 mil em sestércios guardados, vasinhos de prata legítima, 140
 que, embora humildes, Fabrício, o censor, ainda os note, e dois fortes
 moços dos povos da Mésia, que a mim, na cerviz contratada,
 hão de, seguro, ao ruidoso e agitado levar anfiteatro.
 Que eu, além disso, possua um corcunda escultor, e algum outro
 que muitos rostos consiga pintar prestamente. Isso basta 145
 para que eu conte entre os pobres. É mísera a prece, e entretanto
 sem esperanças. Pois quando por mim a Fortuna é chamada,
 tapa os ouvidos com cera daquele navio emprestada

quae Siculos cantus effugit remige surdo.'

que das canções da Sicília fugiu por ter surdos marujos.

LIBER QUARTUS – **Satura X**

Omnibus in terris, quae sunt a Gadibus usque
 Auroram et Gangem, pauci dinoscere possunt
 vera bona atque illis multum diversa, remota
 erroris nebula, quid enim ratione timemus
 aut cupimus? quid tam dextro pede, concipis, ut te 5
 conatus non paeniteat votique peracti?
 evertere domos totas optantibus ipsis
 di faciles, nocitura toga, nocitura petuntur
 militia; torrens dicendi copia multis
 et sua mortifera est facundia, viribus ille 10
 confisus periit admirandisque lacertis,
 sed plures nimia congesta pecunia cura
 strangulat et cuncta exuperans patrimonia census
 quanto delphinis ballaena Britannica maior,
 temporibus diris igitur iussuque Neronis 15
 Longinum et magnos Senecae praedivitis hortos
 clausit et egregias Lateranorum obsidet aedes
 tota cohors: rarus venit in cenacula miles.
 pauca licet portes argenti vascula puri
 nocte iter ingressus, gladium centumque timebis 20
 et motae ad lunam trepidans harundinis umbram
 cantabit vacuus coram latrone viator.
 Prima fere vota et cunctis notissima templis
 divitiae, crescant ut opes, ut maxima toto
 nostra sit arca foro. sed nulla aconita bibuntur 25
 fictilibus: tunc illa time, cum pocula sumes
 geminata et lato Setinum ardebit in auro.
 iamne igitur laudas quod de sapientibus alter
 ridebat, quotiens de limine moverat unum
 protuleratque pedem, flebat contrarius auctor? 30
 sed facilis cuivis rigidi censura cachinni:
 mirandum est unde ille oculis suffecerit umor.
 perpetuo risu pulmonem agitare solebat
 Democritus, quamquam non essent urbibus illis
 praetextae trabeae fasces lectica tribunal; 35
 quid si vidisset praetorem curribus altis
 extantem et medii sublimem pulvere circi
 in tunica Iovis et pictae Sarrana ferentem
 ex umeris aulaea togae magnaеque coronae
 tantum orbem, quanto cervix non sufficit ulla? 40
 quippe tenet sudans hanc publicus et, sibi consul
 ne placeat, curru servus portatur eodem,
 da nunc et volucrem, sceptro quae surgit eburno,
 illinc cornicines, hinc praecedentia longi
 agminis officia et niveos ad frena Quirites, 45
 defossa in loculos quos sportula fecit amicos,
 tunc quoque materiam risus invenit ad omnis
 occursus hominum, cuius prudentia monstrat

LIVRO 4 – Sátira 10

Em toda terra que existe no mundo, partindo de Cádiz
 Até a Aurora e ao Ganges, uns poucos discernem as coisas
 boas deveras daquelas em tudo contrárias, delindo
 a dos enganos neblina. O que, pois, com razão nós tememos
 ou desejamos? Que plano, com tal pé direito é traçado 5
 que todo o esforço e até mesmo os bons frutos não causem remorso?
 Já destruíram inteiras famílias, por gosto das próprias,
 deuses propícios, pois mal os patrícios e mal também pedem
 os militares. O fluxo da fala copioso, pra muitos
 é-lhes mortífero e a sua eloquência. Nas forças um outro 10
 tendo fiado-se e em músculos tão invejáveis, perece.
 Mais numerosos fortunas, com zelo excessivo, guardadas
 os estrangula, e seus bens toda a soma superam do censo,
 na proporção em que é maior que o golfinho a baleia britânica.
 Na era terrível, por isso, de Nero e sob ordens do próprio, 15
 Longino e os grandes de Sêneca, o rico, jardins sitiados
 foram e dos Lateranos a insigne mansão foi cercada
 por uma tropa: são raros, num quarto modesto, os soldados.
 Mesmo que leves, bem poucos, de prata alguns vasos genuína
 em teu caminho noturno, de gládio ou porrete receias, 20
 trêmulo ao ver se mexer, sob a lua, do junco uma sombra;
 mas vai cantar no nariz do ladrão quem vazio viaja.
 A principal oração e a mais feita entre todos os templos
 é por dinheiro, “me cresça a fortuna”, “que a minha se torne
 a maior arca do fórum”. Mas nunca venenos nos servem 25
 copos de barro; então teme essas coisas, se cálice ergueres
 cheio de gemas e, em largo, o Setino brilhar copo de ouro.
 Por isso louvas, então, que entre aqueles dois sábios, um deles
 ria de tudo, nas vezes que porta pra fora botava
 um de seus pés, e, ao contrário, o outro deles chorava somente? 30
 Fácil é, porém, dar a todos o escárnio da dura risada:
 é de espantar de onde o outro pros olhos tirou tantas águas.
 Com gargalhada perpétua seu peito agitar costumava
 Demócrito, embora não houvesse naquelas cidades as togas
 roxas nas bordas, listradas ou cetros, liteiras e cortes. 35
 E se ele visto tivesse um pretor em carruagens altivas
 posto de pé e, magnífico em meio à poeira do circo
 túnica usando de Jove, levando um adorno de Tiro
 do ombro pendente e uma toga bordada e uma enorme coroa,
 de tal largura, que não há pescoço que aguente-lhe o peso? 40
 Pois, com efeito, suando carrega-a um público escravo
 e, pra que o cônsul demais não se gabe, o acompanha no carro.
 Some-se o pássaro a isso, do cetro voando marmóreo,
 uns tocadores de flautas aqui, mais adiante uma escolta
 em longa fila e, de branco vestidos, ladeando-o os Quirites, 45
 aos quais, jogada em seus bolsos, a espórtula os fez bons amigos.
 Mesmo em seu tempo, o filósofo causas de rir vislumbra
 em todo encontro de seus semelhantes, mostrando, sensato,

summos posse viros et magna exempla daturos
 vervecum in patria crassoque sub aere nasci. 50
 ridebat curas nec non et gaudia vulgi,
 interdum et lacrimas, cum Fortunae ipse minaci
 mandaret laqueum mediumque ostenderet unguem.
 Ergo supervacua aut quae perniciose petuntur
 propter quae fas est genua incerare deorum! 55
 quosdam praecipiat subiecta potentia magnae
 invidiae, mergit longa atque insignis honorum
 pagina, descendunt statuae restemque sequuntur,
 ipsas deinde rotas bigarum inpacta securis
 caedit et inmeritis franguntur crura caballis; 60
 iam strident ignes, iam follibus atque caminis
 ardet adoratum populo caput et crepat ingens
 Seianus, deinde ex facie toto orbe secunda
 fiunt urceoli pelves sartago matellae.
 pone domi laurus, duc in Capitolia magnum 65
 cretatumque bovem! Seianus ducitur unco
 spectandus, gaudent omnes: 'quae labra, quis illi
 vultus erat! numquam, si quid mihi credis, amavi
 hunc hominem, sed quo cecidit sub crimine? quisnam
 delator? quibus indicibus, quo teste probavit?' 70
 'nil horum; verbosa et grandis epistula venit
 a Capreis.' 'bene habet, nil plus interrogo.' Sed quid
 turba Remi? sequitur fortunam ut semper et odit
 damnatos, idem populus, si Nortia Tusco
 favisset, si oppressa foret segura senectus 75
 principis, hac ipsa Seianum diceret hora
 Augustum, iam pridem, ex quo suffragia nulli
 vendimus, effudit curas; nam qui dabat olim
 imperium fasces legiones omnia, nunc se
 continet atque duas tantum res anxius optat, 80
 panem et circenses. 'Perituros audio multos.'
 'nil dubium, magna est fornacula.' 'pallidulus mi
 Bruttidius meus ad Martis fuit obvius aram;
 quam timeo, victus ne poenas exigat Ajax,
 ut male defensus.' 'curramus praecipites et 85
 dum iacet in ripa, calcemus Caesaris hostem.'
 'sed videant servi, ne quis neget et pavidum in ius
 cervice obstricta dominum trahat.' Hi sermones
 tunc de Seiano, secreta haec murmura vulgi,
 visne salutari sicut Seianus, habere 90
 tantundem, atque illi summas donare curules,
 illum exercitibus praeponere, tutor haberi
 principis angusta Caprearum in rupe sedentis
 cum grege Chaldaeo? vis certe pila cohortes
 egregios equites et castra domestica; quidni 95
 haec cupias? et qui nolunt occidere quemquam,
 posse volunt, sed quae praeclara et prospera tanti,
 ut rebus laetis par sit mensura malorum?

ser bem possível que homens ilustres, de tino, exemplares
 em um país só de ovelhas, sob um céu de estúpidos, nasçam. 50
 Ria das preocupações e também dos prazeres do vulgo,
 e mesmo das lágrimas. Quanto à Fortuna minaz, pra si mesmo
 ele dizia: “se exploda” e do meio mostrava-lhe o dedo.
 Mas quais inúteis pedidos e quais perigosos se fazem?
 Com que propósito é justo encerar os joelhos dos deuses? 55
 Uns os comanda o poder, este alvo de grandes invejas,
 e os afunda uma longa e brilhante, de feitos honrosos,
 página, suas estátuas se tombam rendendo-se às cordas,
 e logo após, mesmo as rodas da biga um machado bem pago
 faz em pedaços, dos pobres quebrando-se as pernas cavalos. 60
 Já agora o fogo trepida, e já pelo fole e fornalha
 arde adorada do povo cabeça e crepita o gigante
 Sejano e depois, deste rosto, o segundo do globo em estima,
 faz-se uma jarra, ou penico, se faz frigideira ou panela.
 Põe em tuas portas o louro, leva ao Capitólio um cevado, 65
 com giz marcado bovino! Sejano é arrastado num gancho
 para ser visto e já todos se agradam: “Que lábios perfeitos
 e que feições ele tinha!” “Eu nunca gostei, se acreditas
 no que te digo, deste homem. Mas foi de qual crime culpado?
 Quem delatou-o? Que indícios e que testemunhas comprovam?” 70
 “Nada disso houve. Chegou, verborrágica e extensa, uma carta
 vinda de Capros.” “Isso basta, mais nada pergunto.” No entanto,
 que faz a turba de Remo? Obedece à Fortuna e, qual sempre,
 os condenados odeia. Esse povo, porém, se ao etrusco
 Nórtia sorrisse, e extinta, assim, fosse a segura velhice 75
 do imperador, neste exato momento, a Sejano chamara
 Sejano Augusto. Já há muito – de quando ninguém seu sufrágio
 punha a vender – que se foi nosso zelo. Pois quem dava ontem
 altas comandos, ofícios, legiões, todo o resto, hoje em dia
 míngua-se e tem dois desejos somente, ansioso por eles: 80
 só pão e circo. “Eu ouvi que ainda muitos serão condenados”
 “Isso sem dúvida, grande fornalha está pronta”. “Foi, pálido,
 o meu amigo Brutídio de Marte no altar encontrar-me;
 temo que este Ajax sendo vencido castigos demande,
 por que foi mal protegido”. “Corramos, então, bem depressa 85
 enquanto jaz aqui perto, a pisar o inimigo de César”.
 “Mas ante os nossos escravos, pra que eles, negando-o, não levem,
 de agrilhoados pescoços, seus trêmulos mestres à corte.”
 Sobre Sejano eram estes os surdos murmúrios do vulgo.
 Queres então ser saudado como era Sejano, ter tanto 90
 quanto ele tinha, e este indicar aos mais altos ofícios,
 dar para aquele o comando de tropas, ser considerado
 um guardião deste César de Capros na pedra sentado
 com seu rebanho caldeu de videntes? Decerto tu queres
 lanças, escoltas, egrégios equestres e guardas privados. 95
 Por que razão não querê-los? Até quem matar não deseja
 quer o poder de fazê-lo. Mas valem prestígio e riqueza
 tanto, se ao bem que eles trazem se iguala o tamanho dos males?

huius qui trahitur praetextam sumere mavis,
 an Fidenarum Gabiorumque esse potestas 100
 et de mensura ius dicere, vasa minora
 frangere pannosus vacuis aedilis Vlubris?
 ergo quid optandum foret ignorasse fateris
 Seianum; nam qui nimios optabat honores
 et nimias poscebat opes, numerosa parabat 105
 excelsae turris tabulata, unde altior esset
 casus et impulsae praeceps inmane ruinae.
 quid Crassos, quid Pompeios evertit et illum,
 ad sua qui domitos deduxit flagra Quirites?
 summus nempe locus nulla non arte petitus, 110
 magnaue numinibus vota exaudita malignis.
 ad generum Cereris sine caede ac vulnere pauci
 descendunt reges et sicca morte tyranni.
 Eloquium ac famam Demosthenis aut Ciceronis
 incipit optare et totis quinquatribus optat 115
 quisquis adhuc uno parcam colit asse Minervam,
 quem sequitur custos augustae vernula capsae.
 eloquio sed uterque perit orator, utrumque
 largus et exundans leto dedit ingenii fons.
 ingenio manus est et cervix caesa, nec umquam 120
 sanguine caudicis maduerunt rostra pusilli.
 ‘o fortunatam natam me consule Romam’:
 Antoni gladios potuit contemnere, si sic
 omnia dixisset, videnda poemata malo
 quam te, conspicuae divina Philippica fama, 125
 volvens a prima quae proxima, saevus et illum
 exitus eripuit, quem mirabantur Athenae
 torrentem et pleni moderantem frena theatri.
 dis ille adversis genitus fatoque sinistro,
 quem pater ardentis massae fuligine lippus 130
 a carbone et forcipibus gladiosque paranti
 incude et luteo Vulcano ad rhetora misit.
 Bellorum exuviae, truncis adfixa tropaeis
 lorica et fracta de casside buccula pendens
 et curtum temone iugum victaeque triremis 135
 aplustre et summo tristis captivus in arcu
 humanis maiora bonis creduntur. ad hoc se
 Romanus Graiusque et barbarus induperator
 erexit, causas discriminis atque laboris
 inde habuit; tanto maior fama sitis est quam 140
 virtutis, quis enim virtutem amplectitur ipsam,
 praemia si tollas? patriam tamen obruit olim
 gloria paucorum et laudis titulique cupido
 haesuri saxis cinerum custodibus, ad quae
 discutienda valent sterilis mala robora fici, 145
 quandoquidem data sunt ipsis quoque fata sepulcris.
 Expende Hannibalem; quot libras in duce summo
 invenies? hic est, quem non capit Africa Mauro

Deste que vem pela rua arrastado a toga preferes
 pôr ou, talvez, em Fidenas, nos Gábios ser um poderoso 100
 e das medidas as leis ajustar, e quebrar uns menores
 vasos, fazendo-te edil maltrapilho das ermas Ulubras?
 Logo, ter sido do que desejar ignorante admities
 Sejano, pois ele que tão grandiosas buscava honrarias,
 e tão grandiosas riquezas queria, subia, incontáveis, 105
 de elevadíssima torre, os andares, donde ainda mais alta
 queda haveria e, no abrupto choque, terríveis ruínas.
 O que aos Crassos, o que aos Pompeios perdeu e àquele
 que, pela força, uns domados pôs sob os açoites Quirites?
 Claro que a busca do mais alto posto, com todas as artes, 110
 e os grandes votos que ouviram – bem claro – impiedosos, os deuses.
 Lá para o genro de Ceres sem marcas de espada bem poucos
 reis se encaminham e, com mortes sem sangue, tiranos se achegam.
 Toda eloquência e renome de um Cícero ou de um Demóstenes
 logo começa a querer e, em todo quinquatrio, deseja 115
 cada menino que, com um só asse, cultua a Minerva
 sendo seguido de um jovem escravo que leva-lhe os livros.
 Mas de eloquência se foram os dois oradores, a ambos
 larga e abundante, entregou-os à morte, do engenho a torrente.
 São pelo engenho cortadas as mãos e os pescoços, e nunca 120
 com o próprio sangue, advogado medíocre algum púlpito banha.
 “Roma, ó lugar fortunado em ser nado no meu consulado!”:
 Gládios de Antônio por menos tirar poderia, se tudo
 em tal estilo dissesse. Eu prefiro ridículos versos
 a ti, de fama, ó divina Filípica, vasta e notável, 125
 em dois volumes composta. Não menos atroz aquele outro
 morte levou, a quem tanto admirava a cidade de Atenas,
 quando, facundo, moldava emoções da assembleia lotada.
 Falto de afeto dos deuses, com fado funesto, é aquele
 a quem o pai, com a fuligem do ardente metal lacrimando, 130
 da brasa e também das tenazes, bem como da forja de gládios
 numa bigorna e do sujo Vulcano, a um retórico manda.
 Os de combates espólios, fixados num tronco de árvore –
 uma loriga e a viseira de um elmo rachado pendente
 e, com o bastão lhe faltando, algum jugo e, de um barco vencido, 135
 o seu aplustro e um tristonho, no arco mais alto, cativo –
 como maiores que as coisas humanas são tidos. Por eles
 seja o romano ou o grego ou o bárbaro líder de tropas
 ergue-se, e causas de tantos perigos e tantos esforços
 nisso ele encontra; assim tão maior é de fama o desejo 140
 que de virtude. Pois quem vai cingir a virtude em si mesma,
 sem os seus prêmios? Mas já outras vezes a pátria arruinou-se
 pelo renome de poucos e o anelo de glórias e títulos
 para gravar numa pedra que seja das cinzas vigia,
 que há de partir-se ante as fortes raízes de estéril figueira, 145
 dado que um fado infalível se atrela até mesmo aos sepulcros.
 Põe na balança um Aníbal: que peso no grão comandante
 achas? A quem não conteve uma África, pelo dos mouros

percussa oceano Niloque admota tepenti,
 rursus ad Aethiopum populos aliosque elephantos! 150
 additur imperiis Hispania, Pyrenaeum
 transilit; opposuit natura Alpemque nivemque:
 diducit scopulos et montem rumpit aceto,
 iam tenet Italiam, tamen ultra pergere tendit:
 ‘acti,’ inquit, ‘nihil est, nisi Poeno milite portas 155
 frangimus et media vexillum pono Subura.’
 o qualis facies et quali digna tabella,
 cum Gaetula ducem portaret belua luscum!
 exitus ergo quis est? o gloria, vincitur idem
 nempe et in exilium praiceps fugit atque ibi magnus 160
 mirandusque cliens sedet ad praetoria regis,
 donec Bithyno libeat vigilare tyranno,
 finem animae, quae res humanas miscuit olim,
 non gladii, non saxa dabunt nec tela, sed ille
 Cannarum vindex et tanti sanguinis ultor 165
 anulus, i demens et saevas curre per Alpes,
 ut pueris placeas et declamatio fias!
 Unus Pellaeo iuveni non sufficit orbis;
 aestuat infelix angusto limite mundi
 ut Gyrae clausus scopulis parvaque Seripho; 170
 cum tamen a figulis munitam intraverit urbem,
 sarcophago contentus erit. mors sola fatetur
 quantula sint hominum corpuscula. creditur olim
 velificatus Athos et quidquid Graecia mendax
 audet in historia, constratum classibus isdem 175
 suppositumque rotis solidum mare, credimus altos
 defecisse amnes epotaque flumina Medo
 prandente et madidis cantat quae Sostratus alis;
 ille tamen qualis rediit Salamine relictā,
 in Corum atque Eurum solitus saevire flagellis 180
 barbarus Aeolio numquam hoc in carcere passos,
 ipsum conpedibus qui vinxerat Ennosigaeum:
 mitius id sane, quod non et stigmatē dignum
 credit; huic quisquam vellet servire deorum?
 sed qualis rediit? nempe una nave, cruentis 185
 fluctibus ac tarda per densa cadavera prora,
 has totiens optata exegit gloria poenas.
 ‘Da spatium vitae, multos da, Iuppiter, annos’:
 hoc recto vultu, solum hoc, et pallidus optas,
 sed quam continuus et quantis longa senectus 190
 plena malis! deformem et taetrum ante omnia vultum
 dissimilemque sui, deformem pro cute pellem
 pendentisque genas et talis aspice rugas
 quales, umbriferos ubi pandit Thabraca saltus,
 in vetula scalpit iam mater simia bucca. 195
 plurima sunt iuvenum discrimina; pulchrior ille
 hoc atque ille alio, multum hic robustior illo:
 una senum facies, cum voce trementia membra

toda banhada oceano, até o Nilo estendendo-se morno,
que ainda recua até etíopes tribos e seus elefantes! 150
Ele a seus mandos a Hispânia acrescenta, e os Pirineus montes
ele ultrapassa; natura o contém com seus Alpes nevosos:
ele transpõe os penhascos, rompendo-os no aceto e no fogo.
Já agora a Itália conquista, no entanto ir adiante tenciona.
“Nada”, ele diz, “está feito, até que com um púnico homem 155
eu arrebente os portões e um pendão crave ao chão da Suburra!”
Ó que retrato em que digna tabuinha seria gravado:
um general de um só olho montado num gétulo monstro!
Mas como deu-se o desfecho? Que glória! Tal homem vencido
foi totalmente e exilou-se depressa só para, grandioso 160
e admirável servente, sentar-se no régio aposento
quanto ao Bitínio tirano agradasse manter-se em vigília.
E o fim desta alma, que tanta desordem causara no mundo,
nenhuma espada ou pedrada causou nem tampouco uma lança;
de Canas o vingador e de tanta matança a desforra 165
foi um anelzinho. Vai, louco, e a sevícia suplanta dos Alpes,
para ao menino agradar e ser tema em debates de escola!
Para um tal jovem de Pela foi pouco existir um só globo;
e ele se irrita, infeliz, já possuindo os confins deste mundo,
qual se estivesse na Gioura rochosa ou na estreita Serifos. 170
Mas, tendo entrado na, por um oleiro munida, cidade,
amplo o bastante um sarcófago foi-lhe. Só a morte revela
a mixaria dos corpos humanos. Nós cremos que outrora
se velejou pelo Atos e em tudo o que a Grécia, mentindo,
ousa dizer nas histórias; que, todo coberto por barcos, 175
o próprio mar fez-se chão para as rodas dos carros; nós cremos
que bastos rios e torrentes secaram nos Medos banquetes
e em tudo aquilo que Sótrato canta de axilas molhadas.
Mas em que estado aquele voltou, Salamina deixando,
a Cauro, bem como a Euro, habituado a malhar com chicotes, 180
bárbaro – angústias que nunca no cárcere Eólio sofreram –
que com algemas venceu mesmo o Terriabalante Netuno –
e isto ainda foi gentileza: não tê-lo marcado qual escravo;
quem poderia querer a um como ele servir entre os deuses? --
mas em que estado voltou? Foi com um só navio em sangrentos 185
mares singrando na, lenta entre tantos cadáveres, proa.
Estes o tão desejado prestígio lhe trouxe castigos.
“Dá-me um bom tempo de vida, faz muitos, ó Jove, os meus anos”:
Isto é que, em boas feições – e só isto – se pálido, pedes;
mas de quão longos e quão numerosos longeva velhice 190
males é plena! A disforme e terrível, primeiro, aparência,
tão diferente de outrora, o disforme, em lugar de uma pele,
couro e as bochechas caídas e o monte, examina, de rugas
quais as que, pelas umbríferas selvas da extensa Tabarca,
fica a coçar uma velha macaca, já mãe, pela cara. 195
Muito entre os jovens existe a se ver de diverso: mais belo
este é que o outro, já o outro é bem mais corpulento do que este;
uma dos velhos é a cara: a voz, junto aos membros, tremendo,

et iam leve caput madidique infantia nasi,
 frangendus misero gingiva panis inermi; 200
 usque adeo gravis uxori natisque sibique,
 ut captatori moveat fastidia Cosso,
 non eadem vini atque cibi torpente palato
 gaudia, nam coitus iam longa oblivio, vel si
 coneris, iacet exiguus cum ramice nervus 205
 et quamvis tota palpetur nocte, iacebit.
 anne aliquid sperare potest haec inguinis aegri
 canities? quid quod merito suspecta libido est
 quae venerem adfectat sine viribus? Aspice partis
 nunc damnum alterius, nam quae cantante voluptas, 210
 sit licet eximius, citharoedo sive Seleuco
 et quibus aurata mos est fulgere lacerna?
 quid refert, magni sedeat qua parte theatri
 qui vix cornicines exaudiet atque tubarum
 concentus? clamore opus est, ut sentiat auris 215
 quem dicat venisse puer, quot nuntiet horas.
 Praeterea minimus gelido iam in corpore sanguis
 febre calet sola, circumscilicet agmine facto
 morborum omne genus, quorum si nomina quaeras,
 promptius expediam quot amaverit Opapia moechos, 220
 quot Themison aegros autumno occident uno,
 quot Basilus socios, quot circumscriserit Hirrus
 pupillos; quot longa viros exorbeat uno
 Maura die, quot discipulos inclinet Hamillus;
 percurram citius quot villas possideat nunc 225
 quo tondente gravis iuveni mihi barba sonabat.
 ille umero, hic lumbis, hic coxa debilis; ambos
 perdidit ille oculos et luscis invidet; huius
 pallida labra cibum accipiunt digitis alienis,
 ipse ad conspectum cenae diducere rictum 230
 suetus hiat tantum ceu pullus hirundinis, ad quem
 ore volat pleno mater ieiuna, sed omni
 membrorum damno maior dementia, quae nec
 nomina servorum nec vultum agnoscit amici
 235 cum quo praeterita cenavit nocte, nec illos
 quos genuit, quos eduxit, nam codice saevo
 heredes vetat esse suos, bona tota feruntur
 ad Phialen; tantum artificis valet halitus oris
 quod steterat multis in carcere fornicis annis.
 Ut vigeant sensus animi, ducenda tamen sunt 240
 funera natorum, rogi aspiciendus amatae
 coniugis et fratris plenaeque sororibus urnae.
 haec data poena diu viventibus, ut renovata
 semper clade domus multis in luctibus inque
 perpetuo maerore et nigra veste senescant. 245
 rex Pylius, magno si quicquam credis Homero,
 exemplum vitae fuit a cornice secundae,
 felix nimirum, qui tot per saecula mortem

já bem vazia a cabeça, e o nariz, qual criança, escorrendo,
 triste, tentando um pãozinho cortar na gengiva indefesa. 200
 Tão acabado parece a seus filhos, à esposa, a si próprio,
 que mesmo no interesseiro do Cosso repulsa suscita.
 Não mais, de vinho e comida, no seu paladar já dormente
 acha prazer e do sexo já há muito esqueceu-se, mas mesmo
 se tu tentares, somente descansa aquele ífimo membro, 205
 mesmo que o apalpes e esfregues a noite inteirinha, descansa.
 E o que mais pode, de um membro doente, esperar a velhice?
 E que, com mérito, seja suspeita a libido que busca
 satisfação, sem ter forças de achá-la o que importa? Passemos
 para outros tipos de estrago: em ouvir um cantor que deleite 210
 tem, mesmo sendo excelente, ou a algum citaredo ou Seleuco,
 ou aos que têm por costume brilhar em seus mantos dourados?
 Que diferença, do grande teatro em que parte se senta,
 faz, se ele as flautas já quase não ouve, tampouco das tubas
 as harmonias? Gritar com estrondo é preciso pra que ele 215
 ouça o menino anunciar quem visita, ou as horas dizer-lhe.
 Fora que corre tão pouco, no corpo já frio, de sangue,
 que só com febre se aquece, e acometem-no, em fila esperando,
 males de todos os tipos, dos quais, se me indagas os nomes,
 mais prontamente eu desfio os amantes que Ópia já teve, 220
 quantos matou Temisão pacientes, num único outono,
 quantos um Básilo sócios fraudou, quantos Hirro pupilos;
 quantos, sem pressa, varões exauriu, em apenas um dia
 Maura, ou quantos discípulos seus reclinou um Hamilo;
 percorrerei mais depressa as inúmeras vilas de um homem 225
 que, quando jovem, raspava-me a barba severa e sonante.
 Este vai mal de seus ombros, aquele da pelve, dos quartos
 outro; um, sem ambas as vistas, caolhos inveja, já deste
 os pálidos lábios comida recebem de dedos alheios --
 ele que, mal vendo a janta, já sempre a bocarra soltava --, 230
 e hoje abre a boca tal como a andorinha filhote, à qual voa,
 de boca cheia, mas ainda em jejum, a mãezinha. No entanto
 pior do que todos os danos do corpo é a demência, que mesmo
 dos seus escravos os nomes e o rosto já esquece do amigo
 com quem na noite passada jantou, nem se lembra daqueles 235
 que ele gerou e educou, pois, num códice infausto, proíbe
 que eles lhes sejam herdeiros, seus bens todos indo à querida
 Fíale. Tal pode o hálito de uma boquinha versada,
 que tantos anos serviu num cubículo em rua arqueada.
 Mas se em um dura da mente a agudeza, por ele conduzem-se 240
 os funerais de seus filhos, a pira verá de sua amada
 esposa, bem como do irmão e ainda as urnas que a irmã armazenem.
 Este é o castigo ofertado a quem vive demais: que a desgraça
 tempo após tempo frequente-lhe a casa, e, que em lutos diversos
 e num perpétuo lamento, vestido de negro, envelheça. 245
 O rei de Pilos, se fé no grandioso pusermos Homero,
 foi exemplar de uma vida só não que a dos corvos mais longa.
 Deve ter sido feliz, quem por tão longo tempo a sua morte

distulit atque suos iam dextra computat annos,
 quique novum totiens mustum bibit. oro, parumper 250
 attendas quantum de legibus ipse queratur
 fatorum et nimio de stamine, cum videt acris
 Antilochi barbam ardentem, cum quaerit ab omni
 quisquis adest socius, cur haec in tempora duret
 quod facinus dignum tam longo admiserit aevo. 255
 haec eadem Peleus, raptum cum luget Achillem,
 atque alius cui fas Ithacum lugere natantem.
 incolumi Troia Priamus venisset ad umbras
 Assaraci magnis sollemnibus Hectore funus
 portante ac reliquis fratrum cervicibus inter 260
 Iliadum lacrimas, ut primos edere, planctus
 Cassandra inciperet scissaque Polyxena palla,
 si foret extinctus diverso tempore, quo non
 coeperat audaces Paris aedificare carinas,
 longa dies igitur quid contulit? omnia vidit 265
 eversa et flammis Asiam ferroque cadentem.
 tunc miles tremulus posita tulit arma tiara
 et ruit ante aram summi Iovis ut vetulus bos,
 qui domini cultris tenue et miserabile collum
 praebet ab ingrato iam fastiditus aratro. 270
 exitus ille utcumque hominis, sed torva canino
 latravit rictu quae post hunc vixerat uxor.
 Festino ad nostros et regem transeo Ponti
 et Croesum, quem vox iusti facunda Solonis
 respicere ad longae iussit spatia ultima vitae. 275
 exilium et carcer Minturnarumque paludes
 et mendicatus victa Carthagine panis
 hinc causas habuere; quid illo cive tulisset
 natura in terris, quid Roma beatius umquam,
 si circumducto captivorum agmine et omni 280
 bellorum pompa animam exhalasset opimam,
 cum de Teutonico vellet descendere curru?
 provida Pompeio dederat Campania febres
 optandas, sed multae urbes et publica vota
 vicerunt: igitur Fortuna ipsius et urbis 285
 servatum victo caput abstulit, hoc cruciatu
 Lentulus, hac poena caruit ceciditque Cethegus
 integer, et iacuit Catilina cadavere toto.
 Formam optat modico pueris, maiore puellis
 murmure, cum Veneris fanum videt, anxia mater 290
 usque ad delicias votorum. 'cur tamen,' inquit,
 'corripias? pulchra gaudet Latona Diana.'
 sed vetat optari faciem Lucretia qualem
 ipsa habuit, cuperet Rutilae Verginia gibbum
 accipere atque suum Rutilae dare. filius autem 295
 corporis egregii miseros trepidosque parentes
 semper habet; rara est adeo concordia formae
 atque pudicitiae, sanctos licet horrida mores

pôde afastar e seus séculos já na direita contava,
 sempre de tão frescos mostos bebendo! Mas ouve um instante, 250
 peço-te, quanto, por causa das leis, se queixava, dos fados
 e de seu fio de vida tão grande, ao mirar do pungente
Antíloco a barba queimando, e como ele inquiria de cada
 sócio presente a respeito da causa de ainda estar vivo,
 e qual delito era digno daquela tão longa existência. 255
 Sofre igualmente Peleu, a doer-se da morte de Aquiles,
 e um outro pai que chorou o itacense nos mares errante.
 Ainda incólume Troia, o rei Príamo aos manes iria
 de Assaraco, com pompa imponente, e Heitor o seu corpo
 junto aos restantes irmãos transportando nos ombros, e em meio 260
ao pranto das filhas de Ílion: tão logo a bater em seu peito
 começaria Cassandra, e a rasgar Polixena o seu manto.
 Isso se acaso tivesse morrido mais cedo, num tempo
 em que uns, intrépidos, Páris navios ainda não construísse.
 Tão longa vida, portanto, de que lhe valeu? Pois viu tudo 265
 ser destruído e, por chamas e espadas, o Oriente ruir-se,
 para, após isso, tremendo, se armar e depor o diadema
 e perecer ante o templo do altíssimo Jove, qual velho
 boi, que do mestre ao cutelo o seu mísero e débil pescoço
 vota, no tempo em que, ingrato, já quer descartá-lo o arado. 270
 Mas ele ainda morreu como humano; ao contrário a soturna,
 sobrevivendo-lhe, uivou como um cão lamentoso, consorte.
 Falo depressa dos nossos, apenas citando do Ponto
o rei, como Creso, a quem a voz eloquente de Sólon, o justo
 disse: “repara nas horas finais de uma vida tão longa.” 275
 Mário ter sido exilado e viver de Minturno nos charcos
 e mendigar, na outrora vencida Cartago, um pãozinho
 de vida longa foi fruto; pois quem poderia ter posto
 a natureza no mundo, ou Roma, mais ledo que ele,
 se desfilando, cercado de seus prisioneiros em fila 280
 com toda bélica pompa, um suspiro final grandioso
 desse, na hora em que quis do Teutônico carro apear-se?
 Bem precavida, a Pompeu ofertou a Campânia uma febre
 que gratidão merecia, mas muitas cidades e preces
 a suplantaram. Fortuna – a sua própria e a de Roma – salvando-o, 285
 pouco depois, a cabeça, vencido, levou-lhe, um tormento
a Lêntulo não infligido, uma pena faltante a Cetego,
 morto inteirinho, tal qual Catilina, de intacto cadáver.
 Pela beleza dos filhos, baixinho, das filhas com muito
 mais alarido, diante do templo de Vênus, ansiosa 290
 mãe faz promessas e pede. “E por que”, ela diz, “me censuras?
 Ora, Latona também é feliz por sua bela Diana!”
 Uma Lucrécia, porém, nos proíbe almejar tal beleza
 qual teve a própria, e a de Rútila desejaria Virgínia
 bunda possuir e a Rútila a sua entregar. Mas um filho 295
 de belo corpo também infelizes e aflitos faz sempre
 os pobres pais: raramente em concórdia coexiste a beleza
 com a vergonha. Pois mesmo que, rígida, honrados costumes

tradiderit domus ac veteres imitata Sabinos,
 praeterea castum ingenium vultumque modesto 300
 sanguine ferventem tribuat natura benigna
 larga manu (quid enim puero conferre potest plus
 custode et cum natura potentior omni?),
 non licet esse viro; nam prodiga corruptoris
 improbitas ipsos audet temptare parentes: 305
 tanta in muneribus fiducia, nullus ephebum
 deformem saeva castravit in arce tyrannus,
 nec praetextatum rapuit Nero loripedem nec
 strumosum atque utero pariter gibboque tumentem.
 I nunc et iuvenis specie laetare tui, quem 310
 maiora expectant discrimina, fiet adulter
 publicus et poenas metuet quascumque maritis
 lex irae debet, nec erit felicius astro
 Martis, ut in laqueos numquam incidat, exigit autem
 interdum ille dolor plus quam lex ulla dolori 315
 concessit: necat hic ferro, secat ille cruentis
 verberibus, quosdam moechos et mugilis intrat,
 sed tuus Endymion dilectae fiet adulter
 matronae, mox cum dederit Servilia nummos,
 fiet et illius quam non amat, exuet omnem 320
 corporis ornatum: quid enim ulla negaverit udis
 inguinibus, sive est haec Oppia sive Catulla?
 deterior totos habet illic femina mores.
 ‘sed casto quid forma nocet?’ quid profuit immo
 Hippolyto grave propositum, quid Bellorophonti? 325
 erubuit nempe haec ceu fastidita, repulsa,
 nec Stheneboea minus quam Cressa, excanduit, et se
 concussere ambae, mulier saevissima tunc est,
 cum stimulos odio pudor admovet. Elige quidnam
 suadendum esse putes cui nubere Caesaris uxor 330
 destinat? optimus hic et formosissimus idem
 gentis patriciae rapitur miser extinguendus
 Messalinae oculis; dudum sedet illa parato
 flammeolo Tyriusque palam genialis in hortis
 sternitur et ritu decies centena dabuntur 335
 antiquo, veniet cum signatoribus auspex.
 haec tu secreta et paucis commissa putabas?
 non nisi legitime vult nubere, quid placeat dic:
 ni parere velis, pereundum erit ante lucernas;
 si scelus admittas, dabitur mora parvula, dum res 340
 nota urbi et populo contingat principis aurem,
 dedecus ille domus sciet ultimus; interea tu
 obsequere imperio, si tanti vita dierum
 paucorum, quidquid levius meliusve putaris,
 praebenda est gladio pulchra haec et candida cervix. 345
 Nil ergo optabunt homines? si consilium vis,
 permittes ipsis expendere numinibus quid
 conveniat nobis rebusque sit utile nostris,

tenha a família lhe dado, os antigos seguindo sabinos,
 e ainda por cima um espírito casto e uma face habituada 300
 a enrubescer pelo sangue pudico natura bondosa
 dê-lhe com mão bem aberta (o que mais ofertar a um mancebo
 pode a natura que seja melhor que cuidados e guardas?),
 ele não vai ser um homem, porque a esbanjadora maldade
 de um perversor a aliciar até mesmo os pais dele se atreve. 305
 Tal é a fé nos subornos. Mas nunca um efebo feioso
 em fortalezas cruéis e terríveis castraram tiranos,
 nem juvenzinhos um Nero roubou para si que mancassem
 ou que tivessem estruma ou que fossem corcundas ou gordos.
 Mas vai então e te alegra das graças do teu rapazinho, 310
 a quem os maiores perigos esperam: será um conhecido
 frequentador das mulheres, com medo perpétuo de toda
 pena que inflija um marido ultrajado, nem vai ter mais sorte
 que o próprio Marte, de nunca cair numa rede. E exige,
 de vez em quando, um chifrudo bem mais do que as leis aos chifrudos 315
 vão garantir: um trucida no aço, já outro faz sulcos
 com duro açoite, nuns certos amantes tainhas se enfiam.
 Mas o teu Endimião só de sua diletta matrona
 vai se tornar um amante. Tão logo Servília lhe pague,
 torna-se dela também, que não ama, e lhe arranca do corpo 320
 todas as joias: de fato, o que pode negar, se molhada
 entre suas coxas está, seja Ópida, seja Catula?
 Toda moral da mulher depravada repousa entre as pernas.
 “Mas como ao casto a beleza faz mal?” Pois então que proveito
 teve um Hipólito em vida abstêmia ou um Belerofonte? 325
 Sabe-se que enrubesceu qual se fosse, com nojo, enjeitada
 Estenebeia, não menos que aquela cretense, e ferveram
 ambas, batendo-se. Toda mulher é feríssima, quando
 é incitada a odiar por seus brios. Me dize o conselho
 que tu darias ao jovem com quem a do César esposa 330
 quis “se casar”? O melhor e, igualmente, o mais belo entre toda
 a gente patrícia, infeliz, o rapaz já se arrasta à ruína
 de Messalina nos olhos, a qual, faz um tempo, o espera,
 já de véu posto, e o seu tálamo tírio de núpcias, às claras
 bem nos jardins já se estende. Dez mil, por costumes antigos, 335
 dar-se-á de dote, e virá, com os padrinhos, o arúspice.
 Isto que fosse um segredo por poucos sabido pensavas?
 Salvo se for legalmente, ela nega casar-se; o que dizes?
 se obedecer não quiseses, antes do crepúsculo, morres;
 se tu consentes o crime, demora algo mais, até a hora 340
 em que o que todos já sabem alcance os ouvidos do príncipe,
 o último a ver a desonra da própria família. Enquanto isso,
 faze-lhe cada vontade, se apreço tiveres por poucos
 dias de vida; o que quer que cogites ser bom ou mais fácil
 põe à mercê de uma espada teu belo e inocente pescoço. 345
 “Logo, sugeres que nada peçamos?” Se acaso um conselho,
 queres, permite que os numes decidam de própria vontade
 tudo que a nós convier e for útil aos nossos encargos,

nam pro iucundis aptissima quaeque dabunt di:
carior est illis homo quam sibi. nos animorum 350
impulsu et caeca magnaque cupidine ducti
coniugium petimus partumque uxoris; at illis
notum qui pueri qualisque futura sit uxor.
ut tamen et poscas aliquid voveasque sacellis
exta et candiduli divina tomacula porci, 355
orandum est ut sit mens sana in corpore sano;
fortem posce animum mortis terrore carentem,
qui spatium vitae extremum inter munera ponat
naturae, qui ferre queat quoscumque labores,
nesciat irasci, cupiat nihil et potiores 360
Herculis aerumnas credat saevosque labores
et venere et cenis et pluma Sardanapalli.
monstro quod ipse tibi possis dare; semita certe
tranquillae per virtutem patet unica vitae.
nullum numen habes, si sit prudentia: nos te, 365
nos facimus, Fortuna, deam caeloque locamus.

pois em lugar do que agrade o que sirva nos vão dar os deuses:
o homem lhes é mais querido do que de si mesmo. Movidos 350
por emoções e por cega e grandiosa vontade impelidos,
nós matrimônio buscamos e o parto da esposa; mas eles
sabem que filhos teremos e como será nossa esposa.
Se ainda quiseres pedir qualquer coisa e ofertar num singelo
templo as entranhas de alvíssimo, e as tripas sagradas, porquinho, 355
deves pedir uma mente sadia num corpo sadio;
roga por ter um espírito forte, sem medo da morte,
um que uma vida longeva repute entre os dons menos nobres
da natureza, que vá suportar todo tipo de lida,
um que não saiba irritar-se, que nada deseje e melhores 360
julgue que sejam os Hercúleos apuros e atrozes trabalhos
do que os amores e ceias e plumas do rei Sardanápalo.
Isso que mostro, tu mesmo és capaz de buscar: o caminho
único para uma vida tranquila, a virtude o revela.
Nada divina serás, se tivermos prudência: nós somos, 365
nós, ó Fortuna, quem deusa te torna e no céu te coloca.

Satura XI

Atticus exinde si cenat, lautus habetur,
 si Rutilus, demens, quid enim maiore cachinno
 excipitur vulgi quam pauper Apicius? omnis
 convictus, thermae, stationes, omne theatrum
 de Rutilo; nam dum valida ac iuvenalia membra 5
 sufficiunt galeae dumque ardent sanguine, fertur
 non cogente quidem sed nec prohibente tribuno,
 scripturas leges et regia verba lanistae.
 multos porro vides, quos saepe elusus ad ipsum
 creditor introitum solet expectare macelli, 10
 et quibus in solo vivendi causa palato est.
 egregius cenat meliusque miserrimus horum
 et cito casurus iam perlucente ruina,
 interea gustus elementa per omnia quaerunt
 numquam animo pretiis opstantibus; interius si 15
 attendas, magis illa iuvant quae pluris emuntur.
 ergo haut difficile est perituram arcessere summam
 lancibus oppositis vel matris imagine fracta,
 et quadringentis nummis condire gulosum
 fictile; sic veniunt ad miscellanea ludi. 20
 refert ergo quis haec eadem paret; in Rutilo nam
 luxuria est, in Ventidio laudabile nomen
 sumit, et a censu famam trahit. Illum ego iure
 despiciam, qui scit quanto sublimior Atlans
 omnibus in Libya sit montibus, hic tamen idem 25
 ignoret quantum ferrata distet ab arca
 sacculus. e caelo descendit γνῶθι σεαυτόν
 figendum et memori tractandum pectore, sive
 coniugium quaeras vel sacri in parte senatus
 esse velis; neque enim lorica poscit Achillis 30
 Thersites, in qua se traducebat Vlixes;
 ancipitem seu tu magno discrimine causam
 protegere adfectas, te consule, dic tibi qui sis,
 orator vehemens an Curtius et Matho buccae.
 noscenda est mensura sui spectandaque rebus 35
 in summis minimisque, etiam cum piscis emetur,
 ne mullum cupias, cum sit tibi gobio tantum
 in oculis. quis enim te deficiente crumina
 et crescente gula manet exitus, aere paterno
 ac rebus mersis in ventrem faenoris atque 40
 argenti gravis et pecorum agrorumque capacem?
 talibus a dominis post cuncta novissimus exit
 anulus, et digito mendicat Pollio nudo.
 non praematuri cineres nec funus acerbum
 luxuriae, sed morte magis metuenda senectus. 45
 Hi plerumque gradus: conducta pecunia Romae
 et coram dominis consumitur; inde ubi paulum
 nescio quid superest et pallet faenoris auctor,

Sátira 11

Se Ático faz um banquete, de um *gentleman* leva o prestígio;
 Rútilo o mesmo fazendo, de um louco, pois ora, ao escárnio
 o que mais leva o povão que um Apício falido? Em toda
 festa, nos banhos, em postos de estradas, em cada teatro
 ri-se de Rútilo; pois quando ainda seus fortes e jovens 5
 membros lhe bastam pra um elmo assumir, e ainda é quente o seu sangue,
 ele – sem ser obrigado, tampouco o vetando o tribuno –
 vai submeter-se aos princípios e leis para ser um lanista.
 Muitos como ele se vê, pelos quais, usualmente enganados,
 os seus credores na entrada costumam esperar do mercado, 10
 e para quem o paladar é da vida o dileto motivo.
 Mais suntuoso jantar e melhor o mais pobre entre estes
 faz, mesmo presto em cair numa tão evidente ruína.
 Mas enquanto isso os melhores sabores de todos procura,
 nunca ao seu júbilo o preço estorvando. Se bem cuidadoso 15
 olhas, verás que lhe é mais prazeroso o que custa mais caro.
 Nada difícil, portanto, lhes é juntar grandes quantias
 pratos vendendo de sua balança e da mãe uma estátua,
 caco por caco, e com seus quatrocentos sestércios, com luxo,
 encher o seu prato de barro; e assim chegam à sopa do circo. 20
 Logo, interessa quem faz o festim, pois em Rútilo aquilo
 que é extravagante, em Ventídio, é chamado louvável, quando ele
 com seu dinheiro conquista prestígio. Aquele é bem justo
 que desprezemos, que sabe do quanto mais alto é o Atlas,
 se comparado a qualquer das montanhas da Líbia e, no entanto, 25
 é ignorante do quanto de uma arca trancada está longe
 sua bolsinha de cobres. Dos céus veio o *nosce te ipsum*,
 que deveria gravar-se na mente e enterrar-se na alma,
 quer uma esposa procures, quer queiras do sacro senado
 parte fazer. Com efeito, não quis a loriga de Aquiles 30
 torpe Tersites, na qual mesmo Ulisses vergonha passava.
 Ou se num bem complicado, com grande perigo, litígio
 vais atuar, te consulta, e responde a ti mesmo o que sejas:
 um orador imponente ou, qual Cúrtio e Matão, só um prosa?
 Deve-se sempre saber o quão grande se é e observá-lo 35
 no que há de mais grandioso ou de ínfimo, até quando um peixe
 compras, de modo que carpas não queiras, se gobiões apenas
 cabem em teu bolso. Aliás, com riquezas minguando e crescendo-te
 a glotonice, que termo te aguarda, se a herança paterna
 e todo resto tu afundas na pança, que tanto dinheiro, 40
 bem como pratos de prata e rebanhos e campos comporta?
 Destes senhores, após todo o resto, o novíssimo vai-se
 anel, e com o dedo precisa Polião mendigar desornado.
 Não tanto as cinzas precoces, tampouco as exéquias acerbas;
 mais do que a morte, os pomposos temer deveriam a velhice. 45
 Este é o seu curso usual: eles fazem um empréstimo em Roma
 e, bem na cara do dono, o dinheiro se esvai; quando um pouco –
 que não sei quanto – ainda resta, e o credor já está branco de susto,

qui vertere solum, Baias et ad ostrea currunt,
 cedere namque foro iam non est deterius quam 50
 Esquilias a ferventi migrare Subura;
 ille dolor solus patriam fugientibus, illa
 maestitia est, caruisse anno circensibus uno:
 sanguinis in facie non haeret gutta, morantur
 pauci ridiculum et fugientem ex urbe pudorem. 55
 Experiere hodie numquid pulcherrima dictu,
 Persice, non praestem vitae tibi moribus et re,
 si laudem siliquas occultus ganeo, pultes
 coram aliis dictem puero, sed in aure placentas,
 nam cum sis conviva mihi promissus, habebis 60
 Euandrum, venies Tiryntius aut minor illo
 hospes, et ipse tamen contingens sanguine caelum,
 alter aquis, alter flammis ad sidera missus,
 fercula nunc audi nullis ornata macellis.
 de Tibertino veniet pinguissimus agro 65
 haedulus et toto grege mollior, inscius herbae
 necdum ausus virgas humilis mordere salicti,
 qui plus lactis habet quam sanguinis; et montani
 asparagi, posito quos legit vilica fuso;
 grandia praeterea tortoque calentia faeno 70
 ova adsunt ipsis cum matribus, et servatae
 parte anni quales fuerant in vitibus uvae,
 Signinum Syriumque pirum, de corbibus isdem
 aemula Picenis et odoris mala recentis
 nec metuenda tibi, siccatum frigore postquam 75
 autumnnum et crudi posuere pericula suci.
 Haec olim nostri iam luxuriosa senatus
 cena fuit; Curius parvo quae legerat horto
 ipse focis brevibus ponebat holuscula, quae nunc
 squalidus in magna fastidit compede fossor, 80
 qui meminit calidae sapiat quid vulva popinae.
 sicci terga suis rara pendentia crate
 moris erat quondam festis servare diebus
 et natalicium cognatis ponere lardum
 accedente nova, si quam dabat hostia, carne. 85
 cognatorum aliquis titulo ter consulis atque
 castrorum imperiis et dictatoris honore
 functus ad has epulas solito maturius ibat,
 erectum domito referens a monte ligonem.
 cum tremerent autem Fabios durumque Catonem 90
 et Scauros et Fabricium, rigidique severos
 censoris mores etiam collega timeret,
 nemo inter curas et seria duxit habendum,
 qualis in Oceani fluctu testudo nataret,
 clarum Troiugenis factura et nobile fulcrum; 95
 sed nudo latere et parvis frons aerea lectis
 vile coronati eaput ostendebat aselli,
 ad quod lascivi ludebant ruris alumni:

para exilar-se eles fogem pras Baias, buscando-lhes ostras,
 pois retirar-se do fórum já não é pior do que ir-se 50
 para a Esquilina colina, a fervente deixando Suburra.
 Só esta dor é que aflige os que a pátria abandonam, só este
 grande desgosto: saudades sentir, por um ano, do circo.
 Sombra sequer de rubor aparece nas faces; bem poucos
 tentam detê-la, enquanto aos motejos nos deixa a vergonha. 55
 Hoje tu provas se eu, tendo essas coisas grandiosas falado,
 Pérsico, não as aplico em estilo de vida e costumes,
 se eu, louvando uns legumes, glutão sou de fato; ou mingau
 diante de todos, se peço ao escravo e, no ouvido, umas tortas.
 Pois, já que tu ser conviva dos meus prometeste, servir-te- 60
 ei como Evandro, e serás seu Tiríntio ou o menos ilustre
 hóspede – que, não obstante, também leva o sangue dos deuses –,
 um pelas ondas, o outro por chamas aos astros enviados.
 Ouve-me agora o cardápio, que em nada o mercado incrementa.
 Do tibertino virá, carnudíssimo, campo um cabrito 65
 de meu inteiro rebanho o mais tenro, ainda virgem das ervas,
 nem tendo ousado morder as varetas do baixo salgueiro,
 e que tem mais leite que sangue; trazidos de altas montanhas
 vêm uns aspargos, que criada recolhe, deposto o seu fuso.
 E depois disso, gigantes, servidos em ninhos de feno 70
 ovos virão junto às mães, e também, conservadas durante
 todo um semestre, qual fossem nas vinhas, um monte de uvas.
 Pêras da Sígnia e da Síria e, na mesma cestinha de frutas,
 êmulas das de Piceno e perfume, maçãs, exalando,
 as quais não debes temer: pelo frio já bem sazoadas, 75
 já abandonaram o perigo de um suco outonal ainda azedo.
 Este, nos dias de outrora, luxuoso de nosso senado
 era o jantar, quando Cúrio, da hortinha, as que havia colhido
 punha ele mesmo num fogo modesto verduras, que agora
 sórdidos trabalhadores desdenham, de pés agrilhoados, 80
 quando se lembram do gosto do bucho servido em pocilgas.
 De um porco o lombo, salgado e pendendo de cerca era antigo
 hábito ter para os dias festivos somente guardado
 e aos familiares nos aniversários servir uns toucinhos
 juntos de carne, no caso de haver sacrifício, mais fresca. 85
 Entre os parentes algum que já três consulados tivesse,
 fora o comando de tropas e ainda o ofício glorioso
 de um ditador exercido a tais festas, mais cedo voltando,
 de uma colina, pacífico vinha, de enxada nos ombros.
 Quando tremia-se diante dos Fábios, de Catão sisudo 90
 e dos Escauros, tal qual de Fabrício e de austeros censores
 graves costumes até mesmo os próprios censores temiam,
 ninguém tomou como um sério problema saber de que tipo
 a tartaruga que às ondas do oceano nadava seria,
 para notáveis aos Trôades camas fazer e famosas; 95
 mas bem pequenos e rústicos eram os leitões, na frente
 brônzea, coroada, a cabeça exibindo de um reles burrinho,
 perto do qual os peraltas brincavam campestres meninos:

tales ergo cibi, qualis domus atque supellex.
 Tunc rudis et Graias mirari nescius artes 100
 urbibus eversis praedarum in parte reperta
 magnorum artificum frangebat pocula miles,
 ut phaleris gauderet equus caelataque cassis
 Romuleae simulacra ferae mansuescere iussae
 imperii fato, geminos sub rupe Quirinos, 105
 ac nudam effigiem clipeo venientis et hasta
 pendentisque dei perituro ostenderet hosti,
 ponebant igitur Tusco farrata catino:
 argenti quod erat, solis fulgebat in armis,
 omnia tunc, quibus invidias si lividulus sis. 110
 templorum quoque maiestas praesentior, et vox
 nocte fere media mediamque audita per urbem
 litore ab Oceani Gallis venientibus et dis
 officium vatis pergentibus, his monuit nos,
 hanc rebus Latiis curam praestare solebat 115
 fictilis et nullo violatus Iuppiter auro.
 Illa domi natas nostraque ex arbore mensas
 tempora viderunt; hos lignum stabat ad usus,
 annosam si forte nucem deiecerat Eurus,
 at nunc divitibus cenandi nulla voluptas, 120
 nil rhombus, nil damma sapit, putere videntur
 unguenta atque rosae, latos nisi sustinet orbes
 grande ebur et magno sublimis pardus hiatu
 dentibus ex illis quos mittit porta Syenes
 et Mauri celeres et Mauro obscurior Indus, 125
 et quos deposuit Nabataeo belua saltu
 iam nimios capitique graves, hinc surgit orexis,
 hinc stomacho vires; nam pes argenteus illis,
 anulus in digito quod ferreus, ergo superbum
 convivam caveo, qui me sibi comparat et res 130
 despicit exiguas, adeo nulla uncia nobis
 est eboris, nec tessellae nec calculus ex hac
 materia, quin ipsa manubria cultellorum
 ossea. non tamen his ulla umquam obsonia fiunt
 rancidula aut ideo peior gallina secatur. 135
 sed nec structor erit cui cedere debeat omnis
 pergula, discipulus Trypheri doctoris, aput quem
 sumine cum magno lepus atque aper et pygargus
 et Scythicae volucres et phoenicopterus ingens
 et Gaetulus oryx hebeti lautissima ferro 140
 caeditur et tota sonat ulmea cena Subura.
 nec frustum capreae subducere nec latus Afrae
 novit avis noster, tirunculus ac rudis omni
 tempore et exiguae furtis inbutus ofellae.
 plebeios calices et paucis assibus emptos 145
 porriget incultus puer atque a frigore tutus.
 non Phryx aut Lycius, non a mangone petitus
 quisquam erit et magno: cum posces, posce latine.

logo, tal era a comida qual eram a casa e a mobília.
 Tempo em que, rude e ainda nada sabendo das artes helenas, 100
 tendo pilhado cidades e achado no meio do espólio
 cálices feitos por grande artesão, os quebrava o soldado,
 para os arreios ornar do cavalo e um elmo gravado
 com a imagem da fera de Rômulo mansa tornada
 pelo destino e os gêmeos, debaixo da rocha, Quirinos, 105
 bem como a efígie de, vindo de escudo e de lança empunhados,
 Marte mostrar ao inimigo que logo, por ele, cairia.
 Punham-se em potes etruscos de barro umas sopas de milho,
 pois toda a prata que tinham, somente nas armas fulgia,
 coisas que podes decerto invejar, caso à inveja te inclines. 110
 Mesmo dos templos a força bem mais se sentia: num dia
 à meia noite, no centro da urbe uma voz foi ouvida,
 quando, da costa do oceano, os gauleses chegavam. Com os deuses
 tal como vates agindo, ela assim alertou-nos. Com este
 zelo, das coisas do Lácio cuidar costumava, num tempo, 115
 Júpiter quando de barro era feito, incorrupto por ouro.
 Dentro de casa fazer-se, e com árvores próprias, as mesas
 viu esta época; para esses fins se guardava madeira,
 se uma antiga, ao acaso, nogueira, pelo Euro tombasse.
 Mas hoje em dia estes ricos prazer de jantar não encontram, 120
 nem rodovalhos têm gosto, nem cervos; parece que fedem
 os seus perfumes e rosas, exceto se a mesa gigante
 for suportada por mármore e por um leopardo grandioso
 de boca aberta, esculpido nas presas que o Assuão nos exporta,
 bem como o mouro veloz, ou mais negro que o mouro, o indiano, 125
 e as quais a fera depõe em nabateias florestas, já quando
 pesam demais para suas cabeças. Daí vem-lhes fome
 e forças pro estômago. Pois pés de prata na mesa para eles
 qual ter no dedo anel feito de ferro seria. Por isso
 fujo de ter um conviva soberbo, que a si me compare 130
 e o que é modesto despreze. Eu sou tão desprovido de mármore,
 que nem meus dados ou tentos com isso são feitos e mesmo
 os próprios cabos das facas que tenho são feitos de osso.
 Mas nem por isso, sequer uma vez, essas facas num peixe
 ranço puseram, nem tornam pior a galinha que cortam. 135
 Eu não terei trinchador que desbanque todo outro no mundo,
 cria de Trífero, o mestre, e em cuja cozinha uns porquinhos
 gordos, com lebres e com javalis e veados e aves
 vindas da Cítia e, além de flamingos enormes, gazelas
 gétulas, com já sem corte uma faca se trincham, e a ceia 140
 lauta, servida num olmo por toda Suburra ressoa.
 Nem uma posta de cabra cortar ou a asa de um afro
 pássaro sabe este meu iniciante, que é rude de tudo,
 sendo somente no furto de exíguos pedaços treinado.
 Copos de origem plebeia e por poucas moedas comprados 145
 vai te servir um inculto menino do frio protegido.
 Não será frígio ou da Lícia, tampouco pedido a um velhaco
 que venda escravos: quando algo pedires, farás em latim.

idem habitus cunctis, tonsi rectique capilli
 atque hodie tantum propter convivia pexi. 150
 pastoris duri hic est filius, ille bubulci;
 suspirat longo non visam tempore matrem,
 et casulum et notos tristes desiderat haedos,
 ingenui vultus puer ingenuique pudoris,
 quales esse decet quos ardens purpura vestit, 155
 nec pupillares defert in balnea raucus
 testiculos, nec vellendas iam praebuit alas,
 crassa nec opposito pavidus tegit inguina guto.
 hic tibi vina dabit diffusa in montibus illis
 a quibus ipse venit, quorum sub vertice lusit; 160
 namque una atque eadem est vini patria atque ministri.
 Forsitan expectes ut Gaditana canoro
 incipiant prurire choro plausuque probatae
 ad terram tremulo descendant clune puellae;
 spectant hoc nuptae iuxta recubante marito, 165
 quod pudeat narrare aliquem praesentibus ipsis,
 iritamentum veneris languentis et acres
 divitis urticae; maior tamen ista voluptas
 alterius sexus: magis ille extenditur, et mox
 auribus atque oculis concepta urina movetur. 170
 non capit has nugas humilis domus, audiat ille
 testarum crepitus cum verbis, nudum olido stans
 fornice mancipium quibus abstinet, ille fruatur
 vocibus obscaenis omnique libidinis arte,
 qui Lacedaemonium pytismate lubricat orbem; 175
 namque ibi fortunae veniam damus, alea turpis,
 turpe et adulterium mediocribus: haec eadem illi
 omnia cum faciunt, hilares nitidique vocantur,
 nostra dabunt alios hodie convivia ludos,
 conditor Iliados cantabitur atque Maronis 180
 altisoni dubiam facientia carmina palmam,
 quid refert, tales versus qua voce legantur?
 Sed nunc dilatis averte negotia cutis
 et gratam requiem dona tibi, quando licebit
 per totum cessare diem. non faenoris ulla 185
 mentio nec, prima si luce egressa reverti
 nocte solet, tacito bilem tibi contrahat uxor
 umida suspectis referens multicia rugis
 vexatasque comas et vultum auremque calentem.
 protinus ante meum quidquid dolet exue limen, 190
 pone domum et servos et quidquid frangitur illis
 aut perit, ingratos ante omnia pone sodales.
 Interea Megalesiacaе spectacula mappae
 Idaeum sollemne colunt, similisque triumpho
 praeda caballorum praetor sedet, ac mihi pace 195
 immensae nimiaeque licet si dicere plebis,
 totam hodie Romam circus capit, et fragor aurem
 percutit, eventum viridis quo colligo panni.

Todos de idênticas vestes, têm curtos cabelos e lisos;
 hoje, somente em razão desta festa, eu mandei penteá-los. 150
 Rude pastor é pai deste, daquele um vaqueiro. Suspira
 este, saudoso da mãe, que não vê faz um longo período,
 sua casinha e os amigos, tristonho deseja, cabritos;
 tem nobre rosto o rapaz e bem nobre é também seu recato,
 como era próprio que fossem os que a rútila púrpura veste. 155
 Ele as suas jovens não sai exibindo nos banhos, gritando,
 bolas, tampouco pra ser depiladas levou as axilas,
 nem o seu rígido, tímido, membro ele oculta num pote.
 Ele vai pôr para ti vinhos feitos naquelas montanhas
 donde ele mesmo provém, sob o cume das quais folgazava: 160
 pois uma só é do vinho a raiz e daquele que o serve.
 Pode bem ser que tu esperes que, vindas de Gades, com doce
 canto e melódico vão te excitando e, por palma animadas,
 desçam, tremendo, batendo com a bunda no chão, dançarinas.
 A isso as esposas assistem junto a seus deitados maridos – 165
 coisas que só de falar, tendo-as junto, pudor causaria.
 Isso é o que açula a libido exaurida, essas são as pungentes,
 dos abastados, urtigas. (Maior é, contudo, este fogo
 entre as mulheres, nas quais mais se eleva e se espalha e, em tão pouco,
 com tais estímulos ficam, visuais e auditivos, molhadas. 170
 Tais vacuidades não entram-me em casa; que aquele aprecie
 das castanholas o estalo e palavras, que mesmo o pelado
 jovem, num rude bordel sendo exposto as evita; que frua
 vozes devassas e todas as lúbricas artes aquele
 que regurgita num piso de mármore lacedemônio. 175
 A estes, que têm uma fortuna, nós damos desconto; mas torpe
 é jogar dados, tal como o adultério, para os remediados:
 eles o mesmo fazendo, serão cavalheiros galhardos.
 Nosso banquete alguns outros propõe-te, esta noite, lazeres:
 o criador da *Ilíada* será declamado e Virgílio 180
 altissonante, tornando indecisa os poemas a glória.
 Versos tão bons quanto estes, que importa que voz os recite?
 Ora, porém, põe de lado os trabalhos e, bem sossegado,
 um agradável recreio oferece a ti mesmo, podendo
 por todo o dia folgar. Nem sequer uma vez sobre lucro 185
 fales, tampouco de que, antes do sol, usualmente saindo
 e só de noite voltando, ira tácita cause-te, a esposa,
 vindo suada e, suspeita, trazendo amassado o vestido
 com bagunçados cabelos, de orelhas e rosto ainda quentes.
 Tudo o que a mente perturbe que deixes da porta pra fora: 190
 larga tua casa e os escravos e tudo o que quebram ou perdem,
 e antes de tudo, abandona o pensar sobre ingratos amigos.
 Do lenço megalesíaco as filas de assento enquanto isso
 os ritos ideus já contemplam; qual fosse em triunfo elevado,
 sobre um cavalo o pretor se acomoda, e se eu, sem ofensas 195
 à turba imensa e abundante, puder dizer isso, da plebe,
 toda esta Roma hoje o circo contém. Pela grande arruaça
 que os meus ouvidos invade, presumo que os verdes venceram.

nam si deficeret, maestam attonitamque videres
hanc urbem veluti Cannarum in pulvere victis 200
consulibus, spectent iuvenes, quos clamor et audax
sponsio, quos cultae decet assedissee puellae:
nostra bibat vernum contracta cuticula solem
effugiatque togam, iam nunc in balnea salva
fronte licet vadas, quamquam solida hora supersit 205
ad sextam, facere hoc non possis quinque diebus
continuis, quia sunt talis quoque taedia vitae
magna: voluptates commendat rarior usus.

Pois se perdessem, de luto e perplexa então tu verias
esta cidade, tal como, das Canas no pó, quando mortos 200
foram os cônsules. Isso é pros jovens, a quem o barulho,
a audaz aposta convém e sentar-se com moças garbosas:
que a minha sorva enrugada epiderme a vernal luz do dia
e fuja da toga. Já agora pros banhos, a salvo teu rosto,
podes rumar, não obstante uma hora completa ainda falte 205
até a sexta. Fazer essas coisas não podes por cinco
dias seguidos, pois uma tal vida também aborrece.
Os regozijos de raro usufruto são mais apazíveis. 208

Satura XII

natali, Corvine, die mihi dulcior haec lux,
 qua festus promissa deis animalia caespes
 expectat, niveam reginae ducimus agnam,
 par vellus dabitur pugnanti Gorgone Maura;
 sed procul extensum petulans quatit hostia funem 5
 Tarpeio servata Iovi frontemque coruscat,
 quippe ferox vitulus templis maturus et arae
 spargendusque mero, quem iam pudet ubera matris
 ducere, qui vexat nascenti robora cornu,
 si res ampla domi similisque adfectibus esset, 10
 pinguior Hispulla traheretur taurus et ipsa
 mole piger nec finitima nutritus in herba,
 laeta sed ostendens Clitumni pascua sanguis
 iret et a grandi cervix ferienda ministro
 ob reditum trepidantis adhuc horrendaque passi 15
 nuper et incolumem sese mirantis amici.
 Nam praeter pelagi casus et fulminis ictus
 evasit: densae caelum abscondere tenebrae
 nube una subitusque antemnas inpulit ignis,
 cum se quisque illo percussum crederet et mox 20
 attonitus nullum conferri posse putaret
 naufragium velis ardentibus, omnia fiunt
 talia, tam graviter, si quando poetica surgit
 tempestas, genus ecce aliud discriminis audi
 et miserere iterum, quamquam sint cetera sortis 25
 eiusdem pars dira quidem, sed cognita multis
 et quam votiva testantur fana tabella
 plurima; pictores quis nescit ab Iside pasci?
 Accidit et nostro similis fortuna Catullo.
 cum plenus fluctu medius foret alveus et iam, 30
 alternum puppis latus evertentibus undis,
 arbori incertae, nullam prudentia cani
 rectoris cum ferret opem, decidere iactu
 coepit cum ventis, imitatus castora, qui se
 eunuchum ipse facit cupiens evadere damno 35
 testiculi; adeo medicatum intellegit inguen.
 'fundite quae mea sunt,' dicebat 'cuncta' Catullus,
 praecipitare volens etiam pulcherrima, vestem
 purpuream teneris quoque Maecenatibus aptam,
 atque alias quarum generosi graminis ipsum 40
 infecit natura pecus, sed et egregius fons
 viribus occultis et Baeticus adiuvat aer.
 ille nec argentum dubitabat mittere, lances
 Parthenio factas, urnae cratera capacem
 et dignum sitiante Pholo vel coniuge Fusci; 45
 adde et bascaudas et mille escaria, multum
 caelati, biberat quo callidus emptor Olynthi.
 sed quis nunc alius qua mundi parte, quis audet

Sátira 12

Que o aniversário, Corvino, me é ainda mais doce este dia,
 quando o festivo, animais prometidos aos deuses, gramado
 põe-se a aguardar, e um branquinho trazemos a Juno cordeiro,
 velo parelho votando-se à armada com a Górgona Moura;
 vem por ali, bem audaz, longa corda agitando, a oferta 5
 para Jove dedicada Tarpeio e a cabeça abanando,
 pois é um cervo ainda jovem, de templos já digno e altares
 e vinho puro, um que já tem pudores de as tetas maternas
 ter de sugar, e que vexa até mesmo os carvalhos com o chifre
 em crescimento. Se ampla me fosse a fortuna, conforme 10
 é minha estima, mais gordo que Hispula, um touro eu traria,
 lento de tão bem nutrido, mas não nesta relva vizinha:
 denunciando, na estirpe, Clitumno, de pastos tão férteis,
 vindo já pronto a que o alto, o pescoço golpeasse-lhe, servo,
 pelo retorno do meu, ainda trêmulo pelas horrendas 15
 coisas sofridas e de estar a salvo pasmando-se, amigo,
 dado que além dos perigos do mar, da pancada de um raio
 ele escapou: densas trevas o céu encobriram de negro,
 numa só nuvem, e um súbito fogo atingiu-lhe nos mastros.
 Todos a bordo ter sido por ele atingido pensavam, 20
 logo, em terror, que jamais comparar-se podia julgavam
 náufrago ser a estar com as velas em chamas, e tudo
 fez-se conforme, com tal gravidade qual quando, em poemas
 surgem procelas. Mas eis um perigo de tipo diverso!
 Ouve e de novo te apieda, apesar de que o resto da história, 25
 sendo de fato ominoso, é também conhecido de muitos,
 como, com tábuas, nos mostram os templos votivas, aos montes.
 Pois quem não sabe que muito pintor tira de Ísis sustento?
 Veio também sobre o nosso uma símil má sorte Catulo.
 Como repleta de água o porão já a metade tivesse 30
 e já de um lado para o outro, sob ondas revoltas a popa
 fosse e voltasse, e de nada a experiência do bom timoneiro
 encanecido valesse, buscando um acordo com os ventos,
 se desfazia da carga, imitando o castor, que a si mesmo
 torna um eunuco, buscando evitar o perigo que corre 35
 pelos testículos; tanto o remédio conhece dos órgãos.
 “Tudo o que é meu lancem fora”, dizia, “de pronto” Catulo,
 tudo querendo atirar, mesmo as coisas mais belas, qual vestes
 púrpuras, boas até para um fresco Mecenas, e outras
 das quais a cor era aquela que nobre gramado confere 40
 aos seus cordeiros, bem como estupendas nascentes de ocultas
 força e virtude, e os ares do Bétis também auxiliam.
 Nem mesmo a prata oscilava em lançar ou bandejas moldadas
 pelo cinzel de Partênio, ou um cântaro enorme, apropriado
 e digno da sede de Folo, o centauro, ou da esposa de Fusco. 45
 Some-se a isso umas cestas, mil cálices, muito cravados,
 dos quais bebeu quem comprou, experiente, a cidade de Olinto.
 Mas nestes dias que outro em que parte do mundo, quem ousa

argento praeferre caput rebusque salutem?
 non propter vitam faciunt patrimonia quidam, 50
 sed vitio caeci propter patrimonia vivunt.
 Iactatur rerum utilium pars maxima, sed nec
 damna levant, tunc adversis urgentibus illuc
 reccidit ut malum ferro summitteret; ac se
 explicat angustum: discriminis ultima, quando 55
 praesidia adferimus navem factura minorem,
 i nunc et ventis animam committe dolato
 confisus ligno, digitis a morte remotus
 quattuor aut septem, si sit latissima, taedae;
 mox cum reticulis et pane et ventre lagonae, 60
 aspice sumendas in tempestate secures.
 Sed postquam iacuit planum mare, tempora postquam
 prospera vectoris fatumque valentius Euro
 et pelago, postquam Parcae meliora benigna
 pensa manu ducunt hilares et staminis albi 65
 lanificae, modica nec multum fortior aura
 ventus adest, inopi miserabilis arte cucurrit
 vestibus extentis et quod superaverat unum
 velo prora suo. iam deficientibus Austris
 spes vitae cum sole redit, tunc gratus Iulo 70
 atque novercali sedes praelata Lavino
 conspicitur sublimis apex, cui candida nomen
 scrofa dedit, laetis Phrygibus mirabile sumen,
 et numquam visis triginta clara mamillis.
 Tandem intrat positas inclusa per aequora moles 75
 Tyrrhenamque pharon porrectaque brachia rursum
 quae pelago occurrunt medio longeque relinquunt
 Italiam; non sic igitur mirabere portus
 quos natura dedit, sed trunca puppe magister
 interiora petit, Baianae pervia cumbae, 80
 tuti stagna sinus, gaudent ibi vertice raso
 garrula securi narrare pericula nautae.
 Ite igitur, pueri, linguis animisque faventes
 sartaque delubris et farra inponite cultris
 ac mollis ornatu focos glaebamque virentem. 85
 iam sequar et sacro, quod praestat, rite peracto
 inde domum repetam, graciles ubi parva coronas
 accipiunt fragili simulacra nitentia cera.
 hic nostrum placabo Iovem Laribusque paternis
 tura dabo atque omnis violae iactabo colores. 90
 cuncta nitent, longos erexit ianua ramos
 et matutinis operatur festa lucernis.
 Nec suspecta tibi sint haec, Corvine: Catullus,
 pro cuius reditu tot pono altaria, parvos
 tres habet heredes, libet expectare quis aegram 95
 et claudentem oculos gallinam inpendat amico
 tam sterili; verum haec nimia est inpensa: coturnix
 nulla umquam pro patre cadet, sentire calorem

à própria prata antepor o pescoço e aos bens a saúde?
 Muitos não para viver patrimônios constroem, de fato; 50
 mas, pelo vício já cegos, por seu patrimônio é que vivem.
 Lança-se fora daquilo que é útil a parte maior,
 mas o perigo persiste, e então, pelo risco impelido,
 ele rumou para o mastro, com ferro o arriando e se pondo
 fora da agrura: um perigo supremo se vive, já quando, 55
 para alcançar proteção aleijar é preciso o navio.
 Vai já e aos ventos entrega tua vida, neste mutilado
 lenho confiando, alguns dedos apenas da morte distante:
 uns quatro ou sete, se acaso bem largo lhe fosse o pinheiro.
 De hoje em diante, com as redes e o pão e a ânfora larga, 60
 leva contigo, a empregarem-se nas tempestades, machados.
 Mas quando o mar descansou, se aplainando; quando a atmosfera
 foi mais propícia, e dos nautas o fado mais forte do que Euro
 e do que o pélagos; quando já as Parcas melhores, com boa
 mão, outros fios urdiam, contentes, usando lã branca; 65
 do que a sutil, muito pouco mais forte, marítima brisa
 vento aparece, e com pobres recursos, despido, desliza,
 sendo incitado por roupas pendidas e a única vela
 ainda içada, o navio. Depois de abrandados os austros,
 volta a esperança de vida com o sol, e então, caro a Iulo 70
 e mais que a cidade da mãe adotiva benquista – Lavínio –
 vê-se o pináculo insigne, que o nome retira da branca
 porca que ledos os Frígios tornou com uberdade admirável
 e com, jamais antes vistos, seus trinta nitentes mamilos.
 E finalmente ele adentra, do mar circundantes, os molhes: 75
 tanto o Tirreno farol, quanto os diques que estendem-se e voltam
 a se encontrar do oceano no meio, deixando bem longe
 a Itália – de fato, jamais tal deslumbre causou algum porto
 que a natureza nos deu, mas o bom timoneiro com a nave
 coxa prossegue, por águas paradas que a um bote das Baías 80
 dão travessia segura aonde riem, cabeças raspadas,
 ao, buliçosos, a salvo narrarem seus riscos os nautas.
 Ide, portanto, ó rapazes, de línguas e mentes propícias
 para guirlandas nos templos e trigo espalhar nos cutelos
 e as agradáveis lareiras ornaí, como as glebas virentes. 85
 Eu seguirei e, depois de este egrégio ritual ter concluído,
 parto de lá para casa, onde graças coroas recebem
 minhas modestas, com cera, brilhantes efigies, precária.
 Lá amainarei o meu Jove, bem como os meus Lares paternos
 incensarei e também lhes darei toda cor de violetas. 90
 Tudo fulgindo estará, longos ramos ao lado da porta,
 que esses festejos recebe com luzes brilhando de dia.
 Que não te seja suspeito isso tudo, Corvino: Catulo,
 cujo retorno é razão destes tantos altares, pequenos
 tem três herdeiros. Sentado se espere quem hoje uma doente 95
 e já fechando seus olhos galinha ofereça a um amigo
 tão sem proveito. A galinha que seja é demais, pois nem mesmo
 uma codorna a quem filhos tiver não se mata. Se sente

si coepit locuples Gallitta et Pacius orbi,
 legitime fixis vcstitur tota libellis 100
 porticus, existunt qui promittant hecatomben,
 quatenus hic non sunt nec venales elephanti,
 nec Latio aut usquam sub nostro sidere talis
 belua concipitur, sed furva gente petita
 arboribus Rutulis et Turni pascitur agro, 105
 Caesaris armentum nulli servire paratum
 privato, siquidem Tyrio parere solebant
 Hannibali et nostris ducibus regique Molosso
 horum maiores ac dorso ferre cohortis,
 partem aliquam belli, et euntem in proelia turrem. 110
 nulla igitur mora per Novium, mora nulla per Histrum
 Pacuvium, quin illud ebur ducatur ad aras
 et cadat ante Lares Gallittae victima sola
 tantis digna deis et captatoribus horum.
 alter enim, si concedas, mactare vovebit 115
 de grege servorum magna et pulcherrima quaeque
 corpora, vel pueris et frontibus ancillarum
 inponet vittas, et siqua est nubilus illi
 Iphigenia domi, dabit hanc altaribus, etsi
 non sperat tragicae furtiva piacula cervae. 120
 Laudo meum civem, nec comparo testamento
 mille rates; nam si Libitinam evaserit aeger,
 delebit tabulas inclusus carcere nassae
 post meritum sane mirandum atque omnia soli
 forsitan Pacuvio breviter dabit, ille superbus 125
 incedet victis rivalibus. ergo vides quam
 grande operae pretium faciat iugulata Mycenis.
 vivat Pacuvius quaeso vel Nestora totum,
 possideat quantum rapuit Nero, montibus aurum
 exaequet, nec amet quemquam nec ametur ab ullo. 130

um calafrio o ricaço Galita ou um Pácio – sem filhos –,
 logo legitimamente, de preces recobrem-se inteiros 100
 seus frontispícios, nem falta quem vá prometer hecatombes,
 só porque aqui não se encontram a venda elefantes ainda,
 nem neste Lácio ou algures abaixo das nossas estrelas
 cria-se a besta, mas sendo importada dos povos escuros,
 em meio ao rútilo bosque e de Turno se nutre no campo. 105
 Sendo de César rebanho, a servir não estão preparados
 mestres menores, se o tírio, de fato, seguir costumavam
 Aníbal e aos chefes de nossas legiões, como ao rei de Molosso,
 e os seus antigos no dorso levar companhias inteiras –
 parte bem grande da guerra – e a torre que ia ao combate. 110
 Nívio com nula demora, com nula demora Pacúvio
 Istro, este monstro em marfim levariam até os altares
 e matariam ante os Lares do rico Galita a oferenda,
 única digna de tal divindade e seu cúpido séquito.
 Destes o último vai prometer imolar, se permites, 115
 de entre o seu grupo de escravos quem tenha o maior e mais belo
 corpo e, os rapazes ou mesmo das moças as testas com laço
 sacrificial atará e caso tenha a casar-se já pronta
 uma Ifigênia em sua casa, até esta aos altares dedica,
 mas não espera que, trágica, tome-lhe o posto uma corça. 120
 Louvo este concidadão, pois um tal testamento mais vale
 do que mil barcos. Pois se à Libitina se esquiva o doente,
 suas tabuinhas anula, caindo de pronto na rede
 após um favor assim tão fabuloso e já todas as posses
 deixa somente a Pacúvio – talvez numa linha! –, elevando-o 125
 sobre os vencidos rivais. Vê-se, então, que tamanhos presentes
 trazem o trabalho de ter degolada uma virgem micênica.
 Viva Pacúvio, eu desejo, tal qual de um Nestor, longa vida;
 tenha ele tudo o que Nero roubou-nos, e aos montes seu ouro
 iguale-se e nunca a ninguém tenha estima, nem seja estimado. 130

LIBER QUINTUS – **Satura XIII**

exemplo quodcumque malo committitur, ipsi
 displicet auctori: prima est haec ultio, quod se
 iudice nemo nocens absolvitur, improba quamvis
 gratia fallaci praetoris vicerit urna.
 quid sentire putas omnes, Calvine, recenti 5
 de scelere et fidei violatae crimine? sed nec
 tam tenuis census tibi contigit, ut mediocris
 iacturae te mergat onus, nec rara videmus
 quae pateris; casus multis hic cognitus ac iam
 tritus et e medio fortunae ductus acervo. 10
 ponamus nimios gemitus, flagrantior aequo
 non debet dolor esse viri nec vulnere maior,
 tu quamvis levium minimam exiguamque malorum
 particulam vix ferre potes spumantibus ardens
 visceribus, sacrum tibi quod non reddat amicus 15
 depositum; stupet haec qui iam post terga reliquit
 sexaginta annos Fonteio consule natus?
 an nihil in melius tot rerum proficis usu?
 Magna quidem, sacris quae dat praecepta libellis,
 victrix fortunae sapientia; ducimus autem 20
 hos quoque felices, qui ferre incommoda vitae
 nec iactare iugum vita didicere magistra,
 quae tam festa dies, ut cesset prodere furem,
 perfidiam, fraudes atque omni ex crimine lucrum
 quaesitum et partos gladio vel pyxide nummos? 25
 rari quippe boni: numera, vix sunt totidem quot
 Thebarum portae vel divitis ostia Nili.
 nona aetas agitur peioraque saecula ferri
 temporibus, quorum sceleri non invenit ipsa
 nomen et a nullo posuit natura metallo. 30
 nos hominum divumque fidem clamore demus
 quanto Facsidium laudat vocalis agentem
 sportula. dic, senior bulla dignissime, nescis
 quas habeat veneres aliena pecunia? nescis
 quem tua simplicitas risum vulgo moveat, cum 35
 exigis a quoquam ne peieret et putet ullis
 esse aliquod numen templis araeque rubenti?
 quondam hoc indigenae vivebant more, priusquam
 sumeret agrestem posito diademate falcem
 Saturnus fugiens, tunc cum virguncula Iuno 40
 et privatus adhuc Idaeis Iuppiter antris;
 nulla super nubes convivia caelicolarum,
 nec puer Iliacus formosa nec Herculis uxor
 ad cyathos, et iam siccato nectare tergens
 bracchia Vulcanus Liparaea nigra taberna. 45
 prandebat sibi quisque deus, nec turba deorum
 talis ut est hodie, contentaque sidera paucis
 numinibus miserum urgebant Atlanta minori

LIVRO 5 – Sátira 13

Seja o que for que com má se perpetra conduta, este feito
 desprazerá seu autor. Pois é esta a primeira vingança:
 na própria mente, culpado nenhum se absolve, não importa
 se favorável sentença comprou do pretor com corrupta
 peita. O que pensas sentirem os outros, Calvino, do crime 5
 de violação de confiança do qual és, recente, uma vítima?
 Vê que não és nem tão pobre até o ponto em que desta medíocre
 perda te afunde o prejuízo, e também não é raro nós vermos
 isso que sofres; o caso por muitos já foi conhecido
 e hoje tornou-se banal, um azar distribuído ao acaso. 10
 Queixa excessiva deixemos, porque mais flagrante ao sereno
 homem jamais deve a dor se fazer, nem maior que a ferida.
 Mesmo dos leves a mínima, exígua, ridícula, males
 parte tu mal és capaz de aguentar, e as entranhas, raivoso,
 fervem-te, pois teu empréstimo sacro o amigo não paga. 15
 Como isso causa estupor a quem tem já nas costas sessenta
 anos de idade, no tempo do cônsul Fonteio nascido?
 Nada melhor te valeu ter da vida tamanha experiência?
 São grandiosos, de fato, os preceitos que em livros divinos
 dá-nos aquele que vence o destino: o saber. Nem por isso 20
 menos felizes achamos os que a suportar desconfortos
 e a não lutar contra o jugo, na escola aprenderam da vida.
 Há algum dia que, embora festivo, não traga um gatuno,
 uma perfídia, uma fraude e, aferido de tudo o que é crime,
 lucro e, da espada advindo ou de um porta-veneno, dinheiro? 25
 Raros, de fato, são os bons: enumera-os e, juntos, mal somam
 todas as portas de Tebas ou fossos do Nilo fecundo.
 Na nona era pior tem-se agido do que nos do ferro
 tempos, e aos crimes de agora não pode encontrar nenhum nome
 a natureza ela mesma: lhe falta um metal mais rasteiro. 30
 Nós o de homens e deuses suporte com rogo invocamos
 grande qual louva a Fesídio, depois de um discurso a sonora
 espórtula. Dize-me, ó velho, nos atos menino, não sabes
 quanto poder de encantar tem o alheio dinheiro? Não sabes
 como és simplório e a risada do povo motivas, já quando 35
 exiges a um homem qualquer que não seja perjuro e acredite
 que haja algum deus nalgum templo e em altares tingidos de sangue ?
 Com este, outrora, os nativos viviam costume, bem antes
 de que assumisse uma agreste, largando o diadema, gadanha
 Saturno ao fugir, quando ainda uma virgem mocinha era Juno 40
 e ainda um anônimo, Júpiter do Ida em cavernas vivia.
 Nulos, acima das nuvens, banquetes faziam os celícolas,
 nem o troiano rapaz, nem a esposa de Hércules bela
 copos serviam ou, tendo seu néctar virado, limpava
 os braços Vulcano, saído da forja de Lípara, negros. 45
 Cada deidade consigo almoçava; este monte de deuses
 não existia, qual hoje, e os astros, contentes com poucos
 numes, o pobre do Atlas cansavam com bem menos peso.

pondere, nondum aliquis sortitus triste profundi
 imperium, aut Sicula torvos cum coniuge Pluton, 50
 nec rota nec Furiae nec saxum aut vulturis atri
 poena, sed infernis hilares sine regibus umbrae.
 improbitas illo fuit admirabilis aevo,
 credebant quo grande nefas et morte piandum,
 si iuvenis vetulo non adsurrexerat et si 55
 barbato cuicumque puer, licet ipse videret
 plura domi fraga et maiores glandis acervos;
 tam venerabile erat praecedere quattuor annis,
 primaque par adeo sacrae lanugo senectae.
 Nunc si depositum non infigitur amicus, 60
 si reddat veterem cum tota aerugine follem,
 prodigiosa fides et Tuscis digna libellis,
 quaeque coronata lustrati debeat agna.
 egregium sanctumque virum si cerno, bimembri
 hoc monstrum puero et miranti sub aratro
 piscibus inventis et fetae comparo mularum,
 sollicitus, tamquam lapides effuderit imber
 examenque apium longa consederit uva
 culmine delubri, tamquam in mare fluxerit amnis
 gurgitibus mitis et lactis vertice torrens. 70
 Intercepta decem quereris sestertia fraude
 sacrilega. quid si bis centum perdidit alter
 hoc arcana modo? maiorem tertius illa
 summam, quam patulae vix ceperat angulus arcae?
 tam facile et pronum est superos contemnere testes, 75
 si mortalis idem nemo sciat! aspice quanta
 voce neget, quae sit ficti constantia vultus:
 per Solis radios Tarpeiaque fulmina iurat
 et Martis frameam et Cirrhaei spicula vatis,
 per calamos venatricis pharetramque puellae 80
 perque tuum, pater Aegaei Neptune, tridentem;
 addit et Herculeos arcus hastamque Minervae,
 quidquid habent telorum armamentaria caeli.
 si vero et pater est, 'comedam,' inquit flebile, 'nati
 sinciput elixi Pharioque madentis aceto.' 85
 Sunt in fortunae qui casibus omnia ponant
 et nullo credant mundum rectore moveri
 natura volvente vices et lucis et anni,
 atque ideo intrepidi quaecumque altaria tangunt,
 est alius metuens ne crimen poena sequatur; 90
 hic putat esse deos et peierat, atque ita secum:
 'decernat quodcumque volet de corpore nostro
 Isis et irato feriat mea lumina sistro,
 dummodo vel caecus teneam quos abnego nummos,
 et phthisis et vomicae putres et dimidium crus 95
 sunt tanti, pauper locupletem optare podagram
 nec dubitet Ladas, si non eget Anticyra nec
 Archigene; quid enim velocis gloria plantae

Ainda não fora sorteado a ninguém o tristonho, do abismo
 reino, ou com a esposa já havia o medonho Plutão, Siciliana, 50
 nem ainda a roda ou as Fúrias, a rocha ou de negros abutres
 penas havia. Em infernos sem reis eram ledas as sombras.
 Feitos malignos eram na época coisa espantável.
 Cria-se então ser um crime grandioso, a pagar-se com a morte
 caso um rapaz tendo um velho diante de si não se erguesse 55
 ou ante alguém já barbado, um menino, ainda que este tivesse
 mais, em sua casa, morangos ou montes de nozes maiores.
 Tão respeitado era aquele que fosse quatro anos mais velho,
 que parecia a primeira penugem virtuosa velhice.
 Hoje se a soma emprestada um amigo não fica devendo, 60
 caso devolva a antiga, com todos os cobres, carteira,
 isso é um prodígio de honra, dos livros etruscos bem digno,
 e pelo qual, de grinalda, se deve ofertar uma ovelha.
 Se um excelente e incorrupto indivíduo encontrar, a um menino
 como centauro nascido ou a, sob o incrédulo arado, 65
 peixes achados ou mesmo a uma prenhe, eu comparo, jumenta,
 bem preocupado, tal como se pedras a chuva entornasse,
 ou se um enxame de abelhas em grupo tomasse, comprido,
 o teto de um templo, ou tal qual se no mar derramasse algum rio
 bem caudaloso uma onda de leite suave em voragens. 70
 De apropriados teus dez tu reclamas sestércios com fraude
 sacrílega. E se duzentos perdeu algum outro da mesma
 forma, em segredo? E ainda maior, um terceiro do que esta
 soma, que mal todo o espaço de um cofre bem grande comporta?
 Quão sedutor desdenhar testemunhas divinas e fácil 75
 é se entre nós, os mortais, ninguém sabe do crime. Vê como –
 com que voz firme – ele nega e certeza no rosto fingido:
 ele, do sol pela luz, pelos raios terpeios já jura
 e pela lança de Marte e por setas do vate de Cirra,
 pelo cajado da deusa da caça e a aljava, donzela, 80
 e pelo teu, pai do Egeu, ó Netuno, tridente; e a tudo isso
 seja acrescido de Hércules o arco e de Palas a lança,
 e todo o resto das armas que tenham os estoques celestes.
 Se ele for pai, “pois que eu coma”, em prantos dirá “do meu filho
 meia cabeça, cozida e, de Faros, pingando vinagre. 85
 Há os que ao gosto da sorte qualquer episódio atribuem
 e que não creem que mestre nenhum este mundo oriente,
 com a natureza regendo a alternância dos dias e anos;
 estes, por isso, sem medo a qualquer dos altares frequentam.
 Outros existem que creem que a um crime um castigo acompanhe; 90
 estes que deuses existam admitem, no entanto perjuram,
 isso consigo dizendo: “de mim seja feito o que queira
 Ísis e que ela com irada meus olhos golpeie matraca,
 se pelo menos, já cego, eu mantenha o dinheiro que nego
 ter recebido. Pois tísica, úlcera, a perda da perna 95
 vale este preço. Bem pobre, em pedir do homem rico a podagra
 não deve Ladas pejar-se, a não ser que precise de Antícira
 ou de um Arquígenes. Pois de que vale a, de céleres, glória

praestat et esuriens Pisaeae ramus olivae?
 ut sit magna, tamen certe lenta ira deorum est; 100
 si curant igitur cunctos punire nocentes,
 quando ad me venient? sed et exorabile numen
 fortasse experiar, solet his ignoscere, multi
 committunt eadem diverso crimina fato:
 ille crucem sceleris pretium tulit, hic diadema.' 105
 Sic animum dirae trepidum formidine culpae
 confirmat, tunc te sacra ad delubra vocantem
 praecedit, trahere immo ultro ac vexare paratus,
 nam cum magna malae superest audacia causae,
 creditur a multis fiducia, mimum agit ille, 110
 urbani qualem fugitivus scurra Catulli:
 tu miser exclamas, ut Stentora vincere possis,
 vel potius quantum Gradivus Homericus: 'audis,
 Iuppiter, haec, nec labra moves, cum mittere vocem
 debueris vel marmoreus vel aeneus? aut cur 115
 in carbone tuo charta pia tura soluta
 ponimus et sectum vituli iecur albaque porci
 omenta? ut video, nullum discrimen habendum est
 effigies inter vestras statuamque Vagelli.'
 Accipe quae contra valeat solacia ferre 120
 et qui nec cynicos nec stoica dogmata legit
 a cynicis tunica distantia, non Epicurum
 suspicit exigui laetum plantaribus horti,
 curentur dubii medicis maioribus aegri:
 tu venam vel discipulo committe Philippi. 125
 si nullum in terris tam detestabile factum
 ostendis, taceo, nec pugnis caedere pectus
 te veto nec plana faciem contundere palma,
 quandoquidem accepto claudenda est ianua damno,
 et maiore domus gemitu, maiore tumultu 130
 planguntur nummi quam funera, nemo dolorem
 fingit in hoc casu, vestem diducere summam
 contentus, vexare oculos umore coacto:
 ploratur lacrimis amissa pecunia veris.
 Sed si cuncta vides simili fora plena querella, 135
 si decies lectis diversa parte tabellis
 vana super vacui dicunt chirographa ligni,
 arguit ipsorum quos littera geminaque princeps
 sardonichum, oculis quae custoditur eburnis,
 ten, o delicias! extra communia censes 140
 ponendum, quia tu gallinae filius albae,
 nos viles pulli, nati infelicibus ovis?
 rem pateris modicam et mediocri bile ferendam,
 si flectas oculos maiora ad crimina, confer
 conductum latronem, incendia sulphure coepta 145
 atque dolo, primos cum ianua colligit ignes;
 confer et hos, veteris qui tollunt grandia templi
 pocula adorandae robiginis et populorum

pés e o desejo de o ramo alcançar da oliveira de Pisa?
 Mesmo que grande, é decerto tardia a iracúndia dos deuses. 100
 E se planejam, de fato, ao total castigar dos perversos,
 quando até mim chegarão? Além disso, algum deus aplacável
 eu ainda posso encontrar – perdoar é costume entre os deuses.
 Muitos os mesmos, com sorte, delitos cometem, diversa:
 este uma cruz como paga recebe, aquele outro a coroa.” 105
 Dessa maneira, sua alma, aterrada por culpas horrendas,
 ele conforta. E então quando a altares sagrados o chamas,
 se antecipando, ele mesmo te arrasta até lá, muito pronto
 a constranger-te, pois quando com o crime convive a audácia,
 esta por muitos se vê como prova da honra. Mas ele 110
 age qual o parvo fujão num dos mimos do urbano Catulo.
 Mísero, gritas já como Estentor superar tu pudesses,
 ou mais potente que o Marte de Homero: “Ó Júpiter, ouves
 tudo de lábios imóveis, ao passo que a voz retumbante
 tua dever-se-ia ouvir, sejas feito de mármore ou bronze? 115
Por que em teus altares, dum sacro papiro tirando-o, o incenso
 ponho e, arrancado de um cervo, seu fígado e a branca de um porco
 banha? Ao que vejo não há diferença nenhuma a pesar-se
 entre estas tuas efígies e a estátua do ousado Vagelo.”
 Toma, em vez disso, um consolo que pode ofertar-te até mesmo 120
 quem nunca leu nem dos cínicos, nem dos estoicos os dogmas –
 estes na túnica só diferindo-se –, nem Epicuro
 nunca estudou, bem feliz com, no exíguo jardim, as plantinhas:
 curem-se as desconhecidas, por grandes doutores, doenças;
 mas pra furar-te uma veia, no aluno confia de Filipe. 125
 Se nenhum outro no mundo tão pérfido crime puderes
 me revelar, eu me calo e já nem de esmurrar-te no peito
 vou te impedir, nem de a face com as mãos espancar espalmadas.
 Pois afinal, ao sofrer-se este dano, é normal que se fechem
 portas e, em casa, com mais alarido, com mais rebuliço, 130
 chore-se a soma perdida até mais que uma morte, pois nisso
 dor simulada não há, nem as roupas rasgar às pessoas
 basta ou os olhos vexar por gotinhas de um pranto forçado:
 choram-se lágrimas, quando se perde dinheiro, sinceras.
 Mas se no todo dos fóruns o mesmo pulula protesto, 135
 se, sendo lido dez vezes da parte contrária o contrato,
 que a firma é falsa declaram, tal prova, portanto, impugnando –
 muito a despeito de a letra o contrário mostrar, junto à gema
 mãe das sardônicas, num fino anel de marfim colocado –,
 tu, meu querido, que devas à parte dos outros estimas 140
 ser colocado, por seres de branca, um filhote, galinha,
 nós sendo reles pintinhos, nascidos de míseros ovos?
 Dano pequeno tu sofres, que ínfima raiva demanda.
 Basta que olhes uns crimes mais graves. Compara o teu caso
 a encomendados assaltos, a incêndios com fósforo iniciados 145
 dolosamente, na hora em que a porta recebe as primeiras
 chamas; compara com quem, de algum templo vetusto, nos furta
 taças muitíssimo velhas e tão respeitadas, por povos

dona vel antiquo positas a rege coronas;
 haec ibi si non sunt, minor exstat sacrilegus qui 150
 radat inaurati femur Herculis et faciem ipsam
 Neptuni, qui bratteolam de Castore ducat;
 an dubitet solitus totum conflare Tonantem?
 confer et artifices mercatoremque veneni,
 et deducendum corio bovis in mare, cum quo 155
 clauditur adversis innoxia simia fatis,
 haec quota pars scelerum, quae custos Gallicus urbis
 usque a lucifero donec lux occidat audit?
 humani generis mores tibi nosse volenti
 sufficit una domus: paucos consume dies et 160
 dicere te miserum, postquam illinc veneris, aude.
 quis tumidum guttur miratur in Alpibus, aut quis
 in Meroe crasso maiorem infante mamillam?
 caerula quis stupuit Germani lumina, flavam
 caesariem et madido torquentem cornua cirro? 165
 nempe quod haec illis natura est omnibus una.
 ad subitas Thracum volucres nubemque sonoram
 Pygmaeus parvis currit bellator in armis,
 mox inpar hosti raptusque per aera curvis
 unguibus a saeva fertur grue. si videas hoc 170
 gentibus in nostris, risu quatiare; sed illic,
 quamquam eadem adsidue spectentur proelia, ridet
 nemo, ubi tota cohors pede non est altior uno.
 ‘Nullane peiuri capitis fraudisque nefandae
 poena erit?’ abreptum crede hunc graviore catena 175
 protinus et nostro (quid plus velit ira?) necari
 arbitrio: manet illa tamen iactura, nec umquam
 depositum tibi sospes erit, sed corpore t runco
 invidiosa dabit minimus solacia sanguis.
 ‘at vindicta bonum vita iucundius ipsa.’ 180
 nempe hoc indocti, quorum praecordia nullis
 interdum aut levibus videas flagrantia causis;
 quantulacumque adeo est occasio sufficit irae.
 Chrysippus non dicet idem nec mite Thaletis
 ingenium dulcique senex vicinus Hymetto, 185
 qui partem acceptae saeva inter vincla cicutae
 accusatori nollet dare. plurima felix
 paulatim vitia atque errores exuit omnes,
 prima docet rectum sapientia, quippe minuti
 190semper et infirmi est animi exiguique voluptas
 ultio, continuo sic collige, quod vindicta
 nemo magis gaudet quam femina. Cur tamen hos tu
 evasisse putes, quos diri conscia facti
 mens habet attonitos et surdo verberare caedit
 occultum quatiente animo tortore flagellum? 195
 poena autem vehemens ac multo saevior illis
 quas et Caedicius gravis invenit et Rhadamanthus,
 nocte dieque suum gestare in pectore testem.

dadas a nós, ou de reis as coroas, antigos, lá postas;
 se isso o tal templo não tem, já não falta algum outro sacrílego 150
 para da perna de Hércules o ouro levar e do rosto
 até de Netuno, ou a folha de ouro de Cástor carregue –
 não a levaria se já derreteu todo um Tonitruante?
 Pensa naqueles que são fabricantes ou vendem veneno,
 e nos que são atirados ao mar em um saco de couro, 155
 com os quais se fecha por fados, um pobre macaco, adversos.
 Isso é uma nesga dos crimes que Gálico, o guarda da urbe,
 desde a alvorada até a hora do ocaso se senta escutando!
 Do ser humano as condutas, se tu conhecê-las quiseres,
 basta-te só a prefeitura: alguns poucos lá gasta, teus dias 160
 e lamentar a tua sorte duvido, ao sair, que tu ouses.
 Quem se admira de ter a garganta inflamada nos Alpes?
 Quem quando vê em Meroé, bem maior que a criança, algum peito?
 Quem se surpreende com os olhos azuis de um germano, ou com as louras
 comas que torcem-se em cachos sebosos debaixo de chifres? 165
 Não nos espanta, porque esta é a comum natureza de todos.
 Súbito, contra uma nuvem sonora de pássaros Trácios
 um pigmeu em sua mínima corre, guerreiro, armadura,
 e não sendo páreo aos rivais, é levado por ares nas curvas
 unhas dos ríspidos grous: se isso visses no meio da nossa 170
 gente, serias por grande risada agitado; no entanto,
 mesmo que, idênticos, sempre se vejam duelos, o riso
 nunca é presente onde o exército inteiro de um metro não passa.
 “Nulo a tal homem perjuro e seus crimes tão ímpios, castigo
 darmos!?” Supõe que se o leve daqui nos grilhões mais pesados 175
 diretamente – e com minha anuência (o que mais quer a raiva?) –
 para ser morto: ainda assim permanece-te a perda, que nunca
 mais poderá ser repostada e, saída do corpo sem vida,
 um odioso consolo dar-te-á cada gota de sangue.
 “Mas a vingança é um bem que me apraz mais que a vida em si mesma!” 180
 Isso é o que dizem os tolos, dos quais as paixões por um nada
 sempre verás conflagradas, por causas que mesmo inexitem;
 seja quão ínfima for a ocasião já lhes basta pra raiva.
Crisipo jamais o diria, tampouco de um Tales a afável
 sabedoria ou o velho, vizinho do mélico Himeto, 185
 que uma só gota do que, acorrentado, bebeu de cicuta
 aos seus algozes jamais serviria. Esta coisa tão boa,
 de muitos vícios e erros aos poucos nos livra, e é ela,
 a filosofia, a primeira a ensinar o que é certo. De fato
 sempre pequenas e fracas as mentes serão que a vingança 190
 buscam, e a prova que digo verdade é que nunca a desforra
 traz para alguém mais prazer do que traz às mulheres. No entanto
 por que pensar que saíram ilesos aqueles que a mente,
 cônica dos feitos terríveis, congela e os açoita em silêncio,
 como, secreto, vibrando-lhe o algoz da consciência, um flagelo? 195
 Pelo contrário, é uma pena veemente e mais duras que aquelas
 por um austero Cedício inventadas ou por Radamanto,
 ter noite e dia consigo no peito uma tal testemunha.

Spartano cuidam respondit Pythia vates
 haut inpunitum quondam fore quod dubitaret 200
 depositum retinere et fraudem iure tueri
 iurando; quaerebat enim quae numinis esset
 mens et an hoc illi facinus suaderet Apollo.
 reddidit ergo metu, non motibus; et tamen omnem
 vocem adyti dignam templo veramque probavit 205
 extinctus tota pariter cum prole domoque,
 et quamvis longa deductis gente propinquis.
 has patitur poenas peccandi sola voluntas.
 nam scelus intra se tacitum qui cogitat ullum,
 facti crimen habet. Cedo si conata peregit: 210
 perpetua anxietas nec mensae tempore cessat,
 faucibus ut morbo siccis interque molares
 difficili crescente cibo, sed vina misellus
 expuit, Albani veteris pretiosa senectus
 displicet; ostendas melius, densissima ruga 215
 cogitur in frontem velut acri ducta Falerno.
 nocte brevem si forte indulsit cura soporem,
 et toto versata toro iam membra quiescunt,
 continuo templum et violati numinis aras
 et, quod praecipuis mentem sudoribus urguet, 220
 te videt in somnis; tua sacra et maior imago
 humana turbat pavidum cogitque fateri.
 hi sunt qui trepidant et ad omnia fulgura pallent,
 cum tonat, exanimes primo quoque murmure caeli,
 non quasi fortuitus nec ventorum rabie sed 225
 iratus cadat in terras et iudicet ignis.
 illa nihil nocuit, cura graviore timetur
 proxima tempestas velut hoc dilata sereno.
 praeterea lateris vigili cum febre dolorem
 si coepere pati, missum ad sua corpora morbum 230
 infesto credunt a numine, saxa deorum
 haec et tela putant, pecudem spondere sacello
 balantem et Laribus cristam promittere galli
 non audent; quid enim sperare nocentibus aegris
 concessum? vel quae non dignior hostia vita? 235
 mobilis et varia est ferme natura malorum:
 cum scelus admittunt, superest constantia; quod fas
 atque nefas, tandem incipiunt sentire peractis
 criminibus, tamen ad mores natura recurrit
 damnatos fixa et mutari nescia, nam quis 240
 peccandi finem posuit sibi? quando recepit
 eiectum semel attrita de fronte ruborem?
 quisnam hominum est quem tu contentum videris uno
 flagitio? dabit in laqueum vestigia noster
 perfidus et nigri patietur carceris uncum 245
 aut maris Aegaei rupem scopulosque frequentes
 exulibus magnis, poena gaudebis amara
 nominis invisi, tandemque fatebere laetus

A um espartano uma vez respondeu num oráculo a Pítia
 que ele punido seria porque cogitava consigo 200
 não devolver um empréstimo e a fraude encobrir com perjúrio –
 ele rogara-lhe para saber a opinião da deidade
 e se a este crime talvez cometer animá-lo-ia Apolo.
 Ele por medo pagou, não por honra; e assim mesmo a verdade
em cada palavra do oráculo, digno do templo em que estava, 205
 se comprovou com sua morte e de toda sua prole e família,
 tal qual, por longa que fosse-lhe a estirpe, de todo parente.
 Toda essa pena sofreu por de errar tão somente a vontade;
 pois se algum crime consigo, secreto, um apenas cogita,
 qual se o fizera é culpado. E se além de pensar leva a cabo? 210
 Leva perpétua ansiedade que nem nos repastos dá trégua:
 sua garganta, qual febre, se fecha, e à pressão dos molares
 quase não cede a difícil comida, e o coitado bons vinhos
 cospe, do Albano antiquíssimo a tão preciosa velhice
 não lhe cai bem; se lhe serves ainda melhores, num cenho 215
 denso ele franze os sobrolhos qual fosse-lhe dado um Falerno.
 Já quando é noite, se um breve, os tormentos permitem cochilo,
e se, tendo a cama seus membros, inteira, volvido, se aquietam
 logo ele o templo e, do deus profanado, os altares, bem como
 o que a terríveis suores a mente conduz-lhe – teu rosto – 220
 vê nos seus sonhos. A tua figura, sagrada, que a humana
 mais imponente o amedronta e o coage a admitir o seu crime.
 Estes são aqueles que tremem e em todo relâmpago pálidos
 ficam e quando troveja, ao primeiro desmaiam barulho
 feito no céu, qual não fosse o acaso ou dos ventos o ímpeto 225
a causa de os raios caírem, mas a ira e a intenção de vingança.
 Se esta não fez nenhum mal, temerão com maiores angústias
 a tempestade seguinte, qual fosse o bom tempo uma trégua.
 Fora que dores nos flancos e febres que o sono lhes tiram
 se começarem a ter, enviados aos corpos os males 230
 pela agravada eles creem divindade. Isso as pedras dos deuses
 julgam que sejam e os dardos. Já ovelha aos altares, balante,
 ou aos seus Lares a crista ofertar de algum galo não ousam;
 como, portanto, esperar dos danosos agravos a cura?
 Qual animal não merece mais que eles manter sua vida? 235
 Vário e volúvel, decerto, é o gênio dos seres perversos:
 quando o delito cometem, lhes sobra firmeza; o que é certo
 e o que é errado, só vão começar a entender, tendo os crimes
 já perpetrado. No entanto, aos costumes sua índole volta
 já condenados, que é fixa e não sabe mudar. Pois de fato 240
 quem aos seus próprios pecados limites já pôs? Quando, tendo
 sido banida, a uma cara de pau vem de volta a vergonha?
 Que homem jamais satisfeito tu viste com ter uma apenas
 culpa? Ainda vai outra vez na armadilha pisar este nosso
 pérfido e então sofrerá numa escura clausura as algemas 245
 ou uma rocha no Egeu, cujas penhas frequentes recebem
 uns exilados famosos. Da pena severa alegrar-te-
 ás deste nome odioso e, enfim, cederás satisfeito

nec surdum nec Teresian quemquam esse deorum.

que nenhum surdo, tampouco um Tirésias existe entre os deuses.

Satura XIV

Plurima sunt, Fuscine, et fama digna sinistra
 et quod maiorum vitia sequiturque minores 1a
 et nitidis maculam haesuram figentia rebus,
 quae monstrant ipsi pueris traduntque parentes,
 si damnosa senem iuvat alea, ludit et heres
 bullatus parvoque eadem movet arma fritillo. 5
 nec melius de se cuiquam sperare propinquo
 concedet iuvenis, qui radere tubera terrae,
 boletum condire et eodem iure natantis
 mergere ficedulas didicit nebulone parente
 et cana monstrante gula; cum septimus annus 10
 transierit puerum, nondum omni dente renato,
 barbatus licet admoveas mille inde magistros,
 hinc totidem, cupiet lauto cenare paratu
 semper et a magna non degenerare culina.
 Mitem animum et mores modicis erroribus aequos 15
 praecipit, atque animas servorum et corpora nostra
 materia constare putat paribusque elementis,
 an saevire docet Rutilus, qui gaudet acerbo
 plagarum strepitu et nullam Sirena flagellis
 comparat, Antiphates trepidi laris ac Polyphemus, 20
 tunc felix, quotiens aliquis tortore vocato
 uritur ardenti duo propter lintea ferro?
 quid suadet iuveni laetus stridore catenae,
 quem mire adficiunt inscripta, ergastula, carcer?
 rusticus expectas ut non sit adultera Largae 25
 filia, quae numquam maternos dicere moechos
 tam cito nec tanto poterit contexere cursu,
 ut non terdecies respiret? conscia matri
 virgo fuit, ceras nunc hac dictante pusillas
 implet et ad moechum dat eisdem ferre cinaedis. 30
 sic natura iubet: velocius et citius nos
 corrumpunt vitiorum exempla domestica, magnis
 cum subeant animos auctoribus, unus et alter
 forsitan haec spernant iuvenes, quibus arte benigna
 et meliore luto finxit praecordia Titan, 35
 sed reliquos fugienda patrum vestigia ducunt
 et monstrata diu veteris trahit orbita culpae.
 Abstineas igitur damnandis. huius enim vel
 una potens ratio est, ne crimina nostra sequantui
 ex nobis geniti, quoniam dociles imitandis 40
 turpibus ac pravis omnes sumus, et Catilinam
 quocumque in populo videas, quocumque sub axe,
 sed nec Brutus erit Bruti nec avunculus usquam,
 nil dictu foedum visuque haec limina tangat,
 intra quae pater est; procul, a procul inde puellae 45
 lenonum et cantus pernoctantis parasiti.
 maxima debetur puero reverentia, siquid

Sátira 14

Muitas existem, Fuscino, de fama, condutas sinistra
 que das pessoas mais velhas transmitem-se para os menores 1a
 e nas mais límpidas mancha indelével imprimem das coisas,
 vícios que mostram às próprias crianças os pais e lhos passam.
 Se, perniciosos, a um velho comprazem os dados, seu filho
 jovem também vai jogar equipando um copinho com as mesmas 5
 armas. Tampouco algo mais de si mesmo permite a um parente
 conjecturar o rapaz que o preparo das trufas da terra,
 a cozinhar cogumelos e, neste guisado que fazem,
 a um papa-figos boiar aprendeu com seu pai imprestável,
 de encanecida exemplar gulodice; ao fazer seus sete anos 10
 este pequeno, sem ter os seus dentes já todos trocado,
 ainda que mil professores em casa tu ponhas, barbudos,
 mesmo com isso, ele vai desejar um abastado banquete
 sempre e da grande jamais saberá se apartar culinária.
 Mente e costumes modestos que os erros pequenos tolerem 15
 é o que instrui e que as almas e corpos de escravos e as nossas
 sejam matéria composta do mesmo elemento, ou acaso
 só crueldade é o que Rútilo ensina, que apraz-se do acerbo
 som de um açoite e sequer das sereias a voz ao flagelo
 vai comparar, que é um Antífates ou Polifemo do próprio 20
 lar temeroso e se alegra nas vezes que, algoz convocado,
 queima-se alguém, sob ardente, por causa de duas toalhas,
 ferro? O que pode a um rapaz transmitir quem se alegra do ruído
 de uma corrente e o fascina castigos, abusos e cárceres?
 És tão simplório que adúltera esperes não ser de uma Larga 25
 a filha, que nunca nomear de uma vez os maternos amantes
 pôde tão rapidamente e em tão longa sequência dispô-los,
 sem precisar respirar trinta vezes? Da mãe confidente
 foi, quando moça; com a mãe lhas ditando, hoje em dia, tabuinhas
 enche e ao amante as envia por meio dos mesmos veados. 30
 Isto é uma lei natural: bem mais rápido e mais brevemente
 nos degeneram, de vícios, exemplos caseiros, pois grandes
 são, que na índole põem-nos, os mestres. Uns dois ou três jovens
 podem talvez resistir, para os quais com lavor benfazejo
 e barro melhor de repente o Titã corações tenha feito; 35
 mas o restante – devendo evitá-los – os passos paternos
 segue, arrastados na via tão vista dos velhos defeitos.
 Logo, abstém-te do que é condenável. Para isso, um ao menos
 forte motivo te dou: nossos crimes não serem seguidos
 por quem descende de nós, pois nós todos à cópia inclinados 40
 somos de tudo o que é torpe e imoral, e afinal Catilinas
 acham-se em todos os povos em toda e qualquer latitude;
 nunca, porém, algum Bruto ou um tio de Bruto se encontra.
 Nula palavra ou imagem indigna toque uma porta
 dentro da qual viva um pai; para longe, bem longe, as meninas 45
 dos cafetões e o cantar desses pernoitadores malandros.
 Deve-se ter à criança a maior reverência, se acaso

turpe paras; nec tu pueri contempseris annos,
 sed peccaturo obstet tibi filius infans.
 nam siquid dignum censoris fecerit ira 50
 quandoque et similem tibi se non corpore tantum
 nec vultu dederit, morum quoque filius, et qui
 omnia deterius tua per vestigia peccet,
 corripies nimirum et castigabis acerbo
 clamore ac post haec tabulas mutare parabis. 55
 unde tibi frontem libertatemque parentis,
 cum facias peiora senex vacuumque cerebro
 iam pridem caput hoc ventosa cucurbita quaerat?
 Hospite venturo cessabit nemo tuorum.
 ‘verre pavimentum, nitidas ostende columnas, 60
 arida cum tota descendat aranea tela;
 hic leve argentum, vasa aspera tergeat alter’:
 vox domini furit instantis virgamque tenentis.
 ergo miser trepidas, ne stercore foeda canino
 atria displiceant oculis venientis amici, 65
 ne perfusa luto sit porticus; et tamen uno
 semodio scobis haec emendat servulus unus:
 illud non agitas, ut sanctam filius omni
 aspiciat sine labe domum vitioque carentem?
 gratum est quod patriae civem populoque dedisti, 70
 si facis ut patriae sit idoneus, utilis agris,
 utilis et bellorum et pacis rebus agendis,
 plurimum enim intererit quibus artibus et quibus hunc tu
 moribus instituas. serpente ciconia pullos
 nutrit et inventa per devia rura lacerta: 75
 illi eadem sumptis quaerunt animalia pinnis.
 vultur iumento et canibus crucibusque relictis
 ad fetus properat partemque cadaveris adfert:
 hic est ergo cibus magni quoque vulturis et se
 pascentis, propria cum iam facit arbore nidos. 80
 sed leporem aut capream famulae Iovis et generosae
 in saltu venantur aves, hinc praeda cubili
 ponitur: inde autem cum se matura levavit
 progenies, stimulante fame festinat ad illam
 quam primum praedam rupto gustaverat ovo. 85
 Aedificator erat Cretonius et modo curvo
 litore Caietae, summa nunc Tiburis arce,
 nunc Praenestinis in montibus alta parabat
 culmina villarum graecis longeque petitis
 marmoribus vincens Fortunae atque Herculis aedem, 90
 ut spado vincebat Capitolia nostra Posides.
 dum sic ergo habitat Cretonius, inminuit rem,
 fregit opes, nec parva tamen mensura relictae
 partis erat: totam hanc turbavit filius amens,
 dum meliore novas attollit marmore villas. 95
 Quidam sortiti metuentem sabbata patrem
 nil praeter nubes et caeli numen adorant,

algo de vil tu planejas; lembra de seus poucos anos
 e que te impeça, já à beira do crime, o teu filho pequeno.
 Pois se ato digno de irar o censor cometer, bem mais tarde 50
 e semelhante a ti mesmo não só de semblante e de corpo
 tenha tornado-se, mas em costumes também o teu filho
 e pior ainda por todos os passos que deste ele peque,
 vais agarrá-lo decerto e depois castigá-lo com duros
 ralhos e ainda arranjar a mudança de teu testamento. 55
 Onde, no entanto, tu tiras o cenho e a franqueza paterna,
 quando, já velho, tu fazes pior e, de cérebro vaga
 já há muito tempo, a cabeça de vento uma cuia demanda?
 Se é esperado algum hóspede, não há descanso em tua casa:
 “varre este chão, deixa aquelas colunas brilhando, remove 60
 essas aranhas horríveis do teto com todas as teias;
 tu limpa a prata mais simples, os outros, os vasos ornados.”
 A voz do mestre tropeja, enquanto ele se impõe com o chicote.
 Pois, miserável, tu temes que, suja de merda canina,
 tua varanda o escrutínio do amigo que vem desagrade, 65
 ou que repleta de lama te esteja a entrada, coisinhas
 que com um punhado qualquer de serragem corrige um menino
 só. Mas jamais te perturbas pra que uma ilibada, teu filho
 veja e sem vícios morada e de toda a impureza guardada?
 É bom que à pátria mais um cidadão tenhas dado, e ao povo, 70
 se tu fizeres que à pátria ele seja propício, sendo útil
 aos pastoreios e útil aos momentos de paz e de guerra.
 Pois o que importa de fato são só as qualidades que nele
 e os bons costumes inculques. Com cobra a cegonha os seus filhos
 nutre e lagartos que encontra perdidos no meio dos campos: 75
 e eles, crescendo-lhes asas, o mesmo alimento procuram.
 O abutre vindo dos cães, do jumento e das cruces a esmo
 aos seus filhotes se apressa, uma parte dos corpos levando:
 isso, portanto, é também o alimento de abutres crescidos,
 que por si só se alimentam e em árvore própria seus ninhos 80
 fazem. Mas lebres e cabras as, servas de Júpiter, nobres
 aves nos bosques acossam, de lá a seus pequenos tais presas
 dando: portanto, na hora em que, pronta, nos céus se levanta
 sua progênie, por fome é impelida à procura daquela
 presa que foi degustada primeiro ao romper o seu ovo. 85
 Dado a construir foi Cretônio e uma hora naquela recurva
 praia Caieta, depois nas alturas de Tíbur grandiosa,
 nas prenestinas montanhas cimeiras então ele erguia
 os tetos das vilas com, vindos dos gregos e de ainda mais longe,
 mármore, assim os da Fortuna e de Hércules templos vencendo, 90
 tal como o eunuco vencia o Capitólio nosso Pusides.
 E por assim querer sempre morar, sua fortuna Cretônio
 diminuiu grandemente, no entanto não era pequena
 a parte que ainda sobrava: toda ela gastou loucamente
 o filho, construindo com mármore ainda melhor novas vilas. 95
 Os que ganharam um pai observante dos sábados nada
 fora umas nuvens e um espírito incerto celícola adoram.

nec distare putant humana carne suillam,
 qua pater abstinuit, mox et praepudia ponunt;
 Romanas autem soliti contemnere leges 100
 Iudaicum ediscunt et servant ac metuunt ius,
 tradidit arcano quodcumque volumine Moyses,
 non monstrare vias eadem nisi sacra colenti,
 quaesitum ad fontem solos deducere verpos.
 sed pater in causa, cui septima quaeque fuit lux 105
 ignava et partem vitae non attigit ullam.
 Sponte tamen iuvenes imitantur cetera, solam
 inviti quoque avaritiam exercere iubentur.
 fallit enim vitium specie virtutis et umbra,
 cum sit triste habitu vultuque et veste severum, 110
 nec dubie tamquam frugi laudetur avarus,
 tamquam parcus homo et rerum tutela suarum
 certa magis quam si fortunas servet easdem
 Hesperidum serpens aut Ponticus. adde quod hunc de
 quo loquor egregium populus putat acquirendi 115
 artificem; quippe his crescunt patrimonia fabris,
 sed crescunt quocumque modo, maioraque fiunt
 incude adsidua semperque ardente camino.
 Et pater ergo animi felices credit avaros;
 qui miratur opes, qui nulla exempla beati; 120
 pauperis esse putat, iuvenes hortatur ut illa
 ire via pergant et eidem incumbere sectae,
 sunt quaedam vitiorum elementa, his protinus illos
 inbuit et cogit minimas ediscere sordes;
 mox acquirendi docet insatiabile votum.
 servorum ventres modio castigat iniquo
 ipse quoque esuriens, neque enim omnia sustinet umquam
 mucida caerulei panis consumere frusta,
 hesternum solitus medio servare minutal
 Septembri nec non differre in tempora cenae 130
 alterius conchem aestivam cum parte lacerti
 signatam vel dimidio putrique siluro,
 filaque sectivi numerata includere porri.
 invitatus ad haec aliquis de ponte negabit.
 sed quo divitias haec per tormenta coactas, 135
 cum furor baut dubius, cum sit manifesta phrenesis,
 ut locuples moriaris, egentis vivere fato?
 interea pleno cum turget sacculus ore,
 crescit amor nummi quantum ipsa pecunia crevit,
 et minus hanc optat qui non habet, ergo paratur 140
 altera villa tibi, cum rus non sufficit unum,
 et proferre libet fines maiorque videtur
 et melior vicina seges, mercaris et hanc et
 arbusta et densa montem qui canet oliva
 quorum si pretio dominus non vincitur ullo, 145
 nocte boves macri lassoque famelica collo
 iumenta ad virides huius mittentur aristas,

Não consideram que há diferença entre humana e suína
 carne, da qual se abstiveram seus pais, e os prepúcios retiram
 logo; habituados a não respeitar nossas leis de romanos, 100
 o seu judaico decoram, conservam e seguem direito
 e seja o que for que em seu livro secreto Moisés escreveu:
 nunca indicar um caminho, senão aos que o mesmo cultuam,
 à desejada nascente levar só quem circuncidou-se.
 Mas toda a culpa é do pai, para quem cada sétimo dia 105
 foi para nada fazer e apartado da vida ordinária.
 Mas de sua própria vontade outros vícios os jovens imitam;
 sem ter vontade, somente a avareza a exercer são forçados.
 Pois nos engana este vício, com traço e sinais de virtude,
 tendo um aspecto grave e semblante e roupagem severa. 110
 Como frugal certamente será um avarento louvado,
 como econômico homem que guarda seus bens com mais zelo
 do que se a mesma fortuna o dragão vigiasse do Ponto
 ou das Hespérides. Ainda por cima este tipo que exponho
 como excelente as pessoas imputam na arte de posses 115
 acumular; e de fato a tais homens lhes crescem as riquezas,
 mas é por todos os meios viáveis e se fazem maiores
 pela bigorna frequente no meio da forja abafada.
 E um pai, portanto, crê serem felizes de alma os avaros,
 o qual venera a riqueza, o qual nunca o exemplo de um ledor 120
 pobre acredita existir, e que os jovens motiva a essa mesma
 via seguir e aplicar-se de todo no mesmo caminho.
 Há, quanto aos vícios, uns certos princípios e a estes os filhos
 ele introduz e o compele a os detalhes saber das vilezas;
 logo de bens ajuntar ele ensina esta gana insaciável. 125
 Dos seus escravos o estômago ele, com pouco, maltrata
 milho, e também passa fome, porque não consegue com todos
 os pedacinhos de pão bolorento acabar, já molhados.
 Ele costuma guardar, bem em pleno, uma carne de ontem
 mês de setembro e na hora de um outro jantar já prepara 130
 uns feijõezinhos estivos já quase estragando, com parte
 de um qualquer peixe ou metade de um pútrido bagre
 junto com folhas de alho-poró com minúcia contadas.
 Se convidado a esta janta, quem viva debaixo da ponte
 recusará. Mas por que pra riquezas juntar tanto aperto, 135
 quando é loucura inconteste, quando é uma patente demência,
 para morrer com dinheiro, viver uma vida de fome?
 Enquanto engorda, até a boca repleta uma bolsa ou carteira,
 cresce o amor por dinheiro à medida que mais se acumula –
 menos querendo dinheiro quem nada já tem –, logo compras 140
 uma outra vila, pois uma fazenda somente não basta,
 e vais querer estender seus limites: maior te parece
 o milharal do vizinho e melhor e, por isso, tu o compras
 com seu vinhedo e com a densa montanha tornada cinzenta
 por oliveiras. Se oferta nenhuma dobrar o seu dono, 145
 quando for noite, uns bois magros de lassos pescoços e mulas
 cheias de fome nos verdes do homem plantios serão soltos,

nec prius inde domum quam tota novalia saevos
 in ventres abeant, ut credas falcibus actum.
 dicere vix possis quam multi talia plorent 150
 et quot venales iniuria fecerit agros
 Sed qui sermones, quam foedae bucina famae!
 ‘quid nocet haec?’ inquit, ‘tunicam mihi malo lupini
 quam si me toto laudet vicinia pago
 exigui ruris paucissima farra secantem.’ 155
 scilicet et morbis et debilitate carebis,
 et luctum et curam effugies, et tempora vitae
 longa tibi posthac fato meliore dabuntur,
 si tantum culti solus possederis agri
 quantum sub Tatio populus Romanus arabat. 160
 mox etiam fractis aetate ac Punica passis
 proelia vel Pyrrhum inmanem gladiosque Molossos
 tandem pro multis vix iugera bina dabantur
 vulneribus; merces haec sanguinis atque laboris
 nullis visa umquam meritis minor, aut ingratae 165
 curta fides patriae; saturabat glaebula talis
 patrem ipsum turbamque casae, qua feta iacebat
 uxor et infantes ludebant quattuor, unus
 vernula, tres domini; sed magnis fratribus horum
 a scrobe vel sulco redeuntibus altera cena 170
 amplior et grandes fumabant pultibus ollae:
 nunc modus hic agri nostro non sufficit horto.
 Inde fere scelerum causae, nec plura venena
 miscuit aut ferro grassatur saepius ullum
 humanae mentis vitium quam saeva cupido 175
 inmodici census, nam dives qui fieri vult,
 et cito vult fieri; sed quae reverentia legum,
 quis metus aut pudor est umquam properantis avari?
 ‘vivite contenti casulis et collibus istis,
 o pueri,’ Marsus dicebat et Hernicus olim 180
 Vestinusque senex; ‘panem quaeramus aratro,
 qui satis est mensis; laudant hoc numina ruris,
 quorum ope et auxilio gratae post munus aristae
 contingunt homini veteris fastidia quercus.
 nil vetitum fecisse volet quem non pudet alto 185
 per glaciem perone tegi, qui summovet Euros
 pellibus inversis: peregrina ignotaque nobis
 ad scelus atque nefas, quaecumque est, purpura ducit.’
 Haec illi veteres praecepta minoribus, at nunc
 post finem autumnii media de nocte supinum 190
 clamosus iuvenem pater excitat: ‘accipe ceras,
 scribe, puer, vigila, causas age, perlege rubras
 maiorum leges, aut vitem posce libello,
 sed caput intactum buxo naresque pilosas
 adnotet et grandes miretur Laelius alas, 195
 dirue Maurorum attegias, castella Brigantum,
 ut locupletem aquilam tibi sexagesimus annus

que para casa jamais voltarão sem ter tudo limpad
 antes e posto em seus buchos, qual foice fizesse a colheita.
 Mal poderias contar quantos queixam-se deste delito, 150
 nem as propriedades que foram vendidas depois deste agravo.
 Mas que fofoca haverá, que trombetas soarão da má fama!
 “E isto faz mal?”, vai dizer, “eu prefiro ter pele de lobo
 a ser em todo o distrito louvado por cada vizinho,
 tendo um plantio mixuruca e pouquíssimos grãos de colheita.” 155
 Tu certamente doenças, além da velhice, prevines,
 não só do luto, também de receios escapas, e longos
 anos de vida, após isso, por fado melhor ser-te-ão dados,
 logo que tenhas um campo possuído de terra lavrada
 longo conforme o que em tempos de Tácio os romanos aravam. 160
 Pouco depois, pela idade quebrados e tendo nas Púnicas
 guerras lutado ou com Pirro inumano ou com os gládios molossos,
 dois, pelas muitas feridas acritos de terra aos romanos
 foram doados; tal paga do sangue e do esforço de homens
 por nenhum deles se viu qual do mérito aquém, nem de ingrata 165
ou má pagadora sua pátria chamou-se. Tal gleba nutria
ao pai e a todos daquela casinha onde a esposa jazia
 grávida, quatro crianças brincavam, um filho de escravo,
 três do senhor, para cujos irmãos se servia, mais velhos,
 quando do arado ou plantio eles vinham de volta outra janta 170
 mais abundante, e em grande panela um mingau fumegava.
 Hoje este tipo de campo pro nosso jardim já não basta.
 Disso originam-se as causas dos crimes; venenos não foram
 mais misturados ou espadas brandidas mais vezes por outra,
 da mente humana, fraqueza qualquer do que pela ganância 175
 de uma fortuna possuir, pois aquele que quer ficar rico
 quer ficar rico depressa. Porém, pelas leis, que respeito,
que medo ou pudor algum dia haverá num avaro apressado?
 “Sede contentes com este casebre e este monte, meninos”,
 Marso dizia ou Hernico, nos tempos de outrora, ou ainda 180
um velho vestino; “o sustento busquemos no arado, que basta
 para suprir nossa mesa; é o que louvam os numes dos campos,
 com cujo auxílio e suporte, depois do presente do grato
 milho, enjoaram-se os homens do fruto dos velhos carvalhos.
 Nada proibido fará quem não tenha vergonha de grandes 185
 botas no inverno calçar e dos Euros guardar-se com peles
 postas do avesso: estrangeira e não, entre nós, conhecida
 ao que é nefasto e proibido, qual seja, esta púrpura leva.”
 Estes, aqueles antigos, preceitos aos filhos passavam;
 hoje porém, findo o outono, no meio da noite, ao menino 190
 que está dormindo, seu pai barulhento incentiva: “os cadernos
 pega e escreve, menino, não durmas, prepara discursos,
 guarda de cor dos antigos as leis, ou demanda o cajado
 do centurião, mas que tua cabeça intocada por pente
 e tuas narinas peludas perceba e tuas largas espáduas 195
 Lélío admire. Destrói as cabanas dos mouros e os fortes
 desses brigantes, de modo que a águia faustosa aos sessenta

adferat, aut longos castrorum ferre labores
 si piget et trepidum solvunt tibi cornua ventrem
 cum lituis audita, pares quod vendere possis 200
 pluris dimidio, nec te fastidia mercis
 ullius subeant ablegandae Tiberim ultra,
 neu credas ponendum aliquid discriminis inter
 unguenta et corium; lucri bonus est odor ex re
 qualibet, illa tuo sententia semper in ore 205
 versetur dis atque ipso Iove digna poeta:
 “unde habeas quaerit nemo, sed oportet habere.”
 hoc monstrant vetulae pueris repentibus assae,
 hoc discunt omnes ante alpha et beta puellae.’
 Talibus instantem monitis quemcumque parentem 210
 sic possem adfari: ‘dic, o vanissime, quis te
 festinare iubet? meliorem praesto magistro
 discipulum, securus abi: vincens ut Ajax
 praeteriit Telamonem, ut Pelea vicit Achilles,
 parcendum est teneris, nondum implevere medullas 215
 maturae mala nequitiae, cum pectere barbam
 coeperit et longae mucronem admittere cultri,
 falsus erit testis, vendet periuria summa
 exigua et Cereris tangens aramque pedemque,
 elatam iam crede nurum, si limina vestra 220
 mortifera cum dote subit, quibus illa premetur
 per somnum digitis! nam quae terraque marique
 adquirenda putas, brevior via conteret illi;
 nullus enim magni sceleris labor. “haec ego numquam
 mandavi,” dices olim, “nec talia suasi.” 225
 mentis causa malae tamen est et origo penes te.
 nam quisquis magni census praecepit amorem
 et laevo monitu pueros producit avaros
 et qui per fraudes patrimonia conduplicari
 dat libertatem et totas effundit habenas 230
 curriculo, quem si revoces, subsistere nescit
 et te contempto rapitur metisque relictis.
 nemo satis credit tantum delinquere quantum
 permittas: adeo indulgent sibi latius ipsi.
 Cum dicis iuveni stultum qui donet amico, 235
 qui paupertatem levet attollatque propinqui,
 et spoliare doces et circumscribere et omni
 crimine divitias acquirere; quarum amor in te
 quantus erat patriae Deciorum in pectore, quantum
 dilexit Thebas, si Graecia vera, Menoeceus, 240
 in quorum sulcis legiones dentibus anguis
 cum clipeis nascuntur et horrida bella capessunt
 continuo, tamquam et tubicen surrexerit una.
 ergo ignem, cuius scintillas ipse dedisti,
 flagrantem late et rapientem cuncta videbis. 245
 nec tibi parceretur misero, trepidumque magistrum
 in cavea magno fremitu leo tollet alumnus,

anos te chegue. Ou se os árduos sofrer das milícias officios
 dá-te preguiça e te solta o soar da trombeta o intestino,
 quando tu o ouves, que invistas na compra do que vender possas 200
 por seu valor e a metade e que nunca te canse o produto
 seja qual for que precisas vender do outro lado do Tibre;
 nem acredites que devas fazer distinção, de algum jeito,
 entre os unguentos e os couros. O cheiro do lucro é gostoso
 donde vier. Que esta frase presente te seja nos lábios, 205
 digna dos deuses e de Jove mesmo, se fosse poeta:
 ‘de onde o dinheiro tu tens não importa, o que importa é que tenhas’”.
 Isso é o que as velhas babás, desde cedo aos meninos ensinam;
 isso é o que aprendem, bem antes do próprio alfabeto, as meninas.
 A qualquer pai que seus filhos instrua com estes preceitos 210
 eu perguntar poderia: “me dize, ó boçal, que motivo
 urge-te à pressa? Melhor, dentro em pouco, se torna o aluno
 que o professor, pode estar bem tranquilo: assim como Ájax
 ultrapassou Telamon, qual Peleu superado em Aquiles
 foi. Que se poupem os pequenos: não estão ainda cheios seus ossos 215
 por de maduras torpezas o caldo. Mas quando uma barba
 ele pentear e até o fio de longa levá-la navalha,
 falsos dará testemunhos, perjúrios fará por quantia
 alta ou modesta – isto indo de Ceres ao templo e se pondo
 ante seus pés. Considera enterrada uma nora que cruze 220
 teu limiar, tendo um dote: que força o pescoço lhe aperta
enquanto ela dorme! Pois toda a riqueza que pensas em terra
 e mar se dever conseguir, por caminho mais fácil o teu filho
 ganha: trabalho nenhum grandes crimes exigem. “Mas nunca
 que eu ordenei” tu dirás algum dia, “tampouco conselho 225
 dei que tal coisa fizesse.” No entanto, és a causa de todo
o mal de sua mente. Pois quem só o amor por dinheiro transmite
 e com conselhos estúpidos forma meninos avaros,
 e quem por meio de fraudes dobrar conseguiu suas posses
 dá liberdade e, completas, já solta as correias do carro, 230
 de tal maneira que, caso tu o chames de volta, não sabe
 como parar e, esquecendo-te, voa passando tuas metas.
 Que é suficiente ninguém acredita fixar os seus crimes
 ao que lhes é permitido; uma cota mais larga a si mesmos
 dão. Quando dizes a um jovem ser tolo quem dê a um amigo 235
 algo ou quem possa a pobreza aliviar de um vizinho carente,
 junto ao que dizes, ensinas o roubo, a trapaça e a busca
 de enriquecer por quaisquer vilanias. O amor da riqueza
 te era tão grande quanto era o da pátria no peito dos Décios,
 qual Meneceu sua Tebas prezava – se cremos nos gregos – 240
 em cuja terra legiões, a partir de umas presas vipéreas,
 de escudo em riste nasceram e uma hórrida guerra travaram,
 como se junto com eles surgisse um soprando a trombeta.
 Logo, esta chama, que brilha com a força que tu mesmo deste,
 tão largamente queimar tu verás e espalhar-se por tudo. 245
 Nem a ti mesmo ele há de poupar, e seu mestre assustado,
 dentro da jaula, com grande rugido, o leão matará.

nota mathematicis genesis tua, sed grave tardas
 expectare colus; morieris stamine nondum
 abrupto, iam nunc obstas et vota moraris, 250
 iam torquet iuvenem longa et cervina senectus,
 ocius Archigenen quaere atque eme quod Mithridates
 composuit; si vis aliam decerpere ficum
 atque alias tractare rosas, medicamen habendum est,
 sorbere ante cibum quod debeat et pater et rex. 255
 Monstro voluptatem egregiam, cui nulla theatra,
 nulla aequare queas praetoris pulpita lauti,
 si spectes quanto capitis discrimine constant
 incrementa domus, aerata multus in arca
 fiscus et ad vigilem ponendi Castora nummi, 260
 ex quo Mars Vltor galeam quoque perdidit et res
 non potuit servare suas. ergo omnia Florae
 et Cereris licet et Cybeles aulaea relinquo:
 tanto maiores humana negotia ludi.
 an magis oblectant animum iactata petauro 265
 corpora quique solet rectum descendere funem,
 quam tu, Corycia semper qui puppe moraris,
 atque habitas, Coro semper tollendus et Austro,
 perditus ac vilis sacci mercator olentis,
 qui gaudes pingue antiquae de litore Cretae 270
 passum et municipes Iovis advexisse lagonas?
 hic tamen ancipiti figens vestigia planta
 victum illa mercede parat, brumamque famemque
 illa reste cavet: tu propter mille talenta
 et centum villas temerarius, aspice portus 275
 et plenum magnis trabibus mare: plus hominum es iam
 in pelago, veniet classis quocumque vocarit
 spes lucri, nec Carpathium Gaetulaque tantum
 aequora transiliet, sed longe Calpe relictas
 audiet Herculeo stridentem gurgite solem. 280
 grande operae pretium est, ut tenso folle reverti
 inde domum possis tumidaque superbus aluta.
 Oceani monstra et iuvenes vidisse marinos.
 Non unus mentes agitat furor; ille sororis
 in manibus vultu Eumenidum ferretur et igni, 285
 hic bove percusso mugire Agamemnona credit
 aut Ithacum: parcat tunicis licet atque lacernis,
 curatoris eget qui navem mercibus implet
 ad summum latus et tabula distinguitur unda,
 cum sit causa mali tanti et discriminis huius 290
 concisum argentum in titulos faciesque minutas.
 occurrunt nubes et fulgura: 'solvite funem'
 frumenti dominus clamat piperisve coempti,
 'nil color hic caeli, nil fascia nigra minatur;
 aestivum tonat.' infelix hac forsitan ipsa 295
 nocte cadet fractis trabibus fluctuque premetur
 obrutus et zonam laeva morsuque tenebit,

Já por astrólogos é conhecida tua sorte; no entanto
duro é esperar pelos tardos teares. Assim, morres antes
de arrebentar o teu fio. Já agora tu impedes e atrasas 250
sua avidez, e atormenta o rapaz a tua longa velhice.
Logo, um Arquígenes busca depressa e com ele consegue
o que Mitridates mesclou. Se outro figo colher tu quiseres
e se cortar outras rosas, o antídoto ter é preciso
que, antes do almoço, beber tanto um pai quanto um rei necessitam. 255
Mostro-te o mais excelente lazer, com o qual nulo teatro,
nulo igualar-se consegue, em palanques, pretor eloquente,
se contemplares com quanto, aos pescoços, perigo convivem,
para aumentar sua casa, ter muito numa arca de bronze
ouro e o dinheiro que deve ser dado à custódia de Cástor, 260
desde que Marte, o que pune, perdeu até mesmo seu elmo
e os próprios bens proteger não mais pôde. Portanto, os lazeres
de Flora, Ceres e até de Cibele tu podes de lado
pôr, tão maior diversão proporcionam os negócios humanos.
Mais ao espírito agrada ver homens voando em trapézios 265
e cada um que costuma passear numa corda esticada
ou ver a ti, que está sempre metido num barco da Cócira,
onde já moras, por Cauro a toda hora impelido e por Austro,
um arruinado e soez mercador de uns embrulhos fedidos,
que satisfaz-se em, da costa tão rica de Creta vetusta, 270
vinho de passas trazer e, vizinhas de Jove, garrafas.
Quem, entretanto, com pés vacilantes, vai dando seus passos
tira o sustento com isso e do frio e da fome naquela
corda previne-se: tu, de outro lado, pra ter mil talentos
e cem mansões, temerário, te arriscas. Pois olha este porto, 275
olha este mar, ocupado por tantos navios: há mais homens
hoje nas águas que em terra. Marujos irão a toda parte
em que haja esperança de lucro, não só o mar carpático e o gétulo
indo cruzar, mas também Gibraltar já bem longe deixando,
vão escutar, nos hercúleos abismos, o sol sibilante. 280
Preço tão grande de todo este esforço, com a bolsa recheada
podes a casa voltar e exultar com tua gorda carteira,
por ter os monstros e os jovens rapazes do mar contemplado.
Não uma só é a loucura que as mentes perturba; nos braços
um de sua irmã vendo o rosto das Fúrias se aterra e suas chamas; 285
outro ao matar um bovino que berre Agamênon acredita
ou o Itacense. Conquanto não rasgue sua túnica e manto,
de guarda ainda carece quem enche um navio de tralhas
por todo lado, já só uma tábua distando das ondas,
quando a razão de tais males e tantos perigos lhe seja 290
uns pedacinhos de prata com letras e rostos miúdos.
Vindo trovoadas e nuvens, “Que nada! Estas velas icemos!”,
tendo cereais, gritará o capitão e pimenta comprado,
“este céu preto não é nada, estes feixes no céu não são nada.
São só trovões de verão”. Pois talvez o infeliz, nesta noite, 295
vá naufragar, rotos mastros e sendo engolido por ondas,
ainda a carteira na esquerda apertando ou, quem sabe, nos dentes.

sed cuius votis modo non suffecerat aurum
 quod Tagus et rutila volvit Pactolus harena,
 frigida sufficient velantes inguina panni 300
 exiguusque cibus, mersa rate naufragus assem
 dum rogat et picta se tempestate tuetur.
 Tantis parta malis cura maiore metuque
 servantur: misera est magni custodia census,
 dispositis praedives amis vigilare cohortem 305
 servorum noctu Licinus iubet, attonitus pro
 electro signisque suis Phrygiaque columna
 atque ebore et lata testudine, dolia nudi
 non ardent cynici; si fregeris, altera fiet
 cras domus, atque eadem plumbo commissa manebit. 310
 sensit Alexander, testa cum vidit in illa
 magnum habitatorem, quanto felicior hic qui
 nil cuperet quam qui totum sibi posceret orbem
 passurus gestis aequanda pericula rebus,
 nullum numen habes, si sit prudentia: nos te, 315
 nos facimus, Fortuna, deam. Mensura tamen quae
 sufficiat census, siquis me consulat, edam:
 in quantum sitis atque fames et frigora poscunt,
 quantum, Epicure, tibi parvis suffecit in hortis,
 quantum Socratici ceperunt ante penates; 320
 numquam aliud natura, aliud sapientia dicit,
 acribus exemplis videor te eludere? misce
 ergo aliquid nostris de moribus, effice summam
 bis septem ordinibus quam lex dignatur Othonis,
 haec quoque si rugam trahit extenditque labellum, 325
 sume duos equites, fac tertia quadringenta
 si nondum inplevi gremium, si panditur ultra,
 nec Croesi fortuna umquam nec Persica regna
 sufficient animo nec divitiae Narcissi,
 indulsit Caesar cui Claudius omnia, cuius 330
 paruit imperiis uxorem occidere iussus.

Um para cuja avidez mal seria o bastante todo o ouro
que pelo Tejo ou, de rubras areias, Pactolo é volvido,
já bastarão, pra cobrir-lhe a gelada nudez, alguns trapos, 300
bem como exígua comida e – passado o naufrágio – moedas
ter de pedir e tirar da tormenta pintada o sustento.
O que com grandes perigos ganhou-se, com zelo e receio
ainda maior se conserva: desgraça é guardar uma muito
grande fortuna. Com baldes de água, o ricaço uma tropa 30
de seus escravos Licino faz guarda montar noite adentro,
tão preocupado com âmbar, estátuas e frígias colunas
e com seus mármore e com, de cágados, largas couraças.
Jarros jamais pegam fogo do cínico nu, e se quebrarem
no dia seguinte outra casa lhe feita ou a mesma, com chumbo 310
é remendada. Alexandre sentiu, quando viu no tal jarro
seu grandioso habitante, o quão mais feliz é aquele
que não quer nada, do que outros que o globo a si mesmos desejam
todo e por isso sujeitam-se a riscos iguais às conquistas.
Nulo poder tu terias, se fôssemos sóbrios: nós mesmos, 315
nós, ó Fortuna, fazemos de ti uma deusa. Contudo,
quanto dinheiro é preciso, se a mim perguntarem, respondo:
a quantidade que a sede e que a fome e que o frio demandem;
quanto, Epicuro, a ti mesmo em modestas hortinhas bastava;
quanto os de Sócrates, tempos atrás, receberam, Penates. 320
A natureza não diz outra coisa, não diz o bom senso.
Muito severos exemplos pareço te dar? Atenua-os,
pois, num tirado de nossos costumes: a soma acumula
que da fileira quatorze tornou requisito a lei de Oto.
Mas, se com isso ainda franze o sobrolho e teus lábios tensionas, 325
junta por dois cavaleiros, perfaz doze mil em dinheiro.
Se isso ainda não recheiar o teu colo, e ainda mais tu quiseres,
nem a fortuna de Crespo jamais ou os reinos dos Persas
te abrandariam a cobiça ou sequer de Narcisso a riqueza,
este a quem Cláudio acedeu qualquer coisa, em seu tempo de César 330
e obedeceu-lhe o comando incumbido de a esposa matar-lhe.

Satura XV

Quis nescit, Volusi Bithynice, qualia demens
 Aegyptos portenta colat? crocodilon adorat
 pars haec, illa pavet saturam serpentibus ibin;
 effigies sacri nitet aurea cercopithecii,
 dimidio magicae resonant ubi Memnone chordae 5
 atque vetus Thebe centum iacet obruta portis,
 illic aeluros, hic piscem fluminis, illic
 oppida tota canem venerantur, nemo Dianam,
 orrum et caepe nefas violare et frangere morsu;
 o sanctas gentes quibus haec nascuntur in hortis 10
 numina! lanatis animalibus abstinet omnis
 mensa, nefas illic fetum iugulare capellae:
 carnibus humanis vesci licet, attonito cum
 tale super cenam facinus narraret Vlixes
 Alcinoi, bilem aut risum fortasse quibusdam 15
 moverat ut mendax aretalogus. 'in mare nemo
 hunc abicit saeva dignum veraque Charybdi,
 fingentem inmanes Laestrygonas atque Cyclopas?
 nam citius Scyllam vel concurrentia saxa
 Cyaneis plenos et tempestatibus utres 20
 crediderim aut tenui percussum verbere Circes
 et cum remigibus grunnisse Elpenora portis.
 tam vacui capitis populum Phaeaca putavit?'
 sic aliquis merito nondum ebrius et minimum qui
 de Corcyraea temetum duxerat urna. 25
 solus enim haec Ithacus nullo sub teste canebat;
 Nos miranda quidem, set nuper consule Iunco
 gesta super calidae referemus moenia Copti,
 nos volgi scelus et cunctis graviora cothurnis;
 nam scelus, a Pyrra quamquam omnia syrmata volvas, 30
 nullus aput tragicos populus facit, accipe, nostro
 dira quod exemplum feritas produxerit aevo.
 Inter finitimos vetus atque antiqua similtas,
 immortale odium et numquam sanabile vulnus,
 ardet adhuc Ombos et Tentyra. summus utrimque 35
 inde furor volgo, quod numina vicinorum
 odit uterque locus, cum solos credat habendos
 esse deos quos ipse colit, sed tempore festo
 alterius populi rapienda occasio cunctis
 visa inimicorum primoribus ac ducibus, ne 40
 laetum hilaremque diem, ne magnae gaudia cenae
 sentirent positis ad templa et compita mensis
 pervigilique toro, quem nocte ac luce iacentem
 septimus interdum sol invenit, horrida sane
 Aegyptos, sed luxuria, quantum ipse notavi, 45
 barbara famoso non cedit turba Canopo.
 adde quod et facilis victoria de madidis et
 blaesis atque mero titubantibus. inde virorum

Sátira 15

Quem desconhece, ó Volúcio Bitínico, as coisas que os loucos
 vindos do Egito, bizarras cultuam? Alguns crocodilos
 louvam, já outros adoram o íbis, que come serpentes;
 busto de um sacro fulgura, dourado, macaco lá onde
 pela metade de Mêmnon ressoam as mágicas cordas 5
e a antiga Tebas repousa, com os cem seus portões, arruinada.
 Gatos ali, aqui um peixe qualquer de água doce, num outro
 canto por toda cidade venera-se um cão, mas Diana
 nunca. Alho-porro e cebola é pecado violar com mordidas;
 ó sacra gente esta em cujos jardins nascem tais divindades! 10
 Os animais que dão lã passam longe de todas as mesas
 e ainda é pecado o filhote matar de uma cabra: entretanto
 carne de humanos comer se permite. No dia em que, ao pasmo,
 estas, durante o banquete narrou, crueldades Ulisses
Alcínoo, ou a ira ou o riso em alguns talvez tenha incitado, 15
 tido por um falastrão mentiroso. “Outra vez para as águas
 quem vai lançá-lo, da horrenda tão digno e genuína Caríbdis,
 vindo inventar Lestrigões gigantescos e atrozes Ciclopes?
 Antes em Cila e nas, umas às outras chocando-se, rochas
 Ciâneas, bem como nas bolsas que ventos violentos guardavam 20
 crer poderia ou que, sendo tocado do açoite de Circe,
 junto aos demais remadores tornou-se Elpenor um suíno.
 Oca a tal ponto a cabeça do povo feácio ele julga?”
 Isso diria um qualquer que ainda sóbrio estivesse e que pouco,
 da corcirese, tivesse bebido do vinho, garrafa. 25
 Pois por si mesmo o Itacence e sem prova nenhuma cantava.
 Coisas decerto esquisitas, recentes, porém – sendo Junco
 cônsul gestadas –, eu hei de narrar, nas muralhas dos coptos
 cálidas, a atrocidade de um povo, pior que as tragédias;
 pois, se, partindo de Pirra, reviras os trágicos mantos, 30
 não acharás, nas tragédias, um crime de um povo completo.
 Vê, pois, o exemplo que a louca barbárie nos deu nesta era.
 Entre os povoados vizinhos, longeva e antiga disputa,
 ódio imortal e uma, nunca capaz de curar-se, ferida
 arde até hoje, de Ombo e Tentira. Em ambos os lados, 35
 ira grandiosa há no povo, porque dos vizinhos os deuses
 ambas as partes odeiam e pretendem que só verdadeiros
 sejam os deuses que os próprios cultuam. Por isso, nos dias
 santos de cada um dos povos, a hora se vê pelo grupo
 dos generais e dos chefes rivais, pra que os outros não tenham 40
 dias alegres e bastos, tampouco de grande os prazeres
 ceia aproveitem nas mesas em templos e trevos dispostas,
 com seus sofás que não dormem, de dia e de noite, de modo
 que sete sóis os encontram, por vezes. (É rude, decerto,
o Egito, porém, quando o assunto é luxúria – e eu fui testemunha – 45
a bárbara turba da famigerada não dista Canopo.
 Some-se a isso que ainda era fácil vencer homens ébrios
 nada mais vendo e, de vinho, cambando. De um lado dos homens,

saltatus nigro tibicine, qualiacumque
 unguenta et flores multaeque in fronte coronae: 50
 hinc ieiunum odium, sed iurgia prima sonare
 incipiunt, animis ardentibus haec tuba rixae;
 dein clamore pari concurritur, et vice teli
 saevit nuda manus, paucae sine vulnere malae;
 vix cuiquam aut nulli toto certamine nasus 55
 integer, aspiceres iam cuncta per agmina vultus
 dimidios, alias facies et hiantia ruptis
 Assa genis, plenos oculorum sanguine pugnos.
 ludere se credunt ipsi tamen et puerilis
 exercere acies, quod nulla cadavera calcent. 60
 et sane quo tot rixantis milia turbae,
 si vivunt omnes? ergo acrior impetus, et iam
 saxa inclinatis per humum quaesita lacertis
 incipiunt torquere, domestica seditioni
 tela: nec hunc lapidem, qualis et Turnus et Ajax, 65
 vel quo Tydides percussit pondere coxam
 Aeneae, sed quem valeant emittere dextrae
 illis dissimiles et nostro tempore natae.
 nam genus hoc vivo iam decrescebat Homero;
 terra malos homines nunc educat atque pusillos; 70
 ergo deus quicumque aspexit, ridet et odit.
 A deverticulo repetatur fabula, postquam
 subsidiis aucti, pars altera promere ferrum
 audet et infestis pugnam instaurare sagittis,
 terga fugae celeri praestant instantibus Ombis
 qui vicina colunt umbrosae Tentyra palmae,
 labitur hic quidam nimia formidine cursum
 praecipitans capiturque. ast illum in plurima sectum
 frustra et particulas, ut multis mortuus unus
 sufficeret, totum corrosis ossibus edit 80
 victrix turba, nec ardenti decoxit aeno
 aut veribus: longum usque adeo tardumque putavit
 expectare focos, contenta cadavere crudo.
 Hic gaudere libet quod non violaverit ignem,
 85quem summa caeli raptum de parte Prometheus
 donavit terris; elemento gratulor, et te
 exultare reor. sed qui mordere cadaver
 sustinuit, nil umquam hac carne libentius edit.
 nam scelere in tanto ne quaeras et dubites an
 prima voluptatem gula senserit; ultimus autem 90
 qui stetit, absumpto iam toto corpore ductis
 per terram digitis aliquid de sanguine gustat.
 Vascones, haec fama est, alimentis talibus olim
 produxere animas, sed res diversa, sed illic
 fortunae invidia est bellorumque ultima, casus 95
 extremi, longae dira obsidionis egestas:
 huius enim, quod nunc agitur, miserabile debet
 exemplum esse cibi, sicut modo dicta mihi gens:

danças ao som de um escuro flautista, com bálsamos muitos
 e todo o tipo de flores e muitas grinaldas nas frentes; 50
 do outro um ódio faminto. Os primeiros insultos começam
 e para os ânimos já incendiados são tubas de guerra;
 logo, gritando, os dois lados avançam e, em vez de azagaias,
 lutam com as mãos, poucos queixos ainda não estão deformados.
 Quase ninguém – ou ninguém – seu nariz, na completa balbúrdia, 55
 íntegro leva e são vistos por todos os lados uns rostos
 pela metade, expressões contorcidas e ossos se expondo
 pelas bochechas rasgadas e punhos cobertos do sangue
 vindo de olhos. Contudo, eles pensam que, como meninos,
 brincam de guerra, pois nem um cadáver sequer pisoteiam. 60
 E de que valem milhares compondo uma turba brigona,
 se todos saem com vida? Por isso o combate endurece
 e já se começa a, agitando-se os braços, no chão encontradas,
 pedras lançar, estas armas a guerras civis tão propícias.
 Não estas pedras, porém, como Ajax ou Turno lançaram, 65
 ou que o Tídeus, de peso tão grande, acertou na cintura
 de Eneias, mas estas que tenham o vigor de atirar as direitas
 que não são como as daqueles e que, em nosso tempo, nasceram.
 Pois que os humanos, em vivo, já degeneravam-se, Homero;
 hoje esta terra somente homens maus traz à luz e molengas. 70
 Logo, qualquer divindade que os veja, os odeia e escarnece.
 Da digressão, se retorne ao meu conto: depois de aumentado
 seu contingente, um dos lados sacar suas espadas já ousa
 e com infesta enxurrada de flecha animar o combate.
 Dão-lhes as costas em fuga apressada, ante o ataque dos de Ombo, 75
 os que a vizinha povoam Tentira de umbrosas palmeiras.
 Um entre estes tropeça de tanto terror, quando põe-se
 em retirada, e o prendem. Mas logo o desmembram e o cortam
 em numerosos pedaços, de modo que um único morto
 fosse o bastante, e inteiro, roendo-lhe os ossos, a turba 80
 vitoriosa o comeu, nem num férvido tacho o cozendo,
 nem num espeto o assando: ser muito moroso eles criam
 ter de esperar pelo fogo, contentes em cru devorá-lo.
 Disso, no entanto, eu me alegro, pois não macularam o fogo,
 que, da mais alta das partes do céu, Prometeu surrupiando 85
 deu como um dom para as terras (pois eu o elemento celebro
 e penso que façam o mesmo). Mas quem de morder um cadáver
 teve colhões, com mais gosto que aquele defunto, outra coisa
 nunca comeu. Neste crime tamanho, não penses ou sondes
 se só os primeiros, deleite tiveram, gulosos; de fato, 90
 o último que por lá esteve, já todo comido o cadáver,
 dedos raspando no chão, ainda um pouco do sangue degusta.
 Dizem que o povo Vascão, certa vez, com este mesmo alimento
 já prolongou sua vida; contudo era a coisa diversa:
 lá desvalia-os a sorte, passavam da guerra os extremos, 95
 tinham, por causa de um cerco tão longo, uma bruta miséria.
 Destes que agora se trata, um exemplo de canibalismo
 deve incitar a piedade, ainda mais como foi o dessa gente:

post omnis herbas, post cuncta animalia, quidquid
 cogebat vacui ventris furor, hostibus ipsis 100
 pallorem ac maciem et tenuis miserantibus artus,
 membra aliena fame lacerabant, esse parati
 et sua. quisnam hominum veniam dare quisve deorum
 ventribus abnueret dira atque inmania passis,
 et quibus illorum poterant ignoscere manes, 105
 quorum corporibus vescebantur? melius nos
 Zenonis praecepta monent, nec enim omnia, quaedam
 pro vita facienda putant; sed Cantaber unde
 Stoicus, antiqui praesertim aetate Metelli?
 nunc totus Graias nostrasque habet orbis Athenas, 110
 Gallia causidicos docuit facunda Britannos,
 de conducendo loquitur iam rhetore Thyle.
 nobilis ille tamen populus quem diximus, et par
 virtute atque fide sed maior clade Zacynthos
 tale quid excusat: Maeotide saevior ara 115
 Aegyptos; quippe illa nefandi Taurica sacri
 inventrix homines (ut iam quae carmina tradunt
 digna fide credas) tantum immolat, ulterius nil
 aut gravius cultro timet hostia, quis modo casus
 inpulit hos? quae tanta fames infestaque vallo 120
 arma coegerunt tam detestabile monstrum
 audere? ane aliam terra Memphitide sicca
 invidiam facerent nolenti surgere Nilo?
 qua nec terribiles Cimbri nec Brittones umquam
 Sauromataeque truces aut inmanes Agathyrsi, 125
 hac saevit rabie imbelles et inutile vulgus,
 parvula fictilibus solitum dare vela phaselis
 et brevibus pictae remis incumbere testae.
 nec poenam sceleri invenies nec digna parabis
 supplicia his populis, in quorum mente pares sunt 130
 et similes ira atque fames, mollissima corda
 humano generi dare se natura fatetur,
 quae lacrimas dedit; haec nostri pars optima sensus.
 plorare ergo iubet causam dicentis amici
 squaloremque rei, pupillum ad iura vocantem 135
 circumscriptorem, cuius manantia fletu
 ora puellares faciunt incerta capilli.
 naturae imperio gemimus, cum funus adultae
 virginis occurrit vel terra clauditur infans
 et minor igne rogi. quis enim bonus et face dignus 140
 arcana, qualem Cereris vult esse sacerdos,
 ulla aliena sibi credit mala? separat hoc nos
 a grege mutorum, atque ideo venerabile soli
 sortiti ingenium divinorumque capaces
 atque exercendis pariendisque artibus apti 145
 sensum a caelesti demissum traximus arce,
 cuius egent prona et terram spectantia. mundi
 principio indulsit communis conditor illis

após toda folha e animal disponíveis e toda outra coisa
 a que impelia, do estômago vácuo, a loucura, e já mesmo 100
 nos inimigos, por pálidos rostos e esqualidos corpos,
 pena causando, é que os membros alheios, por fome, rasgavam,
 prontos até para os seus. Pois quem não entre humanos e deuses
 vênia a tais ventres, que horrores gigantes passaram daria,
 quando até mesmo daqueles perdoar-lhes puderam os manes, 105
 donos dos corpos que foram comidos? Melhor nos avisam
 os de Zenão postulados. Nem tudo, de fato, pra muitos
 deve-se, em prol de uma vida, fazer; mas um estoico cantábrio
 como haveria, ainda mais lá nos tempos do velho Metelo?
 Hoje possui todo o globo uma grega e uma Atenas romana, 110
 a Gália os causídicos fez, eloquente que é, da Britânia,
 já contratar se cogita um instrutor de retórica em Tila.
 Mas este povo do qual eu falei era nobre, e igualmente
 eram em honra os que vêm de Zaquintos, porém mais batidos
 por infortúnios, razão que os defende. Pior que o Meótide 115
 templo é o Egito. A táurica que estes rituais execráveis
 inaugurou só humanos (se às coisas que dizem os poemas
 crédito dermos) imola, de modo que nada mais grave
 a vítima pode esperar que o cutelo. No entanto que agrura
 leva os egípcios a isso? Que fome tão grande ou que cerco 120
 por armamentos coagiu-os a tão detestável prodígio
 ousar? Caso a terra de Mênfis estéril estivesse, outra coisa
 não poderiam fazer pra que o Nilo quisesse banhá-la?
 Pois nem os cimbro, tampouco os bretões uma vez nesta vida
 ou os saurômatas rudes ou citas terríveis, com tanta 125
 raiva atacaram quanto esta civil multidão de uns inúteis,
 acostumada a minúsculas velas içar nuns barquinhos
 feitos de barro e a empilhar curtos remos em cima de botes
 de colorida cerâmica. Não acharás pena ao crime
 nem a este povo suplício adequado, o qual pensa que pares 130
 e semelhantes são o ódio e a fome. Emoções compassivas
 ao ser humano ter dado confessa-nos a natureza,
 pois deu-nos lágrimas. E esta, de nossos sentidos, é a parte
 mais refinada. Ela manda chorarmos, se um amigo a juízo
 é convocado, ou se vemos um caso indecente em que fale 135
 contra o tutor um pupilo, que o rosto, molhado de choro,
 dúvidas causa-nos, pelos cabelos iguais aos das moças.
 A natureza nos manda gemer, quando exéquias de adulta
 virgem ocorrem ou quando é de terra coberto um menino
 jovem demais para o fogo da pira. Pois quem bom e digno 140
 da tocha secreta, querendo viver como um servo de Ceres,
 crê nada terem consigo infortúnios alheios? É isso
 que nos separa do bando de tolos e faz-nos, sozinhos,
 os premiados com gênio admirável, a coisas divinas
 apto e capaz de aprender e criar todo tipo de arte, 145
 senso que vem da celeste, descido até nós, moradia
 falto naqueles que, curvos, têm os olhos no chão. Deste mundo
 na fundação, deu a eles a instância que a todos criou-nos

tantum animas, nobis animum quoque, mutnus ut nos
 adfectus petere auxilium et praestare iuberet, 150
 dispersos trahere in populum, migrare vetusto
 de nemore et proavis habitatas linquere silvas,
 aedificare domos, laribus coniungere nostris
 tectum aliud, tutos vicino limine somnos
 ut collata daret fiducia, protegere armis 155
 lapsum aut ingenti nutantem vulnere civem,
 communi dare signa tuba, defendier isdem
 turribus atque una portarum clave teneri.
 Sed iam serpentum maior concordia, parcit
 cognatis maculis similis fera; quando leoni 160
 fortior eripuit vitam leo? quo nemore umquam
 expiravit aper maioris dentibus apri?
 Indica tigris agit rabida cum tigride pacem
 perpetuam, saevis inter se convenit ursis.
 ast homini ferrum letale incude nefanda 165
 produxisse parum est, cum rastra et sarcula tantum
 adsueti coquere et martis ac vomere lassi
 nescierint primi gladios extendere fabri,
 aspicimus populos quorum non sufficit irae
 occidisse aliquem, sed pectora bracchia voltum 170
 crediderint genus esse cibi. quid diceret ergo
 vel quo non fugeret, si nunc haec monstra videret
 Pythagoras, cunctis animalibus abstinuit qui
 tamquam homine et ventri indulsit non omne legumen?

vida somente, já a nós o intelecto também, pra que o mútuo
 afeto a pedir por ajuda, bem como a prestar nos fizesse, 150
 para num povo agruparmo-nos e nos mudarmos do antigo
 bosque e deixarmos as, por ancestrais habitadas, florestas,
 casas construirmos, e as nossas unirmos lareiras a um outro
 teto, de modo que, pelo limiar do vizinho, tranquilos
 sonos nos desse a confiança recíproca, e para, com armas 155
 um já caindo, ou com grave ferida, civil defendermos,
 darmos sinal numa tuba comum, nos guardarmos com as mesmas
 torres e atrás de portões de *uma chave* buscarmos guarida.
 Hoje, porém, entre as cobras há mais harmonia; preservam
 seus semelhantes as feras da selva; o leão mais robusto, 160
 quando de outro leão tira a vida? Em que bosque, algum dia,
 um javali expirou pelos dentes maiores de um outro?
 O índico tigre, raivoso, com os tigres demais faz perpétua
 paz; quanto aos ursos ferozes, há grande concórdia entre eles.
 Já para o homem, um ferro letal, com a bigorna impiedosa, 165
 ter produzido não basta (com a forja de arados e ancinhos
 eram habituados, de enxadas e pás se cansavam somente,
 não dominando a feitura do gládio, os primeiros ferreiros);
 vemos um povo que, para saciar sua fúria, não basta
 ter um indivíduo matado, mas que coração, rosto e braços 170
 dele acredita que sejam comida. Que coisa diria,
 pois, ou para onde não iria, se agora tais monstros já visse
 Pitágoras, que de animais – todos eles – se absteve qual fossem
 gente e ao estômago não permitia nem todo legume?

Satura XVI

Quis numerare queat felicitis praemia, Galli,
 militiae? nam si subeuntur prospera castra,
 me pavidum excipiat tironem porta secundo
 sidere, plus-etenim fati valet hora benigni
 quam si nos Veneris commendet epistula Marti 5
 et Samia genetrix quae delectatur harena.
 Commoda tractemus primum communia, quorum
 haut minimum illud erit, ne te pulsare togatus
 audeat, immo etsi pulsetur, dissimulet nec
 audeat excussos praetori ostendere dentes 10
 et nigram in facie tumidis livoribus offam
 atque oculum medico nil promittente relictum.
 Bardaicus iudex datur haec punire volenti
 calceus et grandes magna ad subsellia surae
 legibus antiquis castrorum et more Camilli 15
 servato, miles ne vallum litiget extra
 et procul a signis. 'iustissima centurionum
 cognitio est igitur de milite, nec mihi derit
 ultio, si iustae defertur causa querellae.'
 tota cohors tamen est inimica, omnesque manipuli 20
 consensu magno efficiunt curabilis ut sit
 vindicta et gravior quam iniuria, dignum erit ergo
 declamatoris mulino corde Vagelli,
 cum duo crura habeas, offendere tot caligas, tot
 milia clavorum, quis tam procul absit ab urbe 25
 praeterea, quis tam Pylades, molem aggeris ultra
 ut veniat? lacrimae siccentur protinus, et se
 excusaturos non sollicitemus amicos.
 'da testem' iudex cum dixerit, audeat ille
 nescio quis, pugnos qui vidit, dicere 'vidi,' 30
 et credam dignum barba dignumque capillis
 maiorum, citius falsum producere testem
 contra paganum possis quam vera loquentem
 contra fortunam armati contraque pudorem.
 Praemia nunc alia atque alia emolumento notemus 35
 sacramentorum. convallem ruris aviti
 improbus aut campum mihi si vicinus ademit
 et sacrum effodit medio de limite saxum,
 quod mea cum patulo coluit puis annua libo,
 debitor aut sumptos pergat non reddere nummos 40
 vana supervacui dicens chirographa ligni,
 expectandus erit qui lites inchoet annus
 totius populi, sed tunc quoque mille ferenda
 taedia, mille morae; totiens subsellia tantum
 sternuntur, iam facundo ponente lacernas 45
 Caedicio et Fusco iam micturiente parati
 digredimur, lentaque fori pugnamus harena,
 ast illis quos arma tegunt et balteus ambit,

Sátira 16

Quem numerar poderia os felizes favores, ó Gálio,
 de que um soldado usufrui. Pois de próspera tropa eu queria
 bem, qual medroso recruta, aos portões me chegar, se propícios
 astros me olhassem. Mais vale do fado um momento benigno,
 do que se nos recomende, de Vênus, epístola a Marte 5
 e de sua mãe que da areia de Samos deleita-se tanto.
 Dos benefícios tratemos primeiro comuns aos soldados,
 este nem sendo o menor entre eles: que nunca um togado
 tem, de agredir-te, a ousadia e, ao contrário, se tu o arrebenta,
 ele disfarça e não ousa, caídos, mostrar os seus dentes 10
 para o pretor nem os negros no, tímido rosto, calombos
 nem o seu olho, a que o médico nada promete, restante.
 Como juiz, de soldado uma bota terá quem justiça
 por tais abusos quiser e no banco do júri umas pernas
 fortes; com as regras antigas das tropas e a lei de Camilo 15
 ainda em vigor, um soldado a litígio não vai, de seu campo
 fora, nem longe de seus estandartes. “Bem justo é que seja”,
 dizes, “por centuriões um soldado inquirido; a vingança
 não falhará, se, com justo, esta causa construir-se protesto.”
 Mas toda a corte é contrária e já todas as tropas concordam, 20
 sem exceção, em que devem te dar uma surra mais grave
 do que a da injúria sofrida primeiro. Portanto, é bem digno
 de um declamante com cérebro de asno, tal como Vagelo,
 com duas pernas somente, ofender tantas botas e tantos
 cravos, milhares, das solas. E quem pra tão longe da urbe 25
 vai, além disso, sair, quem tão Pílades é, para dentro
 do acampamento avançar? Pois que as lágrimas seque de pronto
 e, já que só vão desculpar-se, deixemos em paz os amigos.
 “Dá o testemunho” ao dizer o juiz, se um qualquer for ousado
 de, tendo à surra assistido, dizer-nos “eu vi” eu lhe imputo 30
 digno da barba e bem digno dos longos cabelos dos homens
 de antigamente. Mais rápido falsa encontrar testemunha
 contra um civil se consegue do que quem verdade declare
 contra o tão grande prestígio do exército e contra sua honra.
 Outros agora proveitos e outras mercês destaquemos 35
 deste serviço. Se parte da terra que herdei de parentes
 um vigarista vizinho ao acaso me rouba e a sagrada
 pedra retira que eu pus bem no meio do trecho que marca
 os seus limites e a qual meu mingau com pãezinhos cultua
 todos os anos; ou se um devedor o dinheiro emprestado 40
 nega pagar, declarando ser vã, numa prova imprestável,
 a assinatura, terei de esperar pelo tempo em que o povo
 todo suas lides registre e depois suportar mil fadigas,
 mais mil delongas. Amiúde nem bem são os bancos dispostos
 já o eloquente Cedício vestindo por cima da toga 45
 a capa, já Fusco tendo ido somente mijar – tudo pronto –
 nos dispersamos, lutando na lenta, dos fóruns, arena.
 Estes, porém, que cobertos por armas e em cinto envolvidos

quod placitum est ipsis praestatur tempus agendi
nec res atteritur longo sufflamine litis. 50
Solis praeterea testandi militibus ius
vivo patre datur, nam quae sunt parta labore
militiae, placuit non esse in corpore census,
omne tenet cuius regimen pater, ergo Coranum
signorum comitem castrorumque aera merentem 55
quamvis iam tremulus captat pater; hunc favor aequus
provehit et pulchro reddit sua dona labori,
ipsius certe ducis hoc referre videtur
ut qui fortis erit, sit felicissimus idem,
ut laeti phaleris omnes et torquibus, omnes 60

são, têm na hora em que querem as cortes dispostas a ouvi-los
nem seus recursos se esvaem no longo arrastar-se das lides. 50
Só, além do mais, a um soldado o direito a seu próprio dinheiro,
sendo o pai vivo, se dá, pois o que se recebe no ofício
de militar agradou que não fosse incluído na parte
das propriedades que o pai, por inteiro, controla. Corano,
pois, que carrega estandartes e os cobres do posto recebe, 55
tem em suas mãos o seu pai, que já treme de velho. Esta graça
vem-lhe adiantada e ele colhe as benesses do belo trabalho.
Para o próprio general, certamente, parece dar frutos
que os valorosos soldados, também sejam mais realizados,
que sejam todos felizes com suas medalhas e insígnias... 60

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão do presente trabalho é, também, o findar-se de pouco mais de seis anos de um contato próximo com as *Sátiras* de Juvenal, dado que a obra do poeta me foi apresentada em meu segundo ano de iniciação científica. Esse interesse inicial e ainda pouco informado nas *Sátiras* surgiu, em grande parte, de percepções conflitantes sobre a obra, as quais me eram sugeridas tanto pela leitura dos poemas quanto por seu estudo, apoiado pela fortuna crítica do satirista. A questão a que se reduzia esse conflito de percepções tratava-se da aceitação que eu percebia, entre os estudiosos de Juvenal, de seu humor indignado e de sua severidade, de sua postura de moralista agravado, enfim, como as dimensões mais valorizadas a partir das quais se poderia compreender sua obra, juízo que coexistia com minha impressão de que algo nas sátiras estivesse ali com o simples propósito de fazer rir. Entre textos exemplares dessa fortuna crítica, mesmo quando se aborda a dimensão do riso em Juvenal, isso comumente é feito associando-o à dor, à punição ou ao horroroso, como em Oliva Neto (2003), por exemplo, que nos fala de um riso invectivo na sátira juvenaliana, e em Hansen (2011), que associa o cômico satírico àquilo que causa horror e é nocivo. Qualquer leitura não muito compromissada das sátiras de Juvenal, principalmente das primeiras, será suficiente para perceber a presença inegável dessas dimensões do riso na obra, bem como a abundância de situações que motivariam muito mais uma careta que um sorriso. Mas sempre me pareceu haver mais que isso.

A pesquisa de mestrado pôs-me diante de uma série de estudiosos cujas análises das *Sátiras* efetivamente se desenvolveram de forma a confirmar aquela minha suspeita inicial de que havia mais em Juvenal do que um velho reclamão e moralista. Estudos como os de Maria Plaza (2006), William Anderson (1982) e Kirk Freudenburg (2001), apresentaram-me, entre outras hipóteses, aquela de que a própria criação e sustentação dessa imagem de reclamão poderia ser, a partir de determinada perspectiva, algo de que se poderia rir: tratar-se-ia da ambivalência a partir da qual o satirista, furiosamente empenhado na condenação das condutas viciosas que o cercam, acabaria ele mesmo fazendo um proposital e calculado papel ridículo. Ralph Rosen (2007), por outro lado, defendeu o papel preponderante da ofensa e da zombaria para o estabelecimento da sátira na Antiguidade, seja como gênero poético específico, seja como aquela moldura mental, que apareceria tanto na poesia jâmbica como na própria comédia. Durante essa pesquisa, surpreendi-me ainda com um artigo da primeira década do século XX (e a surpresa é devida à contrariedade dessa leitura em relação à

tendência crítica de seu tempo), em que se discutia a importância do humor na obra juvenaliana, embora com escassez de maiores detalhes e exemplificações (DUNN, 1910).

Houve ainda outros textos importantes para a reafirmação de minha impressão inicial sobre as *Sátiras*, tais como o de Alba Romano (1979), que estuda a presença marcante da ironia ao longo de toda a obra poética de Juvenal; mas merece um preponderante destaque em relação à maneira como compreendi e tentei recriar a obra do poeta o artigo de J. G. F. Powell (1993), texto em que o autor procura refutar uma crença assumida por parte da crítica juvenaliana, a saber: a de que sua obra era exemplar de um estilo elevado, relativamente incompatível com a natureza baixa do gênero a que pertence. A argumentação com que Powell procura refutar essa premissa – chegando a detalhes técnicos sobre os quais meu conhecimento é bastante raso, tais como a diferença entre as realizações características do hexâmetro datílico épico e satírico – sustenta que, todas as vezes em que o verso de Juvenal se aproxima de um estilo de caráter elevado, o poeta o faz com evidentes propósitos parodísticos que deveriam desautorizar a leitura do verso como expoente desse estilo grandioso. Segundo Powell, é expediente comum nos versos de Juvenal a concentração dessa paródia em uma alusão, em uma estratégia relacionada à realização do verso, ou mesmo na utilização de léxico incompatível com a grandeza estilística do ambiente em que se insere. Não pretendo entrar nos detalhes da generosa exemplificação com que Powell defende seu ponto de vista, mas menciono especialmente seu artigo no sentido de destacar algo importante que aprendi com ele sobre a natureza do humor na obra de Juvenal. Algo que – e agora isso me parece um acaso muito interessante – poderia ser bem expresso com palavras que Frederic Dunn, aquele que em 1910 viu um humorista em Juvenal, disse acerca do poeta:

Considerar Juvenal um Jeremias confirmado me parece injusto e exagerado. Enquanto a sátira de fato prevalece esmagadoramente como seu propósito final, enquanto seu teor geral é o do sarcasmo severo, eu, apesar disso, encontro nele muito de genuinamente engraçado. Seu texto pode ser *facit indignatio versus*, mas ele não despreza intercalar sua invectiva com muitas brincadeiras e anedotas risíveis. [...]. Uma compilação de seus versos convenceu-me de que Juvenal não era ignorante do importante princípio de que a sátira, sem o humor para variar a monotonia de seu amargor, frequentemente falha em sua maior potência, e que a natureza humana instintivamente foge do ralho perpétuo (DUNN, 1910: 50)⁷⁷.

77 To regard Juvenal as a confirmed Jeremiah seems to me unjust and exaggerated. While satire does overwhelmingly prevail as his ultimate end, while his general tenor is that of grim sarcasm, I yet find in him much which is genuinely humorous. His texts may be *facit indignatio versus*, but he does not disdain to intersperse his invective with many a laughable joke and anecdote. A digest of his lines has convinced me that Juvenal was not ignorant of the principle that satire, without humor to vary the monotone of its bitterness, often fails of its highest potency, and that human nature instinctively flies from the perpetual scold.

A argumentação de Powell, portanto, como que confirma a opinião pouco sustentada de Dunn, mostrando que, de maneira coerente com o caráter da sátira latina, Juvenal não tem graça o tempo inteiro, mas distribui cuidadosamente seu humor ao longo das sátiras, talvez justamente com o propósito de, usemos as palavras de Dunn, quebrar a monotonia de seu amargor.

Uma vez que durante o mestrado esforcei-me para construir, por meio da análise crítica, uma imagem da obra de Juvenal menos associada à sua indignação e mais relacionada ao propósito de suscitar o riso, e estando entre meus objetivos, já àquela época, apresentar uma tradução integral das *Sátiras*, se me lançou o desafio: como então verter as sátiras para o português de maneira a resgatar o que nelas haveria de risível? E, não estando à altura desse desafio, como apresentar ao leitor brasileiro sátiras sem nenhuma graça, quando nossa experiência com o satírico, parece-me, está tão atrelada ao humor? Era – e é – grande o risco de malogro da empreitada. A primeira ideia para fazer com que meu trabalho de tradução pudesse viver para testemunhar aquilo que me esforcei por provar como crítico da obra juvenaliana foi a de aclimatar a obra antiga ao século XXI brasileiro, seja em nível de linguagem, seja na experiência de leitura, relativamente distinta daquela das sátiras juvenalianas, à qual estamos habituados quando pensamos em poemas satíricos. Fazendo isso, porém, se correria o risco demasiado de eliminar muito da obra antiga na tradução contemporânea, de modo a transformar as sátiras juvenalianas em algo que elas nunca foram. Corre-se sempre esse risco, penso, quando se assume a tarefa de traduzir uma obra, e incorrer em tal falta – se é que é falta – nem me parece um crime execrável contra a pretensa sacralidade da obra original. É apenas algo que não estava nos meus planos em relação aos textos de Juvenal. Ademais, aqueles estudos sobre a comicidade em Juvenal mostraram-me que uma das dimensões do seu riso associava-se a questões bastante características da recepção das sátiras em seu próprio contexto de circulação, como, por exemplo, o uso parasítico que a sátira faz de gêneros retóricos – como demonstrado em Braund (2009) –, cujo conhecimento era compartilhado entre a audiência, capaz de perceber o desvirtuamento de suas funções prototípicas operado pelo satirista e de rir com esse processo (o mesmo valendo para as paródias de natureza literária)⁷⁸.

78 É relevante, nesse sentido, pensar na caracterização que Charles Knight faz da moldura mental satírica como “pré-genérica”. Para o autor, “Como um pré-gênero, a sátira é uma posição mental que precisa adotar um gênero a fim de expressar suas ideias como representação” (KNIGHT, 2004: 4 – “As a pre-genre, satire is a mental position that needs to adopt a genre in order to express its ideas as representation”).

A partir desses conhecimentos, a questão se resolveu para mim com a decisão de tentar, o máximo possível, reproduzir os *efeitos de humor* dos textos juvenalianos, ainda que essa reprodução não cause efetivamente o riso, seja por questões relacionadas a diferentes dinâmicas de recepção entre nosso século XXI e o século II do império romano, seja por questões de ordem político-social de nossa contemporaneidade (Juvenal e seus contemporâneos poderiam achar graça, por exemplo, de condutas relacionadas à homossexualidade), seja, enfim, por pura ausência de graça dos textos, se assim quiser o leitor.

Esses efeitos de humor encontram-se espalhados pela obra de Juvenal, presentes em variados textos e trechos. Não tendo mais o fôlego necessário para uma exemplificação extensa – nem sendo mais o momento para isso, dado que é preciso concluir –, comentarei, como que por amostragem, algumas passagens dos textos originais nas quais, segundo sempre me pareceu, Juvenal efetivamente procurou um sorriso em meio ao amargor da sátira, ou ao menos deu dicas ao leitor para que relativizasse a seriedade assumida pela voz que fala nos poemas. Começarei dando nova atenção à sátira 4, já comentada quando me ative a detalhes das traduções de Martins Bastos e Costa Lobo. Essa sátira chamou a atenção da crítica, como discute Freudenburg (2001), pela ligação relativamente frouxa entre as duas partes de que ela se compõe: Juvenal inicia seu texto convocando novamente Crispino, personagem frequente em suas sátiras, para desempenhar seu papel no texto, ou seja, o de dar matéria para a reprovação amarga do satirista. Juvenal fala sobre a perversidade sem fim desse homem, nunca satisfeito com as posses que tem, tampouco com o número de suas amantes, entre as quais aliás, *somente as solteiras* ele rejeita. Eis um daqueles momentos em que, penso, o poeta quer provocar um sorriso, pela caracterização espirituosa do vício monstruoso de seu alvo. Esse sorriso, entretanto, é logo apagado pelo horror de um dos feitos desse Crispino: violando uma virgem Vestal, o homem teria condenado a pobre moça a cruel sentença de morte: ser enterrada viva. Prevalece, pois, na apresentação da sátira, o propósito de pintar o caráter extremamente nocivo do vicioso e de seus vícios, apenas temperado com passagens cuja sutil ironia poderiam causar um sorriso. Mas os versos com os quais Juvenal dá andamento ao texto – aqueles que introduzem o tema do peixe, pretexto a partir do qual se muda o foco da sátira para a corte de Domiciano – vão nos fornecendo progressivamente, a meu ver, chaves de leitura a partir das quais devemos encarar tanto a sátira 4, quanto outros textos do poeta. Reproduzo os versos em minha tradução, a fim de comentar as passagens que julgo mais relevantes:

Vamos, porém, a façanhas menores, embora se um outro
 as perpetrasse cairia em juízo, por bem dos costumes.
 Pois o que é torpe pra Títio e pra Seio, homens bons, é decente
 para Crispino: o que fazes, quando é mais nefasta e hedionda
 que todo crime a pessoa? Comprou – por seis mil – uma carpa, 15
 peixe e sestércios pareando no peso a balança de pratos,
como sustenta quem conta o que é grande ainda mais o aumentando.
 Eu louvaria a ideia do artista, se o enorme presente
 desse-lhe das tabuinhas de um velho sem prole a primeira;
 mais está certo em comprá-lo, se o der a uma amante importante 20
 que é carregada em, fechado por largas janelas, seu antro.
 Nem isso esperes; comprou para si. Muito vemos de coisas
 que moderado e frugal não as fez um Apício; mas tu,
 ontem coberto do pátrio, Crispino, papiro tal preço
 dar em escamas? quem sabe podias, com menos dinheiro, 25
 um pescador, não um peixe comprar; a província tão grandes
 vende pedaços de terra, e maiores ainda a Apúlia!
 Quais iguarias, então, há de ter engolido, pensamos,
 o imperador em pessoa, se tanto sestércio, uma parte
 ínfima e posta de módica janta somente na margem, 30
 púrpura usando arrotou um bufão do magnânimo Paço,
 já dos equestres primeiro, que tinha o costume de aos brados,
 seus conterrâneos, vender de uma banca quebrada, alguns bagres?

Algo nos versos de Juvenal sugere-nos que o castigo às torpezas de Crispino por meio da sátira é inócua, uma vez que o próprio homem é mais hediondo e nefasto do que qualquer crime que alguém possa cometer. Por essa razão – note-se a fraqueza da premissa, de um ponto de vista lógico – o melhor é passar para seus crimes menores. Ao introduzir o tema do enorme peixe comprado por Crispino, Juvenal nos dá uma pista importante, no verso que destaquei, sobre seu próprio caráter: as proporções grandiosas do peixe rivalizariam, nos diz Juvenal, com a grande soma de dinheiro que Crispino pagou por ele, *conforme dizem aqueles que contam coisas grandiosas as aumentando ainda mais*. Ora, não seria o próprio satirista uma dessas pessoas? Uma de suas funções não seria justamente distorcer, enfatizando-os, os elementos da realidade que denuncia, justamente para provar a importância de sua escrita e, convencendo a audiência dela, competir naquela cena literária que tanto o agrava (cf. os versos iniciais da sátira 1)? A leitura de tais versos nessa perspectiva é incentivada ainda pelos evidentes e jocosos exageros com os quais o satirista prossegue caracterizando o absurdo da compra – com menos dinheiro, poder-se-ia comprar o próprio pescador ao invés do peixe, ou mesmo pequenas propriedades rurais em províncias romanas!

Mas não só esse possível desvelamento do exagero característico da forma como o satirista aborda seu tema é um recurso risível no trecho. Há também a condescendência do satirista com o vício, manifesta em sua compreensão – e mesmo aprovação! – das explicações aventadas para a compra do peixe por Crispino. O satirista aprovaria a ideia, caso o peixe fosse um artifício de um bajulador a um velho rico e sem filhos, a fim de entrar em seu

testamento; mais ainda, se fosse um presente a uma amante rica; mas nem isso – e é aí que reside a maior torpeza –: Crispino o comprou para si mesmo!

O fato de que as *Sátiras* sejam um conjunto de poemas relativamente autônomos em relação uns aos outros às vezes faz com que esqueçamos a importância de se considerar a organização desses poemas em livros; pensá-los dessa forma, contudo, isto é, como relacionados entre si por pertencerem a uma mesma obra, pode nos ajudar a construir significativas implicações para algumas passagens de Juvenal. Essa compreensão do satirista em relação à compra do peixe, por exemplo, figurando na quarta sátira do Livro 1, pode significar mais do que um simples recurso de ironia e humor. É importante lembrarmos-nos de que a sátira imediatamente anterior a esta de que nos ocupamos, figurando a desistência da vida em Roma pelo personagem Umbrício, pode ser lida como uma verdadeira aula de como triunfar socialmente na cidade, sendo a bajulação e o interesse requisitos importantes para o sucesso. Nessa perspectiva, isso poderia ser a origem da condescendência do satirista com os comportamentos censuráveis a partir dos quais, segundo ele cogita, poder-se-ia explicar a loucura de Crispino em pagar tanto dinheiro por um peixe: ora, se alguns não conseguem viver em Roma, nem todos são virtuosos ao ponto de deixar a cidade; *é justo*, pois, que eles usem o que podem para triunfar nela. Crispino, porém, quis apenas satisfazer a própria gula mesmo – esta sim uma razão para ser com justiça reprovado pelo satirista. Atentando-nos para o movimento inicial da sátira, que apresenta a figura viciosa de Crispino com contornos realmente aberrantes para – dada a ineficácia de censurar quem é mais horrível em pessoa do que quaisquer crimes em que se possa pensar – passar aos seus delitos mais leves, associados a uma censura irônica e condescendente, não poderíamos ver aí justamente o expediente sinalizado por Dunn, isto é, a interposição de um riso em meio ao ralhio perpétuo, riso sem o qual “a sátira [...] frequentemente *falha em sua maior potência*”?

Recuperando o verso que destaquei no trecho citado, é importante notar como seu efeito expande-se para toda a sátira, de modo que o exagero daqueles que contam coisas grandiosas aumentando-as ainda mais pode incidir tanto sobre o caso do peixe de Crispino, quanto sobre o peixe de Domiciano, para cuja narração (significativamente, como já sinalizei na discussão do item 2.1 deste trabalho) Juvenal põe em cena Calíope e as Piérides. Essa passagem, aliás, é um importante momento de transição a partir do qual Juvenal apropria-se da épica, parodiando-a, de maneira a confirmar, de algum modo, o caráter “pré-genérico” que Knight (2004) atribuiu à sátira. Também esteve entre minhas preocupações lançar luz a esse traço das

sátiras, tentando conservar no estilo a paródia feita por Juvenal a elementos característicos das narrações de caráter mitológico associadas à epopeia. Para ilustrar esse propósito, cito e comento os versos seguintes:

Quando rasgava aos pedaços um já morti-mundo o dos Flávios
 último e Roma, tirando a calvície, servia outro Nero,
 súbito surge Adriático, em porte espantoso, linguado
 ante a morada de Vênus, que a Dórica Ancona sustenta, 40
 redes enchendo; prendeu-se e nem era menor do que os peixes
 que a congelada Meótis encobre e, enfim derretida,
em sóis de calor fulgurante derrama nas bocas do Ponto,
 lentos da longa indolência e do frio constante já gordos.
 Este prodígio o destina de barcos e redes o mestre 45
 ao sacerdote supremo, pois quem a vender um daqueles
 ou a comprá-lo ousaria, se mesmo nas praias houvesse
 tanto espião? prontamente, das algas marinhas dispersas
 os inspetores um nu pescador tomariam de assalto
 sem hesitar em dizer que se trata de um peixe fugido 50
 alimentado, por muito, em aquários do César, e deles
 tendo o velhaco escapado, ao senhor é devido que volte.
 Se por acaso a Palfúrio, se crédito dá-se a Armilato,
 seja o que for de notável e de belo que houver no mar todo
 é coisa do fisco, e onde quer que ela nade, ser-lhe-á oferecida, 55
 assim não se perde. O letífero outono já dando às geadas,
 vez, e suas febres quartãs já esperando os doentes do peito,
 silvos fazia, disforme, o inverno e a captura mantinha
 fresca. Assim mesmo o homem ia, qual fosse impelido pelo Austro.

A passagem narrada, que tem início imediatamente após o trecho que envolve Calíope e as Piérides, tem já no primeiro verso elementos que misturam épica e sátira: se por um lado a rememoração dos eventos após a paródica invocação às musas pode sugerir a ambiência épica, em que a lembrança de sucessos passados é significativa, o conteúdo dos dois primeiros versos da passagem já é satírico por natureza, na maneira como situam os eventos narrados no passado – quando o último dos flávios fazia em pedaços um mundo já semivivo e Roma obedecia a um Nero calvo. A fábula que se narra, portanto, é ambientada no tempo dos grandes feitos de Domiciano, nada heroicos, mas ainda grandiosos; estamos diante não do herói épico, mas do vilão épico, cujos (mal)feitos têm também proporções extraordinárias. O vocabulário empregado no verso dá o tom de gravidade desses atos: *Cum iam semianimum laceraret Flavius orbem*. O cruel imperador que encerrou a dinastia flaviana, dizem-nos os versos, estendia ao mundo inteiro o alcance de sua tirania, dilacerando todo o globo, já apenas semivivo. É evidente o efeito de engrandecimento contido na passagem pela concretude da imagem em dilacerar um globo quase sem vida, com a qual se representa a tirania sobre-humana do imperador. Usando o composto “morti-mundo”, tentei evocar a presença do vocabulário odoricano no verso, com o qual procuro reforçar a sugestão da ambiência épica da passagem juvenaliana. No verso seguinte, contudo, embora a caracterização da tirania

permaneça presente – na comparação entre Domiciano e Nero, também famoso por seu despotismo –, ela é rebaixada em tom, pela menção ao aspecto físico, a calvície, único detalhe com o qual se diferenciaria Domiciano de Nero. Todo o trecho citado, a meu ver, desenvolve-se com essa alternância entre a grandiosidade épica e o rebaixamento de tom característico da sátira, exemplificando bem a perspectiva a partir da qual Powell analisou estilisticamente o conjunto da obra juvenaliana.

Nos versos de apresentação do peixe, por exemplo, o poeta utiliza-se de alguns expedientes para o enobrecimento da dicção poética do trecho, tais como a concentração de adjetivos – os quais semanticamente também têm algo a sugerir em relação à grandeza daquilo que caracterizam –, como em “*Hadriaci rhombi*”, “*spatium admirabile*” e “*Dorica Ancona*” (destaque-se a adjetivação toponímica no primeiro e no último segmentos). Ter sido a criatura pescada em frente ao templo de Vênus é outro detalhe que contribui para o colorido maravilhoso que se dá à passagem. O peixe ainda é comparado a outros, igualmente grandes (não sendo menor que estes), que o lago Meótis, quando congelado, abrigaria em hibernação, para que, depois de livres, fossem para nas águas do Ponto Euxino, com o desagüamento natural do lago. Importa igualmente, nesta passagem, a concentração de referências geográficas (“*glacies Maeotica*”, “*ostia Ponti*”), recurso também associado, nalguma medida, à poesia de caráter elevado. O versos 45-6 seguem com o tom elevado, na caracterização do peixe como um portentoso (“*hoc monstrum*”), na perífrase com que se alude ao pescador, “o mestre de barco e rede” (“*cumbae linique magister*”), assim como na própria menção ao imperador por meio de “*pontifici summo*”. Os versos, que representam como ato grandioso a destinação do peixe ao imperador, rebaixam novamente a atmosfera prodigiosa da épica, quando se introduz, no próprio verso 46, a explicação para tal destinação, tipicamente satírica: como não dedicá-lo ao imperador, como tentar vendê-lo, se mesmo nas praias há tantos espiões do “sumo pontífice”, os quais não vacilarão em dizer que qualquer coisa de extraordinária que se encontre em todo o oceano pertence ao imperador? O procedimento, portanto, repete-se: eleva-se o tom do texto, que namora por um tempo o virtuosismo épico, apenas para que se o derrube em seguida (quanto maior a altura, maior a queda...).

Em passagens de menor importância para o desenvolvimento da fábula de coloridos fantásticos – e caracterizada pelo próprio poeta como *apenas a verdade*, não nos esqueçamos – o recurso parece se repetir, tal como nos versos 56-59, que encerram a passagem citada. A menção à mudança do outono para o inverno, por exemplo, é de tom elevado, como se vê pelo

emprego do adjetivo com que se qualifica o outono (“*letifero autumnus*” – o outono letífero, que traz morte), estação que dá lugar não ao inverno concretamente, mas às geadas, fenômeno natural a ele associado. Essa caracterização elevada convive, porém, com outra, em que o rebaixamento do tom – principalmente se levarmos em conta a contiguidade dos versos – é evidente, quando, no verso 57, caracteriza-se essa transição de estações como o tempo em que os doentes já põem-se a esperar suas febres quartãs. Nos versos 58-9, o tom volta a elevar-se, novamente por adjetivação e linguagem figurativa: o inverno disforme silvava (“*stridebat deformis hiems*”), e o pescador se apressava, como se o impelisse o Austro (“*velut urgeat auster*”). Essa convivência entre engrandecimento e rebaixamento, enfim, foi algo a que tentei manter-me atento na tradução, procurando reproduzi-la ao máximo possível em meus versos.

Há também, ao longo da tradução, certos momentos fortuitos em que vi a oportunidade de fazer um tipo de graça que talvez o original não empregasse, ainda que a sugerisse. Nesta mesma sátira, na passagem em que o poeta nos narra a convocação do conselho dos próceres por Domiciano, diz-se que um *praefectus* de nome Pégaso foi o primeiro a ouvir o chamado e, pagando seu manto, apressou-se para atendê-lo. No verso original, emprega-se o verbo “*propereo*” para o sentido de “apressar-se”; na tradução, para aproveitar a oportunidade do trocadilho, usei o verbo “voar”, com o qual se expressa o significado do original e aproveitasse a coincidência entre o nome do jurista e o do mitológico cavalo alado.

Noutros momentos vali-me dessa oportunidade de fazer alguma graça, procurando utilizar palavras dotadas de sentidos muito atuais, como que aproveitando certas ocasiões em que era possível fazer a sátira falar completamente a nossa língua, sem prejuízos à dimensão significativa do original. Um bom exemplo disso encontra-se na passagem da sátira 6 em que Juvenal, ante a admiração de seu interlocutor em relação ao vício de mulheres de nenhuma fama, mostra-lhe razões reais para o assombro, quando as figuras públicas fazem ainda pior – o exemplo são os hábitos devassos de Messalina, que sai para prostituir-se quando o imperador, seu marido, dormia:

O que uma casa privada, o que Épia fizera te inquieta?
 Olha outra vez aos rivais das deidades, escuta o que Cláudio 115
 foi tolerar: ao notar que dormia o marido sua esposa,
 por Palatinos lençóis ela ousava trocar colchonetes,
 pôr na cabeça o capuz – uma Augusta piranha! – noturno
 e ir para a rua por serva escoltada, não mais do que uma.
 Mas, escondendo seus negros, com loura peruca, cabelos, 120
 ela adentrava num, quente com velhas cobertas, puteiro
 e numa cela vazia a si mesma guardada; então nua
 com seus mamilos dourados vendia-se e o nome Cachorra,

e dando o que a ti levaria, ó nobre Britânico, ventre,
doce acolhia os entrantes e os cobres que tinham pedia; 125

Ao longo de toda a passagem, se a sintaxe é latinizante, vali-me conscientemente de atualizações vocabulares a fim de comunicar com mais clareza o contraste entre a dignidade da posição de Messalina e a indignidade de suas práticas noturnas cotidianas. Esses contrastes são expressos, por exemplo, na oposição entre *Palatino cubili* e *tegetem*, vertida como “Palatinos lençóis” e “colchonetes” (a primeira das aclimações vocabulares), bem como no “*meretrix Augusta*” empregado pelo poeta, vertido por “Augusta piranha”, em que o substantivo fala nossa linguagem mais chã e vai engrandecido pelo *augusto* adjetivo que o acompanha. O procedimento de adaptação cultural do vocabulário na passagem é coroado na tradução do verso 123, que no texto original se lê “*prostitit auratis titulum mentita Lyciscae*” (“vendeu os mamilos dourados assumindo o título de Liscisca”), no qual emprego, no lugar de *Lyciscae* – que se refere a um dos cães (uma fêmea) que teriam devorado Acteão depois que este fora transformado em cervo por Diana⁷⁹ –, a palavra “Cachorra”, com a qual se perde a alusão mitológica feita pela sátira, mas se intensifica o sentido do gosto que Messalina tem por suas práticas, na medida em que a própria assumiria um “nome de guerra” que nossa cultura popular recente – destacando-se o papel do *funk* do início do século nesse sentido – associou a uma gama variada de conotações, que passam pela mulher “fácil”, sensual, pouco virtuosa etc.

Outros vários exemplos do humor juvenaliano e da forma como procurei reproduzi-lo na tradução poderiam ser dados. Citarei apenas mais dois, diante da necessidade de concluir, retirados das sátiras 9 e 10, verdadeiras pérolas da obra de Juvenal, a meu ver.

Toda a sátira 9, pela condescendência com que Juvenal trata a viciosa figura de Névolos, bem como pelo fato de este constituir-se, no poema, como um verdadeiro satirista, pode ser lida, penso, em chave humorística⁸⁰. Névolos, ao longo do texto, tendo Juvenal perguntado o porquê de sua aparência triste e adoentada, em tudo contrastante com a de tempos passados, queixa-se para o satirista dos esforços excessivos que faz para satisfazer as perversões sexuais de Virrão, seu *patronus*, e da desproporcional recompensa que colhe desses esforços. Após ouvir as queixas, Juvenal dá razão ao interlocutor e pergunta-lhe o que Virrão tem a dizer sobre elas. A resposta de Névolos tem um significado muito importante para sua caracterização como

79 A narração de todo o episódio pode ser conferida em Ovídio (*Met.* 3, 173-253)

80 Tratei com maior vagar dessa questão no item 3.3 de minha dissertação de mestrado, intitulado “A ambivalência satírica se desvela: a construção de Névolos como satirista (Juv. 9)” (CARMO, 2014).

satirista, uma vez que, ao dizer que Virrão simplesmente o negligencia, pede a discrição por parte do poeta, dado que o *cliens* estaria em perigo real se o *patronus* descobrisse seu desabafo. Nesse trecho, temos nada menos que a caracterização do discurso satírico como perigoso e como algo que, ante a corrupção dos tempos – e a grande voga de um clima de delação generalizada, tema caro a Juvenal – é melhor calar. Quaisquer semelhanças com a caracterização da manifestação satírica no fim da sátira 1 não me parecem ser meras coincidências. Eis o trecho:

“Ele despreza-me e um bípede de outro jumento procura.
 Isso que conto de só pra ti mesmo guardar vê se lembra
 e, silencioso, estes meus no teu âmago finca lamentos.
 Pois é mortal o inimigo que a pele esfolia com pomes. 95
 Ele que, mal um segredo confiando-me, queima e me odeia,
 qual se eu já tudo tivesse espalhado, em pegar uma espada,
 em com porrete me abrir a cabeça, em queimar minha casa
 não titubeia, e não tires por menos nem mesmo te esqueças
 que pro dinheiro que tem nunca é caro estocar uns venenos. 100
 Deixa, pois, isso em segredo qual corte de Marte em Atenas.”

A resposta de Juvenal – que não chega a comprometer-se literalmente em guardar o segredo – desengana Névolu quanto a seu receio: não pode haver segredos para um homem rico. Seja o que for que ele faça, logo todos já sabem, e seus escravos ainda aumentam. Por essa razão, Juvenal dá o conselho inócuo – dado que Névolu parece estar além da possibilidade de retratar-se –: a melhor forma de calar os escravos é levar uma vida honesta. A isso, segue o espirituosíssimo diálogo:

“Útil conselho, porém muito vago, o que acabas de dar-me.
 O que aconselhas-me agora após tanto eu perder de meu tempo
 e malograr meus anseios? Se apressa em gastar-se, ligeira 125
 como uma flor, de uma vida minguada e infeliz a brevíssima
 parte; e enquanto bebemos, e enquanto grinaldas, perfumes,
 moças buscamos, acerca-se aos poucos, furtiva, a velhice.”
 Não tenhas medo, pois nunca um amigo faltar-te-á passivo,
 enquanto erguerem-se a salvo estes montes. Por todos os lados 130
 convergirão para eles por terras e mares aqueles
 que, com apenas um dedo, as madeixas enrolam. Portanto,
 ainda há esperança maior: basta apenas agrião mastigares.

Névolu, como vemos, reconhece o conselho de Juvenal como inapto a oferecer-lhe um consolo concreto para sua angústia, razão por que pede outro, menos genérico, mais aplicado a sua própria situação, numa passagem que parodia de maneira evidente o tema lírico do *carpe diem* (monumentalizado pela Ode 1. 11 de Horácio), sem dúvida um daqueles deslocamentos contextuais da sátira com os quais se alcança um efeito de humor. Destaque-se a imagem da flor como metáfora da ligeireza da existência, bem como o apressar-se de uma

vida infeliz e curta; enfim, note-se a construção temporal que simboliza, por excelência, a dimensão potencialmente triste desse apressar-se da vida, manifesta no “enquanto buscamos nossos prazeres, a velhice vem chegando sem percebermos”. A compreensão desse deslocamento satírico da tópica do *carpe diem* tende a enriquecer-se se compararmos a reflexão sobre a brevidade da vida e o conselho em que ela redonda na sátira juvenaliana e na ode horaciana, por exemplo. Nesta, a consciência da brevidade da vida e da incerteza do porvir constitui-se em argumento para que Leucônoe não se preocupe com o futuro, já que não lhe é dado saber sobre ele; há algo de reconfortante no conselho – no que ele se relaciona à postura de viver o hoje da melhor forma possível –, mas também uma dimensão angustiante, justamente pela *certeza da incerteza* quanto ao amanhã. Em Juvenal, no entanto, o lugar-comum poético é reconfigurado e, se Névolos lamenta a velhice que se aproxima sorrateira, angustiando-se quanto ao futuro, o conselho juvenaliano, ao contrário do de Horácio, é reconfortante mesmo em relação ao futuro, que reserva uma certeza para o desesperado *cliens*: se a fonte de sustento encontrada em Virrão esgotar-se de vez, nunca faltarão outros passivos (destaque-se a caricaturada imagem com que o poeta representa o comportamento efeminado daqueles que enrolam os cabelos com um só dedo) dos quais se beneficiar; bastaria a Névolos manter-se potente (daí a menção à mastigação de folhas que levam a fama de afrodisíacos naturais).

Na sátira 10, esse discurso pseudo-filosófico sobre a vacuidade dos desejos humanos, há diversas passagens espirituosas – e eu diria mesmo engraçadas. Juvenal faz troça, por exemplo, com o famigerado verso de Cícero “o fortunatam natam me consule Roman”, ao sustentar – como argumento para a premissa de que pedir aos deuses o dom da eloquência não é algo útil nem recomendável – que se o grande orador tivesse dito tudo o que disse de maneira parecida com isso, certamente poderia ignorar a espada de Marco Antônio, sendo versos ridículos de longe preferíveis às grandiosas Filípicas (Juv. 4. 10, 122-26). O trecho de que pretendo ocupar-me mais de perto, no entanto, é um em que o poeta argumenta contra o desejo de longevidade, mostrando os prejuízos de uma vida demasiadamente longa. Se, por um lado, há algo de melancólico na caracterização da velhice feita pelo poeta, principalmente no fato de que ele a associa ao luto perpétuo daqueles que vão testemunhando a morte de seus entes queridos, há por outro, muito de risível, principalmente nos males físicos e mentais que acometeriam a velhice, cuja representação ainda é muito presente, em nossa sociedade, nas piadas de velho – um tema que, se não chega a ter a fama das piadas de português ou loiras,

por exemplo, decerto não é insignificante no discurso humorístico. Interessa-me aqui a forma como o tema é introduzido por Juvenal:

Fora que corre tão pouco, no corpo já frio, de sangue,
 que só com febre se aquece, e acometem-no, em fila esperando,
 males de todos os tipos, dos quais, se me indagas os nomes,
 mais prontamente eu desfilio os amantes que Ópia já teve, 220
 quantos matou Temisão pacientes, num único outono,
 quantos um Básilo sócios fraudou, quantos Hirro pupilos;
 quantos, sem pressa, varões exauriu, em apenas um dia
 Maura, ou quantos discípulos seus reclinou um Hamilo;
 percorrerei mais depressa as inúmeras vilas de um homem 225
 que, quando jovem, raspava-me a barba severa e sonante.

Vê-se no trecho o propósito claro de atingir um efeito de humor, por meio do exagero que o satirista constrói em relação aos males a que está sujeita esta a que ele certamente chamaria, contrariando-nos, de a pior idade, exagero associado ao fato de que é mais fácil enumerar as perversões dos vários tipos viciosos que se percebem na sociedade contemporânea ao poeta do que citar cada um daqueles males. Note-se que no rol desses tipos viciosos não se encontra mais aquela variante do cômico que lida com vícios nocivos, ficando claro que, na caracterização das condutas moralmente reprováveis, o risível e o horroroso parece ser uma questão de tom e ênfase. Comparecem à passagem vários dos exemplos de comportamento que Juvenal já havia satirizado com muito mais severidade noutros poemas, tais como a mulher adúltera, os homens que quebram relações de confiança por meio da fraude, os mestres que se aproveitam sexualmente dos discípulos, as mulheres de apetite sexual irrefreável. Há na passagem, inclusive, referência ao personagem aparentemente tipificado – cômico por excelência – do mau médico, que em vez de curar, mata os pacientes⁸¹. Contudo, o que há de mais significativo nessa passagem que me parece tão a serviço do humor na sátira é justamente o conteúdo dos últimos dois versos, nos quais aparece uma figura que já nos é conhecida: esse homem cujas vilas é mais fácil contar do que os agravos que acometem os velhos é aquele mesmo que, na primeira das sátiras de Juvenal, era uma das causas da indignação que tornava difícil não escrever sátiras. Lembremo-nos:

quando os patrícios unidos, em bens, desafia um sozinho,

81 Na mesma temática há, por exemplo, o espirituoso dístico de Marcial (que traduzo numa quadra decassilábica):

Nuper erat medicus, nunc est uispillo Diaulus:
 quod uispillo facit, fecerat et medicus. (Mart. 1. 47)

Recentemente, Dáulo era médico,
 agora ele trabalha de coveiro:
 aquilo que, médico, ele fazia
 ainda hoje faz como coveiro.

que, quando jovem, raspava-me a barba severa e sonante, 25
 quando um da plebe Nilíaca, quando um servil de Canopo,
 Crispino, de Tiro dos ombros tirando purpúreos capotes,
 fica abanando, estival, em seus dedos suados o ouro,
 só suportar não podendo de pedra maior o volume,
 o que é difícil é sátira não escrever, pois injusta 30 (Juv. 1.1, 24-30)

Anderson (1982), nos estudos que fez da sátira juvenaliana, analisando-a a partir da teoria da *persona* satírica de Kernan, já notara que o satirista dos poemas finais funcionava como um *caveat* em relação à crença acrítica na seriedade do satirista indignado. Na sátira 10, também é conveniente lembrar, Juvenal evoca as figuras de Demócrito e Heráclito, filósofos de comportamento distinto em relação à maneira de enxergar o mundo – o primeiro vendo em tudo motivo de riso; o segundo, de pranto –, asseverando que a atitude democriteana é a mais esperada, sendo admirável é de onde Heráclito tirava tanta lágrima para chorar (Juv. 4. 10, 31-2). Numa sátira em que a postura democriteana de lidar com os homens é eleita como um ideal, parece-me grandemente significativa a repetição *ipsis litteris* de um verso retirado da sátira 1 (*quo tondente gravis iuveni mihi barba sonabat*), de um contexto em que a leveza da atitude à la Demócrito está de todo ausente, e a recolocação desse verso numa passagem em que é outro o humor do satirista – não há censura moral explícita para os viciosos do trecho citado na sátira 10, mas eles são arrolados apenas como um efeito humorístico de ênfase na imagem que se faz das desvantagens da velhice. O poeta, por meio desse verso repetido, põe sua própria obra em diálogo, instruindo a recepção, de algum modo, em relação à forma como se lida com as posturas distintas de seu satirista. Novamente, Juvenal mostra-nos a verdade das palavras de Dunn, na medida em que o ser humano – mesmo o satirista, que vive disso – parece efetivamente fugir do rallo perpétuo.

A fim de efetivamente concluir, resta-me apenas fazer um comentário final acerca da escolha que fiz a respeito do método de tradução da obra de Juvenal. Para tanto, reporto-me novamente às ideias de Schleiermacher, que, cômico dos desafios advindos da decisão de estrangeirizar o quanto seja possível a língua materna, alerta quanto à dificuldade de se “fazer isto com arte e com medida, sem prejuízo próprio e sem dano à língua” (SCHLEIERMACHER, 2010: 71). Falando das renúncias que o tradutor precisa fazer para encarar tal desafio, o filósofo lança-nos esta sequência de questionamentos:

Quem não desejaria apresentar sempre sua língua materna com a beleza mais castiça que possa se dar em cada gênero? Quem não prefere engendrar filhos que mostrem genuinamente a linhagem paterna, ao invés de mestiços? Quem se aplicará com gosto a executar em público movimentos menos soltos e elegantes do que sem dúvida poderia e, pelo menos às vezes, parecer rude e travado, a fim de parecer ao leitor bastante estranho para que este não perca de vista as circunstâncias? Quem

admitirá de boa vontade que o considerem torpe, enquanto se esforça por conservar frente a língua estranha toda a proximidade que tolera a própria, e que se lhe censure como aos pais que entregam seus filhos a treinadores, porque, em vez de exercitar a sua língua materna em uma ginástica apropriada, trata de acostamá-la a contorções estranhas e anti-naturais? Quem, afinal, permitirá de bom grado que precisamente os mais entendidos e os melhores mestres lhe dediquem o sorriso mais compassivo e digam que não entenderiam seu trabalhoso e precipitado alemão [ou português] sem recorrer ao latim e ao grego? (SCHLEIERMACHER, 2010: 71)

A tradução que aqui se apresentou, por submeter o português muitas vezes a essas “contorções estranhas e anti-naturais”, talvez sem a medida e a arte necessárias, corre o risco de ser menos legível que suas ancestrais patrícias do século XIX e, quem sabe, de isolar-se como empreendimento tradutório a ser prontamente esquecido em virtude de sua pouca comunicabilidade. O próprio Schleiermacher, enfim, adverte sobre o valor limitado desse tipo de tradução, se praticado de maneira esporádica e isolada dentro de uma língua. Essa escolha tradutória, para o autor, “requer absolutamente uma atuação em massa, um transplante de literaturas inteiras a uma língua e, portanto, somente tem sentido e valor para um povo decididamente inclinado a assimilar o estrangeiro” (SCHLEIERMACHER, 2010: 75). Essa obstinada assimilação do estrangeiro parece ter sido um grande valor para a experiência de formação de uma literatura nacional na Alemanha, e talvez seja, no fim das contas, mais indicada como fonte de engrandecimento de sistemas literários que se encontram na fase de sua gênese, sendo, pois, possivelmente anacrônica para a literatura brasileira no século XXI. Apesar disso, Schleiermacher também reconhece o empreendimento isolado como uma potência, isto é, como dotado da capacidade de avivar o interesse por esse tipo de traslado e por um projeto consistente de assimilação do elemento estrangeiro via tradução.

Consciente dos riscos que assumi com a escolha feita, sei também que, seja como for, fiz algo de bom pela obra de Juvenal. Os leitores dirão se essa tradução alcança algum valor literário frente às experiências estéticas de nossa literatura e se pude ou não como que reavivar a obra juvenaliana aos olhos do público brasileiro e iluminar-lhe alguns dos méritos. Se não o pude, espero que, por vias da crítica a esta tradução que ora apresento, bem como do reconhecimento de que, minimamente, há aqui o mérito de pôr um Juvenal completo ante os olhos do público – para o bem ou para o mal do poeta –, outros possam tentar outra vez obter êxito nos lugares onde falhei.

Dixi.

REFERÊNCIAS

- ALVES, João Paulo Matedi. *Elegias de Tibulo: tradução e comentário*. 2014. 294 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2014.
- ANDERSON, William. *Essays on Roman satire*. Princeton: Princeton University, 1982.
- APEL, Friedmar. *Il manuale del traduttore letterario*. Milano: Guerini e associati, 1993. Traduzione di Gabriella Rovagnati.
- _____. Traduzione e fine della storia in Novalis. *Testo a fronte – Rivista semestrale di teoria e pratica della traduzione letteraria*. n. 6, marzo, 1992, 5-11.
- _____. Traduzione e linguaggio come attività in Humboldt. *Testo a fronte – Rivista semestrale di teoria e pratica della traduzione letteraria*. n. 6, marzo, 1992, p. 12-15.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. 4a ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da moeda, 1994.
- ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix, 2005. Introdução de Roberto de Oliveira Brandão; tradução de Jaime Bruna.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BASSNETT-MCGUIRE, Susan. *La traduzione: teorie e pratica*. Milano: Bompiani, 1993. Traduzione di Genziana Bandini.
- BELLANDI, F. *Etica diatribica e protesta sociale nelle satire di Giovenale*. Bologna: Pàtron, 1980.
- BELLAY, Joachim Du. *Defesa e ilustração da língua francesa*. In: FAVERI, Cláudia Borges de; TORRES, Marie-Hélène Catherine (orgs.) *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis: UFSC, núcleo de tradução, 2004, tradução de Philippe Humblé.
- BENJAMIN, Walter. *A tarefa-renúncia do tradutor*. In: HEIDERMANN, WERNER (org.). *Clássicos da teoria da tradução*. 2. ed. rev. amp. Florianópolis: UFSC, núcleo de tradução, v.1, 2010 p. 201-229.
- _____. *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*. Organização: Lúcia Castelo Branco. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.
- BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o Albergue do longínquo*. 2. ed. Florianópolis: PGET-UFSC, 2012. Tradução de Luana Ferreira de Freitas, Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Orlando Luiz de Araújo.
- BRAUND, Susanna Morton. *Declamation and contestation in Satire*. In: PLAZA, Maria (Org.). *Juvenal and Persius*. New York: Oxford University, 2009, p. 450-468.

CAMPOS, Haroldo de. Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutória. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2011.287

CARDOSO, Zelia de Almeida. A literatura latina. 3.ed. rev. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

CARMO, Rafael Cavalcanti do. As manifestações do cômico nas Saturae de Juvenal. 2014. 142 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

CARVALHO, Raimundo Nonato Barbosa de. Metamorfoses em tradução. 2010. 158 f. Trabalho de conclusão de Pós-doutoramento (Estágio Pós-doutoral) – Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, Universidade e São Paulo, São Paulo, 2014.

CÍCERO, Marco Túlio. De optimo genere oratorum. Scientia traductionis, n.10, 2011. Tradução de Brunno Vinícius Gonçalves Vieira e Pedro Colambaroli Zoppi.

COTOM, Afonso Eanes do. “Abadessa, ó dizer”. Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1603&tr=4&pv=sim>. Acesso em: 20. mar. 2018

CUCCHI, Maurizio. Sulla deperipilità del testo poetico tradotto: Lamartine, per esempio. Testo a fronte – Rivista semestrale di teoria e pratica della traduzione letteraria. n. 4, marzo, 1991, p. 101-111.

DRYDEN, John. The preface do Ovid’s Epistles (1680). Disponível em: <https://ttt.hypotheses.org/159>. Acesso em: 24. jan. 2018.

DOLET, Etienne. A maneira de bem traduzir de uma língua para a outra [1540]. In: FAVERI, Cláudia Borges de; TORRES, Marie-Hélène Catherine (orgs.) Clássicos da teoria da tradução. Florianópolis: UFSC, núcleo de tradução, 2004, tradução de Pierre Guisan.

DUNN, Frederic Stanley. Juvenal as a humorist. The Classical Weekly. v. 4, n. 7, 1910, p. 50-54. Classical Association of the Atlantic States. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4386306>. Acesso em: 17 jan. 2017.

ESQUIO, Fernando. “A um frade dizem escaralhado”. Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1628&tr=4&pv=sim>. Acesso em: 20. mar. 2018

FAVERI, Cláudia Borges de; TORRES, Marie-Hélène Catherine (orgs.) Clássicos da teoria da tradução. Florianópolis: UFSC, núcleo de tradução, 2004.

FREUDENBURG, Kirk. Satires of Rome: threatening poses from Lucilius to Juvenal. Cambridge: Cambridge University, 2001.

GOETHE, Johann Wolfgang von. Três trechos sobre tradução. In: HEIDERMAN, WERNER (org.). Clássicos da teoria da tradução. 2. ed. rev. amp. Florianópolis: UFSC, núcleo de tradução, v.1, 2010 p. 27-35. Tradução de Rosvitha Friesen Blume.

GENTZLER, Edwin. Teorias contemporâneas da tradução. São Paulo: Madras, 2009. Tradução de Marcos Malvezzi.

GLARE, P. G. W. Oxford Latin Dictionary. London: Oxford University, 1968.

GONZAGA, Tomás Antônio. Cartas chilenas. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000293.pdf>. Acesso em: 03. mar. 2018

GUERRA, Gregório de Matos. Antologia. Os melhores poemas do “Boca do Inferno”, o primeiro poeta maldito brasileiro. Seleção e notas por Henrique Barroso.

HANSEN, João Adolfo. Anatomia da sátira. In: THAMOS, Márcio & VIEIRA, Brunno V.G. (orgs.). Permanência clássica: visões contemporâneas da Antiguidade grecoromana. São Paulo: Escrituras, 2011. p. 145-169.

HARRIS, Roy. The ephemerality of translation. Testo a fronte – Rivista semestrale di teoria e pratica della traduzione letteraria. n. 4, marzo, 1991, p. 95-100.

HEIDERMANN, WERNER (org.). Clássicos da teoria da tradução. 2. ed. rev. Amp. Florianópolis: UFSC, núcleo de tradução, v.1, 2010.

HIGHET, Gilbert. Juvenal, the satirist: a study. Oxford: Clarendon, 1954.

HOLLAND, Philemon. The preface to the reader. In: The historie of the world Commonly called, the natural historie of C. Plinius Secundus. Translated into English by Philemon Holland Doctor in Physicke, 1601. Disponível em: <http://ttt.hypotheses.org/96>. Acesso em: 24. jan. 2018.

HUMBOLDT, Wilhelm von. Introdução ao Agamêmnon. In: HEIDERMANN, WERNER (org.). Clássicos da teoria da tradução. 2. ed. rev. amp. Florianópolis: UFSC, núcleo de tradução, v.1, 2010 p. 104-117. Tradução de Suzana Kampf Lages.

IUVENALIS, Decimus Iunius. SATVRAE. Edidit Otto Ribbeck. Lipsiae: Officina Bernhardi Tauchnitz, MDCCCLVIII.

JAKOBSON, Roman. Linguística e comunicação. São Paulo: Cultrix, 2010.

JUVENAL. The Satires. Translated by A. S. Kline, 2011. Disponível em:

<http://www.poetryintranslation.com/PITBR/Latin/Juvenalhome.htm>. Acesso em: 9 dez. 2016.

_____. As sátiras de Decio Junio Juvenal, príncipe dos poetas satyricos. Lisboa: Imprensa de Candido A. da S. Carvalho, 1839. Introdução, tradução e notas por Francisco Antonio Martins Bastos.

_____. Sátiras de Juvenal trasladadas em verso portuguez. Lisboa: Imprensa Nacional, 1878. Introdução, tradução e notas por Antonio de S. S. Costa Lobo.

JUVENAL; PERSIUS. Juvenal and Persius. With an English translation of G. G. Ramsay. London: William Heinemann; New York: G. P. Putnam's son, 1918.

_____. Juvenal and Persius. Edited and translated by Susanna Morton Braund. Cambridge: Harvard University, 2004.289

JUVÉNAL. Satires. Texte établi et traduit par Pierre de Labriolle et François Villeneuve. Quatrième édition revue et corrigée. Paris: Les belles lettres, 1950.

KERNAN, Alvin. The cankered muse: satire of the English Renaissance. New Heaven: Yale University, 1959.

KNIGHT, Charles. The Literature of Satire. New York: Cambridge University, 2004.

LEITE, Leni Ribeiro; CORDEIRO, Iana Lima. A construção satírica no livro I de Juvenal. *Calíope: presença Clássica*. n. 33, 2017. Ano XXXIV.

LEVÝ, Jirí. I Problemi del tradurre. Testo a fronte – Rivista semestrale di teoria e pratica della traduzione letteraria. n. 7, ottobre, 1992, p. 11-36.

MARTIALIS, Marcus Valerius. Epigrammaton Liber I. Disponível em: <http://www.thelatinlibrary.com/martial/mart1.shtml>. Acesso em: 24. jan. 2018.

MESCHONNIC, Henri. Poética do traduzir. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____. Propostas para uma poética da tradução. In: LADMIRAL, Jean-rené. A tradução e os seus problemas. Lisboa: Edições 70, 1980, p. 79-87.

NERGAARD, Siri (org.) Teorie contemporanee della traduzione. Milano: Bompiani, 1995.
OLIVA NETO, João Ângelo. Riso invectivo vs. Riso anódino e as espécies de iambo, comédia e sátira. In: *Letras Clássicas*, no 7. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2003. p. 77-98.

PERSIUS ET IVVENALIS. Satvrae. Edidit brevique adnotatione critica denovo instrvxit W.V. Clausen. New York: Oxford University, 1992 [1a edição:1959].

PLAZA, Maria. The function of humour in Roman verse satire: laughing and lying, New York: Oxford University, 2006.

POWELL, J. G. F. Stylistic registers in Juvenal. In: ADAMS, James Noel & MAYER, R.G. Aspects of the language of Latin poetry. Proceedings of the British Academy. London: Oxford University, 1993. p. 311-334.

QUINTILIAN. Institutio oratoria. Ed. H. E. Butler. London: Harvard University Press, 1921. 4 v. (The Loeb Classical Library)

ROMANO, Alba C. Irony in Juvenal. Hildesheim; New York: Georg Olms Verlag, 1979.

ROSEN, Ralph M. Making mockery: the poetics of ancient satire. New York: Oxford University, 2007.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. In: HEIDERMAN, WERNER (org.). Clássicos da teoria da tradução. 2. ed. rev. Amp.

Florianópolis: UFSC, núcleo de tradução, v.1, 2010, p. 38-101. Tradução de Celso R. Braidão.290

SOSIN, Joshua D. Ausonius' Juvenal and the Wistedt Fragment. *Classical Philology*. Vol. 95, n.º. 2 (Apr. 2000), p. 199-206. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/270460?newaccount=true&read-now=1&seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 18. jul. 2018.

STEINER, George. Dopo Babele: aspetti del linguaggio e della traduzione. Milano: Garzanti, 1994. Traduzione di Ruggero Bianchi e Claude Béguin.

TYTLER, Alexander Fraser. Essay on the principles of translation. London: J. M. Dent & sons / New York: E. P. Dutton & CO., 1907.

VALÈRY, Paul. Variações sobre as Bucólicas de Virgílio. In: FAVERI, Cláudia Borges de; TORRES, Marie-Hélène Catherine (orgs.) Clássicos da teoria da tradução. Florianópolis: UFSC, núcleo de tradução, 2004, p. 189-217. Tradução de Paulo Schiller.